

A 667007



*are
cada*

LIVRARIA
CASTRO
E SILVA
LISBOA

1.027.105-68

*The
University of
Michigan
Libraries*

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS



Horatius Flaccus, Quintos

ODES

DE

Q. HORACIO FLACCO,

TRADUZIDAS

EM VERSO NA LINGUA PORTUGUEZA,

POR

JOSÉ AUGUSTO CABRAL DE MELLÓ,

CAVALLEIRO PROFESSO NA ORDEM DE CHRISTO,

ADVOGADO PUBLICO, SECRETARIO DA CAMARA

MUNICIPAL D'ANGRA DO HEROISMO,

ILHA TERCEIRA,

ONDE NASCEU.

veniam pro laude peto.

Ovid. l. 1. Eleg. 6.

ANGRA DO HEROISMO

TYP. DO ANGRENSE, DO VISCONDE DE BRUGES,

RUA DE SANTA LUIZA N.º 2.

1853.

878
H5
tC12

PREFAÇÃO.

..... si les auteurs les plus difficiles à traduire sont ceux qui ont le plus éminemment le mérite du style, la supériorité d'Horace en ce genre est une excuse pour son traducteur ; nul poète n'a plus de grace, et la grace est plus intraduisible que la force.

DELIBLE, repons. au disc. de M. Lamierre.

AS COMPOSIÇÕES de HORACIO, d'esse insigne poeta lyrico da antiga Roma, um dos ornamentos do seculo de Augusto, tem sempre merecido até hoje, apesar da diuturnidade dos tempos, a grande estima e applauso universal das nações cultas. Nas suas Odes especialmente, como reconhecem os doutos, brilham todas as graças e bellezas das producções poeticas dos mais abalissados talentos da famosa Grecia : — soube HORACIO fêrir na sua lyra, como já disse um traductor illustre, os sons harmoniosos de Alceo, de Pindaro, de Sapho e de Anacreonte.

Apresenta esse engenho eminente os fructos preciosos da sabedoria entre as flores bellissimas do Helicon. Com razão é geralmente apreciado e tido por tão grande poeta como philosopho. Não só recreia o espi-

rito do homem com jovialidades finas, imagens e expressões nobres sobre variados assumptos, sustentando sempre o natural, o gracioso, o delicado, o sublime, mas simultaneamente, exceptuando algumas poesias eroticas e de liberdade propria do paganismo, move e dirige o seu coração, com maximas de sólida doutrina, á prática e exercício das virtudes sociaes. Ensina-o a contentar-se de pouco, a desprezar o luxo e a avareza, a fugir á ambição desregrada, a apreciar as delicias do campo, a obedecer ás leis, a respeitar os superiores, a amar a justiça e a rectidão, a lembrar-se da brevidade da vida, a expol-a em defesa da patria, e a não chamar nem crêr felices senão aquelles que sabem usar sabiamente dos dons do céu e temer a vergonha mais que a morte. Quem pode ser indifferente aos encantos d'esta admiravel poesia?

A traducção completa das referidas Odes, que ora offereço á minha patria, comprehendido o poema secular, foi por mim emprendida e começada no anno de 1828, em que teve principio a porfiosa luta, entre os partidos *liberal e realista*, que encheu a nação portugueza de calamidades.

Eu fui uma das victimas dos actos violentos d'essa época desastrosa. Andei retirado e fugitivo para subtrahir-me a maiores vexames que injustamente se me preparavam, e que a final sempre vim a soffrer n'uma rigorosa prisão. Não podia consequentemente ter o sobcêgo preciso para dedicar-me a um trabalho litterario d'esta natureza; mas a necessidade de distrahir-me dos males presentes para tornar menos sensivel a sua gravidade me animou a emprendê-lo, e posso affirmar sin-

ceramente que recreei com elle o espirito e alentei a existencia..

São pois os meus versos filhes do infortunio, quando os d'aquelle estremado lyrico romano tiveram origem na felicidade. Protecções illustres e grandiosas, uma situação prospera e alegre, animaram o seu estro e lhe afinaram a lyra para produzir essas magnificas e delicadas Odes. Uma perseguição porém iniqua e acérrima, um estado penoso e triste, me convidaram a verter em linguagem patria esses thesouros riquissimos de verdades philosophicas, de dictames moraes, de historia, de graças e de eloquencia poetica. Já se vê a differença que deve haver necessariamente, prescindindo de outras considerações, entre o texto e a traducção, entre o exemplar e a copia.

Não puz os versos originaes em frente da versão, como muitos traductores fizeram, por me persuadir que, tendo de ser lida provavelmente por pessoas não versadas na lingua latina, estas veriam com summo desgosto páginas inteiras em idioma estranho, quando os leitores instruidos, querendo, a poderão confrontar com o texto publicado por Dacier, que eu em geral segui com as pequenas excepções que hei-de notar opportunamente.

Tambem, ao passo que julguei uteis as notas extrahidas de distinctos escoliadores, para intelligencia e elucidação de muitos logares que envolvem obscuridade e noções historicas, mythologicas e geographicas, que nem todos estão habilitados a comprehender perfeitamente, pareceu-me acertado não interromper na leitura os intelligentes com o ordinario reclamo, podendo

os menos instruídos, á medida que se offerecerem termos e passagens superiores á sua esphera, recorrer, sem dependencia d'esse sinal, ás competentes notas, especie de dictionario, as quaes acharão no fim do volume alphabeticamente, com distincção das odes que elucidam e dos livros a que as mesmas respeitam. — Abaixo de certas odes porém achei conveniente fazer algumas notas e observações criticas sobre o texto ou sobre a intelligencia que lhe deram alguns interpretes e commentadores, como sobre outros objectos interessantes.

Já quatro traducções portuguezas, segundo tenho conhecimento, duas em prosa e duas em verso, (1) existem d'estas excellentes Odes, excepto das que exprimem sentimentos ou envolvem idéas de alguma maneira desconformes com os sólidos principios moraes proprios do autor. — Não me atrevo a enunciar o meu particular juizo sobre o merecimento de cada uma das referidas traducções: — direi só em geral, quanto ás primeiras, que as producções das Musas, onde brilham os encantos do espirito entre as cadencias harmonicas, não podem absolutamente traduzir-se em prosa de um modo plausivel: — a prosa pode expressar o sentido verdadeiro, mas não os ornamentos e as graças: — pode fazer um ligeiro esboço, uma fria imagem, mas não um retracto fiel ou semelhante, com o ar, o gesto, as côres, a vida do original, o que é só privilegio da linguagem dos deoses, a encantadora poesia: — e, quanto ás se-

(1) Traducções em prosa, a de José Antonio da Matha, e a de Joaquim José da Costa e Sá: — em verso, a de José Agostinho de Macedo, e a de Antonio Ribeiro dos Santos, que se intitulou — **ELFINO DU-RIENSE**—.

gundas, que são pelos intelligentes consideradas defeituosas, uma por demasiadamente afastada do texto, desprezando as excellencias que o ornã e até muitas vèzes o seu verdadeiro e obvio sentido, outra por demasiadamente litteral cingindo-se strictamente às palavras com a mesma inversão, hypérbatos e figuras, sem attender á indole diversa das duas linguas e á doçura e harmonia que deve ter a versificação. — Não obstante porem estes defeitos que geralmente se lhes notam, eu não posso deixar de reconhecer que os illustres traductores fizeram um valioso serviço á mocidade estudiosa e são benemeritos do reconhecimento publico.

Não sei se esta minha traducção, confrontada com as precedentes, tem o merito da superioridade: — talvez não seja mais digna de ser lida pelos litteratos de bom-gosto; mas existindo em minha carteira, na maior parte, com emendas successivas ha dezoito annos, dobrado numero dos que exige o mesmo HORACIO na sua *Arte-poetica* para a correcção de uma obra litteraria antes de vêr a luz, não me parece justo deixar de a publicar pela imprensa para chegar ao conhecimento de meus compatriotas. É mais uma copia de tão primoroso original; é mais uma homenagem rendida a tão insigne poeta lyrico da antiguidade; é mais um serviço feito á litteratura portugueza: e, quando esta versão não mereça ser laureada do applauso publico, servirá ao menos a fazer realçar o merecimento das outras e a estimular algum eageho mais feliz a emprender com melhor successo o mesmo trabalho n'esta época de reconhecido progresso nacional em o desenvolvimento da intelligencia e a cultura das bellas-letas.

As grandes difficuldades de uma tal empreza são obvias. « Os traductores (disse um homem de genio) «devem ser comparados a esses pintores que se propo-
«em a fazer uma copia. Não somente devem tomar as
«principaes côres do modelo, mas ainda os coloridos e
«as transições as mais delicadas. Devem, quanto fôr
«possivel, exprimir o pensamento ornando-o das mes-
«mas graças que tinha no original. (1) »

Não posso infelizmente lisonjear-me de haver isto conseguido, apesar de meus desejos e esforços.—Servi-ram-me de grande auxilio os melhores interpretes co-nhecidos, especialmente Dacier, Desprez, Sanadon e Van-derbourg. Estes insignes mestres me elucidaram mui-tos logares do texto onde são frequentes os hellenismos e fórmulas abstrusas, mas não puderam inspirar-me o dom que não possuiram de copiar vivamente as gra-ças e as bellezas poeticas que n'elle superabundam e são universalmente admiradas.

Será todavia para mim um alto motivo de satisfação se os leitores intelligentes e dotados de bom-gosto acha-rem na minha versão, postoque não perfeita, o mérito da fidelidade substancial, e igualmente alguma pureza de dicção e de estylo, no que empreguei o maior cuidado e desvelo.—Se tanto acontecer, vêr-me-hei galardoado de tão longas e penosas lucubrações, e não duvidarei de que o meu trabalho chegue ao conhecimen-to da posteridade, bem que me não habilite a proferir, na linguagem do illustre cantor de Venusia,

NON OMNIS MORIAR.

(1) J. L. Alibert, no elogio historico de L. Spallanzani.

VIDA DE HORACIO.

NASCEU QUINTO HORACIO FLACCO em Venusia, cidade antiga nos confins da Apulia e da Lucania, a 8 de dezembro do anno da fundação de Roma 689, em o consulado de L. Manlio Torquato e L. Aurelio Cotta, 65 annos antes de Jesus-Christo.

Seu pae era liberto, e possuia nos suburbios d'aquella cidade uma pequena fazenda de que subsistia, a qual vendeu, passando-se com seu filho a Roma, onde comprou o officio de cobrador de impostos e onde poz a estudar o mesmo seu filho na aula publica do grammatico Pupillo Orbilio, desvelando-se na sua educação e conduzindo-o sempre pessoalmente a ouvir as lições d'esse preceptor da mocidade romana.

HORACIO, já sufficientemente instruido nas letras, na idade de vinte annos, desejando ampliar os seus conhecimentos, passou-se a Athenas, cidade da Grecia, famoso theatro da illustração scientifica e litteraria, onde ouviu as sabias lições dos philosophos.

Ahi, com alguns compatriotas illustres, como o filho de Cicero, Messala, Varo e outros, se juntou ao partido de Bruto e Cassio, impellido do enthusiasmo republicano. — Bruto o levou comsigo a Macedonia, e o fez tribuno de uma legião.

Acabando aquelles chefes do partido democratico na batalha de Philippos, cidade da Macedonia, fugiu Ho-

RACIO abandonando o seu escudo , como o fizera A'cêo, famoso poeta grego , em uma situação semelhante ; e , aproveitando-se da amnystia proclamada pelos triumviros , deliberado a deixar para sempre a vida militar , voltou para a Italia , onde então dominava Octaviano Cesar , a quem o senado , depois da batalha d'*Actium* , conferira o nome de Augusto.

Achando morto seu pae e perdido quasi todo o seu patrimonio , HORACIO , cujo genio se havia enriquecido das bellezas das obras de Homero e de outros sabios gregos , procurou fazer-se conhecer por algumas composições poeticas , e comprou para subsistir um emprego de secretario do thesouro , que deixou logo que viu melhorada a sua situação. Sendo amigo de Virgilio e de Vario , estes o presentaram a Mecenas , valido de Augusto , e distincto protector dos homens de letras , o qual , sympathisando com o poeta e travando com elle relações intimas de amizade , o fêz entrar na estima e favor do poderoso imperante , alcançando-lhe uma fazenda ou herdade productiva denominada Ustica , sita em um valle ameno , banhado pelo rio Digencia , não longe do majestoso cume do monte Lucretil em o paiz dos Sabinos , onde se reunia tudo que podia tornar a sua existencia deleitosa e feliz , alcançando-lhe tambem posteriormente o privilegio de trazer o anel de cavalleiro e o *angusticlavio*. (1) — Antes d'isso já tinha HORACIO uma pequena casa de campo na agradável *Tibur* , Tivoli dos modernos. (2)

(1) Especie de vestido de dignidade equestre entre os Romanos.

(2) Walckenaer , *Histoire d'Horace* , tom. I. pag. 270.

Indo Mecenas a Brindes, cidade de Napo'es, para tratar de reconciliar Antonio com Augusto, acompanhou-o HORACIO n'essa viagem. — Foi tambem com elle na armada de Augusto destinada a abordar á Sicilia, mas, sobrevindo uma furiosa tormenta que destruiu a armada perto do cabo de Palinuro, correu gravissimo perigo a vida do poeta, que pensou ali acabar.

Depois da morte de Virgilio, desejou Augusto admitir HORACIO á sua sociedade intima, e offereceu-lhe, por intervenção de Mecenas, o logar de secretario do seu gabinete, mas o poeta philosopho recusou essa honra sem todavia incorrer no desfavor do principe.

Objecto da liberalidade de Mecenas, produzindo suas magnificas composições poeticas, vivia HORACIO, estranho a todas as funcções publicas, no seu plácido retiro da Sabina em liberdade philosophica. — Não deixou de conservar os seus sentimentos republicanos; mas vendo a paz do mundo, o imperio romano augmentado e prospero, os povos mais remotos sollicitando a sua alliança, proscriptas as leis iniquas do triumvirato, restaurados os templos, e tudo isto resultado das sabias medidas e providencias salutaes e energicas do imperador, esqueceu-se do nome de Octaviano, e penetrou-se de admiração, de estima e enthusiasmo, para com o homem grande, o infatigavel bemfeitor da sua patria, applaudido com o nome de Augusto. — Não o elogiou antes da batalha d' *Actium*; levou-o aòs astros quando viu assim realisaos os beneficios publicos e a gloria de Roma.

Augusto não se dignava de escrever directamente a HORACIO; e n'uma carta, como se vê em Sueton-

nio, queixando-se de o não contemplar em algum dos seus discursos, lhe dizia: — *temes te deshonre a posteridade por seres um dos meus amigos?* — Era o segundo dos Césares, o dominador do mundo civilizado, que fazia esta lisonjeira arguição ao filho do liberto de Venusia!

HORACIO tinha coração sensível e reconhecido, alma grande e generosa, razão clara, juízo são, espirito transcendente. — Era de pequena estatura, gordo, de boa côr, algum tanto doente dos olhos, mas de ar e conversação agradável.

Celebrava o anniversario natalicio de Mecenas como um dia sagrado e de festa solemne. Era correspondido devidamente por esse protector eximio dos talentos e das letras, seu particular amigo, e até em seu testamento o recommendava a Augusto d'esta maneira: — *Lembraí-vos de Horacio como de mim proprio.*

Segundo os testemunhos dos antigos escoliadores, como refere Walckenaer (1), havia HORACIO já dado á luz publica os dois primeiros livros das suas Odes quando, no anno de 736, publicou a collecção comprehensiva do terceiro livro, cuja ultima Ode é uma especie de epilogo para fechar a collecção inteira. Publicou egualmente o quarto livro longo tempo depois, reunido aos tres primeiros, o que se presume ser no anno de 744. — O quinto livro não foi publicado na vida do autor; — as Odes que comprehende eram composições, na maior parte, de sua mocidade, umas licerciosas e satyricas, outras allusivas aos tempos republicanos, que moti-

(1) *Histoire d'Horace*, tom. I, pag. 539, e tom. II, pag. 205.

vos de decoro, de interesse e de politica, haviam retido no silencio.—Os grammaticos depois, formando d'ellas esse quinto livro, o juntaram aos precedentes com o titulo de *Epodos*.

Todos estes factos e noticias historicas respectivamente a tão insigne poeta lyrico, são tirados de varios escriptores, entre elles Suetonio, J. Masson, Sanadon, Walckenaer, e constam na maior parte das composições do mesmo HORACIO, das quaes se vê egualmente que elle gosava a estima e consideração das pessoas do seu tempo as mais illustres e notaveis por letras, auctoridade e riquezas, como Mecenas, M. Vipsanio Agrippa, Asinio Pollião, Julo Antonio, Messalla, Torquato, Lollio e outros. A amizade porem que, segundo parece, mais o lisonjeava, alem da de Mecenas, era a de Virgilio, a quem chama metade da sua alma.

Morreu HORACIO aos 27 de novembro do anno de Roma 746, de idade de 57 annos, em o consulado de C. Marcio Censorino e de C. Asinio Gallo. Não pôde assignar o seu testamento, mas, em presença de testemunhas, instituiu herdeiro a Augusto, que mandou fazer-lhe magnificas honras funebres, e collocar a sua sepultura junto do túmulo de Mecenas, a quem poucos dias sobreviveu, realisando-se assim o voto que fizera na ode 17 do livro 2.º—Acabou o principe dos lyricos romanos sua vida na terra, mas não pereceu o seu illustre nome:—elle é grande e glorioso depois de dezanove seculos, e terá a mesma duração do mundo. (1)

(1) Walckenaer, *ibid.*, (II,—566), traz a nota seguinte:—“ Tandem Romæ moriens anno ætatis suæ 57, cum Mecenate, qui ante eum morie-

batur, sepultus est omni maxima pompa juxta tumulum ejusdem. „ *Vita Horatii adhuc inedita, e codice Beroniliensi, B. expressa*, apud Kirchner, *Questiones Horatianae*, Lipsiæ, 1834, in — 4.^o „ *Humatus et conditus est extremis Esquiliis, juxta Mecenatis tumulum.* „ Dans Suetonii, *Vita Horatii*, édit. Richter, p. 136, 137, 138. „

Alguns commentadores, vendo nas obras de Isidoro de Sevilha uns versos dirigidos a Horacio, attribuiram-nos a Mecenas, ainda que o escriptor o não diga propriamente. Sanadon é d'esse numero, concluindo que Horacio falecêra primeiro que seu illustre protector e amigo; e Joaquim Jo-é da Costa e Sá, que em tudo o seguiu quasi litteralmente, traz esses versos em sua traducção das Odes de Horacio; — são os seguintes:—

Lugens te, mea vita, nec smaragdus,
Beryllos mihi, Flacce, nec nitentes,
Nec percandida margarita quaero,
Nec quos thynica limba perpolivit
Anellos, nec jaspios lapillos.

Walekenær no logar citado (II,—469) diz: — “ Si ces vers qu'on a ré-imprimés dans un grand nombre d'editions d'Horace et dans d'autres ouvrages, comme étant de Mécène, son réellement de lui, et s'adressent à Horace, ils furent écrits lorsque notre poète étant malade et craignant de mourir, fit don à Mécène d'une de ses bagues, formée d'une ou de plusieurs pierres précieuses d'un assez grand prix; — on sait que Mécène était tres-amateur de pierres précieuses: mais voulant détourner les tristes présages d'un tel présent, il aurait alors envoyé à son cher Horace les vers dont on parle, par lesquelles il lui dit: „

“ Si j'avais à pleurer ta perte, ô mon Flaccus! ô ma vie! que m'importeraient les émeraudes, les berilles, les plus blanches perles, les anneaux de jaspé les plus beaux, et les mieux polis? „

“ Telle est, suivant nous, la véritable interpretation de ces vers, s'ils sont de Mécène. „

JUIZO DE ALGUNS AUTORES CLASSICOS

ACERCA DAS COMPOSIÇÕES DE HORACIO.

MULTO est tersior ac purus magis Horatius, et ad notandos hominum mores præcipuus.... Lyricorum idem Horatius ferè solus legi dignus. Nam et insurgit aliquando, et plenus est jucunditatis et gratiæ, et variis figuris et verbis felicissimè audax.

QUINCTIL. lib. X, cap. 1.

Et tenuit nostras numerosus Horatius aures,
Dum ferit ausoniâ carmina culta lirâ.
OVID. lib. 4. Trist. Eleg. 10.

HORACE still charms with graceful negligence,
And without method talks us into sense,
Will, like a friend, familiarly convey
The truest notions in the easiest way.
He, who supreme in judgment, as in wit,
Might boldly censure, as he boldly writ,

Yet judg'd with coolness, tho' he sung with fire :
His precepts teach but what his works inspire.

POPE, an Essay on Critic. v. 653.

EST Horatius omnium Latinorum Græcorumque
Poetarum elaboratissimus. Nam in lyricis quem sonum,
quos numeros, quam majestatem quæsit, obtinuit :
quæ omnia cum in aliis neglexit operibus, omisit sine
gloriæ dispendio : quam puritatem, elegantiam, venus-
tatem in utrisque appetiit, consecutus est.

JULIO SCALIGERO, Poet. lib. 6.

O bom louvas, Horacio, o mau accusas,
De bons engenhos mestre artificioso,
Não sofres falsas côres, vans escusas.

Grave censor das Musas, quão iroso
Te mostras contra aquelles maus profanos
Que se ousam coroar de louro honroso !

Suem e tremam, gastem bem seus annos,
Em teus preceitos, virão mais seguros
Em ti, menos confiados em enganos.

Aquelles versos teus, doces e puros,
Entenda eu sempre e siga : elles abrandem,
Elles dem graça aos meus frios e duros.

A ti leam, grão Flacco, após ti andem
Meus olhos, tras os que também te seguem,

.....
ANTONIO FERREIRA, Carta 8.^a

Tout passe, tout périt, hors ta gloire et ton nom.
 C'est là le sort heureux des vrais fils d'Apollon.
 Tes vers en tout pays sont cités d'âge en âge.

.....

 mon cher Horace,

J'ai vécu plus que toi ; mes vers dureront moins ;
 Mais , au bord du tombeau, je mettrai tous mes soins
 A suivre les leçons de ta philosophie ,
 A mépriser la mort en savourant la vie ,
 A lire tes écrits pleins de gr ce et de sens ,
 Comme on boit d'un vin vieux qui rajeunit les sens.

Avec toi l'on apprend à souffrir l'indigence ,
 A jouir sagement d'une honnête opulence ,
 A vivre avec soi-même , à servir ses amis ,
 A se moquer un peu de ses sots ennemis ,
 A sortir d'une vie ou triste ou fortun e ,
 En rendant grâce aux dieux de nous l'avoir donnée.

VOLTAIRE ,  p tre à Horace.

Tel l'ami du bon sens , l'ingenieux Horace ,
 Se joue autour du cœur , nous instruit avec grace ,
 Fait aimer le repos , la mediocrit  ,
 Et donne à la morale un air de volupté.

DELILLE , L'Imagination , chant. 6.

ODES DE HORACIO.

LIVRO PRIMEIRO.

ODE I.

A MECENAS.

MECENAS, derivado de reis inclitos,
 Ó meu amparo e minha doce glória!
 Folgam alguns alevantar no circo
 Dos olympicos jogos a poeira,
 E se as fêrvidas rodas não tocaram
 A meta abalisada, a palma illustre
 Os alça aos deoses, árbitros do mundo.
 Se a mobil turma dos Quirites tenta
 Às tergéminas honras porfiosa
 Este elevar; — se no celeiro proprio

Occulta aquelle quanto se varrêra
Nas eiras libycas : — se apraz a outro
Abrir c'o sacho os patrios campos : — nunca
Por fortunas attálicas puderas
Movel-os a cortar , tímidos nautas ,
Em cyprio lenho o procelloso Myrtoo,
O mercador medroso quando o rijo
Áfrico lucta co' as icarias ondas ,
O placido socego louva e os campos
Do ninho seu ; mas , aferrado o porto ,
O baixel destroçado logo aprompta ,
Indocil a sofrer dura pobreza.
Algun ha que , óra á sombra recostado
Do verde medronheiro , óra de plácida
Corrente junto á sacra origem , passa
Grande parte do dia satisfeito
A beber o licor Mássico velho.
Apraz a muitos o arraial e os mixtos
Sons dos clarins c'o da trombeta , e a guerra
Detestada das mães. Exposto ao frio ,
Esquecido da esposa carinhosa ,
Pernoita o caçador no campo , ou vejam
Os sabujos fieis a corça , ou marso
Javali as roliças malhas rompa.
A ti as de hera vêrdes folhas , premio
Das frontes doudas , entre os altos deoses
Te misturam. A mim os frescos bosques ,
E as corêas dos Satyros co' as Nymphas ,
Me separam do vulgo , se me empresta
Euterpe a doce flauta , é não recusa
Polyhymnia afinar-me a lesbia cythara.

Mas se aos lyricos vates tu me unires,
Co' a fronte excelsa ferirei os astros. (1)

(1) Quanto mais medito nos ultimos versos d'esta ode, em o texto, mais me convenço de que se deve lêr

Te doctarum hederæ premia frontium
Diis miscent superis.

O fim de Horacio, n'esta dedicatória, é lisonjear Mecenas :— elle era homem de letras, e havia composto obras em prosa e em verso que lhe podiam dar direito ás corôas de hera ; mas sobretudo era o protector dos poetas e dos sabios, o distribuidor illustre d'essas corôas ; e por isso rematar a ode com estes versos

..... si me lyricis vatibus inseras,
Sublimi feriam sidera vertice,

sem primeiro haver indicado ser Mecenas o honrador dos vates, não me parece proprio do senso e delicado gosto do poeta.

Horacio descreve os differentes gostos que dominam os homens, e não é natural deixasse em silencio o que altamente ennobreceia o seu protector.

Lendo-se: — *Me doctarum &c.*, affirma Horacio que as heras, premio das fronteas doutas, o misturam entre os deoses; mas se isso é assim, como diz a final que o favor de Mecenas o elevará ás estrellas? Quem se considera misturado entre os deoses, já se vê acima dos astros.

Mecenas, distribuindo as corôas de hera, sobe ao côro dos deoses. Horacio, cantando os bosques e as nymphas, fica separado dos homens ordinarios, fica um homem illustre. Mas se Mecenas, que considera misturado no côro dos deoses, lhe conceder a honra de o chamar poeta lyrico, Horacio subirá ás estrellas. Isto é logico, poetico e bellissimo.

Conformei-me pois com o parecer de Sanadon, de Duchemin, de Elpino Duriense e dos sabios a que este se refere, contra a opinião de Dacier, Desprez, Vanderbourg e outros.

ODE II.

A AUGUSTO CESAR.

Assás de neve e de granizo horrendo
 Á terra mandou Jove,
Co' a rubra dextra fulminando irado
 Os sacros edificios,
Amedrontando Roma, amedrontando
 As nações, receosas
De que se renovasse o triste seculo
 De Pyrrha, que pasmosos
Vira e chorára insólitos prodigios;
 Quando aos montes excelsos
Levou Protêo os gados de Neptuno;
 Quando os peixes pousaram
Sobre o cimo dos olmos, conhecida
 Habitação das pombas;
Quando as tímidas corças nas difusas
 Agoas do mar nadaram.
Vimos o flavo Tibre, recuando
 Violentemente as ondas,
Da praia etrusca, ir derrubar iroso
 De um rei os monumentos,
E o templo augusto da adorada Vesta,
 Em quanto, digno esposo,
De Ilia queixosa vingador se ostenta,
 E, a despeito de Jove,
Se lança vago pela riba esquerda.
 A nossa mocidade,
Pelos vícios paternos diminuta,

Ouvirá que afiaram,
Para cruel recíproco destroço,
Os cidadãos as armas,
Com as quaes melhor fôra perecessêm
Os bellicosos Persas;
Ouvirá nossas guerras intestinas.
Qual dos deoses o povo
Invocará que poderoso ampare
O vacillante imperio?
Com que supplice rogo as santas virgens
Fatigarão a Vesta,
Que se denega a escutar seus hymnos?
A quem cederá Jove
O poder de expiar o negro crime?
Ó fatídico Apollo,
Nós te rogamos nos protejas, vindo
Com os candidos hombros
De uma nuvem cobertos: — ou, se queres,
Vem tu, meiga Erycina,
A quem Amor, girando, e os Risos cercam:
Ou tu, potente Marte,
E sobre a prole desprezada, e os netos,
Lança benignos olhos;
Ah! nimio-farto estás de longa guerra,
Tu, que o clamor recreia,
E os lisos êlmos, e o severo aspecto
Da marsia infantaria
Contra o fero inimigo sanguinoso:
Ou tu, allado filho
Da benefica Maia, se, mudando
Na de um principe joven

A forma tua, consentir te dignas
 Que na terra te chamem
 O vingador de Cesar. — Seja tarde
 Que ao céu sublime voltes :
 Longo tempo prospere a face tua
 O povo de Quirino :
 Nem aura mais veloz te leve iroso
 Ao vêr os nossos vícios.
 Antes queiras aqui magnos triumphos,
 Aqui gosar os titulos
 De principe e de pae : — nem tu, ó Cesar,
 O estado governando,
 Sofras que impunes nos cavallos pisem
 Nosso terreno os Medos.

ODE III.

AO NAVIO EM QUE VIRGILIO ÍA PARA ATHENAS,

ASSIM a poderosa cypria deosa, (1)
 E de Helena os irmãos, lúcidos astros,

(1) O illustre Antonio Ferreira, imitando esta ode de Horacio, começa do mesmo modo a sua ode 6.ª :

Assi a poderosa
 Deosa de Chypre, e os dois irmãos de Helena,
 Claras estrellas, e o grão rei dos ventos,
 Segura, nau, e ditosa
 Te levem e tragam sempre com pequena
 Tardança aos olhos que te esperam attentos.

.....

E o pae dos ventos , refreando todos ,
 Excepto o vento Japis ,
Te guiem felizmente , ó nau , que deves
Responder por Virgilio , a ti entregue.

Que nas átticas praias são e salvo
O ponhas , rogo , bem cuidando d'essa
Metade de minha alma.—Tinha o peito
 Cingido de carvalho ,
E de tríplice bronze , o que primeiro
O iroso mar cortou em fragil pinho.

Nem os impulsos do Africo luctando
C'os Aquilos temeu , nem as chuvosas
Hyadas, nem a cólera do Noto,
 O mais fero tyranno
Do Adriatico mar , que a seu arbitrio
Levanta e tranquillisa as salsas ondas.

Que genero de morte temeria
Quem sem lagrimas viu nadantes monstros,
Quem viu o mar turbado , e as infames
 Acroceraunias rochas ?
Em vão separou Deos pródigo as terras ,
Cercando-as do Oceano insociavel ,

Se comtudo trespassam impios lenhos
Os golfos que tocar não deveriam.
A gente humana tudo emprende e sofre ;
 Audaz se arroja aos crimes,
Audaz o filho de Japeto trouxe

Com sacrilega fraude o fogo ao mundo.

Depois que foi ao céu roubado o fogo,
Turma damnosa de fataes doenças,
Não vistas d'antes, se espalhou na terra.

A Morte, que tardia,
Inda que necessaria, d'antes era,
Subitamente acelerou seus passos.

Tentou os ares Dédalo com azas
Inconcessas ao homem. Rompeu Hereules
Do inferno á força as portas. — Nada é arduo

Aos mortaes: — commettemos
Loucos o mesmo céu: — nem depôr Jove
Os feros raios nossos crimes deixam.

ODE IV.

A LUCIO SEXTIO.

FUGE o áspero inverno ao vêr a grata
Primavera surgir a par do Zephyro;

As máquinas conduzem
Ao mar os seccos lenhos:

Já aos rebanhos os curraes não prazem,
Nem praz ao lavrador chegar-se ao fogo:

Nos prados não alvejam
As candidas geadas.

Já de Cythera a deosa os côros guia
Ao sereno luar ; e em ar modesto
 As Nymphas e as Graças,
 Pelas dextas unidas,
Com alternado pé a terra pulsam ;
Em quanto accende fervido Vulcano
 Dos robustos Cyclopes
 As graves officinas.

Agora cumpre ornar de vêrde myrto
A fronte , e de florinhas odorosas
 Que a solta terra brota.
 Agora tambem cumpre ,
Em os bosques sombrios, ao deos Fauno
Victimas immolar, ou mais se agrade
 De mansa cordeirinha ,
 Ou de tenro cabrito.

Pallida a Morte o pé bate egualmente
No lar dos pobres e dos reis nas torres.
 Oh venturoso Sextio !
 Da vida o breve espaço
Nos veda conceber longa esperança.
Já te urge a noite eterna, já te esperam
 Os manes , de que tanto
 Se conta , se fabula.

Já de Plutão te espera a vacua estancia :
Logo que ali chegares , nem imperio
 Nos festins, elegido
 Pela sorte dos dados ,

Haverá para ti; nem mais absorto
Verás Lycidas bello, que ora é caro
Aos jovens, e ha-de em breve
Ser o amor das nymphas.

ODE V.

A PYRRHA.

QUE delicado moço, ó Pyrrha, de oleo
Oloroso banhado, entre mil rosas,
Em seus braços te aperta
Na delectavel gruta?

Quem te move a prender com simples graça
Os dourados cabellos? Quantas vêzes
A fé por ti quebrada,
E os inconstantes deoses,

Afflicto chorará, não costumado
A vêr o mar turvarem negros ventos,
Esse que teus encantos
Desfructa glorioso,

E crédulo imagina que has-de sempre
De outro não sêr, e espera sempre amavel
Vêr-te, nescio de quanto
São instaveis os ventos?

Desgraçados aquelles que , inexpertos,
De tua formosura se cativam !

Do templo o sacro muro,
Onde o quadro votivo

Alegre suspendi , a todos mostra
Que eu offertára os humidos vestidos
Ao poderoso nume
Dominador dos mares.

ODE VI.

▲ AGRIPPA.

Só Vario, cisne em os meónios versos,
Pode, Agrippa, cantar tua bravura,
Teu braço triumphador dos inimigos,
E essas façanhas, sobre o mar e a terra,
Que os soldados soberbos,
Sob o teu mando, obraram.

Eu não me atrevo a tanto : — sou mui debil
Para ousar descrever a invicta cólera
Do fero Achilles, e os trabalhos longos
Que nos mares sofreu o astuto Ulysses,
E os trágicos furores
Da casa de Pelóps.

A Musa que me afina a branda lyra

Cantar me veda bellicas proezas ;
Nem permite o respeito que eu de César
Os louvores publique e os teus sublimes,
 Porque os não diminua
 O meu engenho escasso.

Quem pintaria dignamente a Marte
Armado de lorica adamantina ?
Quem a Mérion envolto em pó troiano ?
Quem ao grande Diomêdes , que egualado
 Pelo auxilio de Pallas
 Foi aos divos supremos ?

Eu os ledos festins apenas canto,
E as pelejas das ríspidas donzellas ,
Que tentam beliscar cortando as unhas
Os audazes mancebos : — ou sou livre,
 Ou ardo em viva chamma ,
 Qual costume , versatil.

ODE VII.

A MUNACIO PLANCO.

ALGUNS elogiarão a illustre Rhodes,
Ou Mitylene ou Êpheso , ou os muros
De Corintho bimar, ou Thebas clara
Por ter a Baccho dado bérço , ou Delphos
Pelos de Apollo oraculos famosa ,

Ou os valles risonhos
Da thessálica Tempe.

Outros ha que só curam incessantes
De louvar em seus versos a cidade
Da castissima Pallas, antepondo
As folhas de oliveira ás de outras árvores.
Muitos, de Juno em honra, cantam Argos
Que bons cavallos nutre,
E a rica Mycenás.

A mim não tanto agrada a sofredora
Lacedemonia, e os campos de Larissa
Fertilissimos, como a resonante
Fonte de Albunea, e o Anio despenhado,
E os bellissimos bosques de Tiburno,
E os pomares banhados
De mobiles arroios.

Bem como o Noto bonançoso aparta
Do escuro céu as nuvens muitas vêzes,
Nem as chuvas produz perpetuamente,
Assim, ó Planco, sapiente debes
Termo pôr ás tristezas importunas,
E aos trabalhos da vida,
Com vinho generoso;

Ou te occupe o arraial co' as fulgurantes
Bandeiras, ou á sombra densa estejas
Nos bosques de Tibur. — Diz-se que Teucro
Fugindo ao pae, deixada Salamina,

Banhando em vinho a fronte, coroada
De choupo, assim fallára
Aos seus tristes amigos :

«Socios e companheiros, caminhemos
«Orde a fortuna nos guiar mais branda
«Que um pae endurecido. Haja esperança ;
«Teucro vos guia e vos protege Teucro.
«O infallivel Apollo nos promette
 «Segunda Salamina
 «Em uma nova terra.

«Ó homens valorosos, que sofrido
«Causas mais desgraçadas muitas vêzes
«Haveis comigo ! desterrai dos peitos
«Os improbos cuidados amargosos
«Com vinho espiritoso : — romperemos
 «A' manhã novamente
 «Do vasto mar as ondas. »

ODE VIII.

A LYDIA.

DIZE, ó Lydia, eu te rogo pelos deoses
Todos, porque te apressas
A Sybaris perder c'os teus amores ?
Porque o marsio campo
Elle tanto aborrece, estando afeito

Ao pó , ao sol ardente ?
Porque soldado c'os eguaes não corre
Em soberbo cavallo ,
Nem a'gum doma dos que gera a Gallia
Com os ásperos freios ?
Porque teme tocar o flavo Tibre ?
Por que razão evita ,
Mais do que o sangue viperino , o oleo ?
Nem lívidos os braços
Já traz das armas nobre arremessando
Ora o disco , ora o dardo ,
Das balizas alem ? Porque se esconde
Como dizem fizera:
O claro filho da marinha Thetis
Perto dos fins tristissimos
Da miserrima Troia lagrimosa ,
Paraqu' o viril trajo
O não abalançasse ás mortandades
Em as lycias phalanges ?

ODE IX.

A THALIARCHO.

Vês como a neve no Soracte alveja ,
Como já o seu pêso
Mal sustentam as árvores curvadas ,
Como o áspero galo
Tem feito suspender o curso aos rios ?

Expelle, ó Thaliarcho,
O frio rigoroso, a lenha ao fogo
Com mão larga chegando,
E inda mais largamente o de annos quatro
Vinho suave tira
Das amphoras sabinas. O mais tudo
Deixa aos deoses, que tanto
Que no fervido mar os rijos ventos
Luctadores prostraram,
Nem os cyprestes agitados vergam,
Nem os edosos freixos.
O que á machã succederá não queiras
Investigar; — e os dias
Que te der o destino, põe-nos sempre
No computo dos lucros:
Nem os deces amores tu mancebo
Desprezes, nem as danças,
Em quanto está do teu frescor ausente
A morosa velhice.
Ora frequenta o marsio campo, as praças,
Onde, na hora ajustada,
Perto da noite as práticas suaves
Se gosam, ora logra
O grato riso delator da moça
N'um canto occulta, e tira
A seus braços a prenda, ou a seus dedos
Não muito pertinazes.

ODE X.

A MERCURIO.

Ó MERCURIO eloquente ,
Neto de Atlante, que os costumes feros
Dos primeiros humanos
Destro puliste com a voz, e usando
Da decente palestra :
Cantarei que és de Jove onnipotente
E dos mais deoses nuncio ,
E pac da curva lyra ; — astucioso ,
Se, por lrinco, te agrada
Tirar furtivamente alguma coisa.
Estando Apollo um dia
Com voz ameaçadora a amedrontar-te,
Tu sendo inda menino,
Para que os bois restituir-lhe fosses
Que astuto lhe roubáras ,
Conter não pôde o riso, a sua aljava
Em si não encontrando.
Até sahir de Ilion, por ti guiado ,
Pôde o opulento Priamo,
Os soberbos Atridas illudindo ,
E os thessalicos fogos ,
E as sentinellas do arraial imigo.
Tu as almas piedosas
Pões nos sitios amenos, ajuntando
C'o caducêo dourado
A leve turba das ligeiras sombras ,

Grato igualmente aos deoses
Que dominam nos céos e nos abysmos,

ODE XI.

A LEUCONOE.

Não queiras indagar que termo os deoses
Marcaram, Leuconoe, a nossos dias;
Não é licito tanto: nem sabê-lo
Por babilonios cálculos procures
Para melhor sofrêres teu destino.
Ou Jove te conceda amplos invernos,
Ou este o ultimo seja que nas rochas
Oppostas quebre o iroso mar Tyrrheno,
Mostra-te avisada: — apura o vinho,
E não concebas esperanças longas
Em breve espaço: — foge o invido tempo
Em quanto solto a voz: — logra este dia,
Pouco do posterior crédula esp'rando.

ODE XII.

A AUGUSTO.

Que varão ou heroe pertendes, Clio,
Cantar na lyra ou na sonora flauta?

Que deos, cujo alto nome a brincadora
Imagem repetir ha-de nas ribas
Do Helicon umbrosas,
Ou sobre o Pindo excelso,
Ou no géido Hemo?

D'onde os bosques precipites seguiram
O sonoro Orphêo, que, na materna
Arte instruido, suspendêra o rápido
Curso dos rios e os ligeiros ventos,
E brandamente ás cordas
Harmónicas trouxera
Os attentos carvalhos?

Quaes primeiro que os sólitos louvores
Direi do padre que o destino rege
De homens e deoses, e, c'os varios tempos,
O mar e a terra e o mundo? Não se gera
Sêr maior, semelhante
Ou segundo; mas Pallas
Logra após elle as honras.

Nem eu a ti, ó Baccho, valoroso
Nas duras guerras, nem a ti, ó virgem
Inimiga das fêras truculentas,
Deixarei de cantar, nem egualmentè
A ti, Phebo tremendo,
Que mui certo vibra
A agudissima seta.

Direi Alcides, e de Leda os filhos,

Um claro vencedor no jogo equestre ,
Outro na lucta, cuja estrella aos nautas
Fulgindo, as agoas dos rochedos correm ,
 (Ao seu querer) os ventos
 Cessam, as nuvens fogem ,
 O irado mar socega.

Não sei depois se Romulo primeiro,
Se de Pompilio o plácido reinado ,
Se as insignias soberbas de Tarquinio ,
Se a morte illustre de Catão, eu diga.
 Em magníficos versos
 A Régulo e aos Scauros
 Darei grato louvores ,

E ao grande Paulo, pródigo da vida,
Victorioso o Peno, e a Fabricio.
A este e a Curio de cabello intonso ,
Na guerra valoroso, e a Camillo ,
 Criou dura pobreza
 E o tenue campo avito,
 Com casa apropriada.

Cresce, á maneira da árvore c'o tempo ,
A fama de Marcello : — brilha a estrélla
Julia entre todas luminosa, como
Entre os astros menores brilha a lua.
 Ó filho de Saturno,
 Padre da humana gente,
 E seu conservador !

A ti os fados o cuidado deram
 Do grande Cesar : — reina, porém Cesar
 O segundo. Ou os Parthos subjugados,
 Do Lacio ameaçadores, em triumpho
 Devido leve, ou dome
 Nas plagas do Oriente
 Os Seras e os Indios ;

Elle, a ti só inferior, o orbe
 Regerá universo justamente :
 Tu no entretanto com o grave carro
 Abalarás estrepitoso o Olympo :
 Tu lançarás potente
 Imigos raios sobre
 Os profanados bosques.

ODE XIII.

A LYDIA.

QUANDO, ó Lydia, tu louvas
 O rubicundo collo de Telepho,
 Os braços de Telepho delicados,
 Ah ! sinto nas entranhas
 A cólera server entumecida.

O espirito me foge,
 Minha côr se demuda : — pelas faces
 Furtivamente as lágrimas dimanam,
 Mostrando claramente
 Quão leuto fogo me devora o peito.

Abraso-me se vejo
 Ou que os furores que excitára o vinho
 Nodoas puzeram nos teus alvos hombros,
 Ou que o moço furioso
 Manchou c'os dentes teus mimosos labios,

Não (se inda tu me escutas)
 Não esperes de vêr constante o bárbaro
 Que te offende buscando os doces ósculos,
 Em que Venus diffunde
 Amplos philtros do seu nectar divino.

Oh cem vêzes ditosos
 Os ternos corações que em nó perpétuo
 Enlaça amor! que desunidos antes
 Que chegue o ultimo dia
 Não são por tristes dolorosas queixas!

ODE XIV.

A REPUBLICA. (1)

TORNAM, ó náu, a pôr-te novas ondas
 Sobre os tímidos máres. Oh que fazes?

(1) São varias as opiniões dos criticos e expositores, antigos e modernos, acerca da intelligencia d'esta ode. Dacier, com Le Fevre, diz ser puramente historica, dirigindo-se Horacio ao navio que o trouxera de Philippos para a Italia depois da derrota de Bruto, e que voltava com seus companheiros de viagem obrigados a procurar na fugida um asylo contra

**Segura-te no porto. Não vês como
Estás nua de remos ?**

**Como o mastro rendido e as antenas.
Do Africo impetuoso aos sopros gemem ?
Não vês que sem enxarcias mal resistem
À furia equorea os lenhos ?**

o resentimento e a perseguição de Augusto. A maior parte porém, seguindo a Quintiliano (lib. VIII), concordam em que é toda allegorica.

No anno de Roma 727 pediu Augusto ao Senado o desonrar-se do poder supremo. Horacio, antevendo os males que d'ahi nasceriam, aconselha que isso se não deve admitir, servindo-se da presente allegoria, que penso dever-se entender assim : a *nau*, a republica : *novas ondas*, as novas guerras civis de que Roma era ameaçada : *o porto*, a *paz* que começava a nascer no governo do principe : *nua de remos*, a republica desprovida de tropas : *mastro rendido pelos impetos do Africo*, a republica ainda enfraquecida pelos estragos das dissensões civis : *sem enxarcias*, sem forças : *furia equorea*, guerras civis : *os lenhos*, os estados : *velas inteiras*, exercito completo : *deuses a que recorra*, vaões illustres e de genio, que possam livrar a republica das borrascas civis : *origem nobre*, por descender Roma de Marte : *iracundos ventos*, guerras civis : *penosissimo tedio*, quando Horacio seguia o partido de Bruto : *desejo e não pequeno cuidado*, desejo que tinha da conservação da paz e da ordem, e o cuidado que lhe dava o receio de as perder : *espumosas ondas*, as tempestades civis, que comparava com as tormentas frequentes entre as ilhas Cycladas do mar Egéo.

Eu conformo-me com os que reconhecem a allegoria. No cantico lúgubre sobre a ruina de Tyro, cap. 27 de Exequiel, se acha uma allegoria semelhante, onde se representa a mesma Tyro, debaixo do emblema de uma *nau*, cantico que excellentemente traduziu Francisco Dias Gomes. Transcreverei a sua traducção, que vem nas suas obras poeticas.

O' Tyro, nau soberba e poderosa,
Que tanto te jactavas
De perfeita e bellissima estrutura !
Tu, que, tecida das mais duras faias,
Tu, para cujo mastro produziu
O Libano frondente
O cedro mais gentil que o mundo viu ;
Tu, que, audaz e potente,
No coração das ondas te ostentavas
Cheja de gloria, ufana, e dominavas
Em toda a vastidão do mar profundo !

Não tens velas inteiras, não tens deoses
 A que recorras outra vez oppressa
 Na tormenta fatal. Inda que sejas
 Do pinho que nascêra

Dos carvalhos fortissimos de Bassan
 Se puliram teus remos vigorosos.
 Nos bancos dos remeiros valorosos,
 Na tua pópa, ó nau, resplandecia
 Lucido esmalte de índico marfim.
 D'aurea autera pendia a vela immensa,
 Que egypcio linho candido tecia.
 A bandeira de purpura luzente
 Soberba scintillava,
 Ornada e guarnecida
 De rica bordadura, onde brilhava
 Do vermelho jacintho
 A flamma refulgente.

Os ricos habitantes
 Da região Sydonia te serviam
 De remeiros possantes.
 Os velhos e os prudentes de Gibal
 Te forneceram destros marinheiros
 E nautico apparelho.
 A sabios de prudencia e de conselho
 Foi, ó Tyro, teu leme confiado.
 Mil povos do Oriente
 Com animo valente
 Defendiam teu bordo, onde se viam
 Capacetes, escudos pendurados,
 Fero apparato, bellico ornamento,
 Prompto para qualquer hostile intento.

Quantos povos abrange o mundo inteiro
 Trato contigo tinham:
 De toda a parte vinham
 Em teu seio vastissimo esconder
 As produções immensas que criavam
 As regiões diversas que habitavam.
 Tu, com tua opulencia alegre e ufana
 Ias cortando o mar com largas vélas;
 Mas um vento cruel e furioso

Em os ponticos bosques, não te jactes
 De tua origem nobre e inútil nome :
 Nada confia nas pintadas pôpas
 O tímido piloto.

Deu de encontro contigo n'um rochedo :
 Cheia de espanto e medo
 Ali despedaçada,
 N'um momento te viste sepultada
 Nos abysmos dos mares. Teus thesouros,
 Tuas mercadorias e riquezas,
 Tuas altas empresas,
 Teus triumphos e glorias e teus louros,
 Teus fortes marinheiros,
 Teus pilotos, teus ínclitos guerreiros,
 Com toda a multidão de povo immenso,
 Tudo foi... que desgraça ! confundido,
 E no seio das ondas submergido.

O triste som dos míseros clamores,
 Que ao ceo mandava a tua afflicta gente,
 Diffundiu negro espanto : mil horrores
 D'outros baixéis ao longe se apossaram :
 Cheios de medo e dor seus navegantes
 Precipitam-se em terra :
 E em tanta confusão de fatal guerra
 No duro chão prostrados,
 Com prantos desolados
 Teu caso miserando lamentaram,
 E cinza e pó funesto derramaram
 Sobre as míseras fronte :
 Seus cabellos cortaram,
 E cingidos de asperrimo cilicio
 No mais intenso excesso do seu mal,
 Da sua dor fatal,
 Inundados de lagrimas sem conto,
 Sobre a tua funesta desventura
 Flebil canto entoaram de amargura.

„ Houve jámais cidade tão brilhante,
 „ Outra, diziam, outra igual a Tyro ?
 „ Ah, Tyro ! aonde estás ? Responde, ó Tyro !
 „ Tu no meio do mar emmudeceste !

Se pois ludibrio triste ser não queres
 Dos iracundos ventos , acautela-te :
 Tu , que para mim foste , não ha muito,
 Penosissimo tedio,

E és agora desejo e não pequeno
 Cuidado , evita as espumosas ondas
 Do procelloso mar que entre as fulgentes
 Cycladas se derrama.

ODE XV.

VATICINIO DE NERÊO ,

SOBRE A DESTRUIÇÃO DE TROIA.

QUANDO , nas naus troianas , pelos mares
 Conduzia o pastor pérfido a Helena ,
 De quem hospede sôra ,
 Nerêo a ocio ingrato
 Os ventos compelliu impetuosos ,
 Para assim predizer seus duros fados.

„ No meio d'esse mar onde leis deste ?
 „ Tu , que , com teu commercio immenso e grande
 „ Tantos povos e reis enriqueceste ,
 „ E' possivel que estejas submergida
 „ Nós seios horrorosos
 „ Dos mares tempestuosos
 „ Com todas as nações que dominavas ?
 „ E que tuas riquezas infinitas
 „ Em ti por tanto tempo accumuladas
 „ Fossem das bravas ondas devoradas ?

Sob agouro fatal contigo levas
Para casa quem ha-de a Grecia inteira,
Com poderoso exército,
Ir buscar, conjurada
A romper tuas nupcias, e egualmente
De Priamo a acabar o reino antigo.

Oh quanto suor já se manifesta
Nos homens, quanto nos cavallos! Quantas
Mortes occasionas
Á gente de Dardania!
Já Pallas o seu elmo, a sua egide,
O carro seu, e o seu furor, prepara.

Em vão, soberbo c'o favor de Venus,
Os teus pentearás longos cabellos,
E na cythara imbelle
Entoarás sonoro
As ternas cantilenas alternadas
Que lisonjeam as sensiveis damas.

Em vão pertenderás no brando thalamo
As ferreas lanças evitar, e as flechas
Cretenses, e o estrondo
E as pesquisas do fervido,
Veloz Ajax. No pó serão, oh! tarde,
Teus cabellos adúlteros envoltos.

Não vês o bravo filho de Laertes,
De tua gente estrago, e o Nestor Pylio?
Impávidos te apertam

O salamino Teucro,
E Sthénelo, habil pugnador, e destre
Auriga, se reger cavallos cumpre.

Mérion tambem conhecerás. Eis arde
Atroz Diomedes, mais que o pae valente,
Por te achar: — tu, ao vê-lo,
Qual cervo a relva deixa
Se vê do valle n'outra parte o lobo,
Tímido fugirás, mal respirando.

Isto não prometteste á tua Helena.
De Achilles a iracunda armada os dias
Alongará de Ilion,
E das matronas phrygias;
Mas, após de annos, ha-de o grêgo fogo
Abrasar as iliacas moradas.

ODE XVI.

A TYNDARIS,

PALINODIA.

Ó FILHA linda mais do que a mãe linda,
Darás o fim que te aprouver aos tristes
Versos meus criminosos, ou lançando-os
Em as chammas ardentes,
Ou no mar Adriático.

Nem Cybelle, nem Baccho, nem Apollo
No templo, agitam de furores tantos
Os sacerdotes, nem os Corybantes
Mostram tantos batendo
Nos ruidosos adufes,

Como a cólera triste, a qual não teme
Nem a nórica espada, nem os crespos
Náufragos mares, nem os fogos diros,
Nem inda o irado Jove
Horrisono troando.

Diz-se que Promethêo, quando formára
O homem, precisando ao melhor limo
Juntar porções dos animaes diversos,
Lhe puzera no peito
Do leão os furores.

Foi de Thyestes grave exicio a cólera:
De altas cidades a total ruina
Causou, e fez que exército insolente
Movesse hostil arado
Nos abatidos muros.

Teu ânimo modera resentido:
A mim também, na doce mocidade,
O peito me agitou fervor intenso,
E satyricos versos
Foram meu desafôgo.

Hoje procuro as ásperas durezas

Mudar em suavissimas branduras ,
Comtanto que , emendada a injúria , sejas
Minha candida amiga ,
E o alento me tornes.

ODE XVII.

A TYNDARIS.

O VELOZ Fauno amiudadas vezes
Deixa o sacro Lycéo pelo risonho
Aprazível Lucretil ;
E os meus rebanhos do calmoso estio ,
Como dos ventos pluviaes , resguarda.

Pelos seguros bosques vagabundas ,
Livres procuram o tumilho as cabras ,
E o medronheiro occulto ;
Os cordeirinhos no curral não temem
Guerreiros lobos , venenosas serpes ,

Logo que d'esse nume a doce flauta
Em os valles , ó Tyndaris , resôa ,
E nos lisos rechedos
Do Ustica. Sim , os deoses me protegem ;
Meu culto e versos gratos são aos deoses.

Aqui o fertil vaso da Abundancia
Brotará para ti profusamente

As riquezas do campo:
Aqui, em valle retirado, a ardencia
Evitarás da férvida Canicula:

E na de Téos harmoniosa lyra
Cantarás os cuidados, as tristezas,
Que da fida Penélope,
E de Circe bellissima, agitaram
Por um só grêgo, ao mesmo tempo, os peitos.

Aqui, á sombra de viçosa rama,
O licor puro beberás de Lesbos:
Não serão confundidas
De Thyonêo as furias co'as de Marte:
Nem a insolencia temerás de Cyro.

Não temerás que, cheio de ciume,
Com forças deseguaes, as mãos protervas
Te lance, e despedace
▲ grinalda que prende os teus cabellos,
E o vestido innocente que te adorna.

ODE XVIII.

▲ QUINTILIO VARO.

Não plantes alguma árvore primeiro
Que a videira sagrada
No bom terreno que possues, ó Varo,

Nos contornos amenos
De Tibur e dos muros de Catilo.
A todos que não gostam
Do suave licor o deos das uvas
Duras cousas promette :
Só elle afugentar pode' os cuidados
Roedores da vida.
Quem , depois de beber , ousa queixar-se
De bellicas fadigas ,
Ou de áspera pobreza ? Quem não folga
De dar antes louvores
A ti , ó padre Baccho , e a ti , ó Venus ,
Formosissima deosa ?
Mas quão modicamente usar-se deva
Dos mimos d'esse nume ,
Assás o ensina a rixa sanguinosa
Entre os feros Centauros
E os Lapithas cruissimos , turbados
Dos ardentes vapores :
Assás o ensina a cólera potente
De Evio contra os Sithonios ,
Quando elles , com baliza escassa , apenas ,
Ávidos de deleites ,
O justo do não-justo discriminam.
Não , ó candido Baccho ,
Eu não te agitarei enfurecido
Com repugnancia tua :
Nem os mysterios teus que as pampinosas
Verdes folhas occultam ,
Exporei temerario á luz do dia.
Reprime os ruidosos

Teus atabales e a corneta phrygia ,
 Que do cego amor-proprio
 Seguidos são e da vaidade estulta
 Alçando a vã cabeça ,
 E da má-fé que vulgarisa arcanos ,
 Mais diáfana que o vidro.

ODE XIX.

A GLYCERA.

A Mãe severa dos Cupidos manda
 E o filho de Semele , e a liberdade
 Voluptuosa , que de novo eu renda
 O peito ás já extinctas
 Relações amorosas.

Abrasa-me o semblante de Glycera ,
 Mais fulgente que o mármore de Paros :
 Abrasa-me seu grato humor faceto,
 E sua face linda ,
 Que é perigo dos olhos.

Venus, deixando Chypre , em mim se entranha ;
 Não sofre que eu os Scythas cante , e os Parthos
 Que feros pugnam nos frisões fugindo ;
 Nem que eu trate de assumpto
 Ao seu dominio estranho.

Aqui, ó servos meus, a vêrde leiva,
Aqui verbena ponde, e o incenso e as taças
De bom vinho trazei: — será mais branda,
Mais tratavel a deosa,
Após o sacrificio.

ODE XX.

A MECENAS.

CARO Mecenas, cavalleiro illustre,
Em minha casa apenas
O Sabino licor em taças modicas
Beberás, ordinario,
Mas que eu guardei, bem arrollado, em grêga
Talha, quando applaudido
Em o theatro foste, e ouviste as margens
Do rio paterno e os eccos
Do monte Vaticano repetirem
Teus sublimes louvores.
Em tua casa o Cécubo suave
Beberás, e o çumo
Da uva espremida no lagar calêno.
Nos copos meus nem entra
Vinho Falerno, nem o que produzem
As collinas de Formias.

ODE XXI.

EM LOUVOR DE APOLLO E DIANA.

A DIANA louvai, candidas virgens,
Louvai, meninos, ao intonso Apollo,
E a Latona querida
De Jupiter supremo.

Cantai a deosa que se apraz dos rios,
E dos bosques que o frio Álgido cobrem,
Ou o negro Erymantho,
Ou o virente Crago.

Cantai, meninos, Tempe e tambem Délos,
Bérço de Apollo, e os hombros d'este nume
Adornados da aljava,
E da fraterna lyra.

Este, a guerra chorosa, ás preces vossas,
A fome e a peste, afastará de Cesar,
E do povo, arrojando-as
Aos Persas e aos Britannos.

ODE XXII.

A ARISTIO FUSCO.

O VARÃO probo, de maldades limpo,
De mauras lanças não carece, ó Fusco,

Nem de arco, nem de aljava,
Prenhe de hervadas setas;

Quer de Africa as arêas pise ardentes,
Quer o inhospito Caucaso atravesse,
Ou as terras que lambe
O fabuloso Hydaspe.

Eu o experimentei, pois que, vagando,
Nos bosques de Sabina sem cuilados,
Fantasiando versos
Para a Lálage minha,

Aconteceu que, o término transpondo,
Me encontrei com um lobo carniceiro,
O qual de mim fugiu,
Bem que me visse inerte.

Nunca um tal monstro a bellicosa Daunio
Nutriu em suas matas, nem de Juba
Gerou a árida terra
Nutriz de leões bravos.

Põe-me nos campos preguiçosos, onde
Nenhuma árvore anima estivo sopro;
Onde Jupiter grave
Arroja o frio, as nevoas;

Põe-me do sol propinquo sob o carro,
Em chão negado a casas, eu a Lálage
Sempre amarei, que doce
Se rie, e doce falla.

ODE XXIII.

A CHLOE.

FOGES de mim, ó Chloe, á similhaça
Do viadosinho que por invios montes
Busca a pávida mãe, não sem vão medo
Das auras e dos bosques.

Pois, ou as folhas mobiles agite
O verno sopro, ou verde lagartixa
Mova as ásperas silvas, os joelhos
E o coração lhe tremem.

Mas eu, qual fero tigre ou leão getúlio,
Não te persigo para lacerar-te.
Não sigas tua mãe enfim, já propria
Para teres esposo.

ODE XXIV.

A VIRGILIO.

QUE pejo pode haver em deplorar-se
A perda dolorosa
De um tão caro varão, ou que limites
Pode ter a saudade?

Ó Melpomene , um canto entristecido ,

Luctuoso , me inspira ;

Tu que a voz maviosa e a lyra branda

Recebeste de Jove.

É pois Quintilio envolto em somno eterno?

Oh ! quando achará outro

Que o eguale o Pudor , a incorruptivel

Fé , irmã da Justiça ,

E a candida Verdade ? Morto o devem

Chorar os probos todos ;

Ninguém choral-o mais que tu , Virgilio.

Mas ah ! em vão piedoso

Pedes Quintilio aos ceos , que t'o não deram

Para sempre o gosares.

Quando a lyra tangesses mais sonoro

Que o mesmo Orphêo de Thracia ,

Que ouvir se fez das árvores , o sangue

Animar não viria

A leve sombra que uma vêz Mercurio ,

Inexoravel sempre

A mudar os destinos , compellíra

Com a horrida vara

A unir-se á turba da medonha estancia.

Duro é na verdade ;

Mas o mal sem remedio acha somente

Na paciencia allivio.

ODE XXV.

A LYDIA.

MAIS raras vêzes porfiosos batem
Protervos moços nas janellas tuas,
E despertam teu somno: ama o repouso
A tua porta,

Que d'antes facil se movia tanto.
Já de menos a menos vás ouvindo:
«Em quanto eu por ti morro, longas noites,
Lydia, tu dormes?»

Mas tu tambem em triste bêco, velha,
Exposta ao thracio vento mais terrivel
Nos interlunios, chorarás o orgulho
De teus galantes,

Quando o lascivo amor, o fogo ardente,
Que enfurecer costuma a raça equina,
O teu incendiar peito ulceroso,
Não sem dor tua;

Queixosa de que prezem mais os moços
A hera viçosa e a denegrida murta;
E que ao Hebro, do inverno socio, as seccas
Folhas dediquem.

ODE XXVI.

A ELIO LAMIA.

EM quanto amigo me sentir das Musas,
Entregarei aos ventos impetuosos
A tristeza e o temor, para que os levem
Ao mar Cretense;

Sem me importar qual rei da plaga gélida
Em o ártico polo excite o susto,
Nem qual a causa que unica amedronta
A Tiridates.

Ó tu, doce Pimplêa, que te aprazes
Das virgens fontes, colhe lindas flores,
E uma grinalda primorosa tece
Para o meu Lamia.

Nada sem teu favor meus versos podem.
Eternisar seu nome a ti pertence,
E ás irmans tuas, novos sons soltando
Da lesbia lyra.

ODE XXVII.

AOS SEUS AMIGOS.

COMBATER com os copos destinados
Ao uso da alegria,

É só proprio dos Thracios :
Abandonai tão bárbaro costume :
Não afroteis, com rixas sanguinosas,
A modestia de Baccho.

Quanto dos Médos o cruento alfange
Dos copos e das luzes
Diversifica ! Amigos ,
Esses modificai impios clamores ,
E sobre o curvo braço recostados
Permanecei tranquillos.

Quereis que eu beba do áspero Falerno ?
O de Magilla Opuncia
Irmão que me declare
De que ferida , de que aguda seta ,
Morre ditoso. Então, elle recusa ?
Pois sem isso não bebo.

Qualquer que seja a Venus que te encanta ,
Não te abrasa por certo
Em chammas vergonhosas :
És dado sempre a amor honesto. — Eia ,
Quem seja dize a meus fieis ouvidos.
Ah ! misero mancebo ,

Digno de melhor sorte, em que Carybdis
Luctas ! Que bruxa ou mago ,
Que deos , pode livrar-te
C'os venenos thesálicos ? Apenas
Da triforme Chiméra poderia
Pégaso desligar-te.

ODE XXVIII.

FALLA DE UM MARINHEIRO.

COM A SOMBRA DE ARCHYTAS.

MARINHEIRO.

Tu que medias a extensão dos mares
E das terras, Archytas,
E os grãos de arêa innumeros contavas,
Estás hoje retido
Por uns módicos dons de pó escasso
Nas praias de Matino.
Não te aproveita haveres escrutado
Co' a mente luminosa
As aéreas mansões, e percorrido
Os polos do universo,
Pois tinhas de sofrer enfim a morte.

SOMBRA DE ARCHYTAS.

Morreu tambem de Pélops
O pae, que á mêsá recebêra os deoses;
E Tithão que elevado
Aos ares fôra, e Minos admittido
Aos arcanos de Jove.
Foi de novo Panthoide vêr o Tártaro,
Bem que provar quizesse,

Pelo escudo arrancado , que só dera ,
 Em os tempos troianos ,
À truculenta morte a pelle e os nêrvos ,
 Esse que , a teu juízo ,
Da natureza e da verdade fôra
 Não ordinario intérprete.
Mas uma mesma noite espera a todos ,
 E o lethal caminho
Ha-de uma vez trilhar-se para sempre.
 Ao iracundo Marte
Espectaculo dão de alguns as furias :
 E dos ávidos nautas
É sepultura o mar : — velhos e moços
 Amontoados morrem :
Ninguém á crua Proseпина escapa :
 Eu tambem , arrojado
Nas illyricas ondas pelo rápido
 Noto , socio do curvo
Orion , acabei. Mas tu , ó nauta ,
 Não recuses maligno
Cobrir de alguma errante arêa os ossos
 E a cabeça insepulta.
Assim , em recompensa , os ameaços
 Do Euro ás ondas hesperias
Nas matas venusinas cahir possam
 Sem damno te causarem :
Assim os lucros todos que desejas
 Te conceda o justissimo
Jove excelso , e Neptuno que protege
 A sagrada Tarento.
Desprezas attender-me imaginando

Talvez que essa impiedade
 Só punida será na tua triste
 Geração innocente :
 Tu mesmo sofrerás a justa pena ,
 E eguaes vicissitudes.
 Inuteis não serão as minhas preces :
 E nenhum sacrificio
 Poderá expiar esse teu crime.
 Ah ! inda que apressado ,
 Não é longa a demora ; — por tres vèzes
 Lança sobre meu corpo
 Alguma terra , e então licitamente
 Poderás ausentar-te.

ODE XXIX.

A ICCIO.

INVEJANDO os arábicos thesouros ,
 Tentas , ó Iccio , agora crua guerra
 Fazer aos reis , ainda não vencidos ,
 De Sabá , e em cadeias
 Prender os Médos horridos.

Dos bárbaros que virgem , morto o esposo ,
 Te servirá ? Que moço áulico , destro
 Em disparar do arco paterno as sérias
 Flechas , ungida a trança ,
 Será o teu copeiro ?

Quem negará que aos altos montes possam
Retroceder os rios despenhados,
E á sua origem reverter o Tibre,
Vendo que tu intentas
A socrática escola,

E os sabios livros de Panecio, havidos
De differentes partes a grão preço,
Trocar pelas ibéricas loricas?
Promettias por certo
De ti mais dignas cousas.

ODE XXX.

A VENUS.

Ó VENUS, soberana
De Guido e Paphos, deixa a cára Chypre,
E transfere-te á casa
Ornada de Glycerá, que te invoca
Com incenso copioso.
Venha contigo o fêrvido Menino,
Venham também as Graças,
Soltos os cintos, e Mercurio e as Nymphas,
E venha a Mocidade,
Que só contigo se apresenta bella.

ODE XXXI.

▲ APOLLO.

QUE pede o vate a Apollo no momento
De dedicar-lhe um templo? Que lhe roga,
Da taça derramando
O licor generoso?

Não da fértil Sardenha as ricas messes:
Não da Calabria férvida os formosos
Armentos: — não o ouro
Ou o marfim das Indias.

Não os campos que o Liris taciturno
Rega com a água plácida. — Os que houveram
Vides da sorte, podem-nas
Com a foice calena.

O rico mercador, em taças de ouro,
O vinho esgote, que alcançara a troco
Dos aromas da Syria,
Elle que é caro aos deoses,

Pois tres vezes e quatro o mar Atlantico
Vê no anno impune. — A mim as leves malvas,
A mim as azeitonas,
E as chicorias, nutrem.

Deixa-me, eu te ôro, ó filho de Latona,
Meas bens gosar, do corpo são, do espirito,

Sem velhice com mancha,
Sem me faltar a lyra.

ODE XXXII.

À SUA LYRA.

SE em ocio grato, á fresca sombra, algumas
Ledas poesias entoei contigo
Que durar possam dilatados annos,
Hoje, ó lyra, te rogo
Que, em latinos accentos,

Os versos digas que o cantor de Lesbos
Em tuas cordas modulou primeiro,
O qual, bem que feroz, ou entre as armas,
Ou ferrando no porto
O destróçado lenho,

Baccho e as Musas, Venus e o Menino
Que inseparavel de seu lado a segue,
Cantava sempre, como a Lycon, bello
Pelos seus negros olhos,
E seus negros cabellos.

Ó lyra, honra de Apollo, grata á mêsa
Do soberano Jove, ó doce allivio
Das penas, dos trabalhos; — vem benigna
Auxilio dar-me, sempre
Que eu te invocar humilde.

ODE XXXIII.

A ALBIO TIBULLO.

Ó ALBIO , não te afflijas nimiamente
Lembrado das cruzas de Glycera;
Nem recites queixosas elegias
Ao vêr que , a fé quebrando , te prefere
Um mais lindo mancebo.

Arde por Cyro em vivo amor Lycoris ,
De delicada fronte encantadora ;
Cyro se inclina á rispida Pholoe.
Mas é mais facil ajuntar-se a corça
Com o apulio lobo ,

Do que ceder Pholoe ao torpe adúltero.
Assim apraz a Venus , que se alegra
De submetter , por brinco truculento ,
A bronzeo jugo mui diversos rostos
E inconciliaveis peitos.

Eu mesmo , quando mais distincta dama
De mim gostava , fui nos laços doces
Da liberta Myrtale prêso , irosa
Mais que o mar Adriático , que rompe
As margens de Calabria.

ODE XXXIV.

A SI MESMO.

I NSTRUÍDO nas maximas erroneas
De insana sapiencia, aos altos deoses
Recusei digno culto.
Hoje sou obrigado
A navegar retrógrado, tomando
De novo o curso que deixado tinha.

É Jove certamente que, rasgando
C'o raio coruscante as densas nuvens,
Faz bramar muitas vèzes
O trovão sobre os ares,
Agitando os cavallos fervorosos
E a rápida carroça crepitante.

Ao seu ruido estrepitoso a massa
Bruta da terra, os rios vagabundos,
A horrida morada
Do Ténaro odioso,
O lago Estygio, os términos de Atlante,
Tudo estremece, tudo sente abalo.

Mudar Deus pode em altos os humildes,
Deprimir o preclaro, e o que era obscuro
Tornar esclarecido:
Deixa que a roubadora
Fortuna, a bel-prazer, com grande estrépito,
As honras tire a uns, dando-as a outros.

ODE XXXV.

À FORTUNA.

Ó DEOSA, que a agradável Ancio reges,
E o sêr mortal de estado humilde podes
 Elevar á grandeza,
Ou converter em fúnebres exequias
 Os soberbos triumphos.

O pobre lavrador a ti recorre
Com solícito rogo: — reconhecem-te
 Por senhora dos mares
Os que afrontam o pélago Carpathio
 Em as naus de Bithynia.

A ti o áspero Daco, a ti os Scythas
Prófugos, as nações, e as cidades,
 E o fero Lacio, e as mães
Dos reis bárbaros, temem, e os tyrannos
 Adornados de purpura.

Com pé injurioso não derrubes
A columna firmissima: não queiras
 Que o pôvo os já tranquillos
Ás armas chame, ás armas, promovendo
 A ruina do imperio.

A diante de ti sempre cruenta
Marcha a Necessidade, conduzindo
 Pregos trabaes e ferreas

Cunhas, nas bronzeadas mãos, e o duro garfo,
E o derretido chumbo.

A ti a Esp'rança e a rara Fé ornada
De veo branco, honram, nem seguir recusam
A grandeza humilhada
Quando inimiga as poderosas casas,
Mudando a veste, deixas. (1)

(1) Esta estrophe traduzida litteralmente é como se segue:

A ti honra a Esperança e a Fé rara
De alvo cendal coberta, nem recusa
Seguir-te se inimiga,
Mudando de vestido, desamparas
As casas poderosas.

D'este modo parece haver uma manifesta contradicção, porque, deixando a fortuna as casas poderosas, e sendo seguida da fé, vinha esta a desamparar a infelicidade, contra o que o poeta quer dizer. O seu intuito é mostrar que a esperança e a fidelidade, ainda que esta muito rara, não desamparam o homem na adversa fortuna, como o fazem a meretiz e os falsos amigos, segundo expõe na estrophe seguinte.

Vanderbourg (I — 362) reconhece haver n'estes versos uma obscuridade, ou antes uma confusão de idéas, que os interpretes vamente tem procurado dissipar, e diz que M. Mitscherlich, para conciliar a contradicção, admittira haver o autor tomado a palavra *fortuna* ora como deusa, ora como condição do homem, boa ou má, feliz ou desgraçada, sendo a deusa que abandona como inimiga as casas dos grandes, e nossa condição infeliz, nossa má fortuna, que não arreda de nós os verdadeiros amigos, mas põe em fugida os simples companheiros dos nossos gosos: — e conclue que julgára dever dar a esta passagem outro geito, em sua traducção, para a tornar intelligivel aos leitores.

Duchemin (I — 361) diz que o tomar a palavra *fortuna*, na mesma frase, em dois sentidos differentes, o proprio e o figurado, é irrogar gratuitamente a Horacio uma falta notavel de bom-gosto: — que Vanderbourg quer que *te* seja o regime de *colit* e *abnegat* do texto (*te comitem*), mas que prejudica assim a sua traducção e a de Mitscherlich, porque a fortuna é d'este modo sempre personificada: — que, ao seu parecer, se deve interpretar a frase como se ahí houvesse *nec domini comitem se abnegat*, nem recusa ficar companheira do senhor da casa: — que isto não está em contradicção com o *te fides colit*, porque a fidelidade pode ren-

Mas o pérfido vulgo e a perjura
Meretriz se separam : — também fogem
Os dolosos amigos,
Vendo co' as fezes os toneis exhaustos,
Não sofrendo o infortunio.

Conserva Augusto, ó deosa, que ir intenta
Contra os Britannos, ultimos da terra,
E o exercito novo
Dos mancebos. ás plagas já temivel
Do Oriente e mar Vermelho.

Ah! cobrem-nos de pejo as cicatrizes,
Os crimes, os irmãos! De que fugimos
N'este século duro?
Que deixámos sacrilegos intacto?
Onde o temor dos deoses

Conteve as impias mãos da mocidade?
Que aras poupou? Oh! praza aos ceos que o ferro
Embotado temperes
Em nova incude, e o dirijas contra
Os Massagetas e Arabes.

der homenagem á fortuna, não se afastar de um amigo na grandeza, e ficar junto d'elle como companheira assidua quando o vê abandonado da fortuna.

Eu todavia, sem me ligar strictamente á intelligencia dos referidos illustres traductores, nem me cingir escrupulosamente ás palavras do texto, penso que, em minha traducção, expriimi o espirito do autor e não fallei á deducção logica das idéas.

ODE XXXVI.

A FLOCIO NUMIDA.

COM incenso odoroso e os sons acordes
Da cythara toante,
E c'o sangue votado
De um tenro novilhinho, aplacar devo
Os deoses tutelares de Numida,

O qual, voltando incólume da extrema
Hesperia, saudoso
Mil ósculos reparte
Com seus prezados candidos amigos,
Especialmente com seu doce Lamia,

Lembrado de ter sido, nos alegres
Annos da puericia,
Educado com elle,
Sob um mesmo reitor, e haverem ambos
Tomado a viril toga ao mesmo tempo.

Seja este bello dia assignalado
Com a pedra cretense:
Não se poupem as taças
Do licor generoso: — os pés não cessem
De movêr-se, á imitação dos Saliòs.

Não vença Dámalis, que muito bebe,
A Basso, despejando
De um servo os thracios copos:

Não faltem rosas no festim , nem falte
O aipo vivedouro , e o breve lirio.

Todos porão em Dámalis os olhos
Com languida ternura :
Porém Dámalis firme
Não se ha-de separar do novo amante ,
Apertando-o inda mais que a hera ao tronco.

ODE XXXVII.

AOS SEUS AMIGOS.

Agora beber cumpre , agora , amigos ,
Pulsar a terra com pé livre , agora
Tempo é de ornarmos os coxins dos deoses
Co' as iguarias salias.

Era defêso das avitas cavas
O Cécubo tirar téqui , em quanto ,
Com morboso tropel contaminado
De homens vis , a rainha ,

Ébria de sua próspera fortuna ,
De si tudo esperando , o Capitolio
Tentava insana destruir , e o imperio
Encher de morticinios.

Mas abateu as furias , vendo apenas

Salva uma nau das chammas devorantes ;
E a mente perturbada dos vapores
Do mareótico vinho ,

Encheu-se de temores verdadeiros,
Quando , sahindo prófuga da Italia ,
Soube que Cesar , apertando os remos ,
Rápido a perseguiu ,

Qual o açor branda pomba , ou qual nos campos
Da fria Emónia o caçador a lebre ,
Ancioso de lançar duras cadeias
A esse fatal monstro.

Mas , buscando uma morte mais honrosa,
Ella nem viu a espada com femínio
Temor , nem demandar , a vélas soltas ,
Foi reconditas terras.

Seu paço destruido ousou com plácido
Rosto vêr , e , animosa , as serpes rábidas
Exasperou para embeber nas veias
O seu negro veneno ,

Resoluta a morrer , mais orgulhosa :
Não querendo alta dama ser levada
Nas sevas naus liburnas como humilde
A soberbo triumpho.

ODE XXXVIII.

AO SEU CREADO.

A BORREÇO, ó creado, o sumptuoso
Apparato dos Persas.
As grinaldas prendidas co' as fitinhas
Do til, me desagradam.
Cessa de procurar aonde existem
Rosas fora do tempo:
Só quero a simples murta, não te cances
Em lhe juntar mais nada.
Nem é indecorosa a ti a murta
Meus copos ministrando,
Nem a mim que, de pampanos fechados
Á fresca sombra, bebo.

LIVRO SEGUNDO.

ODE I.

A C. ASINIO POLLIÃO.

As discordias civis que se agitaram
Desde o consul Metello,
As origens da guerra, os vícios, modos,
O jogo da fortuna, as perniciosas
Allianças dos principes, as armas
Banhadas em o sangue
Inda não expiado;
Essa tarefa de perigos cheia
Emprendes, Pollião, e assim camuhas
Por brasas que se occultam
Sob enganosa cinza.

Deixe os theatros por um pouco a Musa
Da severa tragedia:
Depois, tanto que os públicos negocios
Houveres posto em ordem, novamente
Te darás á emprêza grandiosa
Do cothurno atheniense.
Tu insigne patrono

Dos tristissimos réos , e do senado
Conselheiro distincto , a quem o louro
Do triumpho dalmático
Eternas honras dera.

Já c'o ruído ameaçador da tuba
Os ouvidos atrôas :
Já os clarins resôam : — já os rápidos
Cavallos amedronta , e aos cavalleiros
Desbota o rosto o esplendor das armas :
Já cuido vêr os grandes
Capitães valorosos
De não-indecoroso pó cobertos ,
E o ambito da terra subjugado ,
Excepto o animo forte
De Catão inflexivel.

Certo que Juno e os deoses mais amigos
D'Africa , que impotentes
Deixado tinham essa terra inulta,
Dos vencedores immolar os netos
Resolvêram aos manes de Jugurtha.
Que campo fecundado
Com o sangue latino ,
E de sepulchros cheio , as impias guerras
Deixará de attestar , e a ruína
Da Hesperia , cujo estrondo
Ouviram longe os Medes ?

Que pélagos , que rios , ignoraram
As lúgubres pelejas ?

A que mares de Daunia não fizeram
Mudar de côr as bárbaras matanças?
Que margem não tingiu o nosso sangue?

Mas, oh ousada Musa!
Se ledos sons deixaste,
As tristes nénias do cantor de Céos
Não renoves: — comigo então cantos
Na gruta de Dione
Com mais ligeiro plectro.

ODE II.

A C. SALLUSTIO CRISPO.

NENHUM esplendor tem, Sallustio Crispo,
A prata, se não brilha
Por uso moderado: — tu o sabes,
Imigo das riquezas
Que a mão do avaro sob a terra esconde.
De Preculcio, illustre
Por haver sempre dos irmãos cuidado
Com paternal ternura,
Ha-de o nome estender-se de evo em evo;
A Fama, perduravel,
De um vôo constante o levará nas plumas.
Domando o ávido espirito
Terás mais amplo imperio que se unisses
Libya á remota Cadis
Sob o teu mando, e a ti obedecessem

Uma e outra Carthago.
Cresce do hydrópico a doença quando,
Indulgente consigo
E duro ao mesmo tempo, a lisonjêa :
A sêde não extingue
Sem que a origem do mal fuja das veias,
E do pallido corpo
A languidez aquosa. — Foi Phraátes
Restituído ao throno
De Cyro, mas a rígida virtude,
Dissidente da plebe,
Do numero o separa dos felices ;
E ensina o povo rude
A não usar de termos mentirosos ;
O seguro reinado ,
O diadema e o louro , propriamente
Só conferindo áquelle
Que pode vêr amplissimos thesouros
Com não-torcidos olhos.

ODE III.

A DELIO.

LEMBRE-TE, ó Delio, conservar perenne
Um espirito igual nos duros lances,
Bem como nos felices, moderando
A alegria excessiva,
Pois enfim morrer deves,

Ou vivido em tristeza sempre tenhas,
 Ou recreado o animo bebendo
 Nos dias festivos o generoso
 Falerno, recostado
 Sobre a distante relva,

Onde o pinheiro ingente e o branco choupo
 Folgam de offerecer, unindo os ramos,
 Hospitaleira sombra, e a fugaz lympa
 Se agita estrepitosa
 Pelo seu leito obliquo.

Para aqui trazer manda vinho e aromas,
 E as lindas rosas que tão pouco duram,
 Em quanto as posses, a idade, e os negros
 Fios das rigorosas
 Tres irmãs o permitem.

Deixarás os comprados amplos bosques,
 O palacio, e essa quinta que humedece
 O flavo Tibre; sim, deixarás tudo;
 E teus bens cumulados
 Gosará ~~um~~ herdeiro.

Ou sejas rico e da nobreza antiga
 De Inacho, ou pobre, e de rasteira plebe,
 Vivendo ao ar exposto, não importa:
 Serás vítima do Orco,
 Desapiedado sempre.

Todos a um mesmo fim somos forçados:

A urna commum se agita : — cêdo ou tarde,
Sahirá a sorte , e nos porá na barca
Que tem de conduzir-nos
A perpetuo desterro.

ODE IV.

A XANTHIAS PHOCIO.

Não te envergonhe o vivo amor , que sentes
Por uma humilde serva , ó Xanthias Phocio.

Foi o soberbo Achilles ,
Primeiro do que tu , apaixonado
Pela escrava Briseis , de níveo rosto,

Apaixonado foi o forte Ajace ,
Filho de Te'amon , pela belleza
Da captiva Tecmessa :
Ardeu Agamemnon pela donzella
Que roubára no meio do triumpho ,

Depois que os batalhões bárbaros foram
Pelo vencedor thêssalo desfeitos ;
E que de Heitor a morte
Rendeu Ilion aos fatigados Gregos
Para mais facilmente a destruir.

Tu não sabes se os paes afortunados
Da loura Phylis te dariam honra
Fazendo-te seu genro.

É regia a sua geração por certo,
E dos Penates só se queixa iníquos.

Acredita que a tua amada Phylis
Não nasceu entre a plebe desgraçada ;

Nem esse ser formoso,
Tão fiel, tão contrario ao interesse,
De vergonhosa mãe nascer pudera.

Seus niveos braços, seu gentil semblante,
Seus dons formosos, (1) louvo, mas sincero.

Foge de ter ciumes
Suspeitando de mim, pois já meus annos
Se apressam a findar o oitavo lustro.

ODE V.

RELATIVA A LÁLAGE.

INDÁ a tua novilha
Suster não pode o jugo
Em o seu debil collo: — inda não pode

(1) Entre os Latinos, como entre os Gregos, nas danças publicas que faziam parte do culto de sua religião, era de uso ter as pernas descobertas e os braços nús. Propertio, no l. 2, eleg. 19, fallando de uma dança de religião, diz a Cynthia:

Protinus et nuda choreas imitabere sura.

Todavia, não me animei a traduzir *teretesque suras*, expressão do texto, literalmente: — substitui a sua significação por *dons formosos*.

Sensível sêr de um conjuge ás caricias,
Nem soportar de um touro,
Impellido de amor, o fogo ardente.

O seu animo a leva,
Só aos campos verdosos,
Onde nos rios ora adoça a calma,
Ora, por entre os humidos salgueiros,
Em seus gestos demonstra
Que deseja brincar só c'os novilhos.

De cubiçar te deixa
Uma uva inda verdê.
O variado outono brevemente
Pintará para ti de côr purpúrea
Os seus lívidos cachos:
Lálage brevemente ha-de seguir-te.

A edade ardente vôa,
E ha-de á sua existencia
Juntar os dias que tirar da tua.
Com audaz fronte buscará marido
Lálage brevemente,
Dilecta mais que a fugitiva Chloé,

Mais que Chloris mimosa,
Cujos candidos hombros
Rutilam como em socegada noite
Resplandece no mar a lua clara;
Ou mais que o bello Gyges,
O qual, se em meigo delicado coro

De donzellas formosas
Acaso o introduzisses ,
Co'a face ambigua, c'os cabellos soltos ,
Facilmente illudíra os estrangeiros,
Inda os mais perspicazes ,
Tão indistincta a differença fôra.

ODE VI.

A SEPTIMIO.

SEPTIMIO, que estás prompto a ir a Cadis ,
E aos Cantabros comigo , ainda ignaros
Do nosso jugo , e a arrostar as syrtes
Bárbaras , onde sempre
As mauras ondas fervem.

Praza aos céos que Tibur , colonia de Argos ,
Morada seja da velhice minha ,
Seja o plácido asylo onde eu descanso
Das fadigas da terra ,
Do mar e da milicia.

Se iniquas me privarem d'elle as Parcas ,
As margens buscarei do rio Galêso ,
Deleitoso ás pellíferas ovelhas ,
E os campos que regêra
O Laconio Phalanto.

É para mim, da terra sobre todos,
Esse angulo risonho, onde não cede
O mel delicioso ao mel do Hymetto,
E a azeitona disputa
Co'a do verde Venafro;

Onde concede primavera longa
E tépidos invernos o alto Jove,
E onde Aulon, do fertil Baccho amigo,
Não tem inveja alguma
Às uvas de Falerno.

Esse lugar e prósperas collinas
A nós ambos convidam: — tu saudoso
Ahi derramarás devidas lagrimas
Sobre as cálidas cinzas
Do teu amigo vate.

ODE VII.

A POMPEO VARO.

Ó tu que vêzes tantas arriscaste,
Sob o mando de Bruto,
Comigo a vida, quem aos patrios deoses
Te restitue romano,
E ao ceo italo, Varo, o mais antigo
Dos meus amigos todos,
Com quem passei bebendo muitas vêzes

Parte de longos dias ,
Grinaldado , e luzentes meus cabellos
Das essencias da Syria ?
Comtigo vi os campos de Philippos ,
E fugi pressuroso
Arremessando com desar o escudo ,
Quando, ó pejo ! os minaces
C'o rosto , sem valor , o chão tocaram.
Mas a mim temeroso
Por densos ares me salvou Mercurio
D'entre os inimigos rápido :
A ti sorveu-te a onda em nova guerra
Por mares procellosos.
O promettido pois banquete a Jove
Presta , e , sob o meu louro ,
O corpo lasso em a milicia longa
Estende , nem perdoes
Aos toneis para ti só destinados.
Enche os diáfanos copos
Do Massico licor com que se olvidam
Os males : — as essencias
Dos amplos vasos tira. Quem se apressa
De tecer-me corôas
De humido aipo , ou de virente myrto ?
Quem designará Venus
Arbitro do beber ? Embriagar-me
Como os Edonios quero.
Recuperado tão precioso amigo ,
Enlouquecer me é doce.

ODE VIII.

A BARINA.

SE tu, Barina, quando falso juras
Foras punida com alguma pena :
Se um dente negro, ou unha assignalada
Te apparecesse,

Eu te crêra; mas tu, apenas quebras
Perfidamente os votos, resplandeces
Inda mais bella, e tornas-te os cuidados
Dos jovens peitos.

Certo que as cinzas violar maternas
Te aproveita, e illudir o ceo, e os astros
Da noite taciturna, e os deoses livres
Da morte gélida.

D'isto se rie a mesma Venus, riem-se
As brandas Nymphas, e o cruel Cupido,
Sempre aguçando na sanguenta pedra
As setas igneas.

Accrescenta, que cresce a mocidade
Para ti sempre, escravos novos crescem;
E que esses que deixar a impia diziam,
Firmes te seguem.

Temem as mães, os parques velhos temem,
Lhes attraias os filhos, e as recentes

Miseras noivas que teu gesto prenda
Os seus maridos.

ODE IX.

A VALGIO.

NEM sempre as chuvas sobre os campos ásperos
Manam das nuvens : — não avexam sempre
As ríspidas procellas o mar Caspio :
Nem dura o géllo inerte,

Amigo Valgio , nos armenios climas
Os mezes todos , ou garganios robles
Os Aquilos agitam , ou de folhas
São despídos os freixos.

Tu só lamentas sempre em tristes versos
Do teu Mystes a perda : — não se extingue
A saudade tua , ou nasça ou fuja
Do sol rápido o Véspero.

Mas não chorou o velho de tres évos
Seu Anttlocho amado os annos todos :
Nem deploraram sempre a Troilo impúbere
Os paes e as irmãs phrygias.

Deixa enfim os ternissimos queixumes :
E antes cantemos os trophéos brilhantes

Que alcançara de novo Augusto Cesar;
E o gélido Niphates,

E o rio Medo, que ás nações vencidas
Junto, menores vórtices revolve:
E os Gelonos, que, em términos prescriptos,
Por campo exiguo trotam.

ODE X.

A LICINIO.

MAIS rectamente viverás, Licinio,
Os extremos deixando: aos altos mares
Nem sempre fervoroso te abalances,
Nem tanto nas procellas te horrorises,
Que de cauto te arrojés
Ás praias arriscadas.

Aquelle que avalia bem e preza
Aurea mediocridade, desfrutando
De cuidados isento sobria vida,
Nem vive em torpe alvergue, nem desperta
A negra inveja em rico
Majestoso palacio.

Os mais ingentes pinhos, de ordinario,
Mais agitados são dos rijos ventos:
É mais temivel e estrondosa a queda

Das eminentes torres : mas feridos
São os montes excelsos
Do raio fulminante.

Co'a sorte sempre varia não se illude
Um peito culto e probo : — acha motivos
De esp'rança na desgraça , e de temores
Na prospera ventura. O inverno horrendo
Sempre Jove nos manda,
E elle mesmo o retira.

Se a vida sentes ora contristada,
Sentirás brevemente alegre a vida.
Nem sempre Apollo , a cythara pulsando,
Da Musa adormecida a voz desperta :
Nem sempre entesa o arco
Para vibrar as setas.

De firmeza e corajem pois te escuda
Contra os tiros da sorte : e quando um vento
Favoravel tiveres , por seus sopros
Não te deixes levar arrebatado,
Mas sapiente amaina
Em parte as soltas vélas.

ODE XI.

A Q. HIRPINO.

DEIXA-TE de indagar, ó Quincio Hirpino,
Que projectos desenham
Os bellicosos Cântabros e os Scythas,
Que o Adriático mar de nós separa,
Nem em cuidar da vida,
Que tão pouco demanda, te inquietes.

A fresca mocidade e as graças fogem :
A árida velhice
O amor lascivo e o facil somno expelle.
Não dura sempre o lustre ás vernas flores,
Nem c'um só vulto sempre
A avermelhada lua resplandece.

Porque fatigas com eternos planos
O limitado espirito ?
Porque, em quanto é lícito, jazendo
Ou de um plátano á sombra ou d'este pinho,
Com os brancos cabellos
Grinaldados de rosas recedentes,

De assyrio nardo ungidos, não bebemos ?
Dissipa Evio potente
Os túrbidos cuidados roedores.
Que diligente moço os lisos copos
Do cáldo Falerno
Esfriará na límpida corrente ?

Quem trará para aqui a Lydia bella
Da morada remota?
Vae, vae dizer-lhe que apressada venha,
E traga a eburnea lyra sonora,
Prendendo os seus cabellos
C'um simples nó, qual dama de Laconia.

ODE XII.

A MECENAS.

Não queiras que nos languidos accentos
Da lyra eu cante da feroz Numancia
As longas guerras, nem o duro Annibal,
Nem o mar de Sicilia
Rubro c'o sangue pêno,

Nem os sevos Lapithas, e o nimio-ebrio
Hyléo, e os pela hercúlea mão domados
Filhos da terra, que tremer fizeram
O do velho Saturno
Fulguroso palacio.

Tu, ó Mecenas, em singela historia
Melhor dirás de Cesar as batalhas,
E os reis ameaçadores conduzidos
Pelas publicas ruas
C'os collos subjugados.

A mim só deixa a Musa que celebre
De Licinia formosa o doce canto,
Os seus olhos brilhantes, o seu peito
Fiel que ao teu enlaça
Mutuo amor extremo.

Ella mover o pé não se dedigna
Nos ledos coros, nem porfiar nos jogos,
Nem dar ás virgens nítidas os braços
Dançando no festivo
Dia sacro a Diana.

Acaso não darias as riquezas
Que Achemenes gosára, e as mygdonias
Da fertil Phrygia, ou as da Arabia immensas,
Por um simples cabelo
De Licinia, quando ella,

Para a tua encontrar fragrante boca,
Retorce o collo, ou com crueza facil
Te nega um beijo que deseja roubes
Á força, e que ella mesma
Ás vêzes te arrebatá?

ODE XIII.

IMPRECAÇÕES CONTRA UMA ÁRVORE.

PLANTOU-te em dia infausto o que primeiro
De ti cuidou, ó árvore,

Com sacrilega mão, para que fosses
Ruina de seus netos, e igualmente
De sua aldêa opprobrio.

Que a cerviz de seu pae elle esmagára,
E do hospede espargira
De noite o sangue no interior da casa,
Certo eu crêra. Dos cólchicos venenos,
E dos crimes nefandos

Que conceber-se podem, se servíra
Aquelle, ó lenho triste,
Que te puzera, a ti, em o meu campo
Porque sobre a cabeça tu cahisses
Do inculpavel dono.

Nunca o homem prevê bastantemente
Os perigos que o cercam.
Do Bósphoro se assusta o nauta pênno,
E não receia quanto de outra parte
Os fados cegos lhe urdem.

O soldado romano as flechas teme
Do Partho e a veloz fuga;
O Partho o esforço e as cadeias italas;
Mas a Morte improvisa sempre rouba,
E ha-de roubar, as gentes.

Como perto de vêr estive o reino
De Proserpina escuro;
De vêr a face ao julgador Eáo;

De vêr os domicílios destinados
Aos espiritos justos !

De ouvir queixar-se das patricias moças,
Na lyra eólia , Sapho ;
De ouvir-te , Alcêo , com aureo plectro , os males
Cantar duros da nau , duros da fuga,
E os da guerra duros !

Pasmam de ouvir-lhes de um silencio sacro
Cousas dignas as sombras ;
Mas o vulgo apinhado mais contente
O ouvido presta á narração das guerras,
Dos expulsos tyrannos.

Que admira ? se , essas vozes escutando,
O cão de cem cabeças
Abate absorto as horridas orelhas,
E as serpes , nos cabellos das Euménides
Enroscadas , se alegram ?

O mesmo Promethêo e o pae de Pélops,
Aos sons melodiosos ,
Seus trabalhos aspérrimos esquecem ;
Nem de acossar feros leões Oríon
Cura , ou tímidos lynces.

ODE XIV.

A POSTHUMO.

POSTHUMO, cáro Posthumo, ah! os annos

Rapidamente fogem!

A velhice enrugada se accelera,

E a indomita Morte: — retardal-as

Nem a piedade um só momento pode.

Quando a Plutão illacrimavel touros

Tresentos immolasses

Diariamente, procurando, amigo,

Esse deos abrandar sempre severo,

Tu certamente nada conseguiras.

Elle o vasto Geryon e o enorme Ticyo

Retem alem da negra

Onda que todos navegar devemos,

Nós que dos dons da terra nos nutrimos,

Ricos ou pobres, principes, colonos.

Debalde fugiremos ao cruento

Mavorte, e do Adriático

Rouco ás ondas, quebradas nos rochedos.

Debalde o austro nocivo ao corpo humano.

Em o tempo do outono evitaremos.

Forçoso é ir um dia vêr o curso

Languido e tortuoso

Do atro Cocyto, e a geração infame

De Danão , e Sisypho , filho de Eólo,
A um trabalho eterno condemnado.

Deve deixar-se a terra , a casa, e a doce

Esposa : e d'essas árvores

Que cultivas sollicito , somente

O odioso cypreste ha-de seguir-te ,

A ti que és dono seu por tempo breve.

Prodigalisará mais digno herdeiro

O Cécubo precioso,

A cem chaves guardado ; e o pavimento

Tingirá d'esse vinho , que devêra

Aos festins reservar-se dos pontífices.

ODE XV.

CONTRA O LUXO DO SEU SÉCULO.

JÁ poucas geiras ao arado deixam

Os grandes edificios majestosos :

Por toda a parte se divisam tanques

Inda mais espaçosos

Do que o lago Lucrino.

Aos olmos , que co' as vides se maridam,

Os plátanos estereis se preferem.

A violeta , o myrto , e as flores todas

Odoríferas proprias

A lisonjear o olfato,

Seu dulcissimo cheiro espargem onde
Os ferteis olivaes enriqueciam
Os seus antigos donos. Os loureiros
Obstam do sol aos raios
Com seus ramos espessos.

Não prescreveram isto as leis de Rómulo,
E do intonso Catão o sabio mando,
E a norma dos antigos. Era módica
Dos cidadãos a renda,
A do estado só grande.

Nenhum particular pórticos tinha
De amplissima grandeza onde pudesse
Do norte respirar os frescos sopros.
As leis não consentiam
O torrão desprezar-se

Que a sorte a cada um subministrára,
Mandando só ornar grandiosamente,
A expensas do público, as cidades,
E dos deoses os templos,
Com um mármore novo.

ODE XVI.

A GROSPHO.

REPOUSO roga o navegante aos deoses,
Do Egêo nas crespas vagas,

Quando denso vapor lhe encobre a lua,
E as nitidas estrellas,
Guia certa dos nautas, não scintillam.
Repouso pede a Thracia
No ardor da guerra: — os Medos, caro Grospho,
De aljáva adereçados,
Buscam repouso, que nem gemmas compream,
Nem púrpura, nem ouro.
As fúlgidas riquezas, os lictores
Que os consules precedem,
Não afastam do animo turbado
Os miseros tumultos,
Nem os cuidados que incessantes giram
Nos magníficos tectos.
Ditoso vive aquelle que, contente
De módica fortuna,
Vê o dos paes luzir saleiro herdado
Em uma mēsa tenue:
Nem lhe tira temor o somno brando,
Nem sórdida cobiça.
Para que é commetter emprezas tantas
Em tão escassa vida?
Para que demandar longíquas terras
Que outro sol aquenta?
Por ventura da patria desterrados
Fugimos de nós mesmos?
Sobe com nosco ao bronzado lenho
O tórbido cuidado;
Nem a través dos esquadrões nos deixa,
Mais ligeiro que os cervos,
Mais ligeiro que o Euro impetuoso

Que os chuveiros agita.
 Alegres c'ò presente, não queiramos
 Escutar o futuro :
 Com riso moderado se tempere
 O amargor dos males.
 Ninguém ha que feliz d' todo seja.
 Tirou ao claro Achilles
 A doce vida muito cedo a morte :
 Velhice prolongada
 Lentamente a Tithão foi consumindo :
 E talvez que o destino
 A mim conceda quanto a ti negára.
 Múgem de ti em roda
 Rebanhos cem, e as vacas de Sicilia ;
 Ouves rirchar as egoas ,
 Para as quadrigas aptas, que sustentas ;
 Finos estofos vestes
 Na púrpura retintos africana :
 A mim só deu a Parca ,
 Não enganosa, limitados campos ;
 Deu-me espírito escasso
 Da Grega Musa lyrica, e um desprêso
 Para o maligno vulgo.

 ODE XVII.

A MECENAS.

PORQUE me desanimas totalmente
 Co' as tuas queixas ? Nem apraz aos deoses,

Nem a mim, que faleças
Primeiro que eu, Mecenas,
Grande honra minha e sólida columna.

Ah! se a força fatal vier ligeira
Roubar-te, a ti metade de minha alma,
Que fica esperando a outra,
Eu, que nem sou tão caro,
Nem posso a ti sobreviver inteiro?

Esse dia verá de ambos o túmulo.
Pérfido não jurei: — iremos ambos:
Quando tu me precedas,
Seguir-te-hei prompto: — iremos
Ambos trilhar o ultimo caminho.

Nem da Chimera o halito de fogo,
Nem Gyas centimano, renascendo,
Poderão arrancar-me
De ti: — assim aprouve
À Justiça potente, assim ás Parcas.

Ou eu haja nascido sob a Libra,
Ou sob o Scorpião formidoloso,
Do mais infausto horóscopo,
Ou sob o Capricornio,
Féro tyranno das hesperias ondas,

Os nossos astros, por incrível modo,
Acordes são. — O teu, súlgido Jove,
Contra o impio Saturno

Te protegeu benigno,
Do destino veloz detendo as azas;

O que tres vêzes applaudira alegre
Em altas vozes no theatro o povo:

O meu, quando cahia
Sobre minha cabeça
Um tronco, fez que Fauno me salvasse,

Propicio aos genios que Mercurio guia,
Co'a mão potente desviando o golpe.

Tu offerece as victimas,
E alça o votivo templo:
Eu sacrificarei cordeira humilde.

ODE XVIII.

A SI MESMO,

■ CONTRA O AVARO.

NEM o marfim, nem o ouro, em minha casa,
No humilde tecto brilham:
Nem as traves do Hymetto ahi repousam
Em solidas columnas
Cortadas na região d'Africa extrema:
Nem o regio palacio
Do Attalo occupei, herdeiro ignoto:
Nem honestas clientes

Para mim fiam púrpuras lacónicas :
Mas em sorte me cabe
A cythara, e de engenho fertil veia : (1)
Pobre, os ricos me buscam :
Não importuno por mais nada os deoses :
Nem ao potente amigo
Peço mais amplos bens, assás ditoso
C'o só predio sabino.
Uns aos outros os dias se succedem,
E as novas luas correm
Para o seu fim. Tu, proximo da morte,
Cortar marmores mandas,
E, esquecido do túmulo, edificas
Majestoses palacios :
Em estender as praias te afervoras,
Retroceder fazendo
O mar que as ondas ruidosas quebra
Sobre a costa de Baías,
Não satisfeito com a terra firme.
Que admira? se do campo.
Até arrancas os vizinhos marcos,
E saltas os limites
Dos clientes avaro? — São expulsos.
A mulher e o marido,
Os seus deoses levando e os seus filhinhos,
Miserrimos no seio.
Nenhum palacio todavia espera.

(1) Tomei *fides* pela *cythara* ou, *lyra*, e não por *bêa-fé*, *probidade*, como se entende vulgarmente. Assim o entendeu também Elpino Duriense, e Duchemin.

Mais certo o opulento
Do que o Orco, que a todos arrebatá.
Para que mais desejas ?
Abre-se aos pobres e dos reis aos filhos
Com egualdade a terra :
Nem do Orco o guarda a Promethêo astuto
Salvára , á força de ouro :
Elle retém a Tântalo soberbo,
E a geração de Tântalo :
E, ou seja chamado ou não-chamado
Do pobre, sempre o ouve,
E o vem alliviar perpetuamente
Dos trabalhos da vida.

ODE XIX.

A BACCHO.

EM remotos rochedos
Eu vi Baccho dictar (crêde-o, vindouros !)
Versos que as doces Nymphas
Aprendiam attentas,
E escutavam, co' a orelha levantada,
Os caprípedes Satyros.

Evohe ! inda estremece
Minha alma de temor, e o peito sente,
Cheio do nume, os ímpetos
De túrbida alegria.

Evohe! perdôa, ó deos, perdôa, ó **Baccho,**
 Cujo thyrsó é tremendo.

 Já posso dignamente
As Thyadas cantar impetuosas,
 De vinho a fonte, e os rios
 De leite copiosos,
E o mel delicioso amplo correndo
 Do concavo dos troncos.

 De tua esposa excelsa
Posso cantar o fúlgido diadema,
 Ornamento dos astros,
 E a queda ruinosa
Dos tectos de Panthêo, e a triste morte
 Do Threicio Lycurgo.

 Tu moderas os rios,
E o crêspo mar dos bárbaros, potente:
 Tu nos cêrros distantes,
 Em teu licor banhado,
Prendes, sem damno, em viperino laço,
 A grenha das Bistónides.

 Tu quando a ímpia cohorte
Dos gigantes tentou, com nimia audacia,
 Subir aos altos reinos
 Do poderoso Jove,
Gom garras de leão e guêla horrenda
 A Rheto repelliste.

Postoque se dizia
Seres mais apto para as leves danças,
Os jogos e os prazeres,
Que para a marcia lide,
Fizeste vêr que eras tão bom na guerra;
Como da paz no seio.

Viu-te placidamente
De aureos cornos ornado o iroso Cérbero;
E, em tua retirada,
Movendo lèdo a cauda,
Teus joelhos e pés lambeu fagueiro
Com a triplíce lingua.

ODE XX.

A MECENAS.

COM não-usadas, não-rasteiras plumas,
Pelos ares irei, vate biforme;
Detido não serei mais sobre a terra:
Superior á inveja,
Deixarei as cidades.

Nem eu, sangue de paes necessitados,
Nem eu, caro Mecenas, a quem chamas
O teu dilecto, morrerei; — retido
Não serei tristemente
Em as estygias ondas.

Já minhas curvas cobrem pelles ásperas ;
Já em candido cisne me transmudo
Na parte superior, e leves plumas
 Por cima de meus dedos,
 E de meus hombros, nascem.

Já mais seguro que dedálio Icaro,
Irei rapidamente, ave canora,
As praias vôr do Bósphoro ruidoso,
 E as syrtes de Getulia,
 E os hyperbóreos campos.

A mim conhecer-me-ha o Colcho, o Dacio,
Que fingem não temer a marsa cohorte,
Conhecer-me-hão os últimos Gelonos,
 E o sabio Ibero, e aquelles
 Que no Rhódano bebem.

Não haja pois, em funeral inutil,
Nénias, gemidos, lucto indecoroso:
Reprime teus clamores, não me venhas
 No sepulchral asylo
 Render honras supérfluas. (1)

(1) Esta Ode, que respira um nobre orgulho e enthusiasmo lyricq, foi escripta por Horacio para servir de epilogo ao primeiro e segundo livre que elle publicou pouco antes da collecção comprehensiva do terceiro livro. Não se sabe precisamente a data d'esta Ode: — Dacier a crê posterior aos successos de Augusto na Hespanha e na Armenia. — Walckenaer considera, segundo o testemunho de antigos escoliadores, terem sido aquelles dois primeiros livros publicados pouco antes do anno de Roma 730, como já se disse na *vida de Horacio*.

LIVRO TERCEIRO.

ODE I.

SENTENÇAS MORAES.

FUJA o profano vulgo aborrecido. (1)
 Vós, silencio guardai: eu, sacerdote
 Das Musas, versos, nunca ouvidos, canto
 Às virgens e aos meninos.

Tremendo imperio os reis tem sobre os povos,
 E sobre os mesmos reis o alto Jove,
 Que dos gigantes triumphára, e move
 C'um aceno o universo.

Plante arbustos á linha um mais do que outro;
 Mais generoso um desça ao marcio campo,
 Buscando as honras; — outro se distinga
 Por costumes e fama,

(1) O nosso Antonio Ferreira assim começou a sua ode 1.^a do liv.
 1.^o —

Fuja d'aqui o dioso
 Profano vulgo, eu canto
 As brandas Musas a uns spritos dados
 Dos ceos ao novo canto
 Heroico e generoso,
 Nunca ouvido dos nossos bons passados.

.

Outro emfim pela turba dos clientes :
Com lei egual sortêa a fatal Morte
Os grandes e os pequenos : — na ampla urna
 Revolve os nomes todos.

O que impia espada vê sobre a cabeça,
Não achará em sículos manjares
Doce sabor , nem lhe trará o somno
 Canto de áves ou lyra.

O somno brando não despreza as choças
Dos rusticos cultores , nem as frescas
Ribas umbrosas , nem de Tempe os valles,
 Que os Zephyros bafejam.

Aquelle que deseja o que só basta,
Nem o mar procelloso o dessocega,
Nem do cadente Arcturo o feroz ímpeto,
 Ou do nascente Capro ,

Nem o graniso quando açoita as vinhas ,
Nem mendaz terra , as árvores culpando
A chuva , ou astros que as campinas torram,
 Ou iniquos invernos.

O mar os peixes contrahido sentem
Co' as no fundo arrojadas amplas moles :
Ahi assiduo c'os serventes lança
 Alicerces o mestre ,

Da terra firme enfastiado o dono.

Mas segue-o medo, seguem-no remorsos,
 Segue-o na bronzea nau negro cuidado,
 E no frisão soberbo.

Se pois não curam o animo doente
 Mármore phrygios, púrpuras brilhantes
 Mais do que os astros, vinhos de Falerno,
 Essencias persianas,

Porque átrios alçarei de traça nova,
 Com porticos soberbos invejados?
 Porque o meu trocarei valle sabino
 Por molestas riquezas?

ODE II.

AOS SEUS AMIGOS.

RECOMMENDA O VALOR, A VIRTUDE, E A FIDELIDADE DO SEGREDO.

NAS arduas lidas marciaes aprenda
 O robusto mancebo
 A soportar, amigos, os rigores
 Da severa pobreza.
 Temivel cavalleiro, a lança em punho,
 Intrépido persiga,
 Avexe os esquadrões dos séros Parthos.
 Exposto de continuo
 As injurias do tempo, a vida passe

Em temerosos trances.
Tal se mostre que, visto da matrona
Do rei belligerante,
E da donzella destinada ás nupcias,
Lá dos muros imigos,
Entre suspiros, n'estas vozes rompam :
» Ah! não provoque o regio
» Esposo, rude na mavorcía lida,
» Este leão sanhudo,
» Que rápido o furor leva cruento
» Por entre as mortandades. »
Doce e glorioso é perder a vida
Em defensa da patria :
Nem á Morte veloz perseguidora
Escapar imagine
O covarde que foge, inda que o esforço
Da mocidade o leve :
Aggravam seu furor tímidas costas.
A virtude, que ignara
Sempre foi do que é sordida repulsa,
Resplandece nas honras
Sem a mais leve mancha : nem acceita
Nem depõe as secures
Por mero arbitrio do versatil pòvo.
A Virtude, franqueando
O ceo aos dignos de existencia eterna,
Vereda trilha insólita :
Despreza as populares assemblêas ;
Deixa a humida terra
No ar movendo as fugitivás azas.
Tem o fiel silencio

Premio seguro. Evitarei solícito
 Morar na mesma estancia,
 Ou embarcar no mesmo fragil pinho,
 Onde se achar aquelle
 Que os arcanos de Cêres revelára:
 Muitas vêzes tem Jove,
 Castigando desprêzos, confundido
 C'o culpado o innocente:
 Raro é que a Pêna, ainda coxeando,
 Não alcance o perverso.

ODE III.

LOUVORES DA JUSTIÇA E DA CONSTANCIA.

DISSCADE DESTRAMENTE AUGUSTO DE TRANSFERIR PARA TROIA.

A CAPITAL DO IMPERIO.

AO VARÃO justo e firme em seu proposito,
 Nem do povo o furor, que ordena crimes,
 Nem de fero tyranno o torvo aspecto,
 Pode abalar o peito,
 Nem o túrbido Austro,
 Dominador do Adriático bravoso,
 Nem do alto Jove a fulminante dextra.
 Se o ceo cahisse espedaçado, os golpes
 Impávido sofrêra das ruinas.

Pollux, d'est'arte, e o vago Alcides foram

15.

Aos átrios estellíferos, e entre elles
Augusto recostado o nectar bebe

Com a purpurea boca.

D'est' arte, ó padre Baccho,
Mereceste que, o indocil collo, os tigres,
Curvando ao jugo, o carro teu puxassem:
D'est' arte, do Acheronte, em os soberbos
Frisões de Marte, Rómulo fugira,

Quando d'esta gratissima maneira
Aos deoses, em conselho, fallou Juno:

» Iliou, Iliou, juiz fatal e incesto

» E uma moça estranha

» A cinzas reduziram;

» Cidade que a mim fôra e á casta Pallas,

» C'o povo seu e fraudulento chefe,

» Adjudicada, desde quando á paga

» Faltou, devida aos deoses, Laomedonte.

» Já não fulgura o hospede famoso

» Da adultera Lacêna; nem a casa

» De Priamo perjura os feros Gregos,

» Com as hectoreas forças,

» Repelle; — a prolongada

» Guerra que as nossas dissensões moveram,

» Terminou. — Cederei a Marte, prompta,

» As graves iras, como o neto odioso

» Que a teucra dera á luz sacerdotiza.

» Consentirei que ás lúcidas moradas

» Romulo suba, o doce nectar beba,

- » E unido seja ao numero dos deoses ,
 - » Que plácidos descansam ;
 - » Comtanto que um mar vasto
- » Seja entre Roma e Troia irado sempre.
- » Felices n'outra parte os desterrados
- » Reinem , comtanto que o armento insulte
- » Os túmulos de Priamo e de Páris ;

- » E impunemente ali as bravas feras
- » Os seus filhos occultem. — Permaneça
- » Resplandecente o Capitolio , e possa
 - » A bellicosa Roma ,
 - » Triumphando dos Medos ,
- » Dictar-lhes leis. Formidolosa estenda
- » Seu amplo nome aos mais remotos climas ;
- » Onde d'África a Europa o mar divide ;
- » Onde o tímido Nilo os campos rega.

- » Mais forte seja em desprezar o ouro ,
- » Que seria melhor ficasse occulto
- » Na terra , que em força!-o ao uso humano
 - » Com sacrilega dextra
 - » Que ávida nada poupa.
- » Quando lhe obste algum término do mundo ,
- » Leve lá suas armas , se appetite
- » Vêr onde os fogos férvidos se agitam ,
- » Onde as névoas e os frígidos orvalhos.

- » Mas aos Romanos bellicosos dicto
- » Estes fados co' a clausula de nunca ,
- » Por nimiammente pios e fiados

- » Em a sua fortuna,
- » Repararem os tectos
- » Da avita Troia. Troia renascente
- » Sob auspícios fataes, em seus estragos
- » Recahirá. Esposa e irmã de Jove,
- » Eu guiarei as vencedoras tropas.

- » Se Phebo alçara os seus aheneos muros
- » Vêz terceira, arrazaram-nos meus Gregos
- » Terceira vêz: — a esposa em captiveiro
 - » Vêz terceira chorára
 - » Seu marido e seus filhos. »

Mas não convem á cythara jocosa

Este assumpto: — onde vás, ó Musa? cessa

De dizer pertinaz fallas dos deoses,

E attenuar com debil som grandezas.

ODE IV.

A CALLIOPE.

DESCE dos céos, Calliope adorada,
 Majestosa rainha, longo canto
 Solta da doce flauta, ou, se antes queres,
 Da aguda voz, da lyra,
 Da cythara de Apollo.

Não a ouvís? ou é insania amavel

Que acaso me allucina? Cuido ouvi-la

Vêl-a errar pelos sacros bosques, onde
Os riachos e os zephyros
Fazem sussurro ameno.

Sendo eu menino, as fabulosas pombas,
Fôra das raias da natal Apulia,
Lasso de brincos e de somno oppresso,
Me cobriram, no Vultur,
De verdes novas folhas;

Causando viva admiração a quantos
Da alta Acheroncia no recinto moram,
A quantos vivem nos bantinos bosques,
E da humilde Ferento
Nos campos fertilissimos,

O vêr-me infante alí dormir seguro
Entre as damnosas viboras e os ursos,
Coberto só de sacro louro e myrto,
Valor que só podiam
Dar os deuses excelsos.

Vós sois, ó Musas, meu potente auxilio:
Vós me guiais, ou de Sabina aos montes,
Ou á fria Preneste, ou ás collinas
De Tibur, ou a Baías,
Onde corre um ar puro.

Por vossas fontes eu amar e córos,
Me salvei da derrota de Philippos,
E da árvore funesta, e dos perigos

Junto de Palinuro
Em as sículas ondas.

Sempre que me seguides, voluntario,
Irei expor-me, nauta destemido,
Ao tormentoso Bósphoro, e da Assyria
Passarei, viandante,
As áridas arêas.

Irei vêr os Britannos truculentos
C'os hospedes, e os Côneancs que bebem
O sangue equino: — irei vêr os Gelonos
De arco armados, e, illeso,
Cruzarei o mar scythico.

Vós o alto Cesar, quando nas cidades
Tem recolhido as fatigadas cohortes,
Buscando termo aos bellicos trabalhos,
Recreais docemente
Em a pieria gruta.

Vós lhe dais suavissimos conselhos,
E de os ter dado vos encheis de gloria.
Sabemos como destruíra a bárbara
Tropa de impios Titanes
Com o fúlgido raio,

O ser potente que unico sustenta
A terra inerte, o bravo mar modera,
E, rectissimo sempre, os tristes reinos,
As cidades, os divos,

E os mortaes todos, rege.

**Esses horridos moços, confiados
Na força, e seus irmãos, dos duros braços,
Grave terror haviam dado a Jove,
Tentando pôr o Pélion
Sobre o sombrio Olympo.**

**Mas Thyphêo que podia e o forte Mimas,
Que podia o minaz Porphyryon, Rheco,
O audaz Encélado, que avulsos troncos
Atira, contra a égide
De Pallas, sonora?**

**De um lado estava a poderosa June,
Via-se do outro o ávido Vulcano,
E o deos que nunca deporá dos hombros
O seu arco terrível,
Que seus cabellos soltos**

**Nas agoas puras de Castalia banha,
Que de Lycia nas matas e nos bosques
Onde berço tivera, predomina,
Com o nome de Delio
E Patharê-Apollo.**

**Cabe por seu pêsso a força sem conselho:
A força temperada de prudencia
De mais em mais os deoses a levantam:
É-lhes só odiosa
A que se arroja ao crime.**

D'estas verdades clara testemunha
É Gyas centimano, e é Oríon,
Que, tentando violar Diana pura,
Foi por ella passado
Com a virgínea seta.

Afflige a terra que seu pêso opprime
Os monstros que gerou: — deplora os filhos
Que ao Orco negro arremessára o raio;
Que o fogo não consuma
O Etna que os comprime.

De Ticyo incontinente o fero abutre,
Algoz constante, os figados não deixa;
E em mil cadeias ásperas expia
Seu plano criminoso
O amador Pirithoo.

ODE V.

LOUVORES DE AUGUSTO E DE REGULO.

CREMOS reinar no céu Jove potente
Rebramando o trovão: — um deos na terra
Será reconhecido Augusto, unindo
Ao imperio os Britannos
E os formidaveis Persas.

Pôde de mulher bárbara fazer-se
O soldado de Crasso esposo infame?
Pôde (oh Curia, oh costumes transmudados!)
 Envelhecer nos campos
 De sogro seu imigo

O Apulio, o Marso, sob um rei dos Medos,
Ancilios esquecendo, e nome e toga,
E a eterna Vesta, incólumes brilhando
 O Capitolio ainda
 E a cidade de Roma?

Isto a prósida mente pertendêra
De Régulo obviar, quando impugnára
Os torpes pactos, e o funesto exemplo
 Que á idade vindoura
 Traria grã ruina,

Se não morressem os vencidos moços
Sem dó no cativeiro. » Eu vi nos templos
» De Carthago fixar nossas bandeiras,
 » Disse, e sem correr sangue
 » Tirar as nossas armas.

» Eu vi de livres cidadãos na espalda
» Torcidos braços, vi reabrir as portas,
» E cultivar os campos que assolado
 » Haviam triumphantes
 » Nossos bravos guerreiros.

» Resgatado virá á força de ouro

- » Mais valente o soldado?... á deshonra
- » A pérda juntareis: — nem a lá tinta
 - » De púrpura recobra
 - » A sua côr perdida,
- » Nem a virtude, que uma vêz cahira,
- » Se torna a levantar no fragil peito.
- » Quando, de densas rêdes livre, a cerva
 - » Pugar, poderá vêr-se
 - » Esforço no covarde
- » Que se rendêra a pérfidos imigos:
- » Poderá derrotar então os Penos
- » O que sentira, nos ligados braços,
 - » As cadeias inerte,
 - » E houvera medo á morte.
- » Este, ignorando como a vida salve,
- » Supplice, no combate, a paz pedira!
- » Ó pejo!... O grã Carthago que, orgulhosa,
 - » Sobre as torpes ruínas
 - » Te levantas de Italia! »

Conta-se que, julgando-se sem patria,
Da casta esposa os ósculos extremos,
E os doces tenros filhos, repellira,
Com ar viril na terra
Fixando os torvos olhos,

Até firmar os vacillantes padres
Em seu conselho, nunca d'antes dado:

E que, por entre amigos lagrimosos,
Partira heroicamente
Para o duro desterro.

Sabia que supplicio o algoz barbaro
Lhe preparava: — mas não de outra sorte
Dos parentes, que o obstem, se separa,
E do povo que busca
A partida deter-lhe;

Como se, as lides já sentenciadas
Dos seus clientes, os negocios longos
Deixasse, para ir enfim nos campos
Descançar ledamente
De Venafro ou Tarento.

ODE VI.

AOS ROMANOS.

Os delictos dos teus progenitores,
Bem que immeritamente,
Romano, expiarás, té que restaures
Dos altos deoses os ruinosos templos,
E os simulachros que manchára o fumo.

Porque te curvas humildoso aos deoses,
Tens soberano imperio;
São de tudo principio, e fim de tudo.

Os deoses desprezados grandes males
À triste Hesperia luctuosa deram.

Já vêzes duas repelliu a tropa
De Monésés e Pácoro
Nossos esforços, ao augurio adversos:
E os exiguos escudos seus esplendem
Co'as riquezas de que nos despojaram.

O Daco e Ethíope estiveram quasi
Aniquilando Roma,
A dissensões domesticas entregue:
Um formidavel em possante esquadra,
Outro nas setas de arremesso rápidas.

Os séculos fecundos em delictos,
O thalamo primeiro
Viciaram, as raças, as familias:
D'esta origem impura amplos desastres
Corrêram sobre a patria, sobre o povo.

Folga a donzella de adestrar-se adulta
Em as jónicas danças,
Requebrando com ar voluptuoso
Os doces membros, e de tenra idade
Amores criminosos já medita.

Nos laços prêsa conjugaes em breve,
De seu marido á mêsá,
Busca inflamar adúlteros mancebos;
Nem a quem dê, distante a luz, escolhe

As furtivas caricias amorosas ;

Mas , em presença do marido mesmo ,
De seu ultraje conscio ,
Se levanta , ao sinal de um traficante ,
À ordem de um senhor de nau hispana ,
Que ricamente a infamia remunere.

Não nasceu d'estes paes a valorosa .
Mocidade guerreira
Que do púnico sangue o mar tingíra,
Que derrotára ao orgulhoso Pyrrho,
Ao grande Antíoco , e ao cruel Annibal.

Prole viril de rusticos soldados
Ella foi , avezada
A revolver c'os enxadões sabellicos
A dura gleba, e a conduzir nos hombros,
A voz da mãe severa , os páos cortados,

Logo que o sol , accelerando o carro ,
Dos altissimos montes
As sombras trasmutava, e desprendia
Os fatigados bois do grave jugo,
Trazendo as horas do repouso amigo.

Que não estraga o tempo rigoroso ?
Nossos paes , já peores
Do que nossos avós , nos produziram
Mais viciosos , e será ainda
Nossa pro genie de mais vicios cheia.

ODE VII.

A ASTERIE.

PARA que choras , ó Asterie , a ausencia
Do joven Gyges , que os Favonios brandos,
Na primavera proxima , opulento
Do commercio bithynico ,
Virão restituir-te ,
Em seu amor constante ?

Elle , quando voltava , accommettido
Dos Notos fôj , após os procellosos
Caprinos astros , e arrojado ao Órico,
Onde , perdido o somno ,
Passa frigidias noites ,
Em lágrimas banhado.

Comtudo Chloe , hospeda sua , um nuncio
Sollicita lhe envia , a declarar-lhe
Que geme e arde mísera por elle
Nos fogos que te abrasam,
O qual tenta attrahil-o
Por mil modos astuto.

Pinta-lhe como a pérſda consorte
De Prieto , a crel-a facil , o impellira,
Por iniquas malévolas calumnias ,
A que do nimio-custo
Bellerophonte a morte
Accelerasse iroso.

Conta-lhe que Pelêo esteve a ponto
De ir o Tartaro vêr, por, continente,
De Hippolyta á paixão haver fugido.
 Emfim por seduzil-o,
 As historias relata
 Do vicio instigadoras;

Mas em vão; pois mais surdo que os rochedos
Do mar Icario, inabalavel ouve
Estes discursos. Tu porem ser cauta
 Deves quanto ao visinho
 Enipêo, evitando
 Te agrade nimiamente;

Inda que se não veja outro tão habil
A dirigir no verde marcio campo
Um soberbo cavallo, nem se veja
 Quem egualmente corte
 Tão rápido, nadando,
 A toscana corrente.

Assim que anoitecer a porta fecha:
Não olhes para a rua quando ouvires
As suas queixas na sonora flauta:
 E quando elle mil vêzes
 Te chamar insensivel,
 Insensivel te mostra.

ODE VIII.

A MECENAS.

ADMIRAS, ó Mecenaz,
Versado na lição de ambas as linguas,
Que solteiro eu pertenda
O dia primo celebrar de março:
Imaginar não podes
Para que sejam estas lindas flores,
Este vaso de incenso,
Este brazido em verde relva posto.
Votado a Baccho eu tinha
Quando proximo estive a ser ferido
Da árvore funesta,
Gratos banquetes e um cabrito branco.
Este dia festivo
É d'esse o anniversario, em que a cortiça
Com péz abetumada
Tirar-se deve á amphora de vinho,
Que amaciar-se ao fumo
Quando era consul Tullo começára.
Bebe, caro Mecenaz,
O salvo amigo com cem copos brinda,
E dure este banquete
À luz das tochas té raiar o dia.
Para longe se arredem
Clamores e fras. Os civis cuidados
Que te dá Roma, deixa.
Do Dacio Cotison já derrotada
Foi a tropa, e os infestos

Médos as armas luctuosas voltam
 Contra si dissidentes.
 O Cántabro, que habita os fins da Hespanha,
 Antigo adverso nosso,
 Entre cadeias, bem que tarde, geme :
 Já os Scythas meditam
 Ceder o campo, desarmando os arcos.
 Deixa-te pois de assiduo
 No socêgo velar, no bem, do pôvo :
 Considera-te como
 Simples particular : desfruta alegre
 Da hora presente os mimos,
 E não cogites em negócios graves.

ODE IX.

DIÁLOGO.

ENTRE HORACIO E LYDIA.

HORACIO.

EM quanto a ti fui caro,
 E não cingiam de mais digno moço
 Teu alvíssimo collo os ternos braços,
 Fui mais ditoso do que o rei dos Persas.

LYDIA.

Em quanto não ardeste
Por outra mais, e a Lydia preferida
Não era Chloe, eu Lydia mais gloriosa
E mais célebre fui que Ilia romana.

HORACIO.

Hoje Chloe me domina,
Que docemente canta e a lyra pulsa,
Por quem sofrer a morte eu não temêra,
Se assim pudesse conservar-lhe a vida.

LYDIA.

Por mim, em mutua chamma,
Arde o lindo Calais, filho de Ornithio:
Por quem eu sofreria duas mortes,
Se assim pudesse conservar-lhe a vida.

HORACIO.

Mas se o amor antigo
Tornasse e nos prendesse em bronzeo vínculo?
Se fosse a bella Chloe de todo expulsa,
E á desprezada Lydia aberta a porta?

LYDIA.

Posto que elle mais lindo

Que os lindos astros seja , e tu mais leve
Que a cortiça , e feroz mais que o Adriático,
Viver quizera eu só , morrer , contigo.

ODE X.

A LYCIA.

QUANDO na origem do remoto Tánais
Bebesses , Lycia , e a um cruel marido
Ligada fosses , não pudéras vêr-me
Sem lagrimas , á porta tua exposto
Aos Aquilos furentes.

Não ouves com que estrépito rebramam
Nas tuas portas e no verde bosque,
Que os lindos tectos te circunda , os ventos ?
Não vês como o ár puro gela as neves
Que sobre a terra cahem ?

Perde a soberba , a Venus odiosa,
Porque a roda fatal não retroceda.
Não te gerou por certo um pae tyrrheno
Para seres Penélope difficil
Aos ternos amadores.

Bem que nem dádivas , nem preces , Lycia,
Nem a pallida côr dos que te adoram,
Nem vêr nos braços de piéria moça

Teu marido, mover-te possam, poupa
Os supplices amantes,

Tu dura mais que os rígidos carvalhos,
De animo mais cruel que as serpes maurus.
Não haverá na tua porta sempre
Quem sofrer queira recostado a injuria
Do ár e dos chuveiros.

ODE XI.

A MERCURIO.

MERCURIO, que ensinaste ao docil Amphion
Co' a doçura a mover do canto as pedras,
E tu, ó lyra, que das sete cordas
Soltas sons tão suaves:

Que, inharmónica outr'ora e ingrata, és hoje
Das mèsas ricas o prazer, dos templos;
Vozes me ensina, às quaes Lydia obstinada
Os ouvidos applique;

Ella que, como a poldra em largos campos,
Brinca saltando, e sêr tocada teme,
De amor ignára e muito tenra ainda
Para esposo protervo.

Tu podes tigres após ti e selvagens

Arrastar, e deter rápidos rios.
Cedeu da negra estancia o fero guarda,
Cérbero, ás tuas vozes,

Bem que lhe cingem a furial cabeça
Cem rábidas serpentes, e que solta
Halito negro e venenosa escuma
Das horridas trisauces.

Ixion e Ticyo até, entre tormentos,
Mostraram ledo rosto, e um pouco a urna
Se seccou das Danaides, escutando
Teus sons harmoniosos.

Ouçã Lydia o delicto e as duras pênas
D'estas tristes donzellas, condemnadas
A encher d'agoa um tonel roto no fundo,
Ouçã os fados perennes

Que no Orco até os negros crimes punem.
Estas ímpias (pois ha nada mais horrido?)
Estas ímpias puderam seus maridos
Passar com duro ferro.

Uma só d'entre tantas, certo digna
Da tocha nupcial, com summa gloria
Mentiu ao pae perjuro, esclarecida
Em todas as edades.

» Ergue-te, disse a seu esposo joven,
» Ergue-te, afim que a mão que não receias

- » Te não dê somno eterno : — illude o sogro,
 » E essas irmans cruentas,
- » As quaes, como aos novilhos as leões,
 » Seus maridos , oh dor ! impias laceram.
 » Eu , mais humana , nem ferir-te quero,
 » Nem aqui demorar-te.
- » Lance meu pae em mim duras cadeias,
 » Porque poupei clemente o esposo mísero,
 » Ou em nau me desterre para os campos
 » Extremos dos Numidas.
- » Vae, onde os pés e os ventos te levarem,
 » Em quanto a noite e Venus te protegem :
 » Vae em boa hora , e em meu sepulcro versos,
 » Que me recordem , grava. »

ODE XII.

A NEÓBULA.

É DAS míseras proprio não render-se
 De amor aos risos , nem banir do peito
 Com deçe vinho as magoas , ou em sustos
 Perseverar temendo
 De um tio a lingua acerba.

○ mimoso cestinho onde guardavas

As finas lans , Neóbula , roubou-t'ó
 Da linda Cytherêa o filho alado :
 As telas e o exercício
 Da operosa Minerva

Já não te agradam , desde que a belleza
 Te captivára de Hebro , cavalleiro
 Que sobrepuja até Bellerophonte,
 E que, invicto nos jogos
 Do césto e veloz curso,

Vae os membros banhar , ungidos de oleo,
 No flavo Tibre ; — que , agitando os gamos,
 Fugitivos no campo astuto os fere ;
 Que apanha em densa brenha
 O javali occulto.

ODE XIII.

À FONTE DE BLANDUSIA.

Ó FONTE de Blandusia,
 Lúcida mais que o vidro , tu és digna
 Das libações de doce vinho em taças
 Adornadas de flores.
 Hei-de amanhã brindar-te
 Com um tenro cabrito,

 Cujas pontas nascentes

Na fronte sua tãrgida o destipam
Para o amor e a peleja, em vão, pois essa
Prole da grei lasciva
Ha-de c'o rubro sangue
Tingir-te as frias agoas.

A Canécula ardente
No momento o mais férvido não sabe
Tuas bordas tocar: — frescura amena
Dás aos bois fatigados
De o arado moverem,
E ao vagabundo armento.

Entre as fontes famosas
Memorada serás quando meu canto.
Celebrar a azinheira sobreposta
Nos concavos rochedos,
D'onde se precipitam
Tuas agoas sonoras.

ODE XIV.

AOS ROMANOS,

NA VOLTA DE AUGUSTO.

Ó ROMANOS, o príncipe que fora
Colher, a exemplo de Hercules, os louros
Que se compram co' a morte,

Cesar, triumphador do solo hispano,
Aos seus Penates glorioso volta.

A esposa, alegre ao vêr o caro esposo,
Marche em pompa ao altar dos justos deoses,
E a irmã do chefe claro,
E as mães das virgens e dos moços salvos,
Ornando a frente de sagradas fitas. (1)

Vós, mancebos, e vós, conjuges bellas,
Deixai sinistras vozes. Este dia,
De certo a mim festivo,
Desterrará tristissimos cuidados.
Nem o tumulto, nem forçada morte,

Fu temerei regendo o mundo Cesar.
Vae, moço, aromas e grinaldas busca,
E uma amphora que a guerra
Lembre dos Marsos, se escapar alguma
Pòde ás rapinas do vagante Spártaco.

Á cantora Neóra tambem dize
Que venha pressurosa, os seus cabellos
Atando perfumados.
Se o seu porteiro odioso algum obstaculo
Acaso te puzer, ligeiro volta.

(1) As damas romanas, quando faziam sacrificios aos deoses, preces publicas e procissões, por occasiões extraordinarias, ornavam a cabeça de fitas sagradas.

Cabello embranquecido afrouxa os animos
Os mais ardentes, ávidos de lides

E de rixas protervas.

Não sofreria eu isso, não, quando era
Ardido moço, e era consul Planco.

ODE XV.

A CHLORIS.

MULHER do pobre miseravel Ibyco,
Põe termo finalmente
Á tua ignobil desregrada vida,
Aos míseros trabalhos
Infames teus. Já proxima da morte,
Não prematura, cessa
De entrar nas danças co'as gentis donzellas,
Lançando negra novem
Entre as estréllas nítidas. Não, Chloris,
Não é de ti já proprio
O que a Pholce compete. Melhor fica
Á filha tua as casas
Expugnar dos mancebos, qual Bacchante
A quem des ataba'les
O som enfiurecêra. A paixão viva
Que por Notho ella sente,
A faz saltar como lasciva cabra.
A ti porem, já velha,
Fiar as finas lans só de Lucéria

Convem, e não a lyra,
Não as rosas purpureas, nem a amphora
Esgotar té ás fezes.

ODE XVI.

A MECENAS.

ENGERRADA Danae em bronzee torre,
De rijissimas portas, defendidas
Por vigilantes cães, guardas severas,
 Seria inacessivel
 Aos nocturnos amantes,

Se Jupiter e Venus, do cuidado
Com que Acrisio occultava a virgem pávido,
Não zombassem, sabendo que teria
 Um deos, mudado em ouro,
 Via franca e segura.

O ouro folga de romper por entre
As sentinellas, de quebrar rechedos.
Potente mais que o raio furibundo.
 Perdeu o amor do ouro
 Do áugur argivo a casa.

Quebrou o chefe macedonio as portas
Das cidades, e os reis domcou altivos,
Emulos seus, por dádivas. Com dádivas

Os capitães se vencem
Das naus endurecidos.

Mas dos thesouros o augmento seguem
Duros cuidados, sôfrega cubiça.
Sim, ó Mecenas, flôr dos cavalleiros,
Com razão hei temido
Alçar conspicua fronte.

Quanto mais denegar a si o homem,
Mais lhe darão os soberanos deoses.
Dos que nada cubiçam, desprovido,
Busco o arraial, e transfuga
Deixo o campo dos ricos,

Mais luzido senhor dos desprezados
Modicos bens, do que se em meus celleiros
Quanto o Apúlio diligente lavra
Eu recolhesse, pobre
Entre grandes riquezas.

Um regato perenne de agoa pura,
Uma floresta de bem poucas geiras,
Uma messe segura, mais ditoso
Me fazem que o rei lúcido
Que rege a fertil Africa.

Nem que me não forneçam de Calabria
As abelhas seu mel; nem amadure
Baccho o meu vinho em lestrygonias amphoras,
Nem finas lans me cresçam

Nas pastagens da Gallia ;

A importuna pobreza, não, não sinto :
 Nem tu, se eu mais quizesse, m'o negáras.
 Melhor eu pagarei tributo escasso,
 Restringindo o desejo,
 Que se aos campos mygdonios

O amplo reino alyattêo unisse.
 Aos que muito desejam muito falta.
 É bem ditoso aquelle a quem os deoses
 Com parca mão doaram
 O que basta somente.

ODE XVII.

A ELIO LAMIA.

O ELIO, que derivas a nobreza
 Do antigo Lamo (pois os Lamias primos,
 Como se pensa e os fastos denunciavam,
 D'elle o nome tomaram
 Que passou a seus netos),

Sim, que tiras a origem d'esse principe
 Que de Fornias, se diz, fundára os muros,
 Dilatando o imperio até ás praias
 De Marica, que o Liris
 Placidamente banha,

Amanhã nos trará procella horrisona
 O Euro, as folhas arrancando aos bosques,
 E lançando na praia a alga inutil,
 Se não me illude a gralha,
 Que as chuvas presagia.

Em quanto podes, secca lenha aprompta :
 Amanhã nos daremos aos prazeres,
 C'os domésticos livres de trabalho,
 Saboreando o vinho,
 E um leitão de dois mezes.

ODE XVIII.

A FAUNO.

FAUNO, amador das Nymphas
 Que rápidas te segem,
 Peça-te que benigno
 Por meus confins e amenos campos passes,
 E d'elles te retires favoravel
 Às pequeninas crias dos rebanhos;

Já que tenro cabrito
 No fim do anno te immolo ;
 Que não falece á taça ,
 Companheira de Venus , amp'o vinho ;
 Que faço arder em teu altar vetusto
 Copiosos perfumes odoríferos.

Sempre que chega o dia
 Das nonas de dezembro,
 A ti sagrado, brincam
 Os gados todos sobre o campo hervoso,
 Ociosos no prado os bois descansam,
 E entre elles festival a aldêa folga.

Os cordeiros, audazes,
 Por entre os lobos erram;
 Os bosques vêrdes folhas
 Espalham sobre o chão em honra tua;
 E tres vêzes a terra aborrecida
 C'ò pé o agricultor alegre bate.

ODE XIX.

A TELEPHO.

QUANTOS séculos hajam decorrido
 Desde Inacho até Codro,
 Que impávido morrer quiz pela patria,
 Narras, Telepho, como a descendencia
 De Eáo, e as guerras que Ilio sagrada
 Viu ao pé de seus muros.

Mas por que preço do licor de Clio
 Uma amphara compremos;
 Quem agaa nos aqueça para os banhos;
 Quem nos forneça casa, e dos Peiões

A que hora o frio repellir possamos,
Tudo em silencio deixas.

Enche apressadamente, ó moço, o copo :
Eu brindo a nova-lua :
Torna a enchê-lo, a meia-noite eu brindo :
Enche-o de novo, brindo o áugur Murena :
Nas amplas taças copos tres ou nove
Do licor se misturem.

O vate que venera as Musas ímpares
Attonito tres copos
Vezes tres pedirá. A Graça, unida
Às irmans nuas, receando as rixas,
Não permite que mais de tres se beba.
Enlouquecer me agrada.

Porque não sôa a tibia berecynthia ?
Porque tácita pende
A cythara suspensa com a flauta ?
Ociosas mãos odeio. Esparge as rosas.
Ouça o estrepito insano o invido Lyco,
E a visinha não propria

Para tal velho. Tu, que resplandeces
C'os espessos cabellos,
Á semilhança do fulgente Vé-pero,
Gosas, Telepho, o amor da joven Chloe :
Eu, abrasar-me sinto em fogo lento
Pela minha Glycera.

ODE XX.

A PYRRHO.

Não vês, ó Pyrrho, que perigo corres
 Tirando á leão de Getulia os filhos?
 Covarde roubador, á pugna acerba
 Fugirás brevemente,

Quando, por entre a multidão dos moços,
 Ella em procura fôr do bello Nearcho.
 Grande pejeja sobre qual consiga
 A prêza. Mas em quanto

Da aljiva as setas voadoras tiras,
 E ella os dentes aguça formidandos,
 Diz-se que o joven árbitro da lide
 Sob o pé nu puzera

A palma, e dera ao Zephyro os cheirosos
 Cabellos, pelos hombros espargidos:
 Qual o lindo Nirêo, ou Ganymedes
 Roubado sobre o Ida.

ODE XXI.

A AMPHORA.

Ó AMPHORA, que foste fabricada
 Quando eu nasci, e era consul Manlio,

Tu trazes no teu seio
Queixas ou risos, bulhas
E doudices de amor, ou facil somno.

Qualquer que seja o nome com que guardas
O Mássico selecto, tu és digna
De apparecer n'um dia
Festival. Desce, entorna
Teu suave licor, Corvino o manda.

Bem que embebido nas lições socráticas,
Elle não ha-de desprezar-te austero.
Conta-se que do antigo
Catão fora cem vêzes
Reanimada a virtude com bom vinho.

Tu ao engenho, duro ás vêzes, fazes
Violencia benigna: — tu dos sabios,
Com teu licor que alegre,
Os cuidados occultos,
Os intimos segrêdos, manifestas.

Tu a esperanza restitues e as forças
A' mente afflicta, e dás audacia ao pobre,
Que, após os teus favores,
Nem as férvidas frás
Teme dos reis, nem as legiões armadas.

Baccho e Venus, se leda assiste, e as Graças,
Que laço estreito prende, e a luz das tochas,
Farão que te prolongues

Até que o róseo Phebo
Volte, da noite afugentando os astros.

ODE XXII.

A DIANA.

Ó VIRGEM protectora
Dos montes e dos bosques,
Que, invocada tres vêzes das esposas
No acto de ser mães penoso sempre,
As ouves e subtrahes,
Triforme deosa, á morte.

Este pinho imminente
A meu rustico tecto,
Eu te consagro, o qual cada anno, alegre,
C'o sangue banharei de um pequenino
Varrasco, que medicte
Dar já obliquo golpe.

ODE XXIII.

A PHYDILE.

Se levantares, rústica Phydile,
Supplices mãos ao céu na lua nova;

Se fzeres propícios
Os deoses Lares, com cheiroso incenso,
Com fructos do anno, e ávida leitôa;

Nem sentirão o Africo damncso
As ferteis vides, nem fará estereis
As seâras a alforra,
Nem hão-de as crias dos rebanhos tenras
Soſrer os males da estação pomífera.

A promettida victima que pasce
Entre carvalhes e azinheiras, sobre
O Álgido nevoso,
Ou cresce de Alba nas pastagens, deve
Tingir c'o sangue o ferro dos pontifices.

Não, a ti não pertence, que engrinaldas
De cheiroso alecrim, de fragil myrto,
Os teus pequenos deoses,
Tentar de os attrahir sacrificando
Um numero avultado de cordeiros.

Se purissimas mãos tocaram n'ara,
Sacrificios magníficos não hão-de
Os irritados deoses
Apaziguar melhor, que de uma pouca
De escandea, e pouco sal, devota offrenda.

ODE XXIV.

CONTRA OS VICIOS DO SEU SÉCULO.

BEM que, opulento mais que se os thesouros
Possuisses intactos
Da Arabia e da India, de edificios archas
O mar Tyrrheno e Apúlico;
Se nos cumes excelsos a inhumana
Fatal Necessidade
Fixar seus pregos diamantinos, o animo
Não livrarás do mêdo,
Nem dos laços da morte a fronte altiva,
Os Scythas camponezes,
Que em carros tiram as errantes casas,
Melhor passam a vida,
E os feros Getas, cujas terras livres,
Sem divisão marcada,
Fructos e messes dão communs a todos;
Nem lhes praz a cultura
Por mais de um anno, findo o qual, é logo
Cada um substituido
Por outro, de egual sorte, nas fadigas,
Ahi aos enteados
Innocente a madrastra a vida poupa:
A esposa, por ter dote,
Não governa o marido, nem se fia
De adúltero brilhante.
O dote da donzella mais subido
E' dos paes a virtude,
E a castidade no consorcio, amando

Seu homem só, não outro.
Ahi nefando crime é detestado,
Ou tem por premio a morte.
Oh! esse que tentar pôr termo ás impias
Matanças, e aos furores
Das civis guerras, se inscripções deseja
Em estatuas que o chamem
Da patria pae, a refrear se atreva
A indomita licença,
E assim claro será entre os vindouros;
Já que nós (oh maldade!)
Incólume a virtude aborrecemos,
De inveja, e a desejamos
Quando já não assoma a nossos olhos.
Que montam tristes queixas
Se supplicio nenhum a culpa corta?
As leis, vans, sem costumes,
De que aproveitam? Se do mundo a parte
Que os férvidos calores
Perenne abrasam, se a região de Bóreas
Finítima, se as neves
Endurecidas sobre o solo, o ávido
Mercador não arredam?
Se o horror equoreo astutos nautas vencem?
Se a pobreza, que opprobrio
Grandissimo é, fazer e sofrer tudo
Manda, e da ardua virtude
O caminho deixar? Ao Capitolio,
Onde os gritos e applausos
Da multidão nos chamam, dediquemos
Os fúlgidos diamantes,

As pérolas, e o ouro inutil, causa
De nossos males todos,
Ou antes do mar proximo isso tudo
Nos abysmos lancemos.
Se nos penalisamos vivamente
De nossos crimes, cumpre
Tirar pela raiz os elementos
Da perversa cubiça,
E formar em mais duros exercicios
Os espiritos tenros
Da mocidade. Ignora o moço illustre
Firmar-se n'um cavallo,
E de ir á caça teme, quando sabe
Melhor jogar, ou seja
C'o peão grêgo, ou seja com os dados,
Pelas leis prohibidos.
Entretanto seu pae, com grã perfidia,
O coherdeiro, o socio,
O hospede seu engana, e pressuroso
Cabedaes accumula
Para esse herdeiro indigno. Na verdade
As improbas riquezas
Lhe crescem, mas não sei que cousa sempre
Falece ao seu thesouro.

ODE XXV.

A BACCHO.

A ONDE, ó Baccho, me arrebatas, cheio
De teu divino espirito? A que bosques,
A que antros sou levado pelos impetos
De enthusiasmo novo?

Em que grutas será que, meditando
Na eterna gloria do alto Cesar, ouse
Alça-lo aos astros em meus versos, põl-o
No conselho de Jove?

Direi cousas sublimes, cousas novas,
Que inda não disse outro cantor, tomado
Do mesmo espanto que a Bacchante, quando,
Acordando nos montes,

O Hebro vê, e alvejar da Thracia as neves,
E por barbaro já trilhado o Rhódope.
Como, dévio, admirar folgo os rochedos,
E os solitarios bosques!

Ó das Náiades rei, e das Bacchantes,
Cujas válidas mãos arrancar podem
Os altos freixos, não direi, cantando,
Nada que escasso seja,

Nada de humilde, eu de um mortal só proprio.
Du'cissimo é, Lenéo, se perigoso,

Seguir um nune cuja fronte excelsa
Cingem pámpanos vèrdes.

ODE XXVI.

A VENUS.

VIVI ainda ha pouco acceito ás damas,
E não sem gloria militei: — agora
As armas e a lyra
Que me ajudára na amorosa guerra,
Na parede suspendo,

Que ao lado esquerdo da marinha Venus
Fica no templo. Aqui os fachos lúcidos,
Alavancas e arcos,
Que ameaçavam as fechadas portas,
Aqui, mancebos, ponde.

Ó deosa que possues Chypre ditosa,
E Memphis livre das sithonias neves,
Poderosa rainha,
O flagello levanta, e a Chloë soberba
Uma só vêz castiga.

ODE XXVII.

A GALATÊA.

SIGAM aos inípicos os presagios tristes,
Gritos de mocho, e grávida cadella,
Ou ruiva loba do Lanuvio campo
 Discorrendo, ou rapôsa
 À luz os filhos dando :

O seu caminho rábida serpente,
Atravessando-se qual seta, rompa,
Pondo os cavallos em terror. Eu quando,
 Próvido áugur, me assusto
 Por objecto querido,

Antes que aos lagos pantanosos volte
Ave adivinha de imminentes chuvas,
Com vivas preces moverei o corvo
 A que venha grasnando
 Do clima onde o sol nasce.

Vae ser ditosa, Galatêa, acende
Mais desejares, e de mim te lembra :
O sinistro picango não te vede,
 Nem a errante gralha,
 Seguir o teu designio.

Mas vês como ruidoso se accelera
O inclinado Orion? Eu sei quanto
O Adriatico sino negro seja,

E quanto perigoso
É o Japis sereno.

As mulheres e os filhos dos imigos
Sintam do Austro nascente o furor cego,
E o frémito do mar ennegrecido,
E o açoite das vagas
Nas abaladas rochas.

Assim do touro enganador Europa
O níveo lado confiou ousada,
E brevemente desmaiou ao ver-se
Em o mar procelloso
Rodeada de monstros.

Cuidadosa inda ha pouco em colher flores
Nos verdes prados, e em tecer grinaldas
As Nymphas promettidas, nada vira,
Na escassa luz da noite,
Mais que os astros e as ondas.

Tanto que chega á poderosa Creta
De cem cidades: « Pae (disse agitada
De vivissima dor), oh doce nome,
» Oh doce e pio affecto,
» Que a filha desprezára!

» D'onde vim? onde estou? Uma só morte
» Para a virgem culpada é pena leve.
» Vélo acaso, chorando torpe crime?
» Ou antes, innocente,

» Me illude vã imagem

» Com meros sonhos, que da porta eburnea

» Fugitiva me traz? Não me seria

» Melhor colher florinhas odorosas

» Recentemente abertas,

» Que romper longos mares?

» Se agora, em minha cólera violenta,

» Esse infame bezerro, que amei tanto,

» Me desse alguém, c'o ferro o lacerára,

» E por quebrar-lhe as pontas

» Fizera o mór esforço.

» Sem pejo abandonei os patrios lares:

» Sem pejo me demoro longe do Orco:

» Ó deuses, se algum ha que isto me escute,

» Permitti que, indefensa,

» Entre leões eu erre.

» Antes que venha mísera magreza

» Desfigurar as minhas faces bellas,

» E se definhe a delicada prôza,

» Desejo, assim formosa,

» Servir de pasto aos tigres.

» Vil Europa, teu pae não cessa, ausente,

» De te arguir: — porque morrer dilatas?

» C'o cinto podes, que inda bem te segue,

» D'este freixo pendente,

» Afogar a garganta.

- » Ou , se os penhascos , se as agudas rochas,
- » Para a morte te são mais aprazíveis,
- » Eia , entrega-te ás rápidas tormentas,
- » Se , tendo regio sangue,
- » Escrava ser não queres,

» E ser rival , de bárbara senhora,
 » Que a fiar suas lans te force altiva. »
 Estas lugubres queixas escutava,
 Pérfida rindo, Venus,
 E c'o arco frouxo o filho.

Já tendo assás da mísera zombado,
 » Abstem-te , disse , d'essas grandes iras,
 » D'esses clamores , quando o touro odioso
 » Vier , para as quebrares,
 » Offerecer-te as pontas.

» Ignoras ser mulher do invicto Jove:
 » Cessa de soluçar : — aprende , Europa,
 » A sustentar o teu destino excelso:
 » Uma parte do mundo
 » Se honrará c'o teu nome.

ODE XXVIII.

A LYDIA.

QUE cousa mais distincta
 Farei no festo dia de Neptuno ?

Tira, ó Lydia, ligeira,
O Cécubo guardado, e força um pouco
A severa sapiencia.
Vês declinar o sol meridiano:
E, como que duravel
Fosse o dia veloz, de tirar deixas
A amphora ociosa
Na adega desde que foi consul Bíbulo?
Nós alternadamente
Soltaremos a voz melodiosa:
Eu cantarei Neptuno,
E as Nereidas que verdes tranças ornam:
Tu cantarás Latona,
Na curva lyra, e a rápida Diana
Que habil' vibra as setas.
Será o canto extremo dedicado
À deosa que potente
Impera em Gnido e Cycladas brilhantes,
E que visita Paphos
Sobre o carro que tiram alvos cisnes:
Terá também a Noite.
A merecida parte em nossos cantos.

ODE XXIX.

A MECENAS.

PROGENIE de tyrrhenos reis, Mecenas,
Para ti doce vinho, em pipa intacta,

Ha muito tenho, e rcsas,
E de bálano essencias,
Só para os teus cabellos.

Subtrahe-te ao que te prende: — não contemples
Da risonha Tibur as ágoas sempre,
E de Éxula os declives
Campos, e de Telégon
Parricida os outeiros.

Essa abundancia, que o fastio gera,
Deixa, e a torre próxima das nuvens:
O fumo e o ruido cessa
De admirar, e as riquezas,
Da venturosa Roma.

Apraz ás vêzes a mudança aos ricos;
E limpa cêa em curto lar de pobres,
Sem docel e sem púrpura,
A entristecida fronte
Lhes tem desenrugado.

Já de Andrómeda o pae o fogo occulto
Lúcido mostra: — já Procyon arde,
E a estrêlla refulgente
Do rábido Leão:
O sol traz seccos dias.

Já c'o a languida grei o pastor lasso
A sombra, o rio, e de Sylvano horrendo
A espessura, busca:

Na taciturna riba
Não sopram vagos ventos.

Tu, no bem da cidade activo cuidas ;
E afflicto temes quanto os Séras possam
Preparar-lhe, e os Bactros,
Regidos já por Cyro,
E o discorde Tánais.

Os successos futuros, providente,
Em tenebrosa noite Deos encerra :
E ri-se do mortal
Que, mais do que é devido,
Temeroso se inquieta.

O presente gosar justo te lembra :
O mais seu curso segue, qual o rio,
Que, ora plácido corre
No leito ao mar etrusco,
Ora leva impetuoso

Rochas, avulsos troncos, rêzes, cascas,
Não sem ruidoso estrépito dos montes,
E dos bosques visinhos,
Quando aos rios quietos
Fêro diluvio irrita.

Só viverá senhor de si e alegre
Aquelle a quem dizer, no fim do dia,
Lícito fôr : — *vivi* :
Ou amanhã o pólo

Cubra o padre potente

De átra nuvem , ou mostre o sol radioso,
Não fará que se mude o que passára,
Nem que volte de novo
O que uma vêz o Tempo
Levára fugitivo.

A Fortuna , que folga com desastres,
E com iniquo jogo tenazmente,
Troca as honras incertas,
A mim ora benigna,
Ora benigna a outro.

Louvo-a se é firme : — se as ligeiras azas
Bate , quanto me deu lhe torno ; — envolvo-me
Em a minha virtude ;
E honrada pobreza ,
Sem outro dote , busco.

Não sei a preces recorrer , se geme
Na procella africana o mastro , e aos votos,
Porque de Chypre as drogas ,
E de Tyro , não façam
O ávido mar mais rico.

Eu com o auxilio de bireme lancha,
Seguro passarei então as vagas
Do bravo Egêo , levado

Pelo vento, e o influxo
De Castor e de Pollux. (1)

ODE XXX.

A SI MESMO.

PERFIZ um monumento mais duravel
Que o bronze, e mais sublime
Que as soberbas pyramides,
O qual não podem as damnosas chuvas
Destruir, nem o Áquilo furente,
Nem a serie sem-numero dos annos,
Nem dos tempos a fuga.

(1) As quatro ultimas estrophes d'esta excellente ode, onde Horacio exprimiu em bellissimos versos o estoicismo de uma alma que o colloca acima dos caprichos da fortuna, foi objecto, como refere Walckenaer, (a) de uma lição publica pelo celebre professor Gottsched, no anno de 1757, ordenada por Frederico II quando se achava em Leipsig prestes a dar a batalha de Rosbach, que ia decidir da sua sorte. O grande guerreiro e o grande homem de letras coroado assistiu a esse acto solemne, e no dia seguinte dirigiu a Voltaire uma epistola em verso onde se achavam reproduzidas as idéas do poeta latino. — Felices os tempos em que um rei poderoso sabe prever reveses na prosperidade, e não descorçoar ao aspecto do infortunio, avaliar os principios e as maximas de rígida virtude, exprimir-as na linguagem das Musas, e dirigir o fructo de suas vigílias litterarias a um poeta philosopho! — O grande Frederico imitou n'isso, como em muitas outras cousas, o famoso herdeiro do nome de Cesar, quando, no meio dos cuidados do imperio, mostrava heroica superioridade de alma, e dirigia lisonjeiros escriptos ao cantor de Venusia. — Que estímulo para o progresso das letras! Que premio para um litterato apreciador da gloria!

(a) Histoire d'Horace, tom. II, pag. 94 referindo-se a Jani, *Horatii Flacci carmina*, 2. edic. Lipsiæ, 1809. —

Não morrerei de todo, grande parte
De mim ha-de evadir-se
À cruel Libitina.

Crescerei sempre, nas vindouras eras,
De novo applauso laureado, em quanto
Subir ao Capitolio o grão pontífice
Co'a virgem taciturna.

Nas terras onde estrepitoso corre
O Aufido violento,
Nas áridas campinas,
De agoa carecedoras, onde Dauno
Reinou potente sobre agrestes povos,
Dir-se-ha de mim, que, de uma baixa origem,
Tornando-me preclaro,

Fui o primeiro que os cadentes versos
Apropriei eólios
Aos ítalos accentos.

Toma a nobre altiveza a que, Melpómene,
Te dá direito o mérito supremo,
E favoravel minha fronte cinge
Com o délphico louro. (1)

(1) Esta ode fechou a collecção que Horacio publicára no anno de Roma 736, e á qual serve de epilogo. Não se illudiu o grande lyrico romano: erigiu com effeito á sua memoria um monumento mais duravel que o bronze e mais alto que as soberbas pyramides. Não morreu de todo: — a sua gloria, como disse um escriptor illustre, excedeu até as suas predições e esperanças. Ha muitos seculos que deixou de subir o pontífice, com a silenciosa vestal, ao Capitolio; mas o nome de Horacio tem crescido sempre novo nos applausos das gerações que lhe succederam: — os seus delicados e harmoniosos versos são lidos ainda com prazer nas margens do Tibre e do ruído do Ofanto, e logram a estima e a admiração dos litteratos do universo.

LIVRO QUARTO.

ODE I.

A VENUS.

DEPOIS de separar-me
De ti, ó Venus, desde ha tanto, ainda
Vens declarar-me a guerra?
Ah! poupa-me, te rogo, te supplico;
Não sou o mesmo que era
Sob o dominio da gentil Cynára.
Cessa, ó mãe rigorosa
Dos suaves amores, de acurvar-me
Ao poder das branduras,
Pois, no decimo lustro, é minha idade
Dura já para tanto.
Vae, vae onde te chamam dos mancebos
As maviosas preces.
Bem melhor acharás jogos, prazeres,
Na habitação de Maximo:
Corre, tirada dos fulgentes cisnes,
Ahi, se abrasar buscas
Um peito idoneo. Elle é illustre e moço,
De hom ar, eloquente

Na defeza dos reos desfortunados,
E possue mil industrias
A levar proprias da milicia tua
Mui longe os estandartes.
Elle assim què sentir cheio de gosto
Que pode mais que as dádivas
Do seu rival grandiosas, uma estatua
Eregir-te-ha marmorea,
Junto do lago Albano, em cítreo templo.
Ahi, profuso incenso
Lisonjeará continuo o teu olfato:
E da lyra e da tibia
Phrygia deleitarão os teus ouvidos,
Co'a mistura de versos,
Os harmonicos sons, e os sons da flauta.
Ahi, co'as tenras virgens,
Louvando-te os meninos vêzes duas
Em o dia, tres vêzes
Baterão c'o alvo pé, dançando, a terra,
Á maneira dos Salios.
Eu, nem tenho dilecta, nem mancebo
Sou já, nem a esperança
De mutuos fogos crédula me anima,
Nem beber á porfia,
Nem a fronte coroar de novas flores.
Mas porque,
Ah! porque correm pelas faces minhas
Ainda algumas lágrimas?
Porque interrompe as vozes minha lingua
Que era facunda tanto,
E n'um silencio vergonhoso fica?

Cuido, em sonhos nocturnos,
Já vêr-te; — já seguir do campo marcio
Pela relva teu voo,
Já, ó cruel, pelas instaveis ondas.

ODE II.

A JULO ANTONIO.

AQUELLE que emular Píndaro tenta,
Quer em azas de cêra, obra dedalia,
Librar-se, ó Julo, para dar seu nome
Aos vítreos mares.

Qual rio, que, das chuvas engrossado,
Dos montes corre e excede as notas margens,
Ferve e a facundia pela boca immenso
Píndaro solta.

Merece sempre os apollíneos louros,
Ou nos audazes dithyrambos novas
Vozes empregue, com cadencias livres
Das leis do metro;

Ou cante os deoses, e os, dos deoses sangue,
Reis que aos Centauros justa morte deram,
E da Chimera horrífica extinguiram
A viva chamma;

Ou os que a palma elêa a casa torna
Divinos cante, ou o cavallo e o athleta,
E com dádiva os honre mais distincta
Que cem estatuas ;

Ou o joven roubado á esposa flebil
Chore , e aos astros seu valor e espírito
E aureos costumes alevante , e do Orco
Negro o resalve.

Sempre que o cisne direcção vôa, Antonio,
Aura perenne o leva ás altas nuvens :
Eu , á maneira da Matina abelha ,
Que o succo tira

Com mil fadigas do tomilho grato,
Nos verdes bosques e nas frescas ribas
Da humida Tibur, penosos versos
Componho humilde.

Tu com mor plectro , cantarás canoro
Cesar , de louro merecido ornado ,
Quando arrastar pela collina sacra
Feros Sicambros :

Nada mor que elle , nem melhor , á terra
Os fados deram e os benignos deoses,
Nem hão-de dar , inda que os tempos de ouro
Priscos renasçam.

Os ledos dias , publicos festejos ,

Cantarás da cidade, pela vinda
Do forte Augusto realisada, e o fóro
De pleitos livre.

Então, se a minha debil voz é digna
De ouvir-se, á tua juntarei, gritando:
Ó dia pulchro! ó memoravel dia
Que entrar vês Cesar!

E ao (!) marchar do triumpho, muitas vêzes
« Viva diremos, eu e toda Roma,
« Viva o triumpho! » e incenso aos pios deoses
Tributaremos.

A ti dez touros, e outras tantas vacas,
Cumpre offerter: — um novilhinho tenro
Que, a mãe deixando, em largos pastos cresce,
Enche meus votes;

Na fronte imita os encurvados fogos
Da lua quando ao tercio dia nasce;
Orna-lhe a testa nivea estrêlla; — o corpo
É todo louro.

(1) Leio *Tumque dum procedit*, com Sanadon: — elle nota com razão que os que leem *procedit* e o referem a *triumphe*, obrigam a fazer o poeta um propheta bem singular, especialmente tratando-se de um tempo futuro. O doutor Antonio Ribeiro dos Santos tambem assim o entendeu. —

ODE III.

A MELPOMENE.

AQUELLE que ao nascer vires , Melpómene,
Com meigos olhos plácidos ,
Não se fará esclarecido athleta
Em o isthmio certame ;
Nem , tirado por fêrvidos cavallos ,
Irá , victorioso , em carro grego ;

Nem gentilezas bellicas famosas
No Capitolio excelso
O mostrarão guerreiro illustre , ornado
Das apollíneas folhas ,
Por haver abatido heroicamente
Des orgulhosos reis os léros tímidos ;

Mas da fertil Tibur as frescas aguas ,
E dos bosques amenos
A espessa rama , o tornarão preclaro
Na poesia eólia.
De Roma , soberana das cidades ,
Dignam-se os filhos ajuntar-me aos côros ,

Amaveis sempre , dos eximios vates.
Já o dente damnoso
Da negra inveja menos me remorde.
Ó tu , que os sons harmonicos
Da aurea lyra temperas , branda Musa !
Tu , que dar poderias , se quizeses ,

A doce voz do cisne aos mudos peixes !
A ti, a ti só devo
Ser c'o dedo apontado, dos que passam,
Como distincto mestre
Da cythara romana : — o que respiro,
O que agrado (se agrado), é mercê tua.

ODE IV.

LOUVORES DE DRUSO.

QUAL a ministra aligera do raio,
A quem Jupiter dera, rei dos deoses,
Dominio sobre as vagas aves, tendo
A sua fé provado
No louro Ganymedes ;

Que o paterno vigor e a mocidade
Tiram do ninho, ainda ignara, e aprende,
Cessada a verna chuva, a librar tímida
Em os ventos as azas,
Dando insolitos vôos ;

Depois com sévido ímpeto, inimiga,
Se lança sobre o aprisco das ovelhas ;
E, ávida emfim de preza e de combates,
Cahe furiosa sobre
Os reluctantes dragos :

Ou qual tenro leão, que as lacteas telas
Da fálva mãe deixára aiada ha pouco,
Da cabra é visto, ao ledo pasto attenta,
Que vae perder a vida
Entre os seus novos dentes :

Tal junto aos Alpes, agitando a guerra,
Viram a Druso os Rhetos e os Viandelicos,
Que armam a dextra, por costume antigo,
Da amazonia secure:
Não indaguei a origem :

Nem é dado ao mortal o saber tudo!
Mas suas tropas vencedoras sempre
Por dilatado tempo, alfim vencidas
Pelo esforço e prudencia
Desse joven, sentiram

Quanto o espirito pode, quanto o genio
Nútrido em fúestos sacrosantos Lares,
Quanto de Augusto venerando póde
A paternal ternura
Em os mancebos Neros.

Dos bons e fortes bons e fortes nascem:
Traz nas veias o vitulo, nas veias
O poldro traz, o mesmo ardor paterno:
Nem as aguias ferozes
Timida pomba geram:

Mas a virtude ingénita promove

Sabia doutrina : — fortalece os peitos
Cultura recta : — se os costumes faltam ,
A boa natureza
Contaminam os vícios.

Quanto devas , ó Roma . aos bravos Neros,
O rio Metauro e o vencido Asdrubal
O testificam , e o primeiro dia
Que, afugentando as sombras,
Risonho trouxe ao Lacio

A alma abundancia, após que o Africano
Cruento pelas italias cidades
No seu frisão corrêra , como o fogo
Por todas corre , ou Euro
Pelas sículas ondas.

Desde então a romana mocidade
Sempre cresceu em gloriosos feitos,
E os templos santos , que assolára a guerra
Impia dos Penos , viram
Seus deoses restaurados.

Disse o mesmo a final pérfido Annibal ,
« Quaes cervos , preza de vorazes loubos ,
« Esses buscamos por vontade propria
« Que evitar destramente
« Fôra rico triumpho.

« E' a nação que de Ilión em cinzas ,
« Por entre as furias do mar tusco irado,

- « Às cidades da Ausonia conduza
 « Seus deuses, e seus filhos,
 « E seus idosos padres.
- « Qual por dura bipenne decotado
 « Da negra rama o azinho em fertil Álgido,
 « Dos mesmos danos, das feridas mesmas
 « Que lhe fzerá o ferro,
 « Animo e forças tira.
- « Não recresceu mais vigorosa a hydra
 « Depois de mutilada contra Alcides,
 « Que o ser vencido sente, nem um monstro
 « Maior brotára Colchos
 « Ou a Echionia Thebas.
- « Lança-a no abysmo, surgirá mais clara:
 « Pugna com ella, d'antes sempre invicto,
 « Derrotado serás com gloria sua,
 « E travará combates
 « Fallados das esposas.
- « Eu já não mandarei vangloriosos
 » Correios a Carthago: — morto Asdrubal,
 « Acabou, acabou, nossa esperanza,
 « Nosso nome preclaro,
 « Toda a nossa fortuna. »

Nada ha que as claudias forças não consigam:
 Jove as escuda com favor benigno:
 E a solerte prudencia cuidadosa

As retira dos trances
Arriscados da guerra.

ODE V.

A AUGUSTO.

Ó DA GENTE romúlea optimo guarda,
De bons deoses nascido !
Já nimio-dilatada é tua ausencia :
Tu que ao consilio santo
Prometteste dos padres
Tornada prompta , volta.

A luz, principe excelso, á tua patria
Benigno restitue :
Pois fulgurando tua face ao povo ,
Qual primavera , os dias
Mais bellos apparecem ,
E o sol mais radioso.

Qual a mãe, que suspira pelo filho ,
Ao qual o invido sopra
Retem do Noto alem das crespas ondas
Dos carpathicos mares ,
Ha mais de um anno, longe
Do doce patrio ninho ,

Por augurios , por supplicas e preces,

Anciosamente o chama,
Nem retira da curva praia os olhos;
Assim, ferida a patria
De vividas saudades
Fieis, a Cesar busca.

Sob os teus ólhos, pelos verdes prados
O boi vaga seguro:
Céres nutre, e a feliz Fecundidade,
De amplas messes os campos:
Em paz navega o nauta:
A Fé treme da culpa.

Livre é de manchas a familia honesta:
Torpe vicio o costume
E a lei domaram: — as feições da prole
São das mães o elogio:
Cahe a pena severa
Rapida sobre o crime.

Quem teme os Parthos? Quem os Scythas gélidos?
Quem esses formidaveis
Moços que gera a horrida Germania?
Quem as guerras sanguineas
Da enfurecida Iberia,
Estando Cesar salvo?

Cadaum o dia em seus outeiros passa,
E co' as viúvas árvores
Marida as vides. D'ahi volta a'egre
A saborear os vinhos,

E, nas mêzas segundas,
Um deus te reconhece.

A ti preces dirige, derramando
Da taça o licor puro.
E teu nome mistura c'ô dos Lares;
Como, reconhecida,
O de Castor a Grecia,
E o do grande Alcides.

Oh! possas tu dar, príncipe famoso,
Ocio longo á Hesperia!
Isto dizemos quando nasce o dia,
Inda em jejum: — dizemos,
Tendo bebido, quando
No mar o sol se esconde,

ODE VI.

A APOLLO.

Ó DEOS potente, que sentir fizeste
Á prole de Niobe,
Sêres das linguas vingador soberbas,
Bem como ao raptor Ticyo,
E ao mesmo Achilles próximo de vêr-se.
Vencedor d'alta Troia,
Superior aos demais, a ti somente
Inferior soldado,

Bem que , filho de Thetis , com a lança
Abalasse tremenda
Guerreiro valeroso as torres dárdanas.
Elle , como o pinheiro
Pelo ferro mordaz ferido, ou como
O cypreste arrancado
Pelo Euro lérvido , cahiu , e o collo
Reclinou no pó teucro.
Elle encerrado não iria astuto
No enganoso cavallo ,
Que sagrado a Minerva se fingia ,
Illudir os Troianos ,
E de Priamo a corte , descuidada
Entre festas e danças ;
Mas ás claras feroz nas chammis gregas
(Ai, que horror !) aos vencidos
Queimaria os filhinhos balbucientes ,
E até os inda occultos
Nas maternaes entranhas , se , movido
Dos rogos teus e preces
De Venus carinhosa , o pae dos deoses
Não concedesse a Eneas
Ir os muros fundar d'outra cidade
Com mais feliz auspicio.
Divino Phebo , tangedor da cythara ,
Que a canora Thalia
Ensinas , e no Xantho undoso banhas
Os teus louros cabellos ,
Formosissimo deos , defende a honra
Da camena latina.
Phebo me deu o engenho , deu-me Phebo

A arte dos versos, deu-me
 O nome de poeta. Vós, ó virgens
 Illustres e meninos
 De claros paes nascidos, que escudados
 Sois pela delia deosa,
 A qual, co'as setas que seu arco lança,
 Suspende na carreira
 Os lynces velõcissimos e os cervos,
 Segui o lesbio rhythmo
 E as cadencias harmónicas que fere
 O meu polgar na lyra.
 Cantai solemnemente o filho excelso
 De Latona e da deosa
 Que a noite acclara com a luz crescente,
 Que a terra fertilisa,
 E rápida em seu curso os mezes volve.
 Entre o laço das nupcias
 Dirá cadauma: — « Eu recitei os versos,
 « Nas festas seculares,
 « Que docil aprendi do vate Horacio,
 « Versos gratos aos deoses. »

ODE VII.

A TORQUATO.

RETIRARAM-se as neves: — já revertem
 As verduras aos campos,
 E ás arvores as folhas:

Muda de face a terra, e ao longo os rios
Das proprias margens, decrescentes, correm.

Ousam as Graças já formar co'as Nymphas
Ligeiras danças, nuas :
O anno fugitivo,
E a hora roubadora do almo dia,
Que nada esperes immortal te advertem.

O frio os zephyros temperam : — calca
A primavera o estio,
Que ha-de acabar apenas
O pomifero outono der seus fructos ;
E logo a bruma voltará inerte.

Comtudo os damnos celestiaes as luas
Pressurosas reparam :
Nós assim que cahimos
Onde Fênas piedoso e o rico Tullo
E Anco cahiram, somos pó e sombra.

Quem sabe se unirão os altos deoses
Ao numero des dias
Hodierno o dia crástino ?
Tudo ás mãos fugirá do ávido herdeiro
Que dado houveres a alegrar teu animo.

Como uma vêz morrêres, e a solemne
Sentença te der Minos,
Não poderão, Torquato,
Nem a linhagem, nem a eloquencia,

Nem a piedade, restituir-te a vida,

Pois nem Diana mesma conseguira
Da infernal negra estancia
Salvar o casto Hippolyto;
Nem Theséo as lethaes cadeias pôde
Despedaçar ao seu caro Pirithco.

ODE VIII.

A C. MARCIO CENSORINO.

Eu dera, Censorino, voluntario,
Aos meus amigos taças primorosas
E bronzeos lindos vasos, dera tripodes
Que premio foram dos valentes Gregos;
Nem tu terias dádivas menores,
Se rico eu fôra d'essas obras-primas
Que sahiram das mãos cu de Parrahasio,
Ou de Scopas, em pedra este formando,
E aquelle em quadros com as soltas tintas,
Insignemente ora homens, ora deoses.
Mas eu não posso tanto; nem te faltam
Cousas de preço tal, nem mais desejas.
Prazem-te versos, versos dar-te posso,
E a estimação da dádiva dizer-te.
Os publicos letreiros insculpidos
Em mármore que o alento e a vida tornam
Aos grandes capitães depois da morte;

A rápida fugida e as ameaças
Do retrógrado Annibal repellidas;
Os incendios da pérfida Carthago;
Não, mais lucidamente não indicam
Os louvores do grande heroe que d'Africa
Subjugada voltou com nome illustre,
Que as Musas de Calabria sonoras.
Não terás digno premio se os escriptos
Os teus feitos magníficos callarem.
Que seria do filho esclarecido
De Ilia e Mavorte, se invido silencio
Os méritos de Rómulo occultára?
A virtude, e o favor, e a voz potente
Dos harmonicos vates conseguiram
Tirar Eáo das estygias ondas,
Consagrando-o nas ilhas fortunadas.
O distincto varão de louvor digno
Morrer não deixa a Musa: — a Musa o adita
Alçando-o ao ceo. Assim de Jove á mēsa
Assiste, desejada, Hercules forte;
As destroçadas naus do abysmo equoreo
Os Tyndárides salvam, astros lúcidos;
E Baccho, ornado de viçosos pampanos,
Dá successo feliz a nossos votos.

ODE IX.

A LOLLIO.

Não creias que hão-de perecer os versos,
Feitos por arte não sabida d'antes,
Que eu, nascido no solo onde ruidoso
Corre o Áufido, canto
Para ajustar ás cordas.

Não, se o vate meonio, o grande Homero,
Tem o logar primeiro, não se occultam
De Pindaro e de Céos as camenas,
Nem a de Alcôo minace,
E a grave de Stesíchoro.

Nem os versos graciosos que cantára
Anacreonte, destruiu o tempo.
Inda respira amor, os fogos vivem,
Que á lyra confiára
A poetiza eólia.

Não foi a espartana Helena a unica
Que ardêra pelo adultero, admirando
Seus formosos cabellos, seus vestidos
De curo ornados, a pompa
Regia sua, e cortejo.

Teucro não foi o que atirou primeiro
Do arco edonio as setas: — combatida
Não foi Ilion uma so vêz: — não foram

Idomêno e Sthenelo
Os que unicos travaram

Combates dignos de louvor das Musas:
O fero Heitor, ou férvido Deiphobo,
Não foram os primeiros que sofrêram
Pelas castas esposas
E filhos duros golpes.

Antes de Agamemnon, viveram muitos
Bravos guerreiros; mas em longa noite,
Por lhes faltar a vez de um sacro vate,
Jazem todos ignotos,
Sem tributo de lagrimas.

Pouco dista da inercia sepultada
A escondida virtude. Não, ó Lollio,
Eu não te deixarei em meus escriptos
Sem elogio claro,
Nem sofrerei que fiquem

Os teus illustres primorosos feitos
No esquecimento livido submersos.
Animo tens, prudencia nos negocios,
E és, cu nos felices
Ou dubios tempos, recto.

És vingador da fraude e da avareza:
O dinheiro, que tudo arastra, evitas:
E as virtudes de consul não somente
Exercitas n'um anno

Mas sempre que preferes,

Juiz inteiro e fido, o honesto ao util,
 E que rejeitas com aspecto altivo
 Os presentes dos maus, e que, por entre
 Oppostas filas, levas
 Victorioso as armas.

Não chamarás ditoso rectamente
 Ao que muito possui: com mais justiça
 O nome de ditoso quadra áquelle
 Que sabe usar sapiente
 Das dádivas dos deoses;

Que sabe soportar dura pobreza
 Com sofrimento, e que receia o crime
 Mais do que a morte: — elle perder não teme
 Pelos caros amigos,
 Ou pela patria, a vida.

ODE X.

A LIGURINO.

Ó tu cruel ainda,
 E c'os mimos de Venus poderoso;
 Quando o inverno da vida, inesperado, (1)

(1) *Leio bruma, e não pluma da lição vulgar, por causa da exactidão*

Saltear teu orgulho,
E os cabellos, que ondêam
Por teus hombros, cahirem;

Quando a côr que ora ostentas,
Bella mais que a punicea flor da rosa,
Se demudar, tornando, Ligurino,
A face tua horrenda,
Dirás, sempre que outro
Ao espelho te vires,

Ah! o siso que tenho
Presentemente, por que não o tive
Quando menino? ou, quando o tenho agora,
Porque não voltam puras
De novo ao meu semb'ante
As bellissimas graças?

ODE XI.

A PHYLLIS.

Eu tenho, ó Phyllis, do licor Albaro
Um tonel cheio que annos nove excede:
Tenho aipo no jardim para grinaldas,

do raciocinio. *Bruma* significa muitas vezes inverno, e metaphoricamente o inverno da vida ou a velhice. *Pluma*, beço. Janagem, apresenta aqui gravissima incoherencia de idéas. Com *bruma* fica o raciocinio de Horacio muito bem seguido. Assim o entendeu tambem Bentlei, Sanadon, Duchemin, e Elpino Duriense.

Tenho grão copia de hera
Com que, prendendo os teus cabellos, brilhas.

Ri-se a casa co'a prata: — o altar espera,
Ornado de verbena, o sangue esparso
De immolado cordeiro: — ferve a gente:

De mistura se agitam,
D'aqui, d'ali, os moços e as creadas.

Ondas de fumo denegrido lançam
Trémulas chammas, ondeando, ao tecto.
Queres saber a festa a que te chamo?

De celebrar o dia
Dos idos que de abril o mez reparte,

Sacro á marinha Venus, tens risonha.
É justamente para mim solemne,
Sagrado mais que o natalicio proprio,

Este alvo dia: — é d'elle
Que o meu Mecenas os seus annos conta.

Telepho, que amas, não nasceu por certo
Para o gozares, e em cadeias doces
Prêso é de dama deliciosa e rica.

Esperanças avaras
Phaetonte abrasado atemorisa:

E o aligero Pégaso, arrojando
O pêsso do mortal Bellerophonte,
Um gravissimo exemplo te offerece
Para que te decidas

A seguir sempre o que de ti é proprio:

E achando crime o conceber desejos
Mais do que é lícito, evitar procures
Desegual alliança. Ah! vem, ó Phyllis,

Meus unicos amores,
Pois não suspirarei por mais nenhuma:

Vem aprender de mim os doces versos
Que tens de repetir suavemente
Na dulcissima voz: — os versos podem
Diminuir sonoros
Os acerbos durissimos cuidados.

ODE XII.

A VIRGILIO.

JA os que o mar temperam thracios sopros,
Socios da primavera, as vélas enchem:

Já não estão cobertos
De gelo os prados, nem ruidosos sôam,
Co'a neve hyberna túrgidos, os rios.

Faz o seu ninho, deplorando a Itys
Anciosa, a infeliz ave, opprobrio eterno
Da cecrópia familia,
Por ter de um rei as bárbaras torpezas
Com crueldade insólita vingado.

Na verde relva , ao som da gaita , cantam
Os pastores das nédiás ovelhinhas
 Os seus rusticos versos,
Que deleitam o deos a quem rebanhos
E as collinas da Arcadia negras prezem.

Trouxe a ardente estação , Virgilio , a séde :
Mas , ó de moços inclitos dilecto ,
 Se o vinho generoso
Beber desejas espremido em Cales,
Vem co'a essencia do nardo merecêl-o.

Um vasilho de nardo terá força
De attrahir um tonel que ora descança
 Na adega de Sulpicio ,
Cujo licor larguêa esp'ranças novas,
E desterra efficaz duros cuidados.

Se o prazer de o provar aspiras , rápido
Vem com teu mimo. Não , eu não consinto
 Que dos meus copos bebas
Sem que co' alguma dádiva concorras ,
Á maneira do rico em casa larta.

Mas a detença e o amor do lucro deixa ;
E á memoria trazendo , em quanto é lícito,
 As denegridas chammas ,
Mistura co' a razão breve estulticia :
É doce enlouquecer um pouco a tempo.

ODE XIII.

A LYCIA.

OUVIRAM, Lycia, os deoses os meus votos,

Os deoses, Lycia, ouviram-me:

Fazes-te velha, e queres

Inda comtudo parecer formosa:

Brincas e bebes

Sem algum pejo.

Com o tremulo canto, bem bebida,

A ti Cupido chamas,

Mas ella é surdo: — fica

Nas pulchras faces da mimosa Chia,

Que insigne canta

E a lyra pulsa;

Pois inquieto por carvalhos áridos.

Passa voando; e fôge-te

Porque os lúridos dentes,

Porque as rugas da face, e os cabellos

Embranquecidos,

Te desfiguram.

Nem já de Cós a purpura brilhante,

Nem as fúlgidas pedras,

Restituir-te podem.

Os annos que uma vêz rapido o Tempo

Assigno'ára

Nos fastos publicos.

Para onde fugiu tua belleza?
Ah! tua côr para onde?
Para onde o ar mimoso?
Que tens d'aquella que exhalava amores,
D'aquella Lycia
Que me enlevára?

Eras, após Cynara, a mais formosa,
Pelos mimos do gesto
E graças conhecida:
Mas brevissimos annos a Cynara
Os fados deram,
E vida a Lycia

Mui diuturna destinaram, como
A da gralha decrépita,
Porque, não sem se rirem,
Pudessem vêr os lérvidos mancebos
Tornado em cinzas
O ardente facho.

ODE XIV.

A AUGUSTO.

QUE cuidado dos padres,
E do romúleo pôvo,
Fará que cheguem ás vindouras eras
Com amplas honras as virtudes tuas,

Augusto, eternizando-as
Por inscrições e memoraveis fastos ?

Ó tu o mor dos principes
Das terras habitaveis,
Que o sol c'os raios luminosos lustra,
De quem, pouco ha, souberam os Vindelicos,
Da lei latina isentos,
Quanto de Marte no exercicio podes :

Pois Druso, com o auxilio
De teus bravos soldados,
Mais de uma vêz desbaratou accêso
Os Genaunos indómitos, e os Breunos
Rápidos, e os castellos
Postos nos cumes dos tremendos Alpes.

Pós elle, o mor dos Neros,
Grave prelio travando,
Des'ez com fausto auspicio os feros Rhetos :
Digno de ver-se no marcial certame
Fatigar com estragos
Os votados á morte peitos livres.

Qual o Austro revolve
As bravas ondas, quando
Das Pleiades o côro as nuvens rasga,
Tal fervoroso as inimigas turmas
Elle persegue, e lança
Por entre os fogos seu frisão fremente.

Bem como o tauriforme
 Áuvido estrepitoso,
Que de Dauno apulhez os reinos banha,
Quando levanta enfurecido as vagas,
 E arruinar medita
Com horrido diluvio os cultos campos ;

Assim Claudio impetuoso
 Os esquadrões dos barbaros,
Revestidos de ferro, desbarata,
E, os primos e ultimos segando, a terra
 De cadáveres junca,
Sem damno proprio vencedor glorioso.

Tu as válidas tropas,
 Teus conselhos, teus deuses,
Lhe ministraste, pois no dia mesmo,
No dia memorando, em que seus portos,
 E seu paço deserto,
Alexandria supplice te abríra,

A prospera fortuna,
 Em o terceiro lustro,
Este exito da guerra venturoso
Te concedeu, os inclitos triumphos
 Alcançados coroando
Com tão sublime desejada gloria.

O Cantabro, que d'antes
 Nunca domado fôra,
E o Medo, e o Indio, e o vagabundo Scythia,

Respeitosos te admiram, ó presente
Protector desvelado
De Italia e Roma capital do mundo!

O Nilo, que as origens
Esconde copiosas,
E o Istro, e o Tigre rápido, e o Oceano,
Onde respiram formidaveis monstros,
Que estrepitoso bate
Em as costas britannicas remotas;

A Gallia, que despreza
Sempre impávida a morte,
E a dura Iberia, tuas leis escutam:
Os Sicambros, que bárbaros se alegram
Co'as scenas sanguinosas,
Depondo as armas, curvos te veneram.

ODE XV.

A AUGUSTO.

DESTINANDO eu cantar as marcias lides,
E as vencidas cidades,
Phebo com sua lyra
Me advertiu que não fosse curtas vélas
Soltar ao mar Tyrrheno.

O teu reinado, Cesar, trouxe aos campos

Fertilissimas messes ;
E as bandeiras , tiradas
Dos umbraes soberbissimos dos Parthos ,
Tornou ao nosso Jove.

Fechou de Jano , extincta a guerra , o templo :
Deu a tudo ordem recta ,
Refreou a licença ,
Os vicios removeu , e deu alento
Às antigas virtudes ,

Com que o nome latino e as forças italas
Crescêram , dilatando
A fama e a majestade
Do imperio desde a região hesperia
Até onde o sol nasce.

Sob a guarda de Cesar , não , não pode
Guerra civil ou força ,
Ira , que espadas forja ,
E inimigas torna míseras cidades ,
A doce paz roubar-nos.

Nem os que bebem no Danubio fundo ,
Nem os Getas , ou Séras ,
Nem os infidos Persas ,
Nem os nascidos junto ao rio Tánais ,
Romperão as leis julias.

Nós , entre os mimos do jocoso Baccho ,
Nos sacios e profanos

Dias , tendo primeiro
Orado pios , com os filhos nossos
E matronas , aos deoses ,

Unindo aos sons da flauta lydia os versos ;
De nossos paes a exemplo ,
Os capitães famosos ,
E Troia , e Anchises , e a progenie illustre
De Venus , cantaremos. (1)

(1) Este livro quarto das odes , como já se advertiu , foi publicado por Horacio mesmo , que o reuniu á anterior collecção , provavelmente no anno de 744. já proximo ao do seu falecimento. As odes IV e XIV , dedicada aos louvores de Diuso e de Tiberio pelas victorias que alcançaram dos Rhetos e dos Vindelicos , e que são na realidade obras-primas no seu genero , foram pedidas propriamente por Augusto , com grande honra do poeta , que por isso se deliberou a inseril-as em novo livro , publicando esta ultima collecção. — Consta isto de Suetonio , como de Acron e Porphyriion , e é referido por Walckenaer, *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace* , tom. II. pag. 370 , e Vanderbourg , *Les Odes d'Horace* , tom. II. pag. 220.

LIVRO QUINTO.

DOS EPODOS. (1)

ODE I.

A MECENAS.

Trás, caro Mecenas, nas liburnas
Naus afrontar as de alterosas torres,

(1) Os sabios commentadores, affirmando em geral não ter sido este livro V. publicado por Horacio, mas sim pelos grammaticos depois da morte do autor, discordam muito sobre a significação do titulo que lhe deram.

Dacier, na primeira nota d'este mesmo livro, referindo-se a *Marius Victorinus*, que vivêra no 4.º seculo, diz que, constando a ode, na poesia lyrica dos Gregos, de *estrophe*, *antistrophe* e *epodo*, sendo o *epodo* o fim e remate da ode, d'ahi nasceu chamar-se *epodo* o pequeno verso dimetro jambico posto depois de um grande jambico trimetro completando-lhe o sentido que se achava suspenso; e como no texto as dez primeiras odes d'este livro estão precisamente n'esse caso, é o motivo porque se lhe chamára o *dos epodos*.

Vanderbourg (II. — 549) referindo circunstanciadamente, em uma grande nota de vastissima erudição, as diversas opiniões dos esculiadores, antigos e modernos, sobre o titulo d'este livro, e sobre as razões fortes que Horacio deveria ter para não publicar a maior parte das peças que n'elle comprehende, feitas na sua mocidade e envolvendo satyras e principios que a prudencia condemnava ao silencio, conclue que lhe parece muito mais provavel ser a denominação do livro tirada da natureza dos pequenos versos epodos, o que tem em seu favor o testemunho dos esculiado-

A livrar prompto do perigo todo,
C'o proprio teu , a Cesar.

Eu que farei , a quem sendo tu salvo
É grata a vida , de contrario dura ?
Por teu mandado ficarei n'um ocio
Que só contigo é doce ?

Ou antes soffrerei essa fadiga
C'o valor proprio de varões valentes ?
Soffrerei ; — e dos Alpes pelos cumes ,
Pelo inhospito Caucaso ,

Ou té o ultimo golfo do Occidente,
Te seguirei com esforçado peito.
Perguntarás de que servir-te posso,
Imbeile e pouco firme ?

res de Horacio e dos antigos grammaticos, e se estende de direito a duas peças, o maior numero; e que, a seguir-se os autores que chamam *epodo* todo o pequeno verso depois de um grande, qualquer que seja o metro, não ha mais que duas peças d'este livro e os jambes contra Canidia que escapam á definição.

Ducemín, (1, — 407) entente que este livro recebeu o nome de *epodos*, seja por causa do logar que occupa *depois das odes*, seja antes da desigualdade dos versos, os quaes são arranjados de maneira que cada verso grande é seguido de um pequeno, chamado *epodo*, bem que algumas peças ahí inseridas, não tenham esse caracter.

Vê-se pois, segundo os melhores escholiastes e traductores, que o titulo de *epodos* não foi dado a este livro por Horacio, que o não publicou, mas sim pelos grammaticos quando colligiram e arranjaram do modo em que se acham as odes que elle comprehende, producções, na maior parte, da mocidade do autor, e todas condemnadas por elle ao silencio; e que os grammaticos lhe deram esse titulo em razão do verso pequeno, chamado *epodo*, que se segue a um verso grande n'essas composições lyricas, com pequena excepção.

Terei ao lado teu menos receios ,
Que agitam mais a quem ausente vive :
Qual ave que , aninhando implumes filhos ,
Teme o assalto da cobra ,

E mais se os deixa , bem que os não soccorra
Melhor presente. N'esta e em toda a guerra
Militarei gostoso , na esperança
De teu favor benigno :

Não para que se prendam mais novilhos
Aos meus arados , ou o gado mude ,
Antes do Sirio fêrvido , os lucanos
Pelos pastos calábricos ;

Nem para que de Túsculo alto os muros
Toque circêos o meu casal : — bastante ,
E já demais , teu animo benéfico
Me tem enriquecido.

Eu não desejo amontoar thesouros
Que , ou debaixo da terra esconda aváro ,
Como Chremes , ou pródigo dissipe
Como devasso neto.

ODE II.

LOUVORES DA VIDA DO CAMPO.

DITOSO o que, afastado dos negocios,
Como os mortaes antigos,
Com seus bois os paternos campos lavra,
De toda a usura livre:
Nem, soldado, o desperta a fera tuba,
Nem teme o mar iroso:
Evita o fôro, e os pórticos soberbos
Dos cidadãos potentes.
Assim, ou com as varas das videiras
Marida os altos choupos,
Ou os ramos das árvores inúteis
Com a foice podando,
Mais castiços enxerta, ou vê errantes
Em valle retirado
Os mugintes rebanhos, ou os meles
Dos favos espremidos
Recolhe em limpas talhas, ou tosquia
As debeis ovelhinhas.
E quando o Outono levantou nos campos
A cabeça coroada
De brandes pomos, como alegre colhe
As peras que enxertára,
E as uvas, que co'a purpura competem,
Para que a ti, ó Priapo,
As offereça, e a ti, padre Sylvano,
Guardador das extremas!
Já sob azinho edoso jázer folga,

Já na viçosa relva :
Cahem no entanto de alta ripa as aguas ;
No bosque as aves gemem ;
Brandas fontes murmuram ; o que tudo
Convida a doce somno.
Mas quando o inverno do tonante Jove
Ajunta o frio e as nevoas ,
Ou feros javalis a oppostas malhas
D'aqui d'alli acossa
Com numerosos cães , ou rêdes raras
Em a subtil varinha
Arma aos tordos vorazes enganosas,
E a pávida lebre
E o grou de arribação no laço colhe ,
Recompensa jucunda.
Quem não esqueceria , entre estas cõusas ,
Os túrbidos cuidados
Que gera o vivo amor ? Se em parte cuida
A esposa virtuosa
Da casa e doces filhos (qual Sabina
Ou do ágil Apulio
Mulher dos soes crestada) , e o sacro fogo
Com sêcca lenha accende
Quando o lasso marido se recolhe ,
E entre tecidas sebes
Fechando o ledó gado , as retesadas
Tetas sêcca , e , tirando
Da doce cuba o vinho novo , apresta
Não comprados manjares ;
Não me aprazêram mais ostras lucrinas ,
Ou rodovalho ou sargos ,

Se procelloso das eóas ondas
 Alguns a estes mares
Lançasse o inverno. Não mais saborosa
 A meu padar seria
Ave africana ou francolim de Jonia,
 Que a azeitona dos ramos
Das árvores colhida mais fecundos,
 Ou a herva labaga,
Que os prados ama, e a malva ao grave corpo
 Sadia, ou a cordeira
Nas festas terminaes morta, ou cabrito
 Arrebatado ao lobo.
Entre estas iguarias, como é doce
 Vêr ir as ovelhinhas
Correndo fartas para os seus apriscos!
 Vêr no languido collo
Trazer os lassos bois voltada a relha,
 E turba de crioulos,
De casa rica enxame, em torno postos
 Dos reluzentes lares!
Assim havia dito Alphio onzeneiro
 Já já disposto á vida
De lavrador, mas logo arrependido
 Em os Idos recolhe
O seu dinheiro todo, e nas Calendas
 Trata de o pôr a juros.

ODE III.

A MECENAS,

SOBRE O ALHO.

SE alguém com impia mão do pae edoso
A garganta afogar, o alho coma
Mais ainda nocivo que a cicuta.
Ó estomagos duros dos ceifeiros!
Que fêvido veneno
As entranhas me abrasa?

Acaso me enganou vipéreo sangue
Cosido co' estas hervas? ou Canidia
Os maus guisados fez? Tanto que absorta
Medêa o capitão viu, o mais bello
Dos argonautas, Jáson,
Porque ligasse os touros

A ignoto jugo, indómitos, untou-o
Com o alho; — com elle iscou as dádivas
Que vingativa fez á rival sua,
Apos fugindo na serpente aladã.
Nunca desceu dos astros
À sequiosa Apulia

Tanto calor, nem de Hercules nos hombros
Ardeu com maior furia o fatal mimo.
Se tal comida, jovial Mecenas,
Cubiçares, eu peço que teus osculos

Co'a mão afaste a nympha,
E no leito repouse.

ODE IV.

CONTRA MÉNAS,

LIBERTO DE POMPEO.

Os cordeiros não tem por natureza
Mais aversão aos lobos,
Do que eu a ti, ó Ménas, que inda trazes
As costas denegridas
Do açoite ibérico, e os sinaes nas pernas
Das ásperas cadeias.
Postoque andes soberbo de teus ricos
Thesouros, a fortuna
Não muda a geração. Tu não reparas,
Quando vás com a toga
De seis varas medindo a sacra via,
Como o rosto te voltam
Com solta indignação os que transitam
Por um e outro lado?
» Este, dizem, cortado dos flagellos
» Triumviraes a ponto
» De enfastiar o prégoeiro, lavra
» Mil geiras em Falerno,
» E c'os ginetes calca a Apia via;
» E, grande cavalleiro,

- » Nos primeiros logares , desprezada
 - » A lei de Otho , se assenta.
- » Que aproveita que as prôas de naus tantas
 - » De esporões guarneçadas ,
- » E com grave despêsa , partam contra
 - » Os piratas e a turma
- » De vis escravos , se este é , este mesmo ,
 - » Tribuno dos soldados ? »

ODE V.

CONTRA CANIDIA FEITICEIRA.

- » **A**I, ó deoses , que a terra e a gente humana
 - » Do céu regeis ! Porque é este tumulto ?
 - » Porque todos só fitam
 - » Em mim os feros olhos ?
 - » Canidia , por teus filhos , se a teus partos
 - » Invocada assistiu veros Lucina ;
 - » Por esta purpura , honra inutil , peço
 - » Me digas , e por Jove , que estas cousas
 - » Reprovará ; — porque olhas
 - » Para mim qual madrastra ,
 - » Ou qual bruto ferido ? » Isto queixoso
- Proferindo o menino com voz trémula ,

Os vestidos lhe arrancam e as insignias,
Ficando todo nú seu tenro corpo ,

Que pudera dos Thracios
Mover os impios peitos :
Canidia , co'a cabeça desgrenhada ,
Enleado o cabello em curtas viboras ,

Manda que , dos sepulchros arrancadas ,
Figuciras-bravas , fúnebres cyprestes ,
E ovos do sangue untados
De torpe rã , e as pennas
De nocturna coruja , e hervas nascidas
Na Iberia e Jolcos , em venenos ferteis ,

E os ossos da guela arrebatados
De cadella famélica , se queime
Tudo nas chammas colchicas.
No entretanto Sagana
Horrida c'os cabellos hirtos , como
Marinho ouriço , ou javali correndo ,

Por toda a casa , arregaçada , esparge
Aguas do Averno. De outra parte Veia ,
Sem ter alguns remorsos ,
Sollicita cavando
Com o duro enxadão a terra , abria ,
Gemendo c'o trabalho , funda cova ,

Onde , enterrado até á barba , como
Os nadadores a cabeça mostram
Fora d'agua , o menino
Fosse lento acabando
Á vista dos manjares renovados

Em longo dia duas e tres vêzes ;

Afim que , após de extinctas as pupillas
De olharem fixas o manjar vedado ,
 As áridas medúlas
 E fizado mirrado
Fossem philtro de amor. A ociosa Nápoles
E as cidades visinhas crêram todas

Que não faltou Folia Ariminense
De lascivia viril , que ao ceq arranca ,
 Co' as thessalicas vozes ,
 As estréllas e a lua.
Canidia fera , a unha não-cortada
Roendo do polgar com dente lívido ,

Que disse ? ou que occultou ? » Ó testemunhas

» Fieis dos meus encantos , Noite e Diana ,

 » Que regeis o silencio

 » Quando os sacros arcanos

» Se formam ; vinde agora , agora : — a ira

» Voltai e a força contra imigas casas.

» Em quanto jazem nas tremendas matas

» Em doce somno as feras , de Subúra

 » Os cães , com geral riso ,

 » Ladram ao velho adúltero

» Banhado todo de nardina essencia ,

» Qual nunca minhas mãos melhor fizeram.

» Que aconteceu ? Porquê tem meus encantos

- » Força menor que os de Medêa bárbara,
 - » Esses com que, fugindo,
 - » Da filha de Creonte,
- » Rival soberba, se vingou, queimando
- » Co' a capa, dom funesto, a nova esposa?

- » Por certo que nem hervas, nem raizes,
- » Em os cêrros mais ásperos occultas,
 - » Escapar-me puderam:
 - » No entanto o velho dorme
- » Em cama de feitiços impregnada,
- » Esquecido de todas as amigas.

- » Ah, ah! elle anda livre por encantos
- » De mágica mais sabia n'estas artes.
 - » Ó Varo, muitas lágrimas
 - » Tens de verter! sollicito
- » A mim recorrerás, cedendo á força
- » De não-usados poderosos philtros;

- » Nem a ti voltará o teu espirito,
- » Postoque o chamem sortilegios marsos.
 - » Um maior te preparo:
 - » Darei ao teu fastio
- » Um copo de bebida mais valiosa.
- » Inferior ao mar o céu primeiro

- » Se verá, superior ao céu a terra,
- » Do que por mim de amor arder tu deixes,
 - » Como arde este betume
 - » Em denegridas chammas. »

Após d'isto, o menino, não com vozes
Como d'antes suavíssimas, as ímpias

Procurou abrandar, mas duvidando
Como o silencio romperia, as pragas

Proferiu de Thyestes:—

» Os sortilegios podem

» A grande lei torcer do justo e injusto,

» Nunca a sorte mudar ao sêr humano.

» Com diras maldições hei-de vexar-vos:

» A dira maldição jamais se expia

» Com victima nenhuma:

» Mas antes, expirando,

» Condemnado a morrer, nocturna furia,

» E sombra, buscarei com curvas unhas

» O rosto vosso (que tem força tanta

» Os deoses manes), e assentado sobre

» Os corações inquietos,

» Vos roubarei os sonhos

» Com grão pavor. A vós, obscenas velhas,

» A gentilha, d'aqui d'ali, nos bairros,

» Com pedras ferirá. Depois os lobos

» Repartirão, e as esquilinas aves,

» Os membros insepultos.

» E meus paes, ah! que tristes

» Ficam a mim sobrevivendo, allivio

» Ao menos acharão n'este espectáculo. »

ODE VI.

CONTRA CASSIO SEVERO.

PORQUE vexas, covarde contra os lobos,
Os immeritos hospedes?
Porque, ó cão, não voltas
As vans ameaças para cá, se podes,
E a mim, disposto a remorder-te, investes?

Pois eu, qual o molosso ou fulvo lacon,
Defeza dos pastores,
Por entre as altas neves,
Acossarei, erguida a orelha, a fera
Que adiante de mim fugir ligeira.

Tu, c'o ladro atroando o bosque, cheiras
A arrojada comida:
Toma, toma cautela:
Porque asperrimo as forças eu preparo
Contra os maus, investindo-os, qual o genro

Do pérfido Lycambo desprezado,
Ou o imigo de Búpalo.
Se alguém com negro dente
Ousar accommetter-me, acaso inulto
Me porei a chorar como menino?

ODE VII.

AOS ROMANOS.

AONDE, aonde vos lançaes, ó impios?
Porque as espadas, que escondidas eram,
Nas dextras empunhais? E' pouco o sangue
Derramado, latino,
Nos campos e nos mares?

Não para que o Romano as altas torres
Da invida Carthago incendiasse;
Ou para que o Britanno, ainda intacto,
Descesse entre cadeias
Pela sagrada via;

Mas para que, por suas forças, Roma,
Como os Parthos desejam, perecesse.
Nunca tiveram tal costume os lobos,
Nem os leões, só feros
Contra diversa casta.

Que vos arrasta? respondei: — acaso
É furor cego, ou invencivel sorte,
Ou são os crimes? — Callam-se, e os rostos
A pallidez lhes tinge,
E lére o assombro os animos.

Assim é: — duros fados aos Romanos,
E da morte fraterna o horror, agitam,
Desde que o sangue do innocente Remo

Sobre a terra corrêra,
Fatalissimo aos netos.

ODE VIII.

A UMA VELHA AMOROSA.

PERGUNTAS-ME, c'um século de idade,
E assás graveolenta,
Qual o motivo que me enerva tanto?
Os teus dentes são negros,
E teu rosto a velhice encheu de rugas.

.....

.....

Será tudo isto proprio
A inspirar-me no peito amor ardente?
Sê mui rica, e se vejam
Em teu enterro os triumphaes retractos
De teus avós illustres;
Não appareça dama alguma tanto
Como tu carregada
De finissimas pérolas formosas;
Ri-se amor d'isso tudo.
De que aproveitam os estoicos livros
Que tão vaidosa ostentas
Entre almofadas séricas mimosas?
Pode a sua sciencia
Fazer acaso me enrigeles menos
Do que as nãc-litteratas?

Menos frígido sou porque procuras
Em mim accender fogos
Com estranhos excessos amorosos,
Que repulso soberbo?

ODE IX.

A MECENAS.

QUANDO, Mecenas, de alegria cheio,
Sob altos tectos, como é grato a Jove,
O Cécubo precioso,
Para os ledos banquetes reservado,
Comtigo beberei, pela victoria
De Cesar, soando mixtos
Os tons dóricos da lyra
Com os phrygios das flautas?

Como soára não ha muito, quando,
De nossos mares repellido, vendo
Suas naus abrasadas,
Veloz fugíra o capitão neptunio,
Que vanglorioso ameaçára Roma
Co'as ásperas cadeias
Que a pérfidos escravos
Tirára como amigo.

Um Romano (ah! negál-o-heis, vindouros!)
Submisso ás leis de uma mulher, soldado,

Traz estacas e armas,
E rugosos cunuchos servir pode!
E vê o astro do dia luminoso
De uma vaidosa Egyptia,
Entre as aguias romanas,
O pavilhão impuro!

D'isto indignados vivamente os Gallos,
O docil collo de dois mil soberbos
Cavallos valiosos,
Promptos reviram, victoriando a Cesar
Em altas vozes; — e, dispondo a fuga,
No porto as naus imigas
Rapidamente as poupas
Ao lado esquerdo occultam.

Triumpho! assoma: — as victimas intactas
E os aureos coches já por ti esperam:
Um general tão grande,
Triumpho! nem da jugurthina guerra
Trouxeste nunca: — nem o Africano,
Cujo valor egregio
Lhe erigira em Carthago
Um túmulo de honra.

Por mar e terra derrotado o imigo,
Em fúnebre mudou o sayo púnico:
E, a despeito dos ventos
Desfavoraveis, vae buscando Creta,
Que illustram cem cidades, ou as syrtes
Que açoita o rijo Noto,

Ou incerto vaguêa
Sobre os túrbidos mares.

Traze-nos, moço, para aqui os copos
De mais ampla grandeza; — lança nellos
O vinho Chio ou Lesbio;
Ou antes deita o Cécubo suave,
Que as cruezas do estomago refreia:
Os cuidados e os sustos
Que tivemos por Cesar,
Dissipe o doce Baccho. (1)

(1) Nenhuma ode de Horacio offerece tantas difficuldades ao traductor como esta. Vanderbourg as apresenta em uma erudita nota (II — 2. parte — 574). — Acron, o mesmo Vanderbourg, e outros commentadores, entendem a palavra *Romanus* designativa de Antonio, fallado o poeta do aviltamento pessoal do triumpho. Porphyrio e outros, juntando *miles a Romanus*, entendem que o autor falla dos soldados romanos. — Conforme-me com a primeira interpretação. Não é inverosimil que Antonio, sobrejante aviltado junto de Cleopatra, servisse algum momento como soldado sob as suas ordens.

Outra difficuldade: — *ad hoc frementes*. Ha tres lições d'esta passagem, segundo Vanderbourg, nos manuscriptos que elle consultára: — *ad hunc, ad huc, at huc*: — a 1.^a é a mais geral e a de Dacier; — refere-se a Antonio designado pela palavra *Romanus*, tomando *at* por *contra*, o que não parece admissivel: — a 2.^a é má, e Bentley e outros d'ella formaram *ad hoc* subentendendo *spectaculum*: — a 3.^a, *huc* significando *ad nos*, dá a construcção seguinte — *at Galli frementes verterunt ad nos bis mille equos*. — *Frementes* porém refere-se a *Galli* ou a *equos*? Lendo-se *ad hoc*, parece natural construir-se *Galli frementes ad hoc*: e lendo-se *at huc*, — *Galli verterunt huc frementes equos*, afin de evitar-se a accumulção de *Galli frementes e canentes*. — Eu segui *ad hoc*, com Sanadon, Batteux, Duchemin, Elpino Duriense e outros, dando a essa idéa mais algum desenvolvimento e ar poetico.

Outra difficuldade: — *Puppis sinistrorsum citae*. — Bentley, Sanadon, Batteux e outros, pensam que Horacio tinha em vista uma parte da esquadra de Antonio que o deixou, como os cavalleiros gallos, antes do combate, e fizera um movimento sobre a esquerda para se juntar á de Octaviano: — Dacier, Duchemin e outros, entendem que fugira para o Egypto. — Dacier prefere a lição de *situe*, os outros de *citae*. — Conforme-me com a opinião d'estes. — Outras mais difficuldades offerece

ODE X.

CONTRA MEVIO.

Com mau agouro parte a nau , levando
Em si a Mevio mal-cheiroso. Ó Austro,
De um lado e de outro lembre-te batê-la
Com as horridas vagas.

O Euro negro , revolvendo o pego ,
Lhe espalhe as cordas e os quebrados remos.
O Áquilo surja qual em altos montes
Quebra o trémulo azinho.

Não veja em noite escura amiga estrêlla ,
Ao pôr-se o triste Orion : — mais tranquillo
Não ache o plano equoreo do que a esquadra
Dos Gregos vencedores ,

Quando , abrasada Troia , voltou Pallas
A implacavel ira contra o lenho
Do ímpio Ajax. Oh como vão , ó Mevio,
Suar os teus remeiros !

Como pallido vae tornar-te o susto !
Que gritos vás soltar não proprios de homem !
Que vivas preces dirigir a Jove,
Que adverso as não escuta ,

esta ode , as quaes se podem ver na citada nota de Vanderbourg, d'onde
extrahi a substancia da presente , e nos commentarios de Dacier.

Quando o Jónico golfo e humido Noto
 Tua nau, rebramando, destruirẽ !
 Se o teu cadaver mísero estirado
 Fôr em a curva praia ,

Opima preza dos marinhos corvos,
 Eu offerrecerei em sacrificio
 Libidinoso bode , e uma cordeira,
 Às negras Tempestades.

ODE XI.

A PECCIO.

FAZER versos , ó Peccio , como d'antes,
 Já não me apraz , de grave amor ferido ;
 Amor que , mais que a outrem,
 Por
 Ou por nymphas me abrasa.

Já vêzes tres dezembro os verdes bosques
 Do ornamento despiu , desde que Inachia
 Os fogos meus não sente.
 Triste de mim ! ah ! quanto
 De Roma hei sido a fabula !

Com pezar grande dos festins me lembro,
 Em que minha paixão denunciavam
 O languor , o silencio,

Os suspiros ardentes
Do coração nascidos.

Apenas c'o licor me escondia ,
E me tirava os íntimos segredos
O deos que o pejo afasta,
A ti, lavado em choro ,
Me queixava , dizendo :

- » Inutil é o mérito dos pobres,
- » Nada vale em presença da riqueza.
 - » Se tanto a minha bilis
 - » Se irritar que me faça
 - » Dar aos rápidos ventos
- » Os incentivos que a ferida acerba
- » Me não adoçam , romperei meus laços,
 - » Cessando finalmente
 - » De lutar , vexadíssimo,
 - » Com émulos dispaes. »

Dizendo isto severo á face tua ,
Retirando-me , ah ! fui , com pé incerto,
Ter ás portas imigas
Onde misero o dorso
Quebrei vamente e os lados.

Hoje Lycisco,
Que se gloria de inda ser mais terno
Do que uma mulherzinha.
D'este vínculo forte

Não podem desprender-me

Puros conselhos, contumelias graves,
 Dos candidos amigos: — conseguira-o
 Só outro amor ardente
 Por bella nymphea
 C'um laço nos cabellos,

ODE XII.

CONTRA UMA VELHA.

QUE queres tu de mim, mulher dignissima
 Dos negros elephantes?
 Porque me mandas dádivas e escriptos,
 Sendo eu moço não-válido,
 E não tendo o olfato entorpecido?
 Pois mais sagaz percebo
 Do polypo o mau cheiro, ou o caprino
 Dos sovacos hirsutos,
 Do que o férvido cão percebe aonde
 O javali se occulta.
 Que excessivo suor, que graveolencia,
 Sahe dos flaccidos membros,

 Do rosto
 O alvaiade lhe cahe humedecido;
 E de todos os lados
 Correr se vê do crocodilo as fezes

Em tinta convertidas.

.....

.....

Com que palavras ríspida me expobra

Minha extrema frieza !

.....

.....

.....

.....

.....

» Para quem preparava

» Eu cuidadosa a fina lã retinta

» Na purpura de Tyro ?

» Para ti certamente, desejando

» Não tivesse outro amante

» De outra alguma mulher mais ampla prova,

» Que tu, de sêr amado.

» Oh que mísera sou ! tu de mim foges

» Como fogem aos lobos

» Os tímidos cordeiros, ou as cabras

» Aos leões furibundos. »

ODE XIII.

AOS SEUS AMIGOS.

HORRENDA tempestade o ceo enluta :
Desfaz-se Jove em neves e chuviros :
Resôam, com o Áquilo Threício,

Ora o mar, ora as selvas,

Aproveitemos d'este dia, amigos,
O ensejo: — em quanto tem vigor as curvas,
E nos é dado, da rugosa fronte
Desterre-se a velhice.

Tu o vinho, espremido sendo consul
O meu Torquato, tira: nas mais cousas
Não falles, não: — talvez que Deos, mudando-as,
A bom estado as torne.

Agora ungir-nos c'o Achemenio nardo
Nos praz somente, e alliviar o peito
Dos penosos durissimos cuidados,
Co'a lyra de Cylleno;

Como o nobre Centauro ao grande alumno
Cantou, dizendo: — » Invicto mortal moço,
» Da deosa Thetis filho, o territorio
» De Assáraco te espera,

» Que o pequeno Scamandro com as águas
» Frigidias banha, e o lúbrico Simoente,
» D'onde, cortando o vital fio, as Parcas
» Vedar-te-hão que voltes,

» Nem te trará a mãe cerúlea a casa.
» Abranda ahi os males com bom vinho
» E sonoro canto, doce allivio
» Das míseras tristezas. »

ODE XIV.

A MECENAS.

Tu me atormentas, candido Mecenas,
A causa perguntando muitas vèzes
Porque no íntimo d'alma a molle inercia
Tão grande esquecimento
Me diffundira, como
Se bebido eu tivesse, ardendo em sêde,
Agua lethêa, que provoca o somno.

Um deos, um deos, levar ao fim me veda
Os versos jambos começados, como
Te promettêra ha muito. Assim se conta
Que por Bathyllo-Samio
Ardêra Anacreonte,
Que bem vèzes chorou, ao som da lyra,
Sua paixão em não limados versos.

Tu mesmo ardes de amor nas vivas chammas:
Se o fogo que abrasára Ilion sitiada
Não foi mais bello do que o teu e illustre,
Bemdize a tua sorte:
Eu, por uma liberta
A quem um amador só não contenta,
Por Phryne, me entorneço e me consumo.

ODE XV.

A NEÉRA.

ERA noite , e no ceo sereno a lua
Entre os astros menores fulgurava ,
Quando tu , prestes a offender dos deoses
A majestade excelsa ,

Apertando-me mais estreitamente
Nos ternos braços que ao carvalho a hera,
Sobre meus puros votos proferias
Estes teus juramentos :

» Em quanto adverso fôr ao gado o lobo,
» E Orion excitar , infesto aos nautas ,
» No mar o inverno , e o zephyro os cabellos
» Mover de Apollo intonsos ,

» Esse amor que me tens ha-de ser mutuo. »
Oh quanto sentirás minha firmeza ,
Neéra , quanto ! pois , se ha brio em Flacco,
Não sofrerá que , assidua ,

Outro prefiras em alegres noites ,
E irado buscará condigna amante :
Nem tu esperes , quando , arrependida ,
Sintas dôr verdadeira ,

Vencer co'a tua singular belleza
Minha grande constancia estimulada.

Mas, ó tu, quemquerque és, mais venturoso,
Que andas soberbo tanto

Com os meus males: — bem que rico sejas
De rebanhos e terras; — que o Pactolo
Para ti corra; — que ábras de Pythagoras
Renascido os arcanos;

Que venças a Nirêo em formosura;
Ah! mísero verás da ingrata bella
O vivo amor a outro transferido;
E eu rirei a meu turno.

ODE XVI.

AO POVO ROMANO,

JÁ corre em civis guerras nova idade,
E cahe por suas proprias forças Roma,
Que os finitimos Marsos
Ruinar não puderam,
Nem do minaz Porsenna a tropa etrusca,
Nem o émulo valor da activa Cápua,
Nem Spártaco terrível,
Ou infidos Allóbroges,
Que novas cousas amam.

Roma, que a ferocissima Germania
Domar não pôde c'os valentes moços,

Nem o fêrvido Annibal,
Dos paes abominado,
Nós, impia raça de votado sangue
À expiação de crimes, ruinaremos,
E occuparão de novo
As indomitas feras
O lacial terreno.

Os bárbaros virão, ah! vencedores,
Pisar co'a pata dos frisdões sonante
As cinzas da cidade;
E os ossos de Quirino,
Ao sol e ao vento occultos (scena horrivel!)
Um impio espalhará. — Talvez vós todos,
Ou a parte mais digna,
Indagueis qual o modo
De evitar-se estes males?

Não haja parecer melhor do que este:
Como os Phocenses do paiz fugiram,
Maldizendo seus campos,
Os seus lares, seus templos,
Abandonando-os aos vorazes lobes,
E aos feros javalis, assim fujamos
Para onde os pés nos levem,
Para onde o Noto e o Africo
Nos chamem sobre as ondas.

Este designio vos agrada? ou tendes
A lembrar outro que melhor pareça?
Porque nos demoramos

A sahir n'um navio,
Sob auspicios ditosos? Mas juremos
Que só voltar não seja crime, quando
Os pesados rochedos,
Do fundo pego avulsos,
Sobre as ondas nadarem.

Nem dirigir nos peje á patria as velas,
Quando barhar o Pó matinos cumes,
Ou para o mar undoso
Correr o alto Apennino,
Ou amor portentoso unir os monstros
Com tão nova lascivia, que os veados
Juntar-se aos tygres folguem,
E adulterar a pomba
C'o rispido milhano:

Quando o armento crédulo não tema
Os leões fulvos, e ame os salsoz mares,
Da lã despido, o bode.
Com taes juras, ou outras
Que possam obviar a doce volta,
Nós, cu a melhor parte, vamos todos;
Inerte o indocil vulgo,
Sem esperanças, fique
Em seu asylo impuro.

Vós, ó fortes, deixai femineo lucto:
Voai além da praia etrusca: — espera-nos
O circumvago oceano.
Os campos, campos prósperos,

E as ricas ilhas procuremos, onde
A terra messes dá cada anno inculta;
A vinha não-podada
Refforece; e perenne
A oliveira germina;

Onde orna o negro figo a árvore sua;
Da concava azinheira os meles manam;
Salta com pé sonoro
De altos montes a lymphá;
Vem as cabras per. si ao tarro, e as tétas
Traz retesadas o rebanho amigo;
Não freme á noite o urso
Dos apriscos em torno;
O chão não erguem víboras.

Felices, inda mais admiraremos;
Como co'as chuvas não varrer copiosas
O Euro aquoso os campos,
Nem as pingues sementes
Nas resequidas glebas se queimarem;
Que o rei dos deoses uma cousa e outra
Benéfico tempera.
Ahi remeiros d'Argos
Não levaram seu pinho;

Nem poz jámais a Có'chide impud'ca
Ahi seu pé; — nem os sidonios nautas,
Nem a cohorte de Ulysses,
Combatida dos ventos,
Para ahi as antenas bracearam;

Nem empece ao rebanho algum contagio;
Nem astro abrasador
Com o cálido influxo
O nedio gado cresta.

Essas risonhas praias Jove excelso
Separou para a gente virtuosa,
Quando ao século de ouro
O de bronze enfezara,
E endurecêra ao século de bronze
O século de ferro, de que podem
Fugir os varões pios
Seguindo venturosos
Meus dictames proféticos.

ODE XVII.

A CANIDIA.

JÁ já, Canidia, dou as mãos cedendo
Ao poder efficaz da sciencia tua,
E supplice te rogo
Pelos de Proserpina escuros reinos,
Pelo nume inflexivel de Diana,
Pelos livros dos válidos encantos,
Que do céu arrancar os astros podem,
Emfim te deixes das terriveis vozes,
E desandes, desandes, mui ligeira,
O teu mágico fuso.

Moveu Telepho de Nerêo ao neto,
Contra o qual o exercito dos Mysos
Dirigira soberbo,
E agudissimas setas arrojava.
O homicida Heitor, já condemnado
Aos famêlicos cães e ás feras aves,
Ungido foi pelas matronas ilias,
Depois que o rei, os muros seus deixando,
Humilde, oh dor! aos pés fôra lançar-se
Do porfioso Achilles.

Os remeiros de Ulysses trabalhados
As duras pelles dos serdosos membros,
Por vontade de Circe,
Despiram, recobrando o mesmo espírito,
O rosto mesmo e a voz, que d'antes tinham.
Tu, querida dos nautas e mercantes,
Demais me tens punido. A mocidade
Fugiu-me e a rosea côr: — cobriu meus ossos
Lúrida pelle: — está o meu cabello,
C'os teus perfumes, branco.

Não acho algum descanso em meus trabalhos:
A noite impelle o dia e o dia a noite,
Sem respirar meu peito.
Miserio creio agora o que negára,
Que a alma turbam os sabellos versos,
Que a cabeça c'o marso encanto salta.
Que mais queres? Ó mar, ó terra! eu ardo
Mais que Alcides c'o sangue venenoso
De Nesso ungido: — mais que em Etna ardente

Sícula chamma sérvida.

Porque me levem injuriosos ventos,
Árida cinza, abrasas-me, qual forja,
C'os cólchicos venenos.

Qual d'isto o fim? ou que supplicio ordenas?
Falla: — pagarei fido a pena imposta,
Prompto a expiar o meu delicto, ou peças
Novilhos cem, ou queiras ser cantada
Na mentirosa lyra: — tu pudica,
Tu proba, girarás, dourada estrella,
Entre os fúlgidos astros.

Castor e Pollux, pela injuria irados
De Helena, ao vate a luz restituiram,
Movidos de seus rogos.

Da demencia tambem, pois podes, livra-me:
Não foram vis teus paes, nem, velha astuta,
No túmulo do-pobre a cinza espalhas
Ao nono dia. (1) — Tens benigno peito,
Puras mãos, és fecunda, e os pannos rubros
C'o sangue teu, quando dos partos te ergues,
A confidente lava.

(1) Ao nono dia é que se sepultavam as cinzas dos mortos entre os Romanos, quando se celebravam exequias publicas. Horacio falla irremediavelmente: censura a Canidia o ir desenterrar as cinzas dos mortos no dia em que se lhes dava sepultura.

ODE XVIII.

RESPOSTA DE CANIDIA.

PARA que fazes incessantes preces
A cerrados ouvidos ?
As rochas que Neptuno irado açoita
Com as hybernas vagas
Não são mais surdas ao clamor dos nautas
Em naufraga nueza.
Querias rir tranquillo, divu'gando
Os cotyttios mysterios
Consagrados ao livre amor ? e, como
Se pontífice fôras
De esquilinos venenos, encher Roma
Com o meu nome, impune ?
De que te serve haver enriquecido
Pelignas feiticeiras,
E o toxico mais prompto preparado,
Se, contra o que desejas,
Mais lentamente findarão teus fados ?
Misero, a ingrata vida
Te durará, e só para que sofras
Novos trabalhos sempre.
Descanço aspira o pae do infido Pélops,
Tantalo, devorado
Sempre de fome entre iguarias amplas :
Aspira libertar-se
Do abutre Promethêo : — Sisypheo aspira
Pôr no alto monte a pedra :
Mas vedam-no de Jove as leis supremas.

Quererás arrojar-te
Ora das torres eminentes, ora
Com a nóríca espada
O peito trespassar, e, na tristeza
Que o animo te enoja,
Armarás á garganta estreitos laços :
Mas em vão, pois eu mesma,
Cavalleiro soberbo, em es teus hombros
Montarei inimigos,
E cederá ao meu orgulho a terra.
Eu, que imagens de cêra
Animar posso, como já curioso
Presenciaste, e ao polo
Com minhas vozes arrancar a lua,
Que aos mortos já queimados
Posso dar vida, e temperar potentes
Philtros de amor, acaso
Chorarei que minha arte só contigo
Não tenha effeito valido ?

FIM DAS ODES.

OBSERVAÇÃO

DO TRADUCTOR.

SUPRIMI algumas palavras e alguns versos na traducção das Odes de Horacio por serem a expressão de idéas ou sentimentos, não só depressores da gravidade e illustração de tão insigne poeta, mas extremamente repugnantes aos povos modernos, cujos habitos modestos e delicados, devidos ás doutrinas salutaes do christianismo e proprios de uma civilisação mais digna da especie humana, não sofrem grosserias, licenciosidades e impurezas.

Muitas das palavras suprimidas eram denunciadoras de um vicio que manchára illustres talentos e distinctas personagens no século de Augusto, como d'antes o havia feito, e até na brilhante antiguidade grega, vicio caracteristico da corrupção extrema dos costumes, que as leis das nações modernas severamente proscvem e punem, e contra o qual se promulgára na antiga Roma, em o tempo da segunda guerra punica, uma lei chamada *lex scantinia*, que chegára a ter execução, mas que, corrompida a moral publica pelos excessos do luxo e as voluptuosidades do Oriente, cabira em des-

uso e adormecêra, sem ao menos acordar no benéfico governo de um Antonino ou de um Trajano !

A maior parte dos traductores, em razão d'essas palavras ou versos offensivos da moral e decencia publica, omittiram inteiramente muitas Odes de Horacio: — eu porem traduzi todas, com a indicada suppressão, considerando que assim podiam sêr lidas sem desagrado pelas pessoas graves e modestas, e sem inconveniencia pela mocidade innocente e estudiosa.

POEMA SECULAR. (1)

A' APOLLO E A DIANA.

OS DOIS COROS,

de meninos e meninas romanas.

PHEBO e, dos bosques árbitra, Diana,
 Ó vós do céo clarissimo ornamento,
 Sempre adorandos, adorados sempre,
 Dai-nos quanto pedimos,
 N'este tempo sagrado,

(1) São diversas as opiniões dos antigos escriptores sobre a origem dos jogos seculares: — podem ver-se em Vanderbourg (II, 2.^a parte, 403), e em Walckenaer (II, 258). Considera-se porem geralmente que a instituição primitiva tivera por fim abrandar os deoses infernaes por occasião de ser o estado ferido ou ameaçado de alguma calamidade publica.

O illustre Walckenaer (II, 283), referindo-se a Septimio Severo e a Zosimo, ambos os quaes se conformaram com o calculo e decisão dos quindecemviros, é de opinião que a primeira celebração d'estes jogos fôra no anno 298 da fundação de Roma. Elle confuta, com razões plausiveis, a opinião de Valerio Antias, de Varron e Tito-Livio, de haverem sido celebrados os primeiros jogos seculares no anno 245, depois da expulsão dos reis e do estabelecimento dos consules.

A forma e as ceremonias religiosas d'estes jogos foram mudando

No qual os versos sibyllinos mandam
 Selectas virgens e meninos cãstos
 Hymnos sonoros entoar aos deoses,
 A quem os sete montes
 Foram sempre apraziveis.

CORO DOS MENINOS.

Sol criador, que em teu nítido carro
 Mostras e escondes o formoso dia,
 E nasces outro e sempre o mesmo, nunca
 Possas vêr maior cousa
 Que a cidade de Roma.

CORO DAS MENINAS.

Branda Ilithya, que os maturos partos
 Favoreces benigna, as mães soccorre;

com o tempo á medida do augmento progressivo das riquezas e do luxo. As divindades celestes foram associadas aos deoses infernaes : — a Proserpina e a Plutão ficaram preferindo o Sol e a Lua, *Apollo* e *Diana*.

Os Romanos tinham em grande veneração os oraculos das Sibyllas. A guarda de seus livros foi a principio confiada a dois sacerdotes, depois a dez, e finalmente a quinze, os quaes consultavam esses livros e ordenavam, segundo o oráculo, a festa solemne, que era celebrada no fim de cem annos, um seculo. Os arautos convidavam os povos a vêr uma festa que ainda não tinham visto nem tornariam a vêr.

As ceremonias religiosas prescriptas pela Sibylla, segundo Acron, ¹ e que antigas tradições confirmam, tinham dois fins differentes,

¹ Acron, *aput. Horat. carm. secul.* p. 1.

Ou te seja agradavel que te invoquem
De genital c' o nome,
Ou antes de Lucina.

Faze que tenham numerosos filhos :
Prospera, ó deosa, os pródidos decretos
Sobre o laço dos conjuges, das nupcias
A lei, fecunda origem
De nova descendencia.

OS DOIS COROS.

O circulo prefixo de annos onze
Reiterados vêzes dez nos traga
Os doces cantos e os alegres jogos
Por tres dias brilhantes,
E tres festivas noites.

a commemoração do seculo e as expiações necessarias para fazer cessar as epidemias contagiosas ou desviar dos Romanos as desgraças imminentes.

Augusto augmentou a pompa e solemnidade d'esta festa religiosa com representações theatraes e outros festejos de alegria publica. — Os quindecemviros, aos quaes era confiado o exemplar authenticos dos oraculos depositado em um cofre de ouro na base da estatua de Apollo, explicaram o seculo segundo o oraculo da Sibylla, e vendo que os cem annos embolismicos correspondiam a cento e dez do seu tempo, fizeram o *seculo sibyllino* de cento e dez annos.

Duravam estes jogos seculares tres dias e tres noites. Dacier e Sanadon referem diversas particularidades, extrahidas de Zosimo e de outros autores antigos, sobre as ceremonias d'esta festividade : — podem vêr-se em os seus commentarios. — O uso de fazer cantar hymnos por meninos dos dois sexos em honra dos deoses para os tor-

Vós, cantoras verídicas, ó Parcas,
Cujo oraculo, apenas proferido,
Válido effeito tem irrevogavel,
Aos bens já concedidos
Juntai ditosos fados.

Fertil de fructos e de gado a terra,
De aureas espigas engrinalde a Ceres :
Nutram as suas producções mimosas
Salutíferas aguas,
E virações benignas.

CORO DOS MENINOS.

Guardando as flechas socegado e brando,
Ouve, ó Apollo, os súplices meninos.

nar propicios, era antiquissimo em Roma. — Os poetas que compunham versos para serem cantados nas ceremonias publicas religiosas adquiriam um character venerando e de algum modo sagrado. E' por isso que Horacio tinha uma especie de desvanecimento e de orgulho em haver composto este bello poema, para que fôra convidado por Augusto propriamente.

O primeiro dia d'esta festa solemne era celebrado no Campo de Marte, o segundo no Capitolio, o terceiro sobre o monte Palatino, onde se achava o templo de Apollo. — Este poema foi cantado no terceiro dia, dirigido especialmente a Apollo e a Diana, em os jogos celebrados no anno de Roma 737, 17 annos antes de Jesus-Christo.

Duchemin (II, — 412) diz que as odes XXI do livro I, e VI do livro IV, foram feitas por Horacio para exhortar os dois coros d'este poema a bem desempenharem as suas funcções, e pedir a Apollo que ouvisse as suas supplicas e honrasse os seus versos.

CORO DAS MENINAS.

Tu, das estréllas fúlgidas rainha,
Ouve, ó Lua bicornes,
As candidas meninas.

OS DOIS COROS.

Se Roma é obra vossa, e á praia etrusca,
Seguindo o vosso oráculo, abordaram,
Sua cidade e os lares seus mudando,
As ilíacas tropas
Com próspera viagem,

A's quaes, por entré a incendiada Troia,
Sobrevivendo á patria, o pio Enéas
Abríra fielmente livre estrada,
Para dar-lhes um reino
Mais amplo que o perdido;

Dai, ó deoses, á docil mocidade
Costumes bons, dai plácido socego,
Ó deoses, á velhice, dai riquezas,
Prole e as honras todas
A' geração romúlea.

O de Venus e Anchises nato illustre,
Que immola em vossas áras brancos touros,
Impere sobre nós, mais glorioso

Por brando c' os vencidos,
Que por bravo guerreiro.

Já no mar e na terra as suas hostes,
E as albanas secures, teme o Medo :
Já os Scythas e os Indios, orgulhosos
Inda ha pouco, demandam
As suas leis submissos.

Já finalmente a Fé, e a Paz, e a Honra,
E o antigo Pudor, e a Virtude
Desprezada atégora, ousam mostrar-se :
E a risonha Abundancia
C' o fertil vaso assoma.

CORO DOS MENINOS.

O deos que um arco refulgente adorna,
Que no futuro lê, Phebo, querido
Das doudas nove irmans, que os lassos membros
Dos corpos allivia
Por saudavel arte ;

Se vê as torres, com propicios olhos,
Do monte Palatino, e o Lacio próspero,
De lustro em lustro, e mais ditoso sempre,
Leve o imperio romano
Aos séculos futuros.

CORO DAS MENINAS.

A deosa que é senhora do Aventino,
E do Álgido, Diana, as preces ouça
Dos quinze sacerdotes, e applique
Ouvidos favoraveis
Aos votos dos meninos.

OS DOIS COROS.

Sim, Jove e os deoses todos nos ouviram :
Co' esta esperança doce e certa vamos
Para nossas pousadas : — dignamente
Cantámos os louvores
De Phebo e de Diana.

FIM DO POEMA SECULAR.

NOTAS.

NOTAS.

LIVRO I.

ODE I.

734 — 736.

*Anno de Roma 735 — Antes de J.-C. 19 —
Edade de Horacio 46. (1).*

ESTA bella e delicada Ode é geralmente considerada pelos mais distinctos commentadores como o prólogo ou a dedicatória a Mecenas dos dois primeiros livros das Odes de Horacio, publicadas por elle, segundo se conjectura, no anno de Roma 735. — Descrevendo os diversos gostos dos homens, Horacio

(1) Os grandes interpretes e commentadores, como Dacier, Desprez, Sanadon, Vanderbourg e outros, não puderam fixar precisamente, no tocante a algumas Odes, o tempo da sua composição. Todavia Walckenaer, na sua *Historia da Vida e das Poestas de Horacio*, por delicadas e profundas combinações e exame de escriptos de remota antiguidade, pôde designar o anno da composição de cada Ode, ainda que, em parte, só fundado em probabilidades e conjecturas. Nas que não alcançou certeza da sua data, marca os annos que limitam o tempo em que conjectura a sua provavel composição. Eu o segui exactamente n'esta designação, assim como segui as idéas de tão illustre escriptor respectivamente a alguns pontos historicos menos conhecidos ou menos elucidados. — Serviu-me tambem de grande auxilio para estas notas o Diccionario universal de Historia e Geographia de M. Bouillet, alem dos escriptos dos referidos commentadores.

habilmente attribue a Mecenas o das letras e o da poesia, dizendo que as corôas de hera, ornamento das fronteas doutas, o misturam entre os deoses; e, expressando ser a sua peculiar inclinação o culto das Musas, que o distinguem do vulgo, diz que subirá aos astros se esse protector illustre dos sabios o comprehender no numero dos poetas lyricos.

AFRICO. — Vento furioso que reinava no Mediterraneo e vinha da costa d'Africa.

CYPRIO LENHO. — De Chypre, ilha da Turquia europêa, no Mediterraneo, entre a Asia-Menor e a Syria. — Foi famosa na antiguidade por seu commercio, objecto a que Horacio allude. — Em Chypre floreciam as cidades de Amathonta (hoje *Limisso*), de Paphos, de Idalia, todas consagradas a Venus. — Os Romanos occuparam essa ilha no anno 65 antes de J.-C. — Os Turcos se apoderaram d'ella em 1571.

EIRAS LIBYCAS. — De Libya, nome grego da Africa. — Libya, propriamente dita, é aquella parte da Africa que confina ao Oriente com o Egypto, e ao Occidente com a parte a que os modernos chamam *Tripoli*. — Era abundante em trigos.

EUTERPE. — Uma das Musas, inventora da flauta. Presidia á musica.

FORTUNAS ATTALICAS. — De Attalo, rei de Pergamo (hoje *Bergamo*), cidade da Mysia, perto do *Caico*, rio da Asia-Menor (hoje *Grimakli-Haiki*), que desagua no mar Egêo. — Pergamo deu seu nome ao pergaminho. — Os reis Attalos eram riquissimos: — as riquezas attalicas haviam-se tornado proverbias.

ICARIAS ONDAS. — O mar Egêo onde Icaro cahiu. — Icaro, filho de Dédalo, fugiu da ilha de Creta com seu pae, por meio de azas que a si ligára com cêra, mas, aproximado do sol, a cêra derreteu-se, desligaram-se as azas, e cahiu no mar Egêo, hoje o *Archipelago*, golfo do Mediterraneo.

LESBIA CYTHARA. — De Lesbos, ilha do mar Egêo, onde nasceram Sapho e Alcêo, insignes na poesia lyrica. — Lesbos chama-se hoje *Metelin*. — A *cythara*, ou pequena lyra, era

devida a Mercurio; e *Barbyton*, grande lyra dos Gregos, havia sido inventada por Apollo.

MASSICO LICOR. — De Massico, monte de Italia, famoso por seus vinhos. Hoje denomina-se *Mondragone*.

MECENAS (C. Cilnius Mecenás). — Era descendente dos antigos reis da Etruria ou Toscana. — Conservou sempre a dignidade de cavalleiro romano. Foi o maior valido de Augusto, e um grande protector dos homens de letras. Era dotado de conhecimentos e grande politico. Foi amigo intimo de Horacio.

MYRTOO. — O mar *Myrtoo*, parte do mar Egêo comprehendida entre Eubea, o Peloponeso, e a Attica. — Segundo alguns sabios, recebeu este nome de *Myrtos*, pequena ilha que lhe fica proxima; — segundo outros, de *Myrtilo*, filho de Mercurio, que se afogára n'esse mar, assás tempestuoso.

POLYHYMNIA. — Uma das Musas. Presidia á harmonia e ao louvor dos varões insignes.

QUIRITES. — Os Romanos: — appellidavam-se assim, derivando este nome de *Cures*, cidade dos Sabinos.

TEREÍMINAS HONRAS. — As tres primeiras magistraturas de Roma, de *edil*, *pretor* e *consul*.

ODE II.

Anno de Roma 732 — Antes de J.-C. 22 —

Edade de Horacio 43.

ESTA Ode é uma das mais bellas e magnificas de Horacio. Offerece o quadro enérgico dos desastres de Roma no anno de 732; — recorda os do mesmo genero acontecidos na morte do

grande Cesar; — allude aos tristes resultados das guerras civis; — e mostra ser vontade dos deoses dar um protector ao imperio na pessoa de Augusto, que o poeta se propoz lisonjear.

APOLLO. — Filho de Jupiter e de Latona. É tambem chamado *Phebo* e *Delio*, da ilha Delos, hoje *Sdilo* ou *Dili*, uma das Cycladas. — Ahi nasceram, de um mesmo parto, Apollo e Diana. — Apollo toma-se tambem pelo *sol*. — Era tido por deos das artes, da luz, da sabedoria e dos vaticinios, e presidia ás Musas.

DE UM REI OS MONUMENTOS. — O palacio e o tumulo de Numa Pompilio, segundo rei de Roma. O palacio estava á esquerda do Tibre junto ao templo de Vesta.

ERYCINA. — Cognome de Venus, tomado do templo edificado em honra sua no alto do monte Eryx, hoje monte de *San-Giuliano*, na Sicilia. — Venus era deosa dos amores e da formosura: — nascêra da escuma do mar. É mãe de Cupido.

FILHO DE MAIA. — É *Mercurio*. — Era vulgar a opinião de que elle fôra o vingador de Cesar, morto por Cassio e Bruto, tomando a figura do joven Augusto, então de 19 annos de idade. V. *Mercurio*, not. á ode 10.^a, d'este livro I.

HOMBROS DE UMA NUVEM COBERTOS. — Allude á opinião adoptada pelos poetas de que na morte de Cesar o sol se cobríra de uma nuvem escura, como que indignado de tão nefanda atrocidade.

ILIA. — Mãe de Romulo, de quem Julio Cesar pertendia descender, casára com o rio *Anieno*, chamado tambem *Tiberino* por desaguar no Tibre: — é por isso que Horacio a este chama *uxorius amnis*, considerando-o o esposo de Ilia, e figurando que com a sua inundaçãõ vingára as injurias que ella sofrêra com a morte de Cesar e de innumeraveis Romanos nas guerras civis subsequentes.

JOVE, ou JUPITER. — Filho de Saturno e de Rhea: — era o deos supremo, o pae e o senhor dos deoses e dos homens na religiãõ dos Gregos e dos Romanos. Teve a sustentar uma

guerra terrível contra os Gigantes que quizeram escalar o céu para vingar os Titanes e o desthronar. — Toma-se também pelo *ar*. — O carvalho lhe era consagrado.

MARTE. — Filho de Jupiter e de Juno, deos da guerra, de quem os Romanos pertendiam descender por Ilia, que d'elle tivera os dois filhos gemeos, Remo e Romulo, fundadores de Roma.

NEPTUNO. — Filho de Saturno e de Rhea ou Ops: — era tido pelo deos dos mares.

PERSAS. — Povos da Asia mui bravos e bellicosos. Confundem-se com os *Parthos* e os *Medos*, cujo imperio passára aos Persas, e d'estes aos Parthos. V. *Persia*, not. á ode 21.^a d'este livro I.

PRAIA ETRUSCA. — De Etruria, hoje *Toscana*, famoso paiz de Italia.

PROTÊO. — Filho do Oceano e de Tethys. Predizia o futuro, e tomava todas as figuras que queria.

PYRRHA. — Mulher de Deucalião, rei de Thessalia. Esta região chamou-se primitivamente *Hermonia*, hoje chama-se *Sandjakat de Tricala*, um dos sete paizes da península hellenica, situada na costa oriental, e que pertence ao imperio ottomano.

QUIRINO. — É Romulo. — *Povo de Quirino*, o povo romano.

TIBRE. — Rio de Italia. — Jove não approvava que este rio destruísse totalmente Roma, situada á sua margem esquerda, nem que alguém tivesse parte com Octaviano, chamado depois Augusto, na gloria de vingar a morte de Cesar. — V. *Etrusco rio*, not. á ode 7.^a do livro III.

VESTA. — Filha de Saturno e de Cybele. Era deosa do fogo: — a celebração de seus mysterios só pertencia ás virgens, que tinham o cuidado de não deixar jamais apagar o fogo em seus templos.

ODE III.

*Anno de Roma 735 — Antes de J.-C. 19 —
Edade de Horacio 46.*

VIRGILIO, cuja saude se achava mui alterada, havia formado o projecto de ir a Athenas, e passar-se á Asia, afim de aperfeiçoar a sua *Eneida* pela vista dos logares que eram o theatro d'esse insigne poema. — Quando Virgilio partiu, dirigiu Horacio ao navio que conduzia tão caro amigo esta Ode, testemunho indelevel de sua saudade.

ACROCERAUNIAS ROCHAS. — Montes do antigo Epiro (hoje a *Albania meridional*), os quaes dividem o mar Jonio do Adriatico, conhecidos presentemente por montes da *Chimera* ou *Khimiaroli*, e que são feridos frequentemente pelos raios.

CYPRIA DEOSA. — É Venus, adorada na ilha de Chypre, ilha da Turquia europêa, no Mediterraneo.

DÉDALO. — Famoso artifice atheniense. Salvou-se do labyrintho de Creta, que fabricára, por meio de azas que a si ligára com cêra.

FILHO DE JAPETO. — É Promethêo, que, sendo arrebatado ao céu pelo auxilio de Minerva, vendo que os astros eram animados do fogo celeste, roubou o fogo ao sol, e d'elle se serviu para animar uma estatua semelhante ao homem. V. *Promettêo*, not. á ode 16.^a d'este livro I.

HERCULES. — Filho de Jupiter e de Alcmena; — o mais celebre dos heroes da antiguidade. Era de forças extraordinarias, e distinguio-se por immensas proezas; — suffocou o leão de Nemêa; matou o javali de Erymantho e a hidra de Lerna; domou o touro de Creta e os cavallos de Diomedes; desfez as Amazonas, e arrastou Cérbero para fora dos infernos, d'onde livrou Thesêo; — separou as montanhas de Calpe e de Abyla, d'antes uma só, e que formaram o que depois se cha-

mou as *columnas de Hercules*; matou o centauro Nesso. — Dejanira sua mulher, querendo attrahil-o, lhe enviou uma tunica tinta do sangue do referido centauro: — assim que a vestiu, collou-se á sua pelle e o despedaçou cruelmente.

HYADAS. — Estréllas que os astrónomos figuram sobre o signo Tauro. São tempestuosas. A fabula as considerou filhas de Atlas, rei da Mauritania, e methamorphoseadas n'essa constelação.

IRMÃOS DE HELENA. — *Castor e Pollux*, filhos de Jupiter e de Leda: — foram methamorphoseados em astros, favoraveis aos navegantes.

JAPIS. — Vento da Apulia, favoravel aos que iam d'ahi para a Grecia.

NOTO. — Vento tempestuoso e violento. Era vento do sul, chamado tambem *austral*.

PAE DOS VENTOS. — É Eolo, filho de Jupiter e rei dos ventos. Elle deu a Ulysses todos os ventos mettidos em odres, excepto o zephyro que devia leval-o para a sua patria. — Horacio, lembrado d'esta fabula, representa o mesmo pensamento.

VIRGILIO. — Insigne poeta épico latino. V. not. á ode 24.^a d'este livro I.

ODE IV.

Anno de Roma 732 — Antes de J.-C. 22 —

Edade de Horacio 43.

CELEBRA Horacio a chegada da primavera; — descreve as doçuras que ella traz, afugentando as durezas do inverno; — e convida Lucio Sextio a gosar dos seus prazeres, recordando-

lhe a brevidade da vida e a certeza da morte. — Considera-se ter Horacio acabado de sentir a influencia do terrivel inverno de 731 a 732 quando fêz esta Ode.

CYCLOPES. — Obreiros de Vulcano : — trabalhavam nos raios de Jupiter em o monte Etna, e nas forjas de Lemnos, ilha do mar Egêo, hoje *Stalimene*, e primitivamente *Diopolis* e *Hypsipyle*.

DEOSA DE CYTHERA. — Venus, deosa da formosura. Era adorada em Cythera, ilha do Mediterraneo, hoje denominada *Cerigo*.

FAUNO. — Filho de Pico, e deos dos pastores : — diz-se que fôra um dos antigos reis do Lacio, e trouxera da Arcadia á Italia o culto dos deoses e os trabalhos da agricultura. O seu bom governo o fêz collocar no numero dos deoses campestres. *Attribue-se-lhe o dom dos oraculos*.

PLUTÃO. — Deos dos infernos, filho de Saturno e de Rhea.

VULCANO. — Deos do fogo, filho de Jupiter e de Juno. Foi, por deforme, precipitado do céu, e cahiu na ilha de Lemnos, ficando côxo. Trabalhava com os Cyclopes em forjar o raio.

ODE V.

Anno de Roma 720 — Antes de J.-C. 34 —

Edade de Horacio 31.

ESTA Ode contem lisonjeiras censuras a Pyrrha, por quem Horacio se apaixonára. Foi um rompimento significado de uma maneira graciosa e poetica.

IMPERIO NOS FESTINS. — Nos festins era costume eleger-se um rei, a quem os demais convidados obedeciam. Esse

rei, que prescrevia as leis do festim e o numero dos copos que se deveria beber, era elegido á sorte por uma especie de dados.

ODE VI.

*Anno de Roma 727 — Antes de J.-C. 27 —
Edade de Horacio 38.*

HORACIO, convidado por Agrippa, como o fôra por Mece-nas, a celebrar os feitos gloriosos para o imperio realizados no govêrno de Augusto, o que era celebrar a gloria do mesmo Agrippa a quem na maior parte eram devidos, escusa-se d'isso n'esta bellissima Ode.

ACHILLES. — Principe grego mui valoroso, filho de Thetis e de Pelêo, rei de Thessalia, região da Grecia, hoje dos Turcos com a denominação de *Sandjakat de Tricala*. — Foi Achilles o vencedor de Heitor na guerra de Troia. — Horacio, querendo engrandecer os feitos de Agrippa, dá a entender que só podiam ser cantados por um genio como o de Homero, que cantára na *Iliada* a colera de Achilles, e na *Odyssêa* os trabalhos de Ulysses.

AGRIPPA (M. Vipsanius). — Famoso general romano, valido de Augusto. Elevou-se por suas virtudes civis e militares ás mais altas dignidades. A elle se deveu, entre outras victorias, o bom successo da batalha d'*Actium*. — Aconselhou a Augusto, aindaque de balde, o abdicar o imperio e restabelecer a republica. Esposou Julia, filha d'esse imperador, e foi designado para successor do império. É elle que fez construir em Roma o celebre *Pantheon* (edifício soberbo, destinado a receber as estatuas de todos os deoses).

CISNE EM OS MEONIOS VERSOS. — Proprios de Homero, o maior dos poetas épicos, natural de Meonia, na Asia-Menor. — *Meonia*, nome dado pelos poetas á Lydia, de *Meon* seu antigo rei. Chamava-se a Homero *poeta meonio*, por ser considerado natural da Lydia, hoje denominada *Carasia*. Sobre as costas da Lydia estavam quasi todas as cidades gregas que formavam a confederação jónica.

DIOMEDES. — Rei de Etolia, região da Grecia antiga (hoje, *paiz dos Souliotes*). — Era filho de Thydéo. A Etolia, ligada antigamente aos Macedonios e depois aos Romanos, foi posteriormente submettida ao jugo ottomano: — só em nossos dias, na insurreiçãõ de 1821, recobrou sua independencia. — Diomedes foi o mais valoroso Grego depois de Achilles e de Ajax.

MARTE. — Deos da guerra, filho de Jupiter e de Juno. Era particularmente adorado entre os Romanos, que o olhavam como pae de Romulo e de Remo. V. not. á ode 2.^a deste livro I.

MERION. — Heroe grego, cantado por Homero, um dos amadores de Helena. — Conduziu ao cerco de Troia, com Idomeneo, as naus dos Cretenses. Estes, depois da sua morte, fizeram-lhe honras divinas.

PELOPS. — Filho de Tantalos, rei da Lydia. Foi morto por seu pae, que ministrou seus membros aos deoses em um banquete que lhes dera. Jupiter, reconhecendo o detestavel guizado, reuniu os membros esparsos do joven principe (salvo uma costela que Ceres comêra) e lhe restituiu a vida. Teve por filhos *Atréo*, *Thyestes*, *Pittheo*, *Træxen*, que são muitas vézes chamados *Pelopidas*.

ULYSSES. — Rei de Ithaca, filho de Laertes e de Anticlêa. Fez grandes serviços aos Gregos, e contribuiu muito, com seu valor e esforço, para a tomada de Troia. É um dos heroes da *Iliada* de Homero, e suas aventuras e sua volta a Ithaca formam o assumpto especial da *Odyssêa*. — Os Portuguezes lhe attribuem a fundação d' *Olyssippo* ou Lisbôa.

VARIO (*L. Varius*). — Insigne poeta latino tragico e épico, amigo de Virgílio e de Horacio, aos quaes sobrevivera. — Foi encarregado por Augusto de revêr e examinar, com Tucca, a *Eneida* de Virgílio.

ODE VII.

*Anno de Roma 722 — Antes de J.-C. 32 —
Edade de Horacio 33.*

ESTA Ode foi dirigida a Planco (*L. Munatius*) reputado grande militar, para attenuar o effeito de sua tristeza occasionada, segundo refere Walckenaer, (1) da pouca estima que seu character merecia a Octaviano, não obstante haver deixado o Egypto, onde fôra baixo cortêsão de Antonio e de Cleopatra, ter-se declarado pelo mesmo Octaviano, e ser por sua proposto que o triumviro recebeu do senado o nome de *Augusto*.

ALBUNEA. — Fonte existente em Tibur, hoje *Tivoli*, cidade antiga do Lacio: — assim chamada por habitar perto a sibylla *Albunea*, que era reverenciada em toda a região banhada do rio Anio. Seu templo era em Tibur, de que ainda se vê as ruínas.

ANIO. — Rio de Italia (hoje *Teverone*), pequeno rio do Lacio; — lança-se no Tibre.

BACCHO. — Deos do vinho, filho de Jupiter e de Semele, princeza thebana. Desde sua infancia, triumphou de todos os perigos, a que Juno, ciosa de sua mãe, ó expunha continuamente. — Elle fez a conquista das Indias com um exercito de homens e de mulheres, levando, em vêz de armas, thyrsos

(1) *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace*, t. I, p. 344.

carregados de uvas e tambores. Foi depois ao Egypto, onde ensinou a agricultura aos mortaes, plantou vinha, e foi adorado como deos do vinho. Na guerra dos Gigantes transformou-se em leão, e fez maravilhas animado por Jupiter, que lhe gritava «Evoé» que quer dizer «corajem, meu filho!» Os antigos davam a este deos diversos nomes : — *Liber, Lycaus*, e outros.

CORINTHO. — Cidade da Grecia no Peloponeso, entre o mar Egêo e o da Jonia. Primitivamente *Ephyro, Kordos* dos Turcos. Foi uma das cidades mais importantes da Grecia. Deu seu nome a uma ordem de architectura dita *corinthia*. Tinha monumentos e objectos d'arte primorosos. Foi importantissima por commercio, riquezas e luxo. — Ficou livre da denominação turca em 1821.

DELPHOS, (hoje *Castrì*). — Cidade da Phocida, região da Grecia antiga. Seu templo e oraculo de Apollo a tornaram celebre em todos os paizes gregos. Foi o deposito de riquissimos thesouros que se punham sob a protecção d'esse deos.

EPHESO, (hoje *Aia-solouk*). — Cidade da Asia-Menor, sobre a costa occidental, celebre por um magnífico templo de Diana, o qual foi incendiado por Erostrato no dia do nascimento de Alexandre, mas depois restabelecido. Foi fundada pelos povos da Caria. — Os philosophos Heraclito, Hermodoro, o poeta Hipponax, os pintores Apelles e Parrhasio, n'ella nasceram. — O christianismo ahi estabeleceu uma de suas primeiras egrejas.

LACEDEMONIA, ou **ESPARTA**. — Cidade da Grecia antiga, capital da Laconia no Peloponeso. — *Sofredora*, pelo rigor de suas leis. Não existem hoje d'ella senão algumas ruínas. — Foi antes uma republica militar do que um estado monarchico. Foi mui celebre pelas suas heroicidades e victorias. Subjugou, entre outros povos, os Messenios. — É a patria de um grande numero de homens illustres : — Lycurgo, Leonidas, Pausanias, Lysandro, Agesiláo e outros.

LARISSA. — Cidade da grande região da Grecia chamada

Thessalia (hoje dos Turcos com o nome de *Sandjakat de Tri-calá*). Foi patria de Achilles. — Pompêo se refugiou ahi depois da batalha de Pharsalia. É ainda hoje uma cidade rica e florecente.

MYCENAS (hoje ruínas perto de *Karvathi*. — Cidade da Argolide, região da antiga Grecia, que obedeceu successivamente aos Romanos, aos imperadores gregos, aos principes cruzados, aos Venezianos, aos Turcos. — Hoje provincia do novo reino da Grecia. — Mycenás era cheia de monumentos magníficos, de que apenas restam ruínas. Foi fundada, segundo alguns autores, por *Mycenas*, filha de Inacho; segundo outros, por *Acrisio* ou *Persêo*. Foi a capital do pequeno reino de Mycenás que disputou a Argos a supremacia do Peloponeso. A guerra de Argos a destruiu e exterminou seus habitantes.

MITYLENE. — Cidade de Lesbos (hoje *Medelin*), ilha do mar Egêo sobre a costa da Asia. Mitylene é celebrada dos autores antigos pela solidez e firmeza de seus edificios, fertilidade de seu terreno, e mais ainda pelos grandes genios que produziu; — Pittaco, Alcêo, Sapho, Hellanico, &c. Foi por muito tempo o assento das sciencias, e ahi se educaram eminentes personagens: — suas escolas de eloquencia eram mui gabadas.

OLIVEIRA. — Arvore dedicada a Pallas ou Minerva, deusa da sabedoria.

RHODES. — Ilha do Mediterraneo sobre a costa da Asia-Menor. Seu nome deriva-se do grego *rhodon*, rosa. Pertence hoje á Turquia. — Rhodes, capital d'esta ilha, edificada no tempo da guerra do Peloponeso, chegou a uma alta prosperidade pelo commercio e a cultura das letras e das artes. Admirava-se em seu porto um famoso colosso. — Em 1310, os cavalleiros de São-João-de-Jerusalem ahi se estabeleceram.

THEBAS. — Cidade do Egypto superior, que tomou d'ella o nome de *Thebaida*, fundada n'uma época remotissima e não-conhecida: — é situada nas margens do Nilo. — É tambem chamada *Hecatompylos*, por causa das suas cem portas. — Foi

tomada por *Cambyses*, e quasi inteiramente destruida por *Cornelius Gallus*, governador do Egypto no tempo de Augusto, e cahiu enfim sob a denominação dos Arabes. Hoje só restam d'ella ruínas sobre uma superficie immensa.

TIBURNO (bosque de). — De Tibur, hoje *Tivoli*, cidade antiquissima do Lacio, banhada pelo rio Anio. — Tibur, submettida a Roma desde o tempo de Tarquinio-o-soberbo, revoltou-se muitas vezes durante a 3.^a invasão galleza, e na grande insurreição latina. — Os seus arredores eram muito agradaveis e deliciosos. Horacio ahi tinha a sua casa de campo, como muitas personagens romanas. — *Tiburno* foi seu fundador.

ODE VIII.

Anno de Roma 727 — Antes de J.-C. 27 —

Edade de Horacio 38.

HORACIO, n'esta Ode, censura Lydia por concorrer para a pèrda do joven Sybaris, a esperanza e o orgulho de sua familia. Como Achilles, sob os trajos da moleza, já ninguem o vê nos exercicios gymnasticos, exposto ao sol e á poeira, domar no campo de Marte um cavallo da Gallia, fender as ondas do Tibre, ungir-se do oleo dos atletas, &c.

GALLIA. — Designava-se sob este nome, 1.^o a Gallia propriamente dita ou Gallia Transalpina (a França actual e a Belgica); 2.^o a Gallia Cisalpina (Italia septentrional); 3.^o a perfeitura das Gallias, que comprehendia as ilhas Britannicas, a Gallia transalpina e a Hespanha. — Os cavallos da Gallia eram estimados em Roma por sua arrogancia e ligeireza.

LYCIOS. — N'este logar tomam-se pelos Troianos. — Eram

povos que auxiliaram Troia : — os seus chefes foram Sarpedon e Glauco. — A Lycia (hoje livah de *Tekke*), é região da Asia-Menor, pertencente aos Turcos. — Foi celebre antigamente pelos oraculos de Apollo, e pela fabula de Chimera.

THETIS. — Mãe de Achilles e filha de Nerêo. Occultou Achilles, em trajo de rapariga, no palacio de Lycomedes, rei dos Scyros (hoje *Skiro*), ilha da Grecia no mar Egêo, para o impedir de ir a Troia onde sabia que elle morreria. — Não deve confundir-se com a esposa de Neptuno, cujo nome se escreve diversamente — *Tethys*.

TIBAZ. — Rio de Italia. V. not. á ode 2.^a d'este livro I.

TROIA. — Cidade famosa da Phrygia. Sua cidadella denominava-se *Pergamo*. Tambem se chamava cidade de *Ilion*, do nome de *Ilus*, um de seus reis. Era de origem pelasgica. Da-se-lhe por fundador Tros ou Dárdano. Foi rica e poderosa. Laomedonte a cercou de muros, auxiliado de Apollo e Neptuno, mediante uma paga, mas recusando depois satisfazê-la, Hercules, irritado de sua perfidia, matou esse rei desleal, e collocou no throno o joven Priamo. Este, havendo tollerado o roubo de Helena por seu filho Paris, teve a sustentar contra os Gregos, confederados sob Agamemnon, a famosa guerra de Troia que durou dez annos, e que acabou pela tomada da cidade e a destruição do reino, o que teve logar, segundo Herodoto, em 1270 antes de J.-C.; — segundo os marmores de Paros, em 1209; segundo Eratosthenes, em 1184. A guerra de Troia é o mais celebre acontecimento dos tempos mythologicos; — serve de época, e separa esses tempos dos tempos heroicos ou semi-historicos.

ODE IX.

Anno de Roma 724 — Antes de J.-C. 29 —

Edade de Horacio 35.

ESTA Ode é dirigida ao joven Thaliarcho, que os antigos escolliadores consideram liberto, mas que era rico, instruido, e amigo de Horacio. Achando-se triste, Horacio o chama á alegria pelo quadro dos prazeres que o esperam no campo.

SORACTE. — Monte da Italia antiga, na Etruria meridional, perto de Roma, hoje chamado — *monte de São-Sylvestre.*

ODE X.

Anno de Roma 718 — Antes de J.-C. 36 —

Edade de Horacio 29.

PARECE que Horacio, como pensam alguns interpretes, compoz esta Ode para ser cantada na festa de Mercurio, inventor da lyra, deos civilisador pelo dom da palavra e os exercicios gymnasticos de que fez presente aos homens.

ATRIDAS. — Agamemnon e Meneláo, netos de Atrêo. — Agamemnon, rei de Argos e de Mycenae, foi generalissimo dos Gregos na guerra de Troia. Suas desavenças com Achilles, tão longo tempo funestas á causa dos Gregos, só cessaram quando restituiu a esse principe a escrava *Briseis* que lhe roubára. — Meneláo, seu irmão, reinou depois de Tyndaro. Havia esposado a bella Helena, mas foi-lhe roubada por Paris, filho de

Priamo rei de Troia, o que fêz armar todos os Gregos para forçar o raptor a restituir-lh'a. Elle assignalou-se n'essa guerra por brilhantes proezas.

CADUCÊO. — Uma vara que Apollo offereceu a Mercurio em troca da lyra que d'este recebêra. Tinha duas serpentes enroscadas, e na parte superior duas azas: — era symbolo da paz. — Eis a explicação: — Mercurio encontrou sobre o monte *Cytheron* duas serpentes que brigavam, lançou entre ellas a referida vara para as separar: — ellas enroscaram-se na vara. Mercurio assim as quiz trazer como um symbolo de paz, e lhe juntou pequenas azas, que denotam a rapidez da eloquencia, de que elle era o deos.

MERCURIO. — Filho de Jupiter e de Maia: — era deos da eloquencia e do commercio, e mensageiro dos deoses. Foi insigne na musica e inventor da lyra. — A elle pertencia conduzir as almas dos mortos aos infernos. — Desde sua infancia se assignalou por sua destreza, furtou o tridente de Neptuno, a espada de Marte, o cinto de Venus, e as armas e a lyra de Apollo. — Livrou Marte da prisão em que Vulcano o tinha encerrado.

PALESTRA. — Era o exercicio da lucta e outras artes gymnasticas que vigoravam o corpo e lhe davam bom ar e graça.

PRIAMO. — Ultimo rei de Troia, filho de Laomedonte.

SITIOS AMENOS. — Os campos elysios, parte dos infernos onde repousavam as almas virtuosas depois da morte. Reinava ahi uma primavera eterna. Os antigos os collocavam geralmente nas ilhas *Afortunadas* (as Canarias).

THESSALICOS FOGOS. — Os fachos accesos nos campos dos Gregos. A Thessalia era região da Grecia, de *Thessalo* um de seus monarchas.

ODE XI.

724 — 726.

*Anno de Roma 724 — Antes de J.-C. 30 —**Edade de Horacio 35.*

HORACIO reproduz n'esta Ode as maximas da philosophia epicurea enunciadas na Ode a Thaliarcho. Parece ter sido dirigida a uma mulher, a quem chama Leuconoe, entregue á mania de consultar os adivinhos e os astrologos.

BABYLONIOS CALCULOS. — Os Babylonios eram muito dados á *astrologia judiciaria*: — mettiam-se a vaticinar o futuro por meio de calculos mathematicos e astronomicos.

MAR TYRRENO. — É a parte do Mediterraneo que banha a costa de Etruria ou Toscana.

ODE XII.

*Anno de Roma 731 — Antes de J.-C. 23 —**Edade de Horacio 42.*

ESTA Ode é uma das mais sublimes e magnificas de Horacio, uma d'aquellas que mais admiram os criticos judiciosos e amadores da poesia elevada. É feita com grande arte: — a Musa de Horacio celebra os deoses e os heroes bemfeitores de Roma, e tece os louvores de Augusto, protegido dos deoses, a quem o senado e o povo haviam conferido honras divinas.

AÇIDONS. — É Hercules, de forças prodigiosas, que matou a hydra de Lerna. V. *Hercules*, not. á ode 3.^a d'este livro I.

BACCHO. — Deus do vinho e conquistador das Indias. V. *Baccho*, not. á ode 7.^a d'este livro I.

BAIXADORA IMAGEM. — Echo, nympha de Juno, filha do Ar e da Terra : — serviu Jupiter, divertindo a deusa por longos discursos quando, o deus se entretinha com outros amores. Juno percebeu isso, e condemnou-a a não fallar sem que a interrogassem, e a não responder senão repetindo as ultimas palavras das perguntas. — Apaixonou-se do bello Narciso, de quem foi desprezada.

CAMILLO (*M. Furius Camillus*). — Famoso general romano, denominado *segundo Romulo* pelos assignalados serviços que fez á patria. Foi varias vêzes dictador, e teve as honras do triumpho.

CATÃO (*C. Porcius Cato*). — Sobrenominado — d'*Utica*. Ilustre Romano descendente de Catão-o-censor. Foi dotado de uma alma firme e corajosa. Pronunciou-se na guerra civil por Pompêo, e ganhou vantagens sobre as tropas de Cesar em *Dyrrhachium*. Á noticia da derrota de Pharnalia e morte de Pompêo, reuniu os restos do exercito republicano e passou-se a Africa, onde Q. Metello Scipião se preparava para resistir a Cesar, mas sendo derrotado, Catão se encerrou em Utica, e atravessou-se com a sua espada.

CESAR, é Augusto (*C. Julius Cesar Octavianus Augustus*). — Filho do senador *C. Octavius* e sobrinho de Cesar, que o adoptára. Tinha 18 annos e estudava na Grecia quando Cesar foi assassinado : — correu a Roma para receber a sua herança, e forçou Antonio a restituir-lhe parte de seus bens : — reconciliou-se depois com elle, deu-lhe sua irmã Octavia em casamento, e ambos formaram com Lépidio um triumvirato, celebre por suas proscriptções e crueldades : — marcharam contra os restos do partido republicano, a cuja frente se achavam Bruto e Cassio, e o derrotaram em Philippos. Senhores do imperio, dividiram-no entre si Octaviano e Antonio, afastan-

do o fraco Lépido. — Octaviano reservou-se todo o Occidente, e, rompendo afinal com Antonio, desbaratou as suas forças e as de Cleopatra perto d' *Actium*, reduziu o Egypto a provincia romana, e, voltando a Roma, recebeu os titulos de *imperador* e *augusto*, restabelecendo o govêrno monarchico. Serviu-se do seu poder para promulgar leis sabias e pacificar o imperio, fazendo esquecer quanto o dealustrára no triumvirato. O senado lhe conferiu honras divinas.

CLIO. — Uma das Musas. Presidia á historia.

CURIO (*Curius Dentatus Manius*). — Romano illustre : — foi tres vêzes consul ; — venceu os Samnitas, os Sabinos, os Lucanos : — derrotou a Pyrrho junto de Tarento. Foi celebre pela sua frugalidade, desinteresse e fortaleza. Teve duas vezes as honras do triumpho.

ESTRELLA JULIA. — No tempo dos primeiros jogos que Augusto celebrára em honra de Cesar, appareceu uma estrella crinita ao norte, e foi visivel durante sete dias. O povo creu ser a alma de Cesar recebida no céu ; e Augusto, para o confirmar n'essa crença, fêz pôr uma estrella em todas as estatuas de Cesar : — é a isso que Horacio allude.

FABRICIO (*C. Fabricius Luscinus*). — General romano, celebre pela sua virtude e a sua pobreza e desinteresse. Consul, venceu os Lucanos e os Samnitas, recusando os seus presentes, assim como os de Pyrrho, quando lhe foi enviado para a troca dos prisioneiros. Pyrrho, encantado de suas virtudes, confiou-lhe os prisioneiros para os conduzir a Roma, com a condição de lh'os reenviar se o senado refusasse satisfazer seu resgate : — como o senado não quiz satisfazel-o, Fabricio reenviou-lhe os prisioneiros fielmente. Nomeado novamente consul e mandado contra o mesmo Pyrrho, offereceu-se-lhe o medico d'esse principe para o envenenar : — Fabricio, repulsando a offerta, avisou d'isso a Pyrrho, que, reconhecido e generoso, deu a liberdade a todos os prisioneiros sem resgate algum. — Fabricio foi nomeado censor : — morreu pobrissimo : — o estado fez o seu funeral, e dotou sua filha.

GRAVE CARRO. — Persuadiam-se os antigos que os trovões eram ocasionados do movimento que fazia no céo o carro de Jupiter.

HELLCON (hoje *Zagora* — *Vouni*). — Monte celebre da Beocia, paiz da antiga Grecia (parte da *Livadia* dos Turcos). — Ahi se viam as fontes de Aganippe e de Hyppocrene, e o rio Permesse. — Este monte era consagrado ás Musas.

HEMO (hoje *Balkan*). — Cadeia de montanhas que separa a Thracia da Mesia-Inferior. Foi patria de Orpheo, filho de Calliope, uma das Musas, que presidia á eloquencia e á poesia heroica.

MARCELLO (*M. Claudius Marcellus*). — Famoso general romano. Foi cinco vezes consul: — reduziu a Gallia Cisalpina a provincia romana: — conquistou Syracusa (*Siragosa* em italiano), cidade da Sicilia. Foi o primeiro romano que obteve vantagens contra Annibal, mostrando os mais abalisados talentos militares.

OLYMPO. — Celebre monte entre a Thessalia e a Macedonia: — hoje é denominado o *Lacha*. — Os antigos o consideravam a morada ordinaria dos deoses.

ORPHEO (*Orpheus*). — E', segundo a mythologia, um cantor ou poeta de Thracia, filho do rei *Eagro* e da musa *Calliope*, ou, segundo outros, de *Apollo* e de *Clío*. — Foi discipulo de Lino; — tomou parte na expedição dos Argonautas: — desceu aos infernos para pedir sua mulher Eurydice a Plutão, que, enternecido dos sons da sua lyra, lh'a concedeu com a condição de a não ver senão depois de haver sahido dos infernos; — elle porem lançou os olhos a tras para a ver, e a perdeu para sempre. — Tocava tão perfeitamente a lyra, que, se diz, as árvores e os rochedos deixavam seus logares, os rios suspendiam a sua corrente, e as feras vinham ao redor d'elle, para escutal-o.

PARTHOS. — Antigos povos da Asia: — confundem-se com os Persas e os Medos. Eram fortes e guerreiros. V. *Persas*, not. á ode 2.^a, deste livro I.

PAULO (*L. Æmilius Paulus*). — Illustre romano : — foi consul duas vezes, a segunda com Varro, com o qual se oppoz aos progressos de Annibal na Italia. Queria moderar a temeridade do seu collega, aconselhando-lhe a imitação do grande Fabio, *fatigar o inimigo e evitar acção decisiva no campo*, mas elle desprezou o conselho, o que occasionou a perda da batalha de Cannas. Paulo Emilio podia evadir-se como o seu collega, mas não quiz sobreviver á derrota de suas tropas : — é por isso que Horacio diz que elle fôra *pródigo da vida*.

PÉNO. — E' Annibal, famoso general carthaginez, filho de Amilcar. Seu pae havia-o feito jurar na infancia um odio implacavel aos Romanos. Militou na Hespanha sob o commando de Asdrubal, na morte do qual, tendo apenas 25 annos de idade, foi proclamado generalissimo pelo exercito carthaginez. Portou-se heroicamente na Hespanha e na Italia : — ganhou grandes victorias combatendo os Romanos, e os desbaratou na famosa batalha de Cannas. Sustentou-se 14 annos na Italia sem auxilio de Carthago : — voltou á Africa para defender sua patria contra as forças de Scipião, de quem finalmente foi vencido. Refugiou-se em casa de Prusias, rei da Bithynia, mas, como este quizesse entregal-o aos seus inimigos, envenenou-se para não soffrer essa ignominia.

PEŊBO. — E' Apollo, regedor das Musas. V. *Apollo*, not. á ode 2.^a deste livro I.

PINDO (hoje *Menzovo*). — Monte, ou antes cordileira de montes, na Grecia : — sepava a Thessalia da Athamania, paiz do Epiro (hoje *Albania meridional*). — Os habitantes do Epiro eram Pelagios : — cahiu sob o dominio dos Turcos em 1466. — O Pindo era consagrado a Apollo e ás Musas.

POMPILIO (*Numa Pompilius*). — Segundo rei de Roma, sabino de origem. Vivia no retiro quando os Romanos o chamaram ao throno. Nenhuma guerra perturbou o seu reinado : — dedicou-se á legislação e ás instituições religiosas.

REGULO (*M. Atilius Regulus*). — Famoso general roma-

no: — foi consul, bateu os Carthaginezes perto de *Ecnome* na Sicilia com seu collega *Manlius Vulso*, e depois na Africa proximo de *Adis*, reduzindo-os a pedir a paz; mas quando se debatiam as condições, foi *accommettido*, derrotado e preso, em Tunes, pelo lacedemonio *Xantippo*. — Os Carthaginezes, mandando a Roma uma deputação para pedir a troca dos prisioneiros, puzeram-no em liberdade para a acompanhar, fiados em sua palavra de que voltaria se o não conseguisse. Chegado a Roma, em vez de apoiar a proposta, levantou a voz para combatel-a e persuadir o senado a repellil-a. Não temeu voltar, como promettêra, a retomar seus ferros em Carthago. Abi o fizeram morrer barbaramente com os mais crueis supplicios.

ROMULO, — (*Romulus*). — Fundador e primeiro rei de Roma: — passava por filho de Marte e da vestal *Rhea Sylvia*, neto de *Numitor*, rei d'Alba. Veio ao mundo com *Remo*: — foram lançados no Tibre por ordem de *Amulio*, que havia usurpado o throno de seu irmão *Numitor*. O rio os deixou em secco, e uma loba lhes veio dar o seio leite. *Faustulo*, pastor do rei, tendo-os achado, os levou e os fez educar como seus filhos. Tanto que crescêram, matavam *Amulio*, restituindo o throno a *Numitor*, seu avô. Lançando os fundamentos de Roma, desavieram-se, e *Romulo* matou a *Remo*. — Organizou depois um pequeno estado, dividiu a nação em patricios e plebeus, criou o senado, instituiu o triumpho e as ceremonias religiosas. Desappareceu em uma tempestade.

SCAUROS, — pae e filho. — Romanos poderosos e illustres. O pae (*M. Æmilius Scaurus*), serviu na Hespanha e na Sicilia; — foi edil, pretor e consul; e nomeado principe do senado, dirigiu algum tempo todos os negocios de Roma: — foi elogiado por *Cicero* e *Tacito*. — Seu filho, com o mesmo nome, foi conhecido por seu grande luxo: — tinha em Roma um palacio magnifico, de que *Plinio* deu uma pomposa descripção.

SERAS E INDIOS. — Os antigos Seras (ou Seres) habitavam

na extremidade do Oriente para a parte da China septentrional. — Os seus matos abundavam em bichos de seda, de que faziam ricos tecidos. — Os Indios occupavam uma grande região da Asia entre os Persas e os Seras. — Estes povos mandaram embaixadores a Augusto a pedir-lhe a paz.

TARQUINIO (*L. Tarquinius Priscus*), 5.^o rei de Roma. Era bravo e munificente: — dobrou o numero dos senadores, e lançou os fundamentos do Capitolio: — bateu os Sabinos, e derrotou os Latinos colligados, entre outras proezas militares. — Morreu assassinado pelos filhos de *Ancus*.

VIRGEM INIMIGA DAS FERAS. — E' Diana, filha de Jupiter e de Latona. Tinha a preencher tres papeis distinctos, na terra, no céu, e nos infernos, e recebia em consequencia tres nomes diferentes: — na terra, era chamada *Diana*, deosa da caça e da castidade: — no céu, chamava-se *Phebe*, e era a deosa da lua, como Apollo era o deos do sol: — em os infernos, chamava-se *Hecate*, e presidia aos encantos e ás expiações.

ODE XIII.

Anno de Roma 728 — Antes de J.-C. 26 —

Edade de Horacio 39.

HORACIO, ferido de amor por Lydia, viu com dor os seus extremos por Telepho, e a força do ciúme lhe dictou esta ode, onde pinta o nimio arrebatamento do seu rival, e a sua grosseria no gozo dos encantos de uma formosura merecedora de delicadezas.

ODE XIV.

Anno de Roma 723 — Antes de J.-C. 31 —

Edade de Horácio 34.

ESTA Ode é allegorica. Preparava-se a guerra de Octaviano — Cesar contra Antonio, e Horácio, que a via aproximar com terror, desejava prevenil-a e despertar o patriotismo dos Romanos para se subtrahirem a dissensões civis,

CYCLADAS. — Ilhas do mar Egêo, dispostas em circulo, e algumas circundadas de rochedos brancos, que as faziam brilhar ao longe.

PONTICOS BOSQUES. — Do Ponto (*Pontus*), região da Asia-Menor, que produzia excellente madeira para construcção de navios. Confina ao N. com o Ponto-Euxino, ao S. com a Cappadocia, a L. com a região Caucasia e a Armenia, ao O. com a Paphlagonia. — O Ponto foi reduzido a provincia romana, depois de haver muito florecido sob o reinado de Mithridates VII.

ODE XV.

Anno de Roma 723 — Antes de J.-C. 31 —

Edade de Horácio 34.

ESTA Ode, allegorica como a precedente, é na realidade admiravel. O poeta, cheio da leitura de Homero e dos tragicos gregos, n'ella encerrou, em poucos e harmoniosos versos, todo o assumpto da guerra de Troia, com imagens gran-

diosas, e n'um estylo pomposo e sublime. E' uma allusão evidente, sob os nomes de Paris e Helena, aos amores de Antonio e de Cleopatra, e ás desgraças que d'elles podiam resultar aos povos do Oriente.

ACHILLES. — O mais valente dos gregos. V. not. á ode 6.^a deste livro I.

AJAX. — Famoso capitão grego, filho de Telamon e rei de Salamina : — foi o mais valente dos principes gregos, depois de Achilles, na guerra de Troia.

DARDANIA. — E' Troia, assim chamada de *Dardano*, seu fundador e 1.^o rei.

DIOMEDES. — Rei da Etolia, paiz da Grecia antiga. Foi o mais esforçado dos Gregos, depois de Achilles e Ajax, no cerco de Troia. V. not. á ode 6.^a deste livro I.

FILHO DE LAERTES. — E' Ulysses, um dos heroes gregos. V. not. á ode 6.^a deste livro I.

FLECHAS CRETENSES. — De *Idomeneo*, rei de Creta. Idomeneo foi um dos heroes que se distinguiram na guerra de Troia.

ILION. — E' *Troia*. V. not. á ode 8.^a deste livro I.

MATRONAS PHRYGIAS. — *Troianas*. A cidade de Troia era na Phrygia, região da Asia-Menor.

MERION. — Heroe grego. V. not. á ode 6.^a deste livro I.

NERÊO. — Deos marinho, filho do Oceano e de Tethys, esposo de Doris, pae das Nereidas, nymphas do Oceano. Habitava o mar Egêo, e, como Protêo, tinha o dom de mudar de forma e de predizer o futuro.

NESTOR. — Um dos famosos Gregos no cerco de Troia, denominado *Pylio* por ser rei de Pylos na Eolida, parte da costa occidental da Asia-Menor. — Conduziu os Pylios e os Messenios ao combate de Troia, onde perdeu seu filho Antilochos. Nestor era então velhissimo ; — tinha vivido, segundo a expressão de Homero, tres edades de homem. E' celebre entre os poetas por sua sabedoria e sua eloquencia.

PALLAS (chama-se tambem *Minerva*). Deosa da guerra e

da sabedoria. Era filha de Jupiter, e sahiu armada, segundo a fabula, do cerebro d'esse deos. Quando Cecrops edificou a capital do seu reino, Neptuno e Minerva se disputaram a honra de lhe dar um nome. Essa honra foi reservada á divindade que produzisse a cousa mais util á cidade: — a deusa criou a oliveira, symbolo da paz e da abundancia, quando o seu rival fêz nascer da terra um cavallo, symbolo da guerra: — o premio foi julgado a Minerva, e ella deu á cidade o nome de *Athenas*.

PASTOR. — Os Gregos e os Latinos assim designam Paris, filho de Priamo, rei de Troia, e de Hecuba, em razão de haver sido criado entre pastores. — *Paris* foi quem terminou a contenda entre Juno, Pallas e Venus, acerca do pomo de ouro que a Discordia lançára sobre a mēsa nas bodas de Peleão e Thetis, julgando-o a favor de Venus, attrahindo por isso a protecção d'esta deusa e o odio d'aquellas. — Indo como enviado a Esparta, começou a galantear Helena, mulher de Meneláo, de quem fora hospede, e a roubou. Os Gregos se ajuntaram para vingar esta afronta: — foram sitiár Troia, e a destruíram depois de dez annos de cerco.

STRÉNELO. — Um dos guerreiros illustres do cerco de Troia, companheiro de Diomedes. Era filho de *Capanéo*, um dos sete chefes argivos que soccorreram *Polynices* no cerco de Thebas.

TEUCRO, filho de Telamon, rei de Salamina e de Hesione, e irmão de Ajax. Foi um dos pertendentes de Helena, e por esta razão acompanhou os Gregos á guerra de Troia, na qual se assignalou.

ODE XVI.

Anno de Roma 727 — Antes de J.-C. 27 —

Edade de Horacio 38.

HORACIO, encantado da belleza e dos talentos de Tyndaris, cuja mãe era ainda bella, tinha certamente obtido a sua ter-
na attenção quando se lhe fizera conhecer os versos virulentos
que o poeta havia outr'ora feito contra Gratidia. Tyndaris,
ou por nova paixão ou inconstancia natural, rompeu com
Horacio, e abriu o coração aos agrados de Cyro, homem cio-
so e áspero. E' para attrahil-a que Horacio compoz esta ode
e a seguinte.

APOLLO. — Deos da poesia, chefe das Musas. Tinha um
templo em Delphos, onde se ouviam seus oraculos. V. not. á
ode 2.^a deste livro I.

BACCHO. — Deos do vinho. V. not. á ode 7.^a deste li-
vro I.

CYBELLE. — Deosa da terra : — era filha do Ceo e mulher
de Saturno, de quem teve Jupiter, Juno, Neptuno, e outros
deoses. Chama-se tambem *Ops*, *Vesta*, *Rhea*, *Tellus*. — Era
adorada em Phrygia e em Creta. Seu culto só se introduziu
entre os Romanos no tempo de Annibal. Os Corybantes, os
Dactylos, os Gallos, eram seus sacerdotes : — elles celebravam
as suas festas e mysterios por mil contorsões, fazendo grave
ruído com os adufes e instrumentos de toda a especie. Era-
lhe consagrado um monte da Phrygia denominado *Dindymus*,
e por isso se chamava *Dindymene*.

CORYBANTES. — Sacerdotes de Cybelle, que se enchiam de
furor nas suas ceremonias tocando ruidosamente pandeiros e
adufes.

NORICA ESPADA. — Do Norico (*Noricum*) (hoje parte da
Baviera, da Austria e da Styria), provincia do imperio ro-

mano entre a Rhécia e a Pannonia; — tinha por limites ao N. o Danubio, ao S. a Illyria. — A Styria (*Sleyer* em allemão), um dos governos da monarchia austriaca. — O ferro que se extrahia das minas de *Norico* era considerado o mais excellente, e d'aqui veio a frase *nórica espada* (*noricus ensis*) para exprimir a boa qualidade de uma espada.

PROMETHEO. — Filho de Japeto e de Clymene ou da Terra, e pae de Deucalião. Segundo uns, fez o homem de barro e o animou com o fogo do ceo que havia roubado: — segundo outros, havendo Jupiter privado os homens do uso do fogo, Prometheo roubou o fogo celeste ao sol e o entregou aos homens. Em punição da sua audacia de rivalisar com os deoses criando o homem, foi ligado por ordem de Jupiter ao Caucaso, onde um abutre lhe roia o figado, que sempre renascia.

THYESTES. — Filho de Pélops e de Hippodamia, irmão de Atréo, rei de Argos. Seduziu sua cunhada *Erope* de quem teve filhos. Atréo, descobrindo o delicto, buscou vingar-se, e, fingindo reconciliar-se com o adúltero, convidou-o para sua casa, e lhe ministrou á mēsa a carne d'aquelles seus filhos nascidos do commercio incestuoso. — Diz-se que o sol, n'esse dia, não appareceu no horizonte para não allumiar coisa tão detestavel.

ODE XVII.

Anno de Roma 727 — *Antes de J.-C.* 27 —

Edade de Horacio 38:

ESTA ode, dirigida a Tyndaris, como a precedente, é já denunciadora de uma alma satisfeita: — parece que a primeira

fôra coroada de próspero successo. Horacio convida esse ob-
jecto do seu amor a gosar a tranquillidade e as delicias de
sua casa de campo, assegurando-a nada ter a temer de Cyro,
d'esse amador cioso e grosseiro.

CIRCE. — Famosa magica, filha do Dia e da Noite, ou,
segundo outros, do Sol e da nympha *Perseis*. Habitava a ilha
de *Æa*, ao pé do promontorio *Circeu* na Italia. Recebeu
Ulysses em sua ilha, e por elle se apaixonou, e para ahi o
reter transformou os seus companheiros em lobos, ursos, e
outros animaes, com certo licor que lhes ministrou, e em que
Ulysses não quiz tocar.

FAUNO. — Antiquissimo deos dos pastores. V. not. á ode
4.^a d'este livro I.

LESBOS. — Ilha do mar Egêo, patria de Sapho e de Al-
cêo: — produzia bom vinho. V. *Lesbia cythara*, not. á ode
1.^a d'este livro I.

LUCRETIL (*Lucretilis mons*). — Hoje monte *Gennaro*, ou
Libretti, monte de Italia antiga no paiz dos Sabinos, ao nor-
te de Varia, onde estava situada, em um valle delicioso, a
casa de Horacio.

LYCÊO (*Lyceus mons*). — Hoje monte *Mintha*, monte da
Arcadia onde se celebravam, em honra de Fauno e de Pan,
deoses dos pastores, festas e sacrificios.

MARTE. — Deos da guerra. V. not. á ode 2.^a d'este livro I.

PENÉLOPE. — Mulher de Ulysses, mãe de Telemaco. E'
celebre pela resistencia firme que oppoz ás pertençaes dos
que buscavam sua mão na longa ausencia de Ulysses. Ella
tinha promettido fazer sua escolha quando uma teia que ur-
dia estivesse acabada, mas desfazia de noite o que havia fei-
to de dia.

TÊOS (— Hoje *Sedchidchik*), — cidade maritima na costa
da Jonia, na Asia-Menor, fronteira á ilha de Samos. — Era
uma das doze cidades que formavam a confederação joni-
ca. — Foi patria de Anacreonte, poeta lyrico, e de Appeli-
con, philosopho peripatetico, apaixonadissimo de livros.

THYONÊO. — Assim se chamava Baccho, em razão de ser filho de Semele denominada *Thyone*. V. *Baccho*, not. á ode 7.^a d'este livro I.

USTICA. — Era uma pequena montanha no paiz dos Sabinos.

ODE XVIII.

Anno de Roma 726 — Antes de J.-C. 28 —

Edade de Horacio 37.

QUINTILIO VARO, o poeta, amigo intimo de Virgílio e de Horacio, tinha uma casa de campo perto da de Mecenas e dos muros de Tibur. Horacio, tendo ido fazer-lhe uma visita, achou-o entretido a plantar arvores em seu predio: o que moveu o poeta a dirigir-lhe esta ode, em que o exhorta a plantar vinhas, de preferencia a tudo, expressando as excellencias dos dons de Baccho.

CATILO. — Filho de Amphiarão, e irmão de Tiburno e Coras, principes gregos, fundadores de muitas cidades na Italia. — Tiburno deu o seu nome á cidade de Tibur.

CENTAUROS. — Monstros semi-homens e semi-cavallos, nascidos, segundo a fabula, de Ixion e de uma Nuvem que Jupiter tinha substituido a Juno. — Habitavam os arredores dos montes Ossa e Pelion na Thessalia. Tendo querido, nas bodas de Pirithoo com Hippodamia, arrebatá-la, foram repellidos e batidos pelos Lapithas, outra nação monstrosa do mesmo paiz. São celebres as guerras entre estes dois povos.

ENVIO. — Um dos sobrenomes de Baccho. V. not. á ode 7.^a d'este livro I.

QUINTILIO VARO (*Quintilius Varus*). — Poeta e illustre romano no tempo de Augusto: — era parente de Virgilio, e seu íntimo amigo e de Horacio. — Não deve confundir-se com Q. Varo que se suicidára na Allemanha depois da derrota de suas legiões.

SITHONIOS. — De *Sithonia*, região da Thracia. — Thracia, hoje parte da *Roumekia*, grande paiz da Europa antiga: — tinha por limites ao N. o Hemo, ao S. o mar Egêo e a Propontida, a L. o Ponto-Euxino, a O. a Macedonia. Era um paiz montanhoso e frio: — produzia excellentes cavallos. — Os Thracios passavam por bravos, ferozes e ébrios.

ODE XIX.

731 — 734.

*Anno de Roma 731 — Antes de J.-C. 23 —
Edade de Horacio 42.*

HORACIO, em quem o tempo havia já esfriado os sentimentos e as fantasias amorosas, admira-se n'esta ode da violencia de sua paixão por Glycera, cujos encantos o cativam.

CHYPRE. — Ilha do Mediterraneo consagrada a Venus. V. *Cyprio lenha*, not. á ode 1.^a d'este livro I.

FILHO DE SEMELE. — E' Baccho. V. *Baccho*, not. á ode 7.^a d'este livro I.

LEIVA. — Os altares faziam-se de leiva com hera.

SCYTHAS. — Naturaes da Scythia, vasta região da Asia e da Europa, que entre os antigos comprehendia todos os paizes

septentrionaes e orientaes estranhos á civilisação. — Eram povos nómades. — O nome de Scythia desaparece da historia no VII seculo, em que as raças slave, avare e bulgare, dividiram entre si o paiz. Ahi se comprehendiam os Turcos e os Tártaros.

VERBENAS. — Eram, segundo Dacier, todas as hervas de que os Romanos se serviam nos sacrificios.

ODE XX.

Anno de Roma 735 — Antes de J.-C. 19 —

Edade de Horacio 46.

ESTA ode, elegante improviso, mostra bem a familiaridade em que vivia Horacio com Mecenas. O poeta, recebendo uma visita do poderoso amigo, convida-o a beber o ordinario vinho da Sabina, mas vinho de alto preço por ser sellado em uma amphora grega no dia em que Mecenas recebêra os applausos publicos no theatro.

CALENO. — De *Cales*, cidade da Campania, na Italia. Os vinhos d'este paiz eram excellentes: — segundo Athenêo, eram melhores que os de Falerno.

CÉCUBO. — Vinho de *Cecubæ*, cidade da Campania, na Italia: — era muito estimado.

LICOR SABINO. — O vinho da Sabina: — era de pouca estimação.

RIO PATERNO. — O Tibre, que corria da Etruria, de cujos reis descendia Mecenas.

FALERNO. — Vinho precioso que produziam as collinas de *Falernum*, cidade do Lácio meridional onde habitavam os

Volscos. Os seus vinhos eram celebrados pelos poetas romanos.

FORMIAS. — Cidade marítima da Campania, na Italia. Era antigamente habitação dos Lestrygões, e celebre por seus excellentes vinhos.

VATICANO (*Vaticanus mons*). — Collina de Roma, pouco distante do Tibre, em que hoje está edificada a basilica de São-Pedro, e o magnífico palacio dos Papas, ao qual pertencem jardins soberbos, e a celebre bibliotheca do Vaticano.

ODE XXI.

Anno de Roma 732 — Antes de J.-C. 22 —

Edade de Horacio 43.

ESTA Ode foi composta para ser cantada em honra de Apollo e de Diana. Consideram alguns interpretes ser nas festas d'estes deoses, depois da peste e da fome que flagelaram Roma; — Walckenaer é d'este numero: — outros, com Dacier, pensam ser uma preparação para o hymno secular que se vê no fim do livro V, o dos *Epodos*.

ALGIDO (*Algidum*). — *Rocca del Papa*, monte e cidade do Lacio, perto de Roma. — A mata do Algido, sobre esse monte, chama-se hoje *Silva del Atilio*.

BRITANNOS, ~~em~~ *Poynt* da Gram-Bretanha (*Britannia*), ilha do Oceano septentrional, a maior da Europa. — Foi conquistada por Julio Cesar (55 annos antes de J.-C.); — teve o nome de *Albion*, e foi provincia romana até o anno 411, em que os Romanos a evacuarão. Foi depois invadida pelos Saxonios e os Angles. — E' a Gram-Bretanha actual, *theatro*

das sciencias, das artes, do commercio, da opulencia, da liberdade.

CRAGO. — Monte da Lycia, na Asia-Menor, no cume do qual, diz-se, havia um vulcão. — O Crago era consagrado a Diana.

DELOS (hoje *Sdilo* ou *Dik*), ilha do mar Egêo, uma das Cycladas, consagrada a Apollo e a Diana.

DIANA. — Filha de Jupiter e de Latona, deusa da caça e da castidade. V. *Virgem inimiga das feras*, not. á ode 12.^a d'este livro I.

ERYMANTHO (hoje *monte Xiria*). — Monte ao N. O. da Arcadia, e consagrado a Diana. — A Arcadia, uma das antigas divisões do Peloponeso. Foi separada do imperio grego pelos Venezianos; — depois conquistada pelos Turcos, que a conservaram até a insurreição de 1822. E' hoje uma provincia do novo estado da Grecia.

FRATERNALYRA. — Lyra que deu Mercurio a Apollo seu irmão.

JUPITER. — O maior dos deoses do paganismo, filho de Saturno e de Rhea. V. not. á ode 2.^a d'este livro I., na palavra *Jove*.

LATONA. — Filha de *Cœus* e de *Phebe*. Foi amada de Jupiter, que d'ella teve Apollo e Diana.

PERSIA. — Imperio vastissimo da Asia: — estendia-se antigamente desde o Hellesponto até o Indo, e do Ponto até á costa da Arabia. A Persia, como provincia, segundo Ptolemeo, confinava ao N. com a Media, ao O. com a Susiana, ao S. com o golfo Persico, a L. com a Germania. — A historia da Persia começa em Cyro, seu fundador (538 antes de J.-C.). Sob os seus successores, mormente desde Dario, filho de Hystaspe, o imperio persiano comprehendia, entre outras regiões, a Syria, a Asia-Menor, a Bactriana, a Sogdiana, o Egypto. — Arruinada pelos Macedonios, ficou a Persia tributaria aos Gregos, e depois aos Parthos, ainda que não totalmente. — Artaxerces, simples soldado, filho de Sassan, veio

a ser o fundador da segunda monarchia dos Persas : — estes educavam-se em exercicios duros : — eram grandes guerreiros, e foram inimigos acerrimos dos Romanos. — O poeta, pela figura synecdoche, chama Persas aos Parthos.

TEMPE. — Bellissimo valle da Grecia, ao N. E. da Thessalia, entre o monte Olympo ao N. e o Ossa ao S. — Era banhado pelo Penêo. Os seus sitios eram amenos e deliciosos. — Os antigos, e sobretudo os poetas, gabaram muito o valle de Tempe.

ODE XXII.

Anno de Roma 724 — Antes de J.-C. 30 —

Edade de Horacio 35.

HORACIO, passeando nos bosques da Sabina e imaginando versos para a sua Lálage, avistou um lobo que assás o atemorizou, mas fugindo o fero animal, attribuiu o poeta essa felicidade á protecção dos deoses por não ter nenhum pensamento criminoso. E' o objecto da presente ode.

ARISTIO FUSCO (*Aritius Fuscus*). — Era rhetorico, grammatico e poeta.

CAUCASO. — Nome geral sob o qual se comprehende um grande systema de montes que separa a Europa da Asia ao S. E., e que se estende entre o mar Caspio e o mar Negro. O Caucaso foi conhecido desde a alta antiguidade : — representa um papel importante na mythologia dos Gregos : — é sobre os cimos do Caucaso que elles collocavam o supplicio de Promethêo. — Pertence ao imperio da Russia.

DAUNIA. — Região da Italia meridional, na Apulia : — é a *Capitanate*. Tomou seu nome de *Daurus*, seu primeiro rei. —

Os Gregos estendiam o nome de Daunia a toda a Apulia.

HYDASPE (*Hydaspes*). — Hoje *Djelem*, rio da India. — A passagem do Hydaspe por Alexandre, e a batalha que deu a *Porus*, entram no numero dos mais bellos feitos d'armas desse grande capitão. — *Fabuloso*, de que se contam muitas fabulas.

TERRA DE JUBA. — A Mauritania (hoje *reino de Fez*, no imperio de Marrocos, e parte d'Algeria), onde Juba reinára. — A historia da Mauritania só existe desde a guerra de Jugurtha. A traição de *Bocchus*, que entregára Jugurtha aos Romanos, foi recompensada com a Numidia occidental. — A Mauritania era fertil de leões e outros animaes ferozes.

ODE XXIII.

Anno de Roma 729 — Antes de J.-C. 25 —

Edade de Horacio 40.

A METAPHORA de que usa Horacio, n'esta ode, e o conselho que dá a Chloë, são proprios dos tempos do paganismo; — não podem senão offender a delicadeza e o gosto moderno. A civilisação, depois do christianismo, sanctificou entre os povos cultos o sentimento do pudor e a castidade dos pensamentos.

LEÃO GETULIO. — De *Getulia*, hoje parte do *Biledulgerid*, do *Sedjelmesse*, do *Sahara*, antigo paiz d'Africa, ao S. do Atlas actual, tinha ao N. a Numidia e as duas Mauritanias, (*Cesariana e Tingitana*) a L. o paiz dos *Garamanteas*, ao S. a Nigricia, e a O. o Oceano Atlantico. — Tinha leões, e outros animaes ferozes.

ODE XXIV.

Anno de Roma 730 — Antes de J.-C. 24 —

Edade de Horacio 41.

A MORTE de Quintilio Varo, o mesmo a quem Horacio dirigira a ode 18.^a d'este livro, havia penetrado de dôr a Virgilio e a Horacio, seus intimos amigos. N'esta ode, que respira uma doce sensibilidade, buscando Horacio consolar Virgilio, com elle deplora essa pêrda cruel, e pede á sua Musa cantos luctuosos.

MELPOMENE, uma das Musas; — presidia á tragedia.

MERCURIO. — A elle tocava conduzir as almas para os infernos. V. not. á ode 10.^a d'este livro I.

ORPHÊO. — Insigne e famoso poëta de Thracia. V. not. á ode 12.^a d'este livro I.

VIRGILIO (*P. Virgilius Maro*). — O principe dos poetas épicos latinos: — nasceu em *Andes*, aldêa nos arredores de Mantua, cidade de Italia: — foi educado em Cremona e em Napoles, e preparou-se para a poesia por um estudo profundo da litteratura grega. Seu talento poético e a protecção de Pollião puderam isentar seu pae da medida que distribuíra aos soldados dos triumviros o territorio de Cremona e de Mantua. Virgilio agradeceu a Octaviano esse beneficio em uma admiravel allegoria, a sua primeira écloga. Era amado de todos os grandes escriptores do seu seculo, especialmente de Vario e de Horacio. Foi dotado de extrema rectidão e pureza de costumes. E' autor de obras insignes: — as suas *Bucolicas*, as suas *Georgicas*, e a sua *Eneida*, são poemas que mereceram, como ainda merecem, a admiração universal dos povos cultos, e lhe attrahiram a estima e a protecção de Mecenas, e os grandiosos beneficios de Augusto.

ODE XXV.

*Anno de Roma 733 — Antes de J.-C. 21 —
Edade de Horacio 44.*

HORACIO, resentido de Lydia por quebrar os votos que lhe fizera, buscou humilha-la n'esta ode, lembrando-lhe a decadencia de seus encantos, e os despezos que a esperavam na velhice.—Injuriou-a grandemente; e assim incorreu na censura de haver ultrajado uma mulher que lhe merecêra vivo amor: — devêra apresentar mais dignos sentimentos.

HEBRO. — Rio de Thracia, considerada pelos antigos como o assento do inverno. Horacio allude aos costumes dos Gregos e Latinos, que se cingiam de corôas quando eram amantes, e as deixavam quando cessavam de o sêr. Deixando-as, umas vêzes as quebravam, outras vêzes as dedicavam. — Os antigos costumavam fazer offrendas aos rios. — Thracios. V. *Sithonios*, not. á ode 18.^a d'este livro I.

ODE XXVI.

726 — 731.

*Anno de Roma 731 — Antes de J.-C. 23 —
Edade de Horacio 42.*

HAVIA Octaviano consentido em restituir a Phraates, rei dos Parthos, o seu filho que lhe levára Tiridates, com a condição

de que restituísse os prisioneiros e as aguias militares de Roma de que suas tropas se tinham apoderado na derrota de Crasso e de Antonio. Conveio n'isso Phraates, mas nem enviava os prisioneiros nem as bandeiras militares, o que fazia reear uma guerra com os Parthos. E' isto que inquietava o joven Lamia, entregue então ao estudo das bellas-lettras e exercicio das Musas, receando que a guerra o privasse d'essa occupação querida. Horacio, para o lisonjear, lhe dirigiu esta pequena ode.

LAMIA (*L. Ælius*). — Era oriundo de uma das mais antigas e illustres familias de Roma. Foi governador da Syria no tempo de Tiberio.

LESBIA LYRA. — De *Lesbos*, ilha do mar Egêo, patria de Alcêo e de Sapho, insignes na poesia lyrica. V. *Lesbia cythara*, not. á ode 1.^a d'este livro I.

MAR CRETENSE. — O mar de Creta passava pelo mais tempestuoso. Creta, hoje *Candia*, ilha do Mediterraneo, situada defronte da abertura do mar Egêo.

MUSAS. — Deosas das sciencias e das artes, filhas de Jupiter e de Mnemosyne, deosa da memoria; eram no numero de nove, a saber; Clio, que presidia á historia; Thalia, á comedia; Melpomene, á tragedia; Erato, á poesia erotica e á elegia; Calliope, á epopêa; Urania, á astronomia; Polymnia (ou Polyhymnia), á eloquencia e á poesia lyrica; Terpsichore, á dança; e Euterpe, á musica. Apollo presidia ás suas reuniões. Habitavam com elle o Parnaso, o Pindo, o Helicon ou o monte Pierio; o Permesse, as fontes de Castalia e Hippocrene, o cavallo Pegaso, lhes eram consagrados. — Eram virgens.

PIMPLEA. — Dá Horacio este nome á sua Musa. — Os montes de Macedonia *Pimpla* e *Piero* (ou *Pierio*) eram consagrados ás Musas, como egualmente as fontes que ahi nasciam, as quaes por isso d'elles tomavam os nomes.

TIRIDATES. — Este homem havia sido collocado no throno dos Parthos em lugar de Phraates, mas, sabendo que este

era auxiliado pelos Scythas para recuperar o imperio, fugiu atemorizado levando consigo o filho de Phraates em refens, e foi buscar o asylo e a protecção de Octaviano, que lhe permittiu o ficar na Syria, mas sem lhe dar auxilio, fazendo-o só tratar bem e com fidelidade, sem o entregar jamais a Phraates, que mandára embaixadores a Roma, onde seu filho era tratado com honra, a reclamar um e outro.

ODE XXVII.

Anno de Roma 725 — Antes de J.-C. 29 —

Edade de Horacio 36.

ESTA ode, como já advertiu Sanadon, parece ser um improvisado em um festim entre amigos. Horacio, vendo-os em grave disputa por excessos bacchicos, declina destramente o assumpto, e os convida a beber em honra de suas amantes, restabelecendo assim a paz e a alegria.

CHARYBDES. — Celebre escolho, situado sobre a costa N. E. da Sicilia, ao S. E. do de Scylla, que era situado na costa meridional da Italia. Ambos estão no *Siculum fretum*, ou estreito de Messina. — O perigo que offerecia antigamente a passagem entre estes dois escolhos deu logar ao proverbio conhecido: — *cahir de Scylla em Charybdes*. — Hoje o perigo já não é o mesmo. — Segundo a fabula, *Charybdes* era uma mulher siciliana que, tendo roubado bois a Hercules, fôra fulminada e transformada por Jupiter em um golfo horrivel.

CHIMERA. — Monstro fabuloso, nascido na Lycia, de *Tiphon* e de *Echidna*: — tinha cabeça de leão, corpo de cabra, e cauda de serpente, e por isso se chamava *triforme*. Vem

tava fogo. — Entre os antigos era symbolo do amor deshonesto e impudico. — Crê-se ser um dos cimos do *Crago*, monte da Lycia, no cume do qual havia um vulcão.

COPOS E AS LUZES. — Allude aos banquetes dos Romanos que duravam até alta noite. O poeta, para afastar dos animos dos amigos as idéas de rixas, propõe argumentos alegres e divertidos, e recorre ao costume que havia de fazer dizer a cadaum o nome de sua amante. O que pedia o segredo se obrigava a beber tantas vezes quantas eram as letras do nome declarado.

MÉDOS. — Foram conquistados pelos Persas, e usavam de um alfange recurvo. Tomam-se sempre pelos Parthos. V. *Persas*, not. á ode 2.^a d'este livro I.

PEGASO. — Cavallo com azas, nascido, segundo a fabula, de Neptuno e de Medusa, ou sahido do sangue de Medusa quando Persêo lhe cortou a cabeça: — Bellerophonte se serviu d'elle para combater a Chimera. — Feriu com o pé a terra, e fêz sahir o Helicon e a fonte Hippocrene. — E' symbolo do vôo poetico: — suppõe-se que conduz os poetas em o espaço e os transporta ao Helicon.

THESSALICOS VENENOS. — Os povos de Thessalia passavam por grandes encantadores e feiticeiros. — *Thessalia*, V. *Larisas*, not. á ode 7.^a d'este livro I.

THRACIOS. — Os povos de Thracia eram muito violentos, ébrios, e arrebatados.

ODE XXVIII.

716. — 718.

*Anno de Roma 717 — Antes de J.-C. 37 —
Edade de Horacio 28.*

COMPOZ Horacio esta ode durante a primeira viagem que fizera a Tarento. E' um dialogo entre um marinheiro e a

sombra de Achytas. — O assumpto é melancolico; versa sobre a necessidade de submetter-se o homem á morte, de que o não pode livrar, nem a sciencia, nem a virtude, nem o poder, nem ainda o favor dos deoses.

ARCHYTAS. — Um famoso philosopho pythagorico de Tarento: — foi mathematico, astronomico, homem de estado e general, contemporaneo e amigo de Platão. — Foi seis vêzes chefe dos Tarentinos. Morreu em um naufragio nas costas da Apulia. — Só restam de suas obras scientificas alguns pequenos fragmentos.

MATINO. — Era, segundo Porphyryon, um promontorio da Apulia, e, segundo Acron, um monte do mesmo paiz ou um plano da Calabria.

MINOS. — Rei de Creta, hoje *Candia*, ilha do Mediterraneo. Minos era celebre pela sua equidade, justiça, e sabedoria de suas leis. Os poetas d'elle fizeram um dos juizes dos infernos.

PAE DE PELOPS. — E' *Tantalo*, rei da Lydia, que, recebendo os deoses á sua mēsa, lhes ministrou em comida os membros d'esse filho. Os deoses, indignados de tão nefanda maldade, o condemnaram a sofrer nos infernos fome e sede. V. *Pelops*, not. á ode 6.^a d'este livro I.

PANTHOIDE. — Chama Horacio assim a Pythagoras, porque este dizia ter sido Euphorbo, filho de *Panthoo*, no tempo da guerra de Troia, mas que, sendo morto por Menelão, revivêra e passára a sêr Pythagoras, e que isto soubera de um escudo que achára em Argos, antiga cidade da Grecia, no templo de Juno, do qual usára quando era Euphorbo. — De *Panthoo* derivou o poeta — *Panthoide*.

PROSERPINA. — Filha de Jupiter e de Ceres. Era deosa dos infernos, e mulher de Plutão, que a roubou nos campos da Sicilia, em o valle de *Enna*, onde colhia flores. — Piritheo e Theséo desceram aos infernos para a roubar, mas foram infelices n'essa criminosa tentativa. — Como divindade,

tem grandes relações com Ceres, Juno, Venus e Diana, e muitas vêzes é identificada com estas deosas.

TARTARO. — Segundo os poetas, era um lugar nos infernos aonde iam ter os que eram de vida dissoluta e criminosa para soffrerem todo o genero de tormentos.

TITHÃO. — Príncipe troiano, filho de Laomedonte, e irmão de Priamo. Era de tão estremada belleza, que a Aurora o arrebatou para o fazer seu esposo. A deosa obteve para elle, de Jupiter, a immortalidade; mas, esquecendo-se de pedir simultaneamente que elle tivesse uma mocidade eterna, Tithão se tornou tão velho e debilitado, que a existencia lhe era penosa. Pediu então á deosa o tirasse do mundo, mas não podendo morrer por sér eterno, ella o methamorphoseou em cigarra.

ODE XXIX.

Anno de Roma 729 — Antes de J.-C. 25 —

Edade de Horacio 40.

ICCIO, bem que apaixonado pela philosophia e as letras, deixou-se tentar pela ambição e visos de fortuna da expedição da Arabia. Horacio, seu amigo, lhe testemunha n'esta ode o seu espanto de o vêr trocar subitamente os livros de Panecio e os da doutrina de Socrates por uma loriga da Iberia.

IBERICAS LORICAS. — De Hespanha, a que se dava o nome de *Iberia*, e onde se fabricavam boas armas.

ICCIO. — Crê-se ser Iccio administrador dos bens de Agrippa na Sicilia, a quem Horacio dirigíra a epistola 12.^a do livro I. — No anno de Roma 729, enviou Augusto algumas tropas á Arabia, sob o commando do prefeito do Egypto,

Ælius Gallus : — é provavelmente n'esta expedição que Iccio fôra, na esperança de fazer fortuna.

PANECIO (*Panætius*). — Philosopho estoico natural de Rhodes, e que florecêra no anno 150 antes de J.-C. — Estudou em Athenas sob Zenon, a quem succedêra na cadeira do Portico : — veio depois a Roma, onde abriu uma aula, que foi frequentada pelos mais distinctos mancebos. Compoz, entre outras obras, um tratado dos *Devéres*, que fôra imitado por Cicero nos seus *Officios*.

SABA. — Antiga cidade da Arabia-Feliz, famosa por suas riquezas e aromas.

SÉRICAS FLECHAS. — Dos Seras, povos orientaes, habilissimos no exercicio do arco.

SOCRÁTICA ESCOLA. — De Socrates, celebre philosopho de Athenas, onde nascêra. Foi filho de um escultor cuja profissão exerceu, mas deixou-a para se dedicar ás sciencias. Deu sabias lições aos mancebos da sua patria : encheu os deveres de cidadão na paz e na guerra, e deu o exemplo de todas as virtudes publicas e privadas. Mereceu sêr proclamado pelo oraculo de Delphos o mais sabio dos homens. Attrahiu porem grande numero de inimigos; e *Anytus*, homem poderoso e popular, *Melitus*, poeta obscuro, e *Lycon*, orador politico, se reuniram contra elle e o accusaram de corromper a mocidade e introduzir divindades novas. Elle recusou defender-se, e, apezar de sua innocencia, foi condemnado a beber a cicuta. Seus amigos lhe offerecêram os meios de evadir-se da prisão, mas repelliu o favor não querendo desobedecer ás leis. Sofreu a morte com uma corajem e uma resignação admiraveis. — Contou entre seus discipulos Xenophonte e Platão.

TIBRE. — Rio de Italia. V. not. á ode 2.^a d'este livro I.

ODE XXX.

731 — 733.

*Anno de Roma 731 — Antes de J.-C. 23 —
Edade de Horacio 42.*

ESTA pequena mas engraçada Ode foi composta para Glycera, uma das mulheres que mais tocaram o coração de Horacio. E' uma supplica a Venus.

GNIDO, ou **Cnido**. — Cidade da Caria (hoje livah de *Mentech* (1)), antigo paiz da Asia-Menor. — Os Phenicios fundaram na Caria colonias que se tornaram potencias maritimas: — depois tornaram-se colonias gregas. A Caria foi conquistada por Cyro (*Cyrus*). — Gnido era particularmente consagrada a Venus, deosa da formosura. E' ahi que existia a famosa *Venus* de Praxiteles, insigne escultor grego.

MERCURIO. — Deos da eloquencia, e que por isso tinha a força de persuadir. A sua estatua era collocada no templo de Venus. V. not. á ode 10.^a d'este livro I.

PAPHOS. — Cidade celebre da ilha de Chypre, consagrada a Venus, que ahi tinha um templo sumptuoso.

(1) Livah, ou Sandjakat, nomes dados na Turquia ás subdivisões da jurisdicção dos Pachas, altos funcionarios encarregados da administração civil, militar, judiciaria e financeira, das provincias. Cada Livah ou Sandjakat é governado por um beg ou bey.

ODE XXXI.

*Anno de Roma 726 — Antes de J.-C. 28 —
Edade de Horacio 37.*

A SIMPLICIDADE, concisão e harmonia majestosa, que se acham em todas as composições religiosas de Horacio, apparecem n'esta admiravel ode. « Nenhum outro, diz Walckenaer, foi melhor dotado d'essa sorte de instincto que se chama *gosto*, faculdade docil e forte, que, nas obras-primas das artes e da imaginação, não é talvez senão o juizo auxiliado do genio. » (2) O assumpto d'esta ode é a inauguração de um templo a Apollo.

ATLANTICO. — Porção do Oceano que se estende entre a Europa e a Africa a L., a America ao O. — Este nome foi dado pelos antigos á parte do Oceano que banha a extremidade occidental dos montes *Atlas*.

CALABRIA (*Brutium* e parte da *Lucania*). — Região da Italia pertencente ao reino de Napoles, a mais meridional das provincias continentaes d'esse estado. Recebeu primitivamente colonias gregas. Foi submettida ao imperio romano. — Era fertil em pastagens, e o seu clima muito quente. Produzia immenso gado e excellente mel. Foi patria do poeta *Ennio*.

CALENA FOICE. — De Cales (hoje *Calvi*), cidade de Campania, na antiga Italia, e mui famosa por seus excellentes vinhos.

FILHO DE LATONA. — E' Apollo, deos da luz e da sabedoria. V. *Apollo*, not. á ode 2.^a d'este livro I.

LIRIS. — (hoje o *Garigliano*). — Um rio de Italia.

(2) Walckenaer, *Hist. de la Vie et des Poes. d'Hor.* t. I, p. 505. —

SARDENHA (*Sardínia* dos Romanos). — Uma das tres grandes ilhas do Mediterraneo, ao S. da Corsega. Faz parte do reino de Sardenha. Os Carthaginezes a dominaram. Roma se apoderou d'ella no anno 259 antes de J.-C. — Era abundantissima em trigo, e chamada, como a Sicilia, o *celeiro dos Romanos*.

SYRIA. — Vasta região da Asia, entre o Euphrates a L., o Mediterraneo ao O., a Asia-Menor ao N., e a Arabia ao S. — Faz hoje parte da Turquia da Asia, e forma as provincias ou pachalatos — Alepo, Damasco, Tripoli, Acre. — A Syria antiga era dividida em varias provincias. Tornou-se florecente sob a dominação de Roma, que até lhe dera imperadores. — A Syria foi a primeira provincia, depois da Judêa, onde penetrára o christianismo. — Por ella se introduziam em Roma as mercadorias da Arabia, da Persia, e das Indias.

TEMPLO DEDICADO A APOLLO. — Muitos interpretes, entre elles Sanadon e Walckenaer, pensam ter sido esta ode feita para a inauguração do templo que Octaviano erigira a Apollo Palatino voltando do Oriente, e a que annexára uma bibliotheca tornada de grande celebridade. Eu porem não posso deixar de seguir opinião diversa, conformando-me inteiramente com a interpretação de Binet e Duchemin, (1) que consideram haver Horacio collocado em sua casa uma estatua de Apollo, e que fora esta a que inaugurára pelos primeiros versos dirigidos a esse deos. — Se a ode tivesse referencia áquelles objectos da publica gloria de Roma, não é verosimil que o poeta os deixasse de commemorar, e de fazer votos a favor do grande homem que os promovêra e do imperio romano, quando aliás n'esta bella composição se limita a pedir a Apollo lhe conserve a feliz mediocridade que lhe concedêra. — Desprez, *ad usum delphini*, diz se pode entender de um ou de outro modo. (2)

(1) Duchemin, *œuvres d'Horace*, t. I., not. a esta ode.

(2) Desprez, not. a esta ode — *dedicatum*.

ODE XXXII.

*Anno de Roma 730 — Antes de J.-C. 24
Edade de Horacio 41.*

AS Odes de Horacio eram um genero de poesia lyrica inteiramente novo para os Latinos, e que muito lhes agradára. Horacio imitou n'esta poesia a Alcêo, insigne poeta de Lesbos, e invoca a sua doce lyra n'esta graciosa e delicada Ode.

CANTOR DE LESBOS. — Alcêo, famoso poeta lyrico grego, de Mitylene, na ilha de Lesbos. Florescia no anno 604 antes de J.-C., e era contemporaneo de Sapho. — Seus versos satyricos lhe attrahiram a cólera do tyranno *Pittacus*, que o destrou. Tomou então armas contra a sua patria, mas, em um combate, as abandonou covardemente e fugiu. — Alem de invectivas contra os tyrannos, compoz hymnos, odes, epigrammas, de que apenas restam alguns fragmentos. — Horacio e Quintiliano, distinctos juizes, fazem d'essas poesias os elogios mais elevados.

LYCON. — Mancebo que Alcêo amava muito e com a maior pureza de sentimentos.

MENINO INSEPARAVEL DE VENUS. — E' *Cupido*, seu filho, e deos do amor.

ODE XXXIII.

*Anno de Roma 728 — Antes de J.-C. 26. —
Edade de Horacio 39.*

BUSCA Horacio, n'esta Ode, consolar o seu amigo Tibullo na dôr que sente pelos rigores de Glycera, pedindo-lhe não

desafogue essa dor em uma queixosa elegia, mas esqueça a infiel que lhe prefere um mais joven amante. Cita-lhe muitos exemplos d'esses crueis jogos de Venus.

ADRIATICO (*Adriaticum* ou *Adrianum mare*). — Grande golfo do Mediterraneo, entre a Italia, a Dalmacia e a Grecia. Deve seu nome á cidade d'*Adria*. — As sinuosidades do mar Adriatico deram nascimento aos golfos de Veneza, Manfredonia (*Capitanate*), Trieste e Quarnerolo. Recebe o Po, o Adige, e outros rios.

ALBIO (*Albius Tibullus*). — Poeta latino: — seguiu Messala Corvino á guerra das Gallias no reinado de Augusto, mas deixou em breve o estrondo das armas para se entregar a uma vida tranquillã. — Ha d'elle quatro livros de elegias que respiram uma sensibilidade profunda, uma melancolia doce, que não conheceram nem Propercio nem Ovidio. — Este chorou a sua morte n'uma bella elegia.

CALABRIA. — Região da Italia. V. not. á ode 31.^a deste livro I.

ODE XXXIV.

*Anno de Roma 730 — Antes de J.-C. 24 —
Edade de Horacio 41.*

HORACIO, havendo adoptado as doutrinas de Epicuro, foi de tal modo espantado pelo phenomeno extraordinario de um trovão em tempo sereno e sem nuvens, que perdeu a fé d'essa doutrina, e recorreu ás idéas religiosas dos estoicos. Foi este accesso de devoção para com Jupiter que lhe inspirou a presente ode.

ATLANTE, ou Atlas. — Celebre cadeia de montanhas de

Africa que comprehende todas as alturas da região do Maghreb ou estados barbarescos. Os seus cumes mais elevados são no imperio de Marrocos. O Atlas era mui celebrado dos antigos. Imaginaram-no um gigante, filho de Jupiter e de Climene, que tinha a commissão de sustentar o ceo sobre seus hombros.

ESTYGIO (*Styx*). — Era um rio ou lago dos infernos, segundo a fabula dos Gregos. — Os deoses juravam pelas suas aguas, e se infringiam o juramento, ficavam privados da divindade por cem annos

TÉNARO (*Tanarus*). — Celebre promontorio do Peloponesso (hoje *Cabo Matapan*). Ao pé d'este Cabo havia uma caverna profunda d'onde sahiam vapores mephiticos: — a gente do paiz o olhavam como a entrada dos infernos: — d'ahi procedeu, entre os poetas, a synonymia de Ténero e Infernos.

ODE XXXV.

*Anno de Roma 727 — Antes de J.-C. 27 —
Edade de Horacio 38.*

ESTA Ode é um bello hymno dirigido á Fortuna, como deosa, a favor de Augusto, que projectava partir para a Gallia e ir submeter muitos povos longiquos, como os Bretões insulares, os Arabes, os Parthos e os Massagetas. Horacio concebeu então a idéa de exprimir os votos que formava pela prosperidade dos exercitos romanos. — Os dias vergonhosos do passado, os triumphos presentes, a gloria futura de Roma, são o assumpto d'esta admiravel composição.

ANCIO (*Antium*), hoje *Anzio*. — Cidade do Lacio, capital

dos Volscos, sobre o mar Tyrrheno, perto de Roma. Havia ali um templo consagrado á Fortuna. — Foi nas ruínas d'*Antium* que se achou o Apollo de Belvedere, ha perto de 200 annos.

ARABES. — Os naturaes da Arabia, paiz da Asia occidental, que confina ao N. com a Syria e Algezirch (*Mesopotamia*), a L. com o golfo Persico, ao S. com o mar d'Oman, ao O. com o mar Vermelho. A Arabia é dividida em tres partes: — a Arabia-Petrea ao N. O., a Arabia-Deserta no centro e a L., a Arabia-Feliz ao S. O.; mas a sua divisão real conhecida dos indigenas é em cinco regiões. — Os Arabes cultivaram com grande successo, no tempo do seu poder, a poesia, a philosophia, e as sciencias mathematicas e naturaes. Por elles foram transmittidos ao Occidente, em grande parte, os conhecimentos da antiguidade. — Ha muito que cessou a sua dominação.

BITHYNIA. — Paiz da Asia-Menor: — confina ao N. com o Ponto-Euxino, ao S. com a Galatia e a Phrygia, ao O. com a Propontide, a L. com a Paphlagonia. — Julga-se ter sido originariamente povoada pelos Thracios. — A sua historia, antes de Alexandre, é pouco conhecida: — formava um pequeno reino da Persia. — *Naus de Bithynia*, toma-se, pela figura metonymia, por quaesquer outros navios. — Pode tambem entender-se, com Sanadon, sêr essa frase em razão de produzirem as matas de Bithynia excellente madeira para construcção de navios; — ou, com Desprez, por serem os naturaes d'esse paiz mui peritos em cousas nauticas.

COLUMNA FIRMISSIMA. — Allude a Augusto, que mantinha em paz e prosperidade a republica.

DACO, ou DACIO. — O natural de Dacia, grande região do imperio romano. Os Dacos eram ferozes, bravos e incivilizados. — Trajano os submett eu, depois de dez annos de guerra. Tem-se confundido os Dacos com os Getas.

LACIO (*Latium*), hoje *Campanha de Roma*. — Antigo paiz de Italia situado entre a Etruria e a Campania. — A sub-

jugação do Lacio foi começada pelos Romanos desde Romulo. Elles o encheram de colonias e de municipios. A capital d'este paiz, no reinado de *Latinus*, era *Laurentum*, hoje *Paterno*. — Horacio chama ao Lacio *feroz*, porque produzia intrepidos soldados.

MAR VERMELHO, ou golfo Arabico (*Arabicus sinus* dos antigos). — E' um grande golfo situado entre o Egypto e a Abyssinia, ao O., e a Arabia; separado do Mediterraneo, a L. e ao N., pelo isthmo de Suez. — E' uma parte do mar Erythrêo, com o qual se não deve confundir.

MASSAGETAS (*Massagetae*). — Povos da Scythia ao Oriente do mar Caspio. — Eram nomades, pastores e ichthyophagos. Bebiam o leite de suas eguas e combatiam a pé e a cavallo. — Dizia-se que matavam os velhos e se nutriam de sua carne.

PÉLAGO CARPATHIO. — O mar que circunda Carpathos (hoje *Scarpanto*), ilha do Mediterraneo, entre a de Rhodes e a de Creta.

SCYTHAS. — Povos barbaros de uma região da Asia e da Europa. Traziam as suas casas em carros, e as transportavam de uns logares para outros. V. not. á ode 19.^a d'este livro I.

ODE XXXVI.

*Anno de Roma 730 — Antes de J.-C. 24 —
Edade de Horacio 41.*

FESTEJA Horacio, n'esta curta mas agradavel ode, a chegada a Roma do seu amigo Plocio Numida, vindo da Hesperia (Hespanha), o paiz mais remoto sobre o Occidente que

conheceram os antigos, aonde fôra em companhia de Augusto, descrevendo o poeta o festim que n'essa occasião tivera lugar. (1)

LAMIA. — Elio Lamia, que fôra governador da Syria, a quem Horacio dedicára a ode 26.^a d'este livro I.

PEDRA CRETENSE. — Costumavam os Romanos, á imitação dos Cretenses, assignalar os dias felices com uma pedra branca, e os infelices com uma pedra negra.

SALIOS. — Sacerdotes de Marte. Eram doze, e celebravam as suas festas dançando e saltando pelas ruas. Eram os depositarios dos escudos sagrados.

ODE XXXVII.

*Anno de Roma 724 — Antes de J.-C. 30 —
Edade de Horacio 35.*

CELEBRA Horacio com seus amigos, em transportes de júbilo, a brilhante victoria de Octaviano perto d'*Actium*, e que o fizera senhor de Alexandria e do Egypto, suicidando-se Antonio e Cleópatra, successo faustissimo que anniquilava em Roma todos os elementos de discordia civil e tirava todos os obstaculos aos designios sabios e patrioticos do vencedor, que passou a ter os titulos de *imperador* e de *augusto*. — E' digno de notar-se que o poeta não ultraja o infortunio de Antonio; — parece querer afastar a idéa de que um romano fizesse guerra á sua patria: — apresenta só Cleópatra como

(1) Walckenaer, *Hist. de la Vie et des Poes. d'Horace*, t. 1.^o p. 572.

inimiga de Roma, e rende justiça, em bellissimos versos, á magnanimidade dos ultimos momentos d'essa soberba rainha.

CAPITOLIO. — Templo e cidadella famosa de Roma sobre a rocha *Tarpêa*. O Capitolio, tendo sido começado por Tarquinio-Prisco, foi acabado por Tarquinio-o-Soberbo, 'e consagrado a Jupiter pelo consul Horacio (507 antes de J.-C.). Alem do templo de Jupiter, ali se viam os de Minerva e Juno. — Encerrava thesouros immensos: — a sua magnificencia era admiravel. — Na idade media, coroa-se no Capitolio os poetas vencedores. — No local do antigo Capitolio foi construido, segundo os planos de Miguel-Angelo, o que hoje se chama o *Campidoglio*, que comprehende os palacios dos senadores de Roma e dos magistrados municipaes, e o museu.

COXINS DOS DEUSES. — Era costume entre os Romanos, quando tomavam cidades, alcançavam victorias, ou viam bom exito a suas emprezas, fazer orações publicas nos templos em acção de graças, e festins magnificos. Para isto collocavam as estatuas dos deoses em pequenos leitos ou coxins a que chamavam *pulvinaria*. — Esses festins eram denominados *dopes*. — O poeta junta-lhe o epitheto de *saliar*, porque os festins dos Salios, sacerdotes de Marte, eram sumptuosos e magnificos.

EMONIA (*Æmonia*). — A Thessalia, região da antiga Grecia; assim chamada de *Æmon*, um de seus reis.

MAREOTICO VINHO. — De *Mareotis*, lago (hoje *Mariout*), no Egypto, perto de Alexandria, que communicava com o Mediterraneo pelo braço *Canopico* do Nilo. — Os seus arredores produzia vinhos exquisitos e estimados.

NAUS LIBURNAS. — De *Liburnia* (hoje *Croacia maritima*), parte da Illyria, entre a *Istria* e a *Dalmacia*, d'onde veio uma colonia que se estabeleceu na Apulia, em a Italia. — Os navios de Liburnia eram mui ligeiros.

ODE XXXVIII.

Anno de Roma 725 — Antes de J.-C. 29 —

Edade de Horacio 36.

ESTA pequena ode tem o caracter de um improviso. Horacio exhorta o seu creado a preparar-lhe corôas de murta, d'esse arbusto consagrado a Venus, e não rosas abertas já fora de tempo. Não lhe agrada o apparatus dos Persas, mas beber coroado de murta simplesmente, á sombra de um parreiral fechado e denso.

APPARATO DOS PERSAS. — Os Persas tinham um luxo e sumptuosidade extrema, e nos seus festins apparecia toda a sorte de perfumes, pómadas, essencias, como tambem alcatifas primorosas e riquissimos ornatos.

FITINHAS DO TIL. — Eram fitinhas da membrana delgada da entrecasca do til, com que os antigos costumavam atar o louro, a murta, a hera e as flores, de que se coroavam nos festins.

LIVRO II.

ODE I.

Anno de Roma 722 — Antes de J.-C. 32 —

Edade de Horacio 33.

COMEÇANDO Roma a ser agitada do ruido das dissensões entre Octaviano e Antonio, que haviam entre si dividido o

governo do imperio, Pollião, não querendo tomar partido por nenhum dos dois triumviros, buscou o retiro, cessando de compôr tragedias que o enchiam de applausos, e de frequentar o senado e os combates judiciarios onde se admirava a sua eloquencia. Ahi se dedicou a escrever a historia da guerra civil entre Cesar e Pompêo. — Isto inspirou a Horacio a presente ode, em que adverte esse amigo illustre de que escrever a historia de uma época tão recente quando se achavam ainda vivos, na maior parte, os actores das scenas d'esse tragico drama, era marchar sobre brazas ardentes cobertas de cinza enganadora: — mas subitamente, por uma d'essas transições poeticas proprias d'este genero de composição lyrica, interrompe as suas advertencias, e se figura já concluida a historia de Pollião, parecendo-lhe ver o effeito magnifico que tinham de produzir sobre os espiritos as suas narrações animadas e energicas.

CATÃO. — Celebre e virtuoso Romano. V. not. á ode 12.^a do livro I.

CÍOS (hoje *Zia* ou *Ceo*). — Uma das ilhas Cycladas, ao S. E. do cabo *Sunium* na Attica. E' a patria de Simónides, poeta lyrico, que compoz versos lugubres chamados *nenias*.

COTHURNO ATHENIENSE. — O theatro de Athenas foi celebre pelas grandes composições tragicas de *Sophocles*, *Eschyló* e *Eurípedes*. — O cothurno era uma especie de borzeguim alto de que usavam os actores tragicos. — Pela figura *metonymia*, se toma o cothurno pela mesma tragedia.

DIONE. — E' Venus, que recebeu este nome, entre os poetas, por ser filha da nympha *Dione* como querem alguns.

HESPERIA. — E' Italia, de *Hespero* ou *Hesper*, filho de Japeto e irmão de Atlas, e pae das Hesperides. — Hesper, expulso d'Africa por seu irmão Atlas, veio á Italia, onde se estabeleceu; — e d'ahi ficaram os Gregos chamando Hesperia a essa região. — O mesmo nome deram depois os Latinos á Hespanha.

JUGURTHA. — Rei de Numidia em Africa: — foi educa-

do na côrte de seu tio Micipsa, que, morrendo, dividiu o reino entre elle e seus dois filhos Adherbal e Hiempsal. — Jugurtha, querendo reinar só, fez assassinar seus primos. Roma, alliada d'estes, enviou contra Jugurtha muitos generaes, que se deixaram corromper por seu ouro; mas finalmente, depois de batido duas vêzes por Metello e Mario, foi entregue aos Romanos por seu sogro *Bocchus*, rei da Mauritania, e conduzido em triumpho a Roma, onde morreu de fome em um calabouço.

METELLO (*Q. Cæcilius Metellus Numidicus*). — Foi consul e fêz a guerra a Jugurtha, sobre o qual ganhou grandes vantagens. — Foi desterrado pelos enrêdos de Mario e de Saturnino, e só voltou a Roma quando o partido d'estes foi desfeito. — A familia dos Metellos forneceu a Roma um grande numero de generaes distinctos, que por suas proezas mereceram os sobrenomes de *Macedonico*, *Balarico*, *Numidico*, *Dalmatico* e *Cretico*.

POLLIO (*C. Asineus Pollio*). — Romano illustre, grande orador, poeta e historiador. Passou do partido de Pompêo para o de Cesar; — serviu Antonio, e foi consul: — tomou *Salona* aos Dalmatas rebeldes, o que lhe deu as honras do triumpho. — Procurou vamente reconciliar Octaviano com Antonio, e, fatigado dos caprichos e do orgulho d'este ultimo, abandonou a carreira politica e se dedicou ás letras. — Foi o primeiro que estabeleceu em Roma uma bibliotheca publica. — Morreu de 80 annos. — Foi, como Mecenas, o protector e amigo de Virgilio e de Horacio, que o immortalisaram em seus escriptos.

TRIUMPHO DALMATICO. — De Dalmacia antiga, paiz da Europa situado entre o Adriatico ao O. e os montes de Liburnia a L.: — fazia parte da grande região Illyrica. — Na distribuição do imperio em dioceses, a Dalmacia tornou-se uma provincia da diocese da Illyria occidental, e fêz parte da prefeitura de Italia. A sua capital era *Salona*.

ODE II.

*Anno de Roma 731 — Antes de J.-C. 23. —
Edade de Horacio 42.*

N'ESTA ode immortalisa Horacio o nome de Proculeio, cuja generosidade, modestia, e desapêgo de toda a ambição, o tinham vivamente encantado. Com este exemplo, faz ver a Sallustio a necessidade de moderar suas despêzas e de fugir á avareza e á ambição companheiras ordinarias da fortuna.

CADIS ou **CADIX** (*Gades*). — Cidade de Hespanha fundada pelos Phenicios ou Carthaginezes (em latim *Carthaginienses* e *Pœni*). — E' situada no meio do mar, na extremidade de uma península da ilha de Leão. Foi tomada pelos Romanos em 206 antes de J.-C. — Tornou-se celebre nos tempos modernos. Os Ingleses a tomaram e saquearam em 1596; — bombardearam-na em 1800; — e os Franceses a bloquearam em 1812. — Em 1823, as côrtes para ahi se retiraram levando consigo o rei de Hespanha Fernando 7.^o — Rendeu-se ao duque de Angoulême.

CARTHAGO. — Duas eram as cidades com este nome, uma n'Africa, outra na Hespanha. A d'Africa foi uma cidade celebre, sobre a costa oriental da Barbaria actual, no fundo de um pequeno golfo dito de Carthago (hoje golfo de Tunes). — Os Carthaginezes tiravam sua origem dos Phenicios. Foram celebres por seu commercio, poder maritimo e riquezas. — A sua astucia, degenerada muitas vêzes em perfidia, tornou-se proverbial (*fé punica*). — Carthago é patria dos generaes Amilcar, Asdrubal, e do grande Annibal. O seu govêrno era uma republica oligarchica. Conquistou, n'Africa, um vasto territorio nos estados actuaes de Tunes e de Tripoli: — juntou-lhe as ilhas Baleares, uma grande parte da Hespanha, da Sardenha e da Sicilia. A posse da Sicilia a poz em con-

tacto com Roma, e occasionou uma prolongada lucta entre as duas republicas, conhecida sob o nome de *guerras punicas*. Estas foram tres: — a 1.^a arrebatou a Carthago a Sicilia; — a 2.^a, apezar dos heroicos feitos de Annibal, lhe fêz perder a Hespanha; — a 3.^a, que teve logar na Africa, anniquilou a mesma Carthago, que, tomada por Scipião Emiliano, foi saqueada e entregue ás chammas. — A outra Carthago (*Carthago nova*), era uma cidade de Hespanha ao S. E. de Murcia, sobre o Mediterraneo, que fôra fundada por Asdrubal para a exploração das minas de prata que encerrava seu territorio: — esta denomina-se hoje *Carthagena*.

CYRO (*Cyrus*).—Rei da Persia, filho de Camunabyses, principe persiano, e de Mandane, filha de Astyage, rei dos Medos. Segundo Herodoto, foi exposto, logo que nasceu, por seu avô, a quem um oraculo predissera que seria destronado por seu neto: — segundo Xenephonte, foi educado com o maior cuidado na côrte de Astyage, e commandou os exercitos do filho d'este principe Cyaxare II. — Deu a independencia á Persia, que era dominada dos Medos, e se constituiu rei d'esse paiz (560 antes de J.-C.). — Engrandeceu seu imperio nascente, que em breve se tornou o mais vasto da Asia. Foi um conquistador famoso: — seu imperio comprehendia os de Babylonia, da Assyria, dos Medos e dos Persas, com a Asia-Menor.

LIBYA. — Nome dado a Africa. Era, propriamente fallando, aquella parte da Africa que confina ao O. com o Egypto. V. *Eiras libycas*, not. á ode 1.^a do livro I.

PHRAATES. — Rei dos Parthos. Foi expulso do throno por seus subditos em razão de suas espantosas crueldades. Tiridates se apoderou d'esse throno, mas Phraates, alcançando o auxilio dos Seythas, bateu Tiridates e as forças rebeldes, e foi restituído ao pleno poder. Fêz depois a paz com os Romanos, e restituiu a Augusto os prisioneiros e as bandeiras tomadas na derrota de Crasso. V. *Tiridates*, not. á ode 26.^a do livro I.

PROCVLEIO (*Proculus*). — Cavalleiro romano, celebre pela amizade que conservou sempre a seus irmãos, *Murena* e *Scipião*, depois d'estes haverem perdido tudo quanto possuíam e incorrido no desgosto de Augusto por terem auxiliado, contra elle, o partido de Pompêo-o-moço.

SALLUSTIO CRISPO. — Era sobrinho do celebre italiano d'este nome que escreveu a historia romana.

ODE III.

Anno de Roma 725 — Antes de J.-C. 29 —

Edade de Horacio 36.

DELLIO, um dos que combateram com Horacio sob o mando de Bruto e Cassio, era muito inconstante e versatil em suas resoluções, timorato nos revezes, e cheio de orgulho. Ligou-se a Antonio depois da derrota de Philippos, mas traiu-o, e, antes ainda da batalha d'*Actium*, passou-se para o partido de Octaviano, em que augmentou a sua fortuna. Horacio, vendo-o ébrio de sua prosperidade, lhe dirigiu esta ode, onde traça energicamente as maximas de Epicuro que mais concordavam com os bons principios de toda a philosophia.

FIOS DAS TRES IRMANS. — Das tres Parcas, *Clotho*, *Lachesis*, *Atropos*, divindades dos infernos encarregadas, segundo a fabula, de fiar a vida dos homens. — *Clotho* presidia ao nascimento e tinha o fuso, *Lachesis* a roca, *Atropos* cortava o fio.

INACHO (*Inachus*). — Fundador do reino de Argos: — era originario de Phenicia. — Depois de ter habitado algum tem-

po no Egypto, veio estabelecer-se, á frente de um tropel de pastores phenicios, egypcios e árabes, na parte do Peloponesso chamada depois *Argelide*.

ORCO. — Nome de Plutão, entre os Romanos. Dava-se tambem o nome de Orco ao *Estyge* ou *Estygio*: — significava as regiões infernaes. Toma-se pelos infernos.

ODE IV.

*Anno de Roma 728 — Antes de J.-C. 26 —
Edade de Horacio 39.*

HORACIO, vendo que o seu amigo Xanthias, joven grego de Phocéa, se envergonhára de lhe haver percebido a sua paixão por uma escrava, busca animal-o, n'esta ode, com os exemplos do amor de Achilles por Briseis, de Ajax por Tecmessa, d'Agamemnon por Cassandra; e como todas tres, ainda que escravas pela sorte da guerra, eram filhas de reis, o poeta previu a objecção, e lhe responde assim: “Sabes tu “se os paes da loura Phyllis te honrariam fazendo-te seu “genro?”

AGAMEMNON. — Rei de Argos e de Mycenae, filho de Plisthenes e neto de Atréu: — foi generalissimo dos Gregos na guerra de Troia. — Suas contendas com Achilles, funestas longo tempo á causa dos Gregos, só cessaram quando lhe restituiu a escrava Briseis que lhe roubára. — Agamemnon, depois da tomada de Troia, levou consigo para a Grecia Cassandra, filha de Priamo, que lhe tocára em sorte.

AJAXE (Ajax). — Filho de Telamon e rei de Salamina. Foi valentissimo principe grego: — combateu contra Heitor na

guerra de Troia, e disputou a Ulysses as armas de Achilles. V. not. á ode 15.^a do livro I.

BRISEIS, ou **HIPPODAMIA**. — Filha de Brises, sacerdote de Lyrnesso, cidade de Mysia, paiz da Asia-Menor: — tornou-se, depois da tomada de sua patria, escrava de Achilles, a quem foi roubada por Agamemnon. Irritado d'esta afronta, o heroe se retirou para a sua tenda e recusou combater pelos Gregos até lhe ser restituída. — A cólera de Achilles é o assumpto da *Iliada* de Homero.

DONNELLA QUE ROUBÁRA AGAMEMNON. — E' *Cassandra*, filha de Príamo, rei de Troia, e de Hecuba. — Essa princeza havia promettido a Apollo desposar-se com elle se lhe desse o espirito profetico. Satisfaz Apollo ao seu pedido, mas ella não cumpriu a promessa. O deos, para se vingar, fêz que nunca se desse credito ás suas predições. Foi o parecer de Cassandra se não deixasse entrar o cavallo de madeira, mas não se lhe deu ouvidos. Na noite da tomada de Troia, refugiou-se no templo de Pallas, onde Ajax, filho de Oíléo, a ultrajou pelas desgraças que profetisára. — Agamemnon, a quem tocára em partilha como escrava, a levou para a Grécia, onde em vão lhe predisse a sorte que o esperava: — foram ambos assassinados por *Clytemnestra*.

HECTOR. — O mais bravo dos Troianos, filho de Priamo e de Hecuba, e esposo de Andromache. Durante o cerco de Troia sustentou gloriosamente muitos combates contra os mais formidaveis guerreiros gregos, e matou grande numero de seus melhores capitães, mas perdeu a vida finalmente sob os golpes de Achilles, que corrêra a vingar a morte do seu amigo Patroclo.

ILION. — E' Troia. V. not. á ode 8.^a do livro I.

LUSTRO (*Lustrum*). — O espaço de cinco annos entre os Romanos. Era uma cerimonia religiosa que tinha lugar de cinco em cinco annos depois do recenseamento do pòvo e da repartição do imposto. Foi instituida por *Servius Tullius* no anno de Roma 189: — consistia em purificações.

PENATES. — Deoses dos Romanos: — presidiam á conservação e augmento dos bens domesticos. Confundem-se com os Lares, que eram antes encarregados do cuidado das pessoas que das riquezas.

TECMESSA. — Filha de um rei de uma pequena provincia da Phrygia.

VENCEDOR THESSALO. — E' Achilles, natural de Thessalia, o mais famoso dos Gregos na guerra de Troia. V. not. á ode 6.^a do livro I.

ODE V.

Anno de Roma 724 — Antes de J.-C. 30 —

Edade de Horacio 35.

É PONTO de discordancia entre os interpretes, se a Lálage de que trata esta ode é a mesma da ode 22.^a do livro I, e se esta ode foi effectivamente dirigida ao mesmo Aristio Fusco. Dacier conjectura affirmativamente (1), e que a segunda fôra feita quando Lálage sahia apenas da infancia: — Walckenaer n'isso concorda (2), mas affirma ser a ultima ode dirigida a um certo *Gabinus*: — Vanderbourg, expondo a opinião de varios commentadores, admite duas Lálages, reaes ou imaginarias (3), e diz que a ultima ode, pela pompa das expressões e luxo das figuras, revela ser um dos primeiros ensaios do poeta.

(1) *Oeuvres d'Hor.* (II, — p. 114, 3.^a edição).

(2) *Hist. de la Vie et des Poésies d'Hor.* (I — 424).

(3) *Les odes d'Hor.* (I — 342).

ODE VI.

*Anno de Roma 718 — Antes de J.-C. 36 —
Edade de Horacio 29.*

ESTA ode, dirigida a Septimio, é cheia de uma doce melancolia. Horacio não duvida de que esse caro amigo o siga aos mais remotos paizes e mais difficeis e perigosos de se habitar. — Deseja que a risonha Tibur seja o placido retiro onde descance das fadigas da terra, e promette, na privação d'esse bem, ir demandar as margens do rio Galeso e os campos que dominára o Laconio Phalanto, cujas gratissimas producções descreve. Ah! aspira viver com Septimio, e que as lagrimas d'elle caiam sobre as cinzas do amigo vate.

AULON. — Monte de Calabria, defronte de Tarento, celebre por seus famosos vinhos.

CANTABROS (*Cantabri*). — Povos de Hespanha (Tarragoneza) sobre as origens do Ebro, a L. das Asturias, entre os Pyrenêos astúricos e o mar: — seu paiz responde á parte oriental das Asturias e á Biscaia propriamente dita. Foram vencidos por Augusto, e os ultimos dos Hespanhoes que elle subjugára.

COLONIA D'ARGOS. — Tibur foi fundada por um grego chamado *Tibur*, que conduziu para ahi, com seus irmãos *Catilo* e *Coras*, uma colonia grega. — Argos é a mais antiga cidade da Grecia, fundada por Inacho.

FALERNO. — Vinho precioso. V. not. á ode 20.^a do livro I.

GALESO (*Galesus*). — Pequeno rio do reino de Napoles (Terra d'Otranto); — sahe dos montes de Martina, e cahe no golfo de Tarento. Era na antiga Calabria.

HYMETTO (*Hymettus*) hoje *Trelo-Vouno*, ou *Dely-Dagh*.

Monte da Attica, ao S. e perto de Athenas. Era celebrado por seu mel excellente e suas pedreiras de marmore.

LACONIO PHALANTO (*Phalantus*). — Phalanto, natural de Laconia ou Lacedemonia. Fundou uma colonia em Tarento, na Italia, onde reinára, e a que o poeta allude n'este lugar.

PELLIGERAS OVELHAS. — Em Tarento, como na Attica, as ovelhas tinham a lã tão fina e bella que, para sêr conservada, se cobriam esses animaes com pelles. Por isso se chamam aqui *pelligeras*, palavra inventada pelo douto Antonio Ribeiro dos Santos. No texto são chamadas *pellitæ*.

SEPTIMIO (*Titius Septimius*). — Cavalleiro romano, bom poeta, estimado de Augusto, e amigo de Horacio.

TARENTO (*Tarentum*). — Cidade do reino de Napoles (Terra d'Otranto). E' antiquissima. Foi fundada pelos Cretenses, no golfo do mesmo nome, junto á embocadura do rio Galeso: — foi depois reedificada por Phalanto á frente dos Parthenios desterrados de Esparta. Os Romanos a tomaram: — foi-lhes tirada por Annibal, mas retomada por Fabio Maximo. — Os seus habitantes eram dados a deleites e a libertinagem.

TIBUR. — Antiga cidade dos Sabinos, onde Horacio tinha a sua casa de campo. V. *Tiburno*, not. á ode 7.^a do livro I.

VENAFRO (*Venafrum*). — Cidade de Campania, fundada (dizem) por Diomedes, tornada depois colonia romana: — era muito celebre por seus olivedos, que produziam excellentes azeitonas e a faziam abundar em azeite.

ODE VII.

Anno de Roma 715 — Antes de J.-C. 39. —

Edade de Horacio 26.

POMPEO VARO (*Pompeius Varus*), amigo intimo de Horacio e seu companheiro d'armas na batalha de Philippos, havia posteriormente seguido as bandeiras de Sexto Pompêo; mas, fazendo os triumviros a paz com esse filho do grande Pompêo, dando uma amnystia, pôde Varo, como todos os proscriptos, voltar a seus lares e sêr reintegrado nos foros de cidadão romano. Horacio, ao vêr esse amigo e socio nos perigos da guerra, encheu-se da maior alegria, que lhe inspirou a presente ode, congratulando-se com elle em doces e harmoniosos versos.

BRUTO (*M. Junius Brutus*). — Rígido republicano, filho de Servilia, irmã de Catão, seguiu o partido de Pompêo na guerra civil e combateu em Pharsalia. Depois do combate, Cesar, que o amava, chamou-o para junto de si e o cumulou de favores. Não serviu isso de obstaculo porem a entrar na conjuração formada contra o dictador, que, no momento de morrer, vendo-o entre os conjurados, exclamou: — «E tu tambem, meu filho?» Depois d'esta morte, Bruto, perseguido por Antonio, se reuniu a Cassio, e deu batalha a Antonio e a Octaviano nos campos de Philippos na Macedonia. Foi vencido, e se matou de desesperação, não querendo sobreviver á derrota do partido democratico.

CZO ITALO. — Entende-se a região de Italia.

EDONIOS. — Povos da Thracia, e grandes bebedores. — Deriva-se este nome de *Edon*, monte da Thracia, onde as Bacchantes celebravam as orgias.

MASSICO LICOR. — Vinho estimado de uma provincia de Italia. V. not. á ode 1.^a do livro I.

MERCURIO. — Deus das sciencias e protector dos poetas e homens sabios. V. not. á ode 10.^a do livro I.

ODE VIII.

*Anno de Roma 724 — Antes de J.-C. 30 —
Edade de Horacio 35.*

BARINA, bella e encantadora, havia promettido muitas vézes amorosos favores a Horacio, mas zombava sempre de suas promessas. O poeta dirigiu-lhe pois esta ode, onde, como disse o illustre historiador Walckenaer (1), a expressão da colera se torna a do ardente amor, e onde as injurias são outros tantos louvores lisonjeiros. — *Barina* é o nome que Horacio deu a essa perigosa belleza, mas os escoliastes, segundo affirma aquelle historiador, pensam referir-se o poeta, sob esse nome grego, a uma romana chamada *Julia Varina*, provavelmente uma liberta da familia Julia.

(1) *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace*, t. I, p. 428.—

ODE IX.

*Anno de Roma 734 — Antes de J.-C. 20 —
Edade de Horacio 45.*

C. VALGIO RUFO (*Caius Valgius Rufus*), amigo de Horacio, e um d'aquelles cujo juizo e bom-gosto o poeta mais estimava, havia perdido um menino chamado Mystes, que amava ternamente. Horacio lhe dirigiu, para o consolar, esta ode, que Vanderbourg diz envolver logares communs, mas revestidos de côres poeticas tão brilhantes e duraveis que nada perderam ainda do seu lustre (1).

ARMENIOS CLIMAS. — Terras da Armenia, paiz da Asia occidental. A *Armenia antiga* dividia-se em *Grande* e *Pequena*. A *Grande-Armenia*, era situada entre o Euphrates ao O., o Tigre ao S., a Syria a L., e a Iberia ao N. — A *Pequena-Armenia*, era situada ao O. do Euphrates, entre Colchos, a Cappadocia e a Comagena. — A Armenia foi um estado independente. Seu primeiro rei foi *Haig*. Seus successores reconheceram depois a supremacia da Syria e da Persia. — A Pequena-Armenia foi reduzida a provincia romana. — A Armenia é hoje possuida pela Russia e pela Turquia.

GARGANIOS ROBLES. — Do monte *Gargano*, na Apulia, junto ao mar Adriatico.

GELONOS. — Povos que faziam parte dos Scythas, e eram limitrophes dos Sarmatas e Armenios.

MAR CASPIO (*Caspium mare* ou *Hyrcanium mare*). — Immenso lago salgado, situado nos confins da Europa e da Asia, sem communicação visivel com os outros mares. A navegação ahí é perigosa, sendo sujeita a grandes tormentas.

MEDO. — Rio dos Medos. O poeta allude ás nações, ven-

(1) *Les odes d'Horace*, l. I, p. 247.

cidas por Augusto, que habitavam nas visinhanças d'este rio.

NIPHATES. — Rio que tira sua origem da montanha *Niphates*, da Asia, (hoje *monte Nimrod*), entre a Grande-Arménia e a Syria. O *Tigris* nasce junto d'essa montanha. — Pelo *Niphates* deve entender-se os Armenios.

TROILO. — Filho de Priamo, rei de Troia, e morto por Achilles na flôr da idade. — *Irmans phrygias*, eram as suas irmãs.

VELHO DE TRES EVOS. — E' Nestor. — Antílocho era seu filho, e foi morto por Memnon na guerra de Troia.

VÉSPERO. — Astro que gira á roda do sol. E' o primeiro que apparece depois do occaso do sol, e o ultimo que desaparece quando elle nasce.

ODE X.

731 — 732.

*Anno de Roma 731 — Antes de J.-C. 23 —
Idade de Horacio 42.*

LICINIO (*Licinius Varro Murena*), irmão de Proculeio, postoque protegido por Augusto, que o revestira da dignidade de áugur, era do numero d'aquelles que lastimavam a perda da liberdade. Horacio percebeu que sua alma, devorada de ambição, nutria sinistros projectos, e isso o moveu a dirigir-lhe a presente ode, em que procurou fazer-lhe sentir as vantagens de uma *aurea mediocridade*, recordando-lhe a instabilidade da sorte, e dando-lhe salutaes conselhos.

Quão feliz seria Licínio se seguisse esses luminosos conselhos! Desprezou-os porem, e fêz-se desgraçado. Entrou na conjuração de Fannio Cœpio contra Augusto, e essa conjuração foi presentida. — Os conjurados, por aviso de Terencia, mulher de Mecenas e irmã de Licínio, puderam fugir, mas foi o seu retiro descoberto por soldados, que os prenderam : — Fannio Cœpio e Licínio Murena foram condemnados á morte. Intercederam por elles vivamente Proculeio, Mecenas e sua mulher ; mas nada pôde abrandar Augusto, nem desarmar a sua vingança.

ODE XI.

733 — 734.

*Anno de Roma 734 — Antes de J.-C. 20 —**Edade de Horacio 45.*

ESTA ode dirigiu Horácio ao seu amigo Quincio Hirpino, que parece ser de uma ordem superior, para tranquillisar o seu espirito acerca dos projectos dos Cantabros e dos Scythas que lhe davam grande cuidado. O poeta busca inspirar-lhe sua moral epicurea, e o convida a gosar do presente sem muito se inquietar do futuro.

ADRIATICO. — Grande golfo do Mediterraneo. V. not. á ode 33.^a do livro I.

ASSYRIO NARDO. — O *nardo* era uma planta das Indias de que se extrahia um oleo odorífero. — *Assyrio*, da Assyria, que se toma aqui por Syria, d'onde os Romanos recebiam os aromas da India.

CANTABROS. — Povos septentrionaes da Hespanha. V. not. á ode 6.^a d'este livro II.

EVIO. — Um dos nomes de Baccho. V. *Baccho*, not. á ode 7.^a do livro I.

FALERNO. — Vinho excellente. V. not. á ode 20.^a do livro I.

LACONIA. — Paiz do Peloponeso : — era limitado a L. e ao S. pelo mar, ao N. pela Arabia, ao O. pela Messenia. A sua capital era Esparta ou Lacedemonia. Era montanhosa, e banhada pelo Eurotas, hoje o *Iri* ou o *Vasili-potamo*. — As mulheres de Laconia pouco cuidavam de seus enfeites.

QUINCIO HIRPINO. — Presume-se ser da familia dos *Quincios*, uma das mais antigas de Roma : — não é conhecido.

SCYTHAS. — Povos barbaros da Europa e da Asia. V. not. ás odes 19.^a e 35.^a do livro I.

ODE XII.

*Anno de Roma 726 — Antes de J.-C. 28 —
Edade de Horacio 37.*

DESEJAVA Mecenas, occupado da gloria de Octaviano-Cesar, que Horaciô compuzesse um poema dos acontecimentos maravilhosos que attrahiam a publica admiração. Horacio se escusa d'isso na presente ode, que, segundo um illustre escriptor (1), é do numero de suas obras-primas pela feliz disposição das imagens e a habil mistura da força e das graças.

(1) Walckenaer, *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace*, t. I. p. 508.

O poeta diz a Mecenas o não convida para cantar na lyra os grandes assumptos da epopêa; — que elle Mecenas, em singella historia, melhor expressará os altos feitos de Cesar, mostrando-o em seu carro de triumpho seguido dos reis soberbos subjugados; — que a musa só lhe permite celebrar os encantos, as graças e as prendas, da formosa Licinia, objecto da ternura do mesmo Mecenas.

ACHEMENES. — Antigo rei da Persia, de que descendiam Dario e Cyro. Seus descendentes foram chamados *Achemenides*. Entre os poetas, os nomes de *Achemenia* e *Persia* são muitas vêzes synonymos.

ANNIBAL. — Famoso general carthaginez: — o maior inimigo que os Romanos tiveram a combater. V. *Péno*, not. á ode 12.^a do livro I.

ARABIA. — Paiz da Asia occidental. — Os palacios dos Arabes eram cheios de thesouros. V. *Arabes*, not. á ode 35.^a do livro I.

CESAR. — E' Augusto, que triumphou tres vêzes successivamente, no anno de Roma 724: — a 1.^a dos Panonianos e dos Dalmatas; — a 2.^a de Cleopatra e de Antonio; — a 3.^a do Egypto. V. *Cesar*, not. á ode 12.^a do livro I.

DIANA. — Deosa da caça e da castidade. V. not. á ode 12.^a do livro I.

FILHOS DA TERRA. — São os Gigantes, sêres fabulosos, de um tamanho colossal, que, confiados em sua força monstruosa, quizeram vingar a derrota dos Titanes, seus parentes, e tentaram desthronar Jupiter; mas este, ajudado de Hercules, os desbaratou e feriu do raio, precipitando uns nos infernos, e sepultando outros sob montanhas vulcaunicas. Os mais celebres são *Typhon*, *Encelado*, *Typhêo*, *Ticyo*, *Alcyoneo* &c. — Eram filhos do Tartaro e da Terra.

HYLÊO. — Um dos Centauros, dado ao vinho, e morto por Atalante, em consequencia de querer offender a sua honestidade. — Dacier diz que, n'este Hylêo, Horacio faz o retracto

de Antonio, que se perdeu por sua intemperança e furioso amor que teve por Cleópatra.

LAPYTHAS. — Povos da Thessalia, de alta antiguidade. Bateram os Centauros, nas bodas de Pirithoo e de Hippodamia, pertendendo estes roubar essa princeza. V. *Centauros*, not. á ode 18.^a do livro I.

LICINIA. — Considera-se ser a irmã de Proculeio e de Licínio Murena, chamada Terencia, com quem Mecenas depois casara.

MYGDONIAS. — De *Mygdonia*, parte da Phrygia, região da Asia-Menor, onde reinára Midas, famoso pela sua opulencia e avareza. Este nome é derivado dos Mygdonios, povos da Thracia, ou da Macedonia, para onde se haviam transportado.

NUMANCIA (hoje *Garray*). — Famosa cidade da antiga Hespanha, entre os Arevaques, perto das origens do *Durius* (Douro). — Foi o centro da resistencia da Hespanha aos Romanos durante a quarta serie de guerras que contra este paiz dirigiram. Foi finalmente tomada por Scipião Emiliano, sobrenominado — o *Segundo Africano*.

SANGUE PÉNO. — Dos Carthaginezes.

SATURNO. — Deos latino e grego, pae de Jupiter. Sofreu a guerra dos Titanes, que o desthronaram, mas Jupiter vingou seu pae e o restituiu ao throno. Saturno porem, tornando-se cioso do filho, e armando-lhe laços, foi expulso do ceo. Occultou-se no Lacio, aonde foi acolhido por Jano, de quem foi successor. Ensinou aos Latinos a agricultura : — no seu reinado floresceram a paz, a abundancia e a justiça : — foi esse tempo a edade de ouro para a Italia. V. *Titanes*, not. á ode 4.^a do livro III.

SICILIA (*Sicilia*, *Sicania*, *Trinacria*). — A maior ilha do Mediterraneo, separada da Italia por um pequeno estreito chamado — *Pharo de Messina*. Seus primeiros habitantes foram Pelasgos. Era fertilissima, e chamada o *celeiro do povo*

romano. — A mythologia n'ella colloca os Cyclopes e os Les-trygões. O seu maior monte é o Etna, que vomita fogo.

ODE XIII.

*Anno de Roma 733 — Antes de J.-C. 21 —
Edade de Horacio 44.*

A IMAGINAÇÃO de Horacio, verdadeiramente poetica, impressionava-se facilmente de qualquer successo: — a queda de uma arvore em seu dominio da Sabina, que podia esmagal-o, lhe inspirou esta excellente ode, cujos pensamentos e imagens se acham com notavel artificio ligados ao assumpto, fazendo sobresahir a idéa de que o homem vive cercado de perigos, e morre por accidentes imprevistos.

ALCÃO. — Famoso poeta de Mitylene, capital de Lesbos. Parte de suas obras versava sobre as guerras civis excitadas pelos tyrannos. V. *Cantor de Lesbos*, not. á ode 32.^a do livro I.

BOSPHORO. — Dois estreitos havia com este nome nos confins da Europa e Asia. Um chamava-se *Bosphoro Cimmerio*, e juntava a lagôa *Maetis* com o mar Euxino; — o outro *Bosphoro de Thracia*, que communicava o mar Euxino com o *Propontide* (hoje mar de *Marmara*). A este allude o poeta. — Hoje o 1.^o chama-se *estreito de Zabache* ou d' *Ienikaleh*, e o 2.^o *estreito de Constantinopla*.

CÃO DE CEM CABEÇAS. — Cérbero, encarregado da guarda dos infernos.

COLCHICOS VENENOS. — De *Colchos* (hoje *Imcrethia* e *Mingrelia*), paiz da Asia, entre o Ponto-Euxino ao O., o reino

do Ponto ao S. E., o Caucaso ao N., e a Iberia a L. — E' celebre pelo vellocino de ouro que a fabula colloca n'esse paiz, e pela expedição dos Argonautas. — Abundava em venenos, e foi patria de Medêa, insigne magica.

EACO. — Filho de Jupiter e da nympha Egina : — reinou na ilha de Enopêa, chamada depois *Egina* (hoje *Engina*), do mar Egêo, entre a Argolide e a Attica : — assignalou-se de tal modo por sua justiça e sabedoria, que, depois de sua morte, Jupiter fez d'elle um dos juizes dos infernos.

EOILIA LYRA. — Versos no dialecto dos *Eolios*, povos da antiga Grecia.

EUMENIDES. — As furias, deosas infernaes, filhas da *Noite* e de *Acheronte* : — chamavam-se *Alecto*, *Megera*, e *Tesiphone*.

ORION. — Filho de *Hiréo* : — foi um habil e infatigavel caçador. Ousou desafiar Diana : — a deosa, para o punir, o fêz morder de um escorpião, de cuja mordedura morreu : — Jupiter o transformou em uma constellação, que traz comsi-go chuvas e tempestades.

PAE DE PELOPS. — Tantaló. V. not. á ode 28.^a do livro I.

PARTHO. — V. *Persas*, not. á ode 2.^a do livro I.

PROMETHEO. — V. not. á ode 16.^a do livro I.

PROSERPINA. — Mulher de Plutão e rainha dos infernos. V. not. á ode 28.^a do livro I.

SAPHO. — Poetiza famosa de *Mitylene*, capital de Lesbos. V. *Lesbia cythara*, not. á ode 1.^a do livro I.

ODE XIV.

Anno de Roma 731 — Antes de J.-C. 23 —

Edade de Horacio 42.

ESTA ode é uma das obras-primas de Horacio, como o são todas aquellas em que elle exprime as maximas de sabedoria e doutrinas philosophicas que aprendêra dos Gregos. Lembra ao seu amigo Posthumo a brevidade da vida : — que tem forçosamente o homem de deixar tudo quanto o prende e deleita na terra ; — e por isso não deve accumular bens para um herdeiro, mas fazer bom uso d'aquelles que os deoses lhe concede m.

COCYTO. — Rio do Epiro ; — cahia no lago *Acherusia*, e rolava aguas negras e lodosas ; o que o fêz collocar pelos mythologos no numero dos rios dos infernos.

DANÁO. — Filho de Bêlo, e rei de Argos : — teve cincoenta filhas chamadas *Danaides*. Egypto seu tio, que tinha cincoenta filhos, quiz casal-os com suas primas germanas : — ellas recusaram um consorcio que lhes parecia impio. Egypto mandou seus filhos á frente de um exercito para as constringer. Danáo fêl-as casar, mas com a condição secreta de assassinarem seus maridos na primeira noite de suas bodas : — este horrivel projecto executou-se : — *Hypermnestra* foi a unica que poupou seu marido, *Lyncêo*. Para punir essas raparigas cruéis, Jupiter as precipitou no Tartaro, e as condemnou a encher ahi eternamente um tonel roto no fundo.

GERYON. — Rei de Erythia ou das Baleares : — era o mais forte dos homens. Os poetas fizeram d'elle um gigante de tres corpos, possuidor de grandes manadas de bois que nutria com carne humana.

PLUTÃO. — Deos dos infernos, filho de Saturno e de Rhea, e irmão de Jupiter e Neptuno. Teve por mulher Proserpi-

na, que roubou. V. *Proserpina*, not. á ode 28.^a do livro I.

SISYPHO. — Filho de Eolo : — é celebre na mythologia por sua malícia e perversidade. Foi morto por Theséo, e condemnado por seus crimes a rodar continuamente para o alto de um rochedo uma grande pedra roliça, a qual assim que chegava ao cume tornava a precipitar-se.

TICYO (*Tityus*). — Gigante celebre, filho de Jupiter. Apollo e Diana o mataram a tiros de flecha, por haver desacatado Latona. Foi lançado nos infernos, onde as suas entranhas, sempre renascentes, eram pasto de um abutre. O seu corpo cobria sete geiras de terra.

ODE XV.

*Anno de Roma 726 — Antes de J.-C. 28 —
Edade de Horacio 37.*

O LUXO de casas de campo, de jardins, e de edificios sumptuosos, era entre os Romanos contemporaneos de Horacio eminentemente excessivo e desmesurado, tornando-se por isso tão prejudicial á agricultura como ruinoso ás familias. O poeta pois, reprovando esse luxo extremo e prejudicialissimo, lembra n'esta ode os severos costumes dos antigos, e o bom uso que elles faziam das riquezas.

CATÃO. — E' o antigo, denominado — o *Censor* (*M. Porcius*). — Romano celebre por suas virtudes, nascido em *Tusculum*. — Enviado, com o titulo de consul, á Hespanha e á Grecia, mereceu, por seu valor e prudencia, as honras do triumpho. Foi depois censor, e exerceu suas funcções com

uma severidade que passou em proverbio, merecendo se lhe levantasse uma estatua com esta inscripção: — *A Catão que corregiu os costumes.*

LAGO LUCRINO. — Este lago existia na Campania ao N. O. de Napoles, e communicava com o mar: — era celebre por suas excellentes ostras.

ROMULO. — Fundador e primeiro rei de Roma. V. not. á ode 12.^a do livro I.

ODE XVI.

*Anno de Roma 732 — Antes de J.-C. 22 —
Edade de Horacio 43.*

FAZ ver Horacio ao seu amigo Grospho que a felicidade não é privilegio da riqueza; — que em vão se deixa a patria e se muda de clima para procurar fortuna, porque esta, nem muda a nossa natureza, nem suspende os desgostos que nos ferem a alma. Lembra-lhe que é breve a vida; — que só a serenidade do espirito e a moderação dos desejos podem tornar o homem feliz em qualquer condição. — Esta ode é um thesouro de alta philosophia e de eloquencia poetica.

ACHILLES. — Valoroso principe grego. V. not. á ode 6.^a do livro I.

EGEO (*Ægeum mare*), hoje o *Archipelago*. — Golfo do Mediterraneo, entre a costa L. da peninsula grega, a costa O. da Asia-Menor, a Thracia e a ilha de Creta: — deveu seu nome ao suicidio de Egéo, rei de Athenas, que ali se afogou de desesperação.

EURO. — Deos do vento do Oriente entre os Gregos.

GROSPHO. — Pompeio Grospho, Romano distincto.

MEDOS. — Os Parthos. V. *Persas*, not. á ode 2.^a do livro I.

TITHÃO. — Príncipe troiano. V. not. á ode 28.^a do livro I.

THRACIA (hoje parte da *Roumelia*). — Grande região da Europa antiga. V. *Sithonios*, not. á ode 18.^a do livro I.

ODE XVII.

Anno de Roma 733 — Antes de J.-C. 21. —

Edade de Horacio 44.

MOSTRA-SE Horacio profundamente sentido pela grave molestia de Mecenas. A idéa de perder um tão caro amigo e infatigavel protector, o desanima e desassocega. Presente e prognostica que lhe não sobreviverá, que o seguirá immediatamente ao tumulo. Foi fiel o seu presentimento, realisou-se a sua predição: — poucos dias lhe sobreviveu!

CHIMERA. — Monstro fabuloso. V. not. á ode 27.^a do livro I.

DISCIPULOS DE MERCURIO. — Entende-se os doutos e os poetas, porque Mercurio presidia ás sciencias e ás artes.

FAUNO. — Deos dos campos. V. not. á ode 4.^a do livro I. — Protegia os poetas, os quaes amam a solidão e os bosques.

GYAS. — E' tambem chamado *Gyges*, filho de *Cælo* e da *Terra*, Tinha cincoenta cabeças e cem mãos: — é um dos gigantes que fizeram a guerra aos deoses, e por isso foram punidos no *Tártaro*.

LIBRA, Scorpião e Capricornio, são signos do Zodiaco; — o 1.^o pertence a Venus, o 2.^o a Marte, o 3.^o a Saturno. A

cada signo do Zodiaco se attribuia uma influencia particular sobre o destino do homem no acto do nascimento.

PARCAS. — Deosas infernaes. V. not. á ode 3.^a d'este livro II, onde diz: — *Fios das tres irmans.*

ODE XVIII.

Anno de Roma 730 — Antes de J.-C. 24 —

Edade de Horacio 41.

HORACIO, contente de sua modica fortuna, não podia ver sem indignar-se o progresso do luxo e da avareza, origem da corrupção geral, enriquecendo-se os patronos á custa da ruina e oppressão dos míseros clientes. Foi este espectáculo que o fêz compor, contra os homens ávidos e iníquos, esta bellissima ode, uma das mais elegantes e energicas que honram o seu talento e a sua harmoniosa lyra.

ATTALO. — Rei de Pergamo: — famoso pelas suas riquezas. V. *Fortunas attalicas*, not. á ode 1.^a do livro I.

BAIAS (*Baix* dos antigos), hoje *Baja*. — Sob o imperio romano foi uma cidade soberba, celebre pela amenidade do seu clima e salubridade de suas aguas. Os Romanos ricos ahi tinham suas casas de campo. Ainda apresenta ruínas de grande belleza. Era cidade do reino de Napoles.

HYMETTO. — Monte da Attica. V. not. á ode 6.^a d'este livro II.

ORCO. — Plutão, deos dos infernos. Toma-se pelos infernos. V. not. á ode 3.^a do livro II.

PROMETHÊO. — Filho de Japeto. V. not. á ode 16.^a do livro I.

SABINA (hoje parte das delegações de *Spolète*, de *Rieti* &c.). — Paiz de Italia antiga, sobre o centro, entre o Apennino, o Anio, o Tibre e a Etruria.

TANTALO. — Rei da *Lydia*. V. *Pae de Pelops*, not. á ode 28.^a do livro I.

ODE XIX.

Anno de Roma 735 — Antes de J.-C. 19. —

Edade de Horacio 46.

ESTA ode, bem como a seguinte, segundo o escoliaste de Vanderbourg (1), foi feita por Horacio para terminar a collecção dos dois primeiros livros de suas odes. E' um hymno a Baccho, especie de dithyrambo, onde canta o poder e os beneficios d'esse deos universalmente reconhecidos. — Walckenaer (2) diz que esta ode fará cahir a penna da mão a todo o traductor, homem de gosto, que queira transportal-a para outra lingua.

AUREOS CORNOS. — Algumas vêzes se representava Baccho com cornos na cabeça, ou para mostrar a sua força, ou em razão de andar sempre, em suas viagens, coberto com a pelle de bode, animal que se lhe sacrificava.

BISTÓNIDES. — Mulheres de Thracia, que nos sacrificios de Baccho tinham os cabellos soltos e enleados de serpentes. Chamam-se tambem *Bacchantes* ou *Ménades*. — Tomaram o nome do lago *Bistonis*, na Thracia, perto de Abdera.

(1) Scholiast. antiq. apud. Vanderbourg, *Odes d'Horace*, t. I, p. 381.

(2) *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace*, t. 11, p. 206.

ESPOSA DE BACCHO. — E' Ariadna, filha de Minos, rei de Creta : — salvou *Thesêo* do labyrintho : — desposou-se com *Baccho*, o qual lhe deu uma corôa nupcial guarnecida de ouro e brilhantes, que elle depois collocára entre os astros.

EVOHE! — Grito que as Bacchantes davam para cantar os louvores de Baccho.

LYCURGO. — Este Lycurgo foi rei fabuloso de Thracia ; — oppoz-se ao culto de Baccho, e perseguiu as Ménades durante celebravam as orgias : — foi punido de *cegueira*, e tomado de um transporte de furor em que se mutilou.

PANTHEO. — Filho d'Echion e d'Agave filha de Cadmo. Foi o unico em Thebas que não quiz reconhecer a divindade de Baccho, o qual, para o punir, inspirou tal furor a sua mãe *Agave* e a suas tias *Ino* e *Antonoe*, que ellas o despedaçaram.

RHECO. — Era o nome de um Centauro morto por Atalante. — Aqui é o nome de um gigante.

THYADES. — Nome que se dava ás sacerdotizas de Baccho, ou *Bacchantes*, derivado de *Thya*, a primeira mulher que fôra sacerdotiza d'esse deos.

ODE XX.

Anno de Roma 735 — Antes de J.-C. 19 —

Edade de Horacio 46.

ESTA ode, dirigida a Mecenas e que fecha o livro II das odes, respira não menor enthusiasmo que a precedente, e encerra não menos bellezas. N'ella faz Horacio sua propria apotheose, lisonjeado de que Mecenas o ame e denomine seu

amigo, e diz que, metamorphoseado em cisne, se fará conhecer dos povos barbaros que menciona, os quaes repetirão seus versos. — Não se enganou Horacio : — não só esses povos, hoje civilizados, mas os do universo culto, aprendem seus versos e os admiram.

BOSPHORO. — Estreito de Thracia, onde as ondas são muito agitadas. V. not. á ode 13.^a d'este livro II.

COLCHO. — Povo da Asia ; — era feroz e bellicoso. V. *Colchicos venenos*, not. á ode 13.^a d'este livro II.

DACIO, ou DACO. — Povo guerreiro da antiga Germania, alem do rio Danubio, cujo paiz chamado *Dacia* (hoje *Moldavia*), foi conquistado pelos Romanos, sob o imperio de Trajano, depois de quinze annos de guerra : — faziam parte dos Scythas da Europa. V. *Daco*, not. á ode 35.^a do livro I.

ESTYGIAS ONDAS. — Do Estygio (Estyge ou Styx), rio dos infernos. V. not. á ode 34.^a do livro I.

GELONOS. — Povos que faziam parte dos Scythas. V. not. á ode 9.^a d'este livro II.

GETULIA. — Hoje parte do *Belidulgerid*, de *Sedjehmesse*, do *Sahara*, antigo paiz d'Africa, ao S. do Atlas actual ; — tinha ao N. a Numidia e as duas Mauritanias (Cesariana e Tingitana), a L. o paiz dos Garamantes, ao S. a Nigricia, e ao O. o Oceano Atlantico.

HYPERBOREOS CAMPOS. — *Hyperboreos* significa *alem do Boreas*. Os Gregos davam vagamente este nome aos povos e aos paizes do norte. Collocou-se a principio o paiz dos *Hyperboreos* ao norte da Thracia : — depois recuou-se até aos montes *Ripheos*.

IBERO. — Natural da *Iberia*, nome que se deu ao paiz da Hespanha banhado do Ebro (*Iberus*), e depois á península inteira. Os habitantes da Hespanha eram por isso chamados *Iberos*.

ICARO. — Filho de Dedalo. V. *Icarias ondas*, not. á ode 1.^a do livro I.

MARSA COHORTE. — Dos *Marsos*, povos de Italia antiga. Passavam pelos mais bravos guerreiros da Italia.

RHODANO. — Rio da Gallia, hoje *Rhona*.

SYRTEs. — Nome dado pelos antigos aos dois golfos que forma o Mediterraneo sobre a costa septentrional d'Africa, entre o Egypto e o cabo *Hermæum*. Eram mui temidos dos navegadores na antiguidade. — Tomam-se em geral por bancos perigosos no mar, e especialmente nos golfos.

LIVRO III.

ODE I.

*Anno de Roma 736 — Antes de J.-C. 18 —
Edade de Horacio 47.*

O ASSUMPTO d'esta ode é o mesmo que Horacio já tem tratado n'outras, o desenvolvimento dos grandes principios do estoicismo, que mostram não ser o poder, a grandeza, as riquezas, os gosos do luxo, que dão a verdadeira felicidade, mas sim a moderação dos desejos, o socêgo do espirito, e a pratica da virtude.

ARCTURO. — Estrella junto da cauda da *Ursa-maior*, cujo nascimento e occaso se suppunha precursor de grandes tempestades.

CAPRO. — Está por *Hædi*, constellação que ordinariamente quando nasce (no fim de Setembro), causa chuvas e tempestades.

PERSIANAS. — Da Persia, cujos naturaes usavam muito do

perfume ou essencia chamada *costus* ou *nardo*. Os Latinos chamavam-no *Acharmenium*, de Achemenes, rei da Persia.

PHRYGIOS. — Da Phrygia, região da Asia-Menor, onde havia excellentes marmores. A Phrygia era dividida em *Maior* e *Menor*. Era situada entre a Bythinia, Lydia, Capadocia e Caria.

TEMPE. — Os valles de *Tempe*, na Thessalia, eram famosos por sua amenidade. Os poetas dizem que era o sitio mais bello e delicioso do mundo, e que os deoses iam para ahi recrear-se.

ODE II.

Anno de Roma 733 — Antes de J.-C. 21 —

Edade de Horacio 44.

O QUADRO da corrupção dos costumes, consequencia do luxo excessivo, havia feito reflectir Horacio sobre a necessidade de se educarem os mancebos nas puras maximas do estoicismo. Esta bellissima ode as encerra, tocando em tres pontos essenciaes, a corajem, a virtude, a religião. A corajem deve dar força ao mancebo romano para soportar as privações da vida e arrostar os perigos : — a virtude conduzil-o ás grandes acções e tornal-o digno das magistratúras elevadas : — a religião ensinal-o a guardar fidelidade, sem a qual não pode obter a confiança dos outros homens nem o favor dos deoses.

ODE III

Anno de Roma 733 — Antes de J.-C. 21. —

Edade de Horácio 44.

HAVIA Augusto partido para o Oriente, onde se coroára de gloria. Os seus antagonistas em Roma, onde não cessavam de conspirar contra elle, e onde as assembleás dos comicios haviam occasionado dissensões que o sabio govêrno de Agrippa conseguira pacificar, espalharam o boato de que Augusto destinava transferir para Troia a capital do imperio. — Horacio, fazendo a apothese do imperador, busca desvanecer dos espiritos tão triste idéa por meio d'esta ode, uma das mais bellas e magnificas que compuzera, pela elevação dos pensamentos, a harmonia dos versos, e a riqueza das figuras.

ACHERONTE. — Filho do Sol e da Terra: — foi mudado em rio e precipitado nos infernos por haver provido d'agua os Titanes quando estes declararam guerra a Jupiter. As suas aguas se tornaram enlodadas e amargosas: — é este um dos rios que as *Sombras* passavam para nunca mais voltarem. — Houve outros rios d'este nome, um no *Epiro*, outro na *Italia* &c.

ADRIATICO. — Grande golfo do Mediterraneo, entre a *Italia*, a *Dalmacia* e a *Grecia*. V. not. á ode 33.^a do livro I.

ALCIDES. — Hercules. V. *Hercules*, not. á ode 3.^a do livro I.

AUSTRO. — Vento muito quente, filho de *Eolo* e da *Aurora*. Vinha do Sul, e era prejudicial ás plantas e á saude.

CAPITOLIO. — Templo de Jupiter sobre a rocha *Tarpêa* em Roma. V. not. á ode 37.^a do livro I.

JUNO. — Filha de *Saturno* e de *Ops*, irmã e mulher de Jupiter. E' a rainha dos deoses. Irritada de que o pastor troiano, Paris, roubador de Helena, lhe tivesse preferido Ve-

nus, adjudicando a esta o pomo de ouro, excitou a guerra de Troia e se empenhou na destruição d'essa cidade. — Em conselho dos deoses, conveio na apothecose de *Romulo*, mas com a condição de não ser reedificada *Ilion*, ou Troia.

LACENA. — De *Lacedemonia*. E' *Helena*, princeza grega ; mulher de Meneláo, rei de Esparta ou Lacedemonia. O seu hospede foi *Paris*, que d'ella se enamorou, e a roubou, o que deu causa á guerra de Troia.

LAOMEDONTE. — Rei de Troia, filho d'*Ilus*, e pae de Priamo. V. *Troia*, not. á ode 8.^a do livro I.

MEDOS. — Confundem-se com os Parthos. V. *Persas*, not. á ode 2.^a do livro I.

NETO DA TEUCRA SACERDOTIZA. — E' *Romulo*, filho de Marte e de Ilia. Esta era troiana e uma das sacerdotizas de *Vesta*.

NILO (*Nilus*). — Celebre e immenso rio d'Africa : — corre pelo meio do Egypto, e entra por sete bocas no Mediterraneo. — As chuvas do estio o fazem crescer desmesuradamente. Trasborda pouco no Alto-Egypto, porque as margens ahí são altissimas ; mas no Medio e Baixo-Egypto trasborda excessivamente, e é a suas inundações que o solo egypcio deve sua extrema fecundidade. Seis cataratas, celebres na antiguidade, interrompem o curso do Nilo. As origens d'este rio foram um problema insolúvel para os antigos : — os modernos mesmos ainda as não visitaram. Ptolemeu foi o primeiro que as collocou nos montes *Al-Kamar*, e essa opinião ainda hoje prevalece.

ROMULO. — Fundador de Roma. Tendo desaparecido, creu-se que seu pae *Marte* o transportára em seu carro para o ceo. V. not. á ode 12.^a do livro I.

ODE IV.

Anno de Roma 735 — Antes de J.-C. — 19.

Edade de Horacio 46.

LOGO que Augusto voltou do Oriente a Roma, dedicou-se desveladamente á publica prosperidade, promulgando leis severas contra o celibato, a dissolução dos costumes, e o progresso do luxo desmesurado, restaurando a dignidade do senado, e promovendo efficaçmente todos os objectos do interesse geral. Para lhe tributar justo louvor, compoz Horacio esta admiravel ode.

ACHERONCIA. — Era uma cidade da Apulia, assim como o eram *Bantia e Ferento*, todas proximas de *Venúzia*.

BAIAS. — Cidade do reino de Napoles. V. not. á ode 18.^a do livro I.

CALLIOPE. — Uma das Musas: — presidia á eloquencia e á poesia heroica. Os poetas a dizem mãe de Orphêo.

CASTALIA. — Fonte da Phocida, região da Grecia antiga. Era sita ao pé do Parnaso e consagrada ás Musas, que d'ella se chamavam *Castalides*.

CONCANOS. (*Concani*). — Antigos povos da Hespanha, os quaes se alimentavam, principalmente, de leite misturado com sangue de cavallo. — *Concana*, cidade de Hespanha (Tarra-goneza), hoje *Santillane* ou *Congas-de-Oniz*, — Os ditos povos faziam parte dos *Cantabros*.

GELONOS (*Geloni*). — Povos da Europa barbara, ou da *Scythia*, que se acostumavam desde a infancia ao trabalho e ás fadigas. Eram terriveis nas batalhas.

PALINURO. — Cabo ou promontorio do reino de Napoles.

PALLAS. — Deosa da guerra e da sabedoria. V. not. á ode 15.^a do livro I.

PELION (*Petra*). — Monte de Thessalia, em Magnesia: — era um prolongamento do Olympo e formava um cabo. A fabula faz d'elle uma das montanhas que os Gigantes amontoaram para escalar o ceo.

PHILIPPOS (*Philippi*), hoje *Filibe*. — Cidade da Macedonia (antigamente de Thracia). Foi chamada a principio *Dalos* e *Crenides*. Philippe II (de Macedonia) a tomou, fortificou e lhe deu seu nome. Nos arredores d'esta cidade Bruto e Cassio perderam contra Octaviano a batalha decisiva que deixou o partido democratico sem defensores.

PIRITHOO. — O amigo de Theséo e seu companheiro inseparavel: — tinha por pae Ixion, e reinava sobre os Lapithas na Thessalia. — Penetrou nos infernos com Theséo para roubar Proserpina a Plutão, mas este deos frustrou seus planos: — Pirithoo foi morto, e Theséo retido nos infernos, d'onde Hercules só o pôde livrar.

PRENESTE (hoje *Palatrina*). — Cidade do Lacio a L. de Roma, e ao S. de Tibur. — Tinha um templo célebre consagrado á Fortuna.

TICHO. — Gigante enorme e celebre: — um abutre-lhe roia as entranhas nos infernos. V. not. á ode 14.^a do livro II.

TIBUR — Cidade antiga do Lacio. V. *Tiburno*, not. á ode 7.^a do livro I.

THYPHÃO, Mimas, Porphyrion, Encelado, e Rheto, são nomes de gigantes fabulosos.

TITANES. — Filhos de Titan e da Terra. — Titan, filho primogenito de *Uranius*, cedeu a Saturno o imperio do mundo, mas reservando a seus filhos, os Titanes, seus direitos ao throno, e estipulando que Saturno não poderia educar filho algum macho. Como esse deos não cumprisse a promessa, os Titanes se revoltaram contra elle, mas Jupiter, armado do raio, os precipitou no Tartaro.

VULTUR. — Monte que fazia parte dos Apenninos; — separava a Lucania da Apulia.

ODE V.

Anno de Roma 734 — Antes de J.-C. 20 -

Edade de Horacio 45.

O PODER e a gloria de Augusto havia, na voz da fama, chegado ás mais longiquas terras do globo, d'onde lhe vinham embaixadas e presentes magníficos. Causou espanto os que lhe enviára *Porus*, que se gabava de imperar em seiscentos reis da India. Tudo isto tornava Augusto em Roma o homem do destino, o protegido dos deoses. No meio dos applausos publicos não ficou Horacio em silencio; rendeu n'esta ode um tributo de louvor ao bemfeitor da sua patria, immortalizando ao mesmo tempo a memoria de Régulo.

ANCILIOS. — Eram doze pequenos escudos sagrados. — Criase, quando um só d'elles existia, que descêra do ceo, e que em quanto elle existisse seria Roma senhora do mundo. Numma Pompilio, para tornar difficil o poder-se roubar esse escudo, mandou fazer onze semelhantes, e todos se guardavam no templo de Marte.

APULIO. — O *Marso*. As melhores tropas dos Romanos eram os *Marsos* ou *Apulios*, e os *Samnitas*,

CRASSO (*M. Licinius Crassus*). — Triumviro celebre pelas suas riquezas. — Foi pretor, consul e censor. — Poz fim, por uma victoria decisiva, á guerra de Spártaco. — Formou com Pompeio e Cesar o primeiro triumvirato. Nomeado governador da Syria, e encarregado da guerra contra os Parthos, abriu a campanha prosperamente: — iam já render-se-lhe Babylonia e Seleucia, mas, deixando reunir o inimigo as suas forças, foi batido por Surena, general de Orodes rei dos Parthos. Trinta mil Romanos ficaram mortos no campo, e o mesmo Crasso, indo á tenda de Surena tratar da paz, foi morto por ordem d'esse general. — Os soldados que escapa-

ram ficaram na Persia, onde casaram. Esses casamentos, confundindo o sangue romano com o dos barbaros, eram considerados infames.

REGULO. — Famoso general romano. V. not. á ode 12.^a do livro I.

VENAFRO. — Cidade de Campania, e *Tarento* cidade do reino de Napoles. Em ambas estas cidades se passava deliciosamente.

VESTA. — Deosa do fogo. V. not. á ode 2.^a do livro I.

ODE VI.

*Anno de Roma 726 — Antes de J.-C. 28 —
Edude de Horacio 37.*

ESTA magnifica ode, na opinião de Walckenaer e de outros criticos illustrados, não é excedida por nenhuma outra, tanto pela excellencia dos pensamentos, escolha das maximas e eloquencia poetica, como pela côr sombria e religiosa da versificação, respirando um enthusiasmo estoico.

ANNIBAL. — Famoso general carthaginez. V. *Péno*, not. á ode 12.^a do livro I.

ANTIOCHO. — Rei da Syria, denominado o *Grande* por suas amplas conquistas. Retomou as provincias da Syria que conservava o rei do Egypto. Os Romanos, chamados em soccorro dos vencidos, o derrotaram : — elle obteve a paz com as mais onerosas condições. — Havia recebido Annibal em sua côrte. — Indo roubar o templo de *Belus* para pagar aos Romanos, foi morto.

DACIOS. — Povos da antiga Germania, guerreiros, ferozes e incivilizados. V. *Dacio*, not. á ode 20.^a do livro II.

ΕΘΙΟΠΕ. — De *Ethiopia*, vasta região que se estendia, nos antigos tempos, ao sul do Egypto. — Aqui *Ethiophe* toma-se pelas tropas de Cleopatra, Ethiopes e Egypcios, porque o Egypto era comprehendido na denominação de Ethiopia.

JONICAS DANÇAS. — Proprias dos povos da Jonia, provincia da Asia-Menor, os quaes eram effeminados e voluptuosos.

ΜΟΝΕΣΣ. — Era a segunda personagem do imperio de Orodes, rei dos Parthos. — Horacio, segundo Dacier, falla aqui de duas victorias que os Parthos ganharam sobre os Romanos, uma sob o commando de *Μονέσες*, outra sob o de *Pacoro*. Presume-se que uma d'estas foi a derrota de Crasso, que marchára desprezando os auspicios, e que Monésés fôra o vencedor, não obstante dizerem os historiadores que Crasso fôra desbaratado por *Surena*, porque esta palavra *Surena* significa *logar-tenente do rei*.

ΠΑΚΟΡΟ. — Era o filho mais velho de Orodes, rei dos Parthos, que o mandou, bem que ainda de pouca idade, assolar a Syria depois da derrota de Crasso.

ΠΥΡΡΗΟ (Pyrrhus). — Rei do Epiro (hoje *Albania meridional*), paiz da Grecia septentrional. Chamado á Italia pelos Tarentinos (280 antes de J. C.) ganhou contra os Romanos as victorias de Heraclêa e d'Asculum; foi depois livrar a Sicilia dos Carthaginezes; voltou á Italia, onde foi vencido por *Curius Dentatus*, tornando para o Epiro sem conquistas, sem dinheiro, e quasi sem tropas: — submetteu ainda a Macedonia, e tentou a conquista do Peloponeso: — morreu na tomada de Argos de uma telha com que uma velha lhe atirou do alto de um tecto,

ODE VII.

Anno de Roma 733 — Antes de J.-C. 24 —

Edade de Horacio 44.

DIRIGIU Horacio esta ode a Asterie para a tranquillisar na ausencia do joven Gyges, cujo fiel amor em vão é combatido pelas diligencias de Chloe, e pede-lhe se acautele dos méritos do seu visinho Enipêo.

BITHYNICO. — De Bithynia, paiz da Asia-Menor. V. *Bithynia*, not. á ode 35.^a do livro I.

ETRUSCO RIO. — O Tibre, rio celebre de Italia, nasce nos Apenninos em Toscana. — *Tevere* em Italiano, *Tiberis* entre os antigos, primitivamente *Albula*: — banha Roma e Ostia. É sujeito a cheias frequentes.

HIPPOLYTA (chamada tambem *Astydamia* e *Cretheis*). — Mulher de Acasto, famoso caçador, rei de Thessalia. — Apaixonada por Pelêo, e não lhe dando este attenção, accusou-o a seu marido de desacatar a sua honestidade. Acasto, resentido, quiz, n'uma caçada, entregal-o ás feras, mas salvou-o o centauro *Círon*.

ORICO. — Cidade e porto do Epiro sobre o mar Adriatico, no fim de um golfo que serve de limite ao Epiro e á Illyria.

PELÊO. — Rei da Phthiotida, na Thessalia. — Recebido em Iolchos, inspirou viva paixão a *Hippolyta* ou *Cretheis*, mulher de Acasto, a qual, não podendo attrahil-o, o calumniou ante seu marido, por vingança. — Pelêo casou com Thetis, de cujo corsorcio nasceu Achilles.

PRÊTO. — Rei de Argos. Sua mulher *Sthenobêa* ou *Anthia*, apaixonada por Bellerophonte, e vendo-o insensivel ao seu amor, por se vingar, accusou-o a seu marido de intentos offensivos da sua honestidade.

ODE VIII.

*Anno de Roma 734 — Antes de J.-C. 20 —
Edade de Horacio 45.*

CONVIDA Horacio a Mecenas, seu illustre amigo, a vir gosar da festa que preparava a Baccho no anniversario da queda da arvore de que escapára. Procura distrahir esse alto funcionario dos cuidados que o deviam occupar como prefeito de Roma e de Italia e ministro de Augusto, pedindo-lhe suspenda por alguns instantes as suas fadigas e se entregue descançadamente aos prazeres.

DACIO COTISON. — Rei dos Dacios, que muitas vezes faziam correrias pelas terras do imperio. Elle foi derrotado pelo general Cornelio Lentulo.

MARÇO. — No primeiro de março celebravam os casados religiosamente as festas chamadas *matronaes*. Eram estas propriamente das damas romanas, em memoria da paz que fizeram com seus paes as Sabinas roubadas pelos Romanos.

TULLO (L. Volcatius Tullus). — Foi consul com *M. Lepidus*, no anno de Roma 687. — Os Romanos escreviam no fundo das amphoras ou talhas, em que guardavam o vinho, o nome do consul existente para se conhecer a edade do vinho, o qual faziam amaciar ao fumeiro.

ODE IX.

*Anno de Roma 730 — Antes de J.-C. 24. —
Edade de Horacio 41.*

O DELICADISSIMO dialogo, objecto d'esta ode, tem merecido sempre geral admiração. Lydia e Horacio, que o orgulho fe-

rido havia separado e os fizera inclinar a novos amores, finalmente se reconciliam.

ILIA. — Mulher de Marte, mãe de Romulo, fundador do imperio romano. V. not. á ode 2.^a do livro I.

ODE X.

Anno de Roma 720 — Antes de J.-C. 31 —

Edade de Horacio 34.

ESTA ode, segundo os criticos, é uma imitação das odes gregas que se cantavam diante de uma porta fechada : — tinham o nome de *paraclausithyron*. — Horacio mostra-se resentido da insensibilidade de Lycia.

ÁAVILOS. — Ventos furiosos, extremamente frios, vindos do norte.

PENÉLOPE. — Princeza da Grecia, mui virtuosa, mulher de Ulysses. V. not. á ode 17.^a do livro I.

TANAIS. — Rio da Sarmacia, hoje o *Don*, rio da Russia da Europa : — sahe do lago Ivan-Ozero, em o governo de Toulá. — Toma-se aqui pelo logar o mais apartado de Roma.

ODE XI.

733 — 734.

Anno de Roma 733 — Antes de J.-C. 21 —

Edade de Horacio 44.

LYDIA, objecto da ternura de Horacio, achava-se ainda na edade em que se ignora o amor e a sua doce expressão, mos-

trando só tendências para a musica e a poesia. O poeta dirige-se, com grande arte, a Mercurio, pedindo-lhe o auxilio da sua lyra e cantos que possam deleitar os ouvidos de Lydia, a quem relata a historia das Danaides.

DANAIDES. — Filhas de Danáo. V. *Danáo*, not. á ode 14.^a do livro II.

IXION. — Rei dos Lapithas : — tendo morto seu sogro Deíoneo, foi expulso de seus estados ; — só achou hospitalidade na corte de Jupiter, mas ahi tentou seduzir Juno. Jupiter substituiu a sua mulher uma nuvem á qual deu, para experimentár Ixion, a forma d'essa deosa. Convencido assim de seu crime, Jupiter o puniu precipitando-o nos infernos e condemnando-o a ser ligado a uma roda que girava incessantemente.

NUMIDIA. — Hoje provincia de *Constantina*, e parte do estado de *Tunes*, paiz da Africa antiga entre a Mauritania e as possessões de Carthago. — Os seus desertos eram cheios de feras. — *Constantina* é uma cidade importante do estado de Argel.

TÉNARO. — Promontorio do Peloponeso. Toma-se pelos infernos. V. not. á ode 34.^a do livro I.

TICVO. — Gigante celebre : — foi lançado nos infernos. V. not. á ode 14.^a do livro II.

ODE XII.

Anno de Roma 726 — Antes de J.-C. 28 —

Edade de Horacio 37.

HAVIA Horacio percebido a inclinação secreta que lhe tinha Neobula, mas esta não ousava declarar-se temendo a severi-

dade de um tio a quem devia respeito. Isso moveu Horacio a dirigir-lhe esta ode, imitada de Alcéo.

ΒΕΛΛΕΡΟΦΟΝΤΗΣ.—Heroe grego, filho de Glaucos rei d'Ephyro (Corinto). Tendo morto involuntariamente seu irmão na caça, retirou-se á corte de Prêto, rei d'Argos. Sthenobea, mulher d'este principe, concebeu pelo joven heroie uma violenta paixão, e, não tendo podido fazel-o condescender com seus votos, accusou-o a seu marido. Prêto, para se vingar, enviou-o a Jobates, rei de Lycia, seu sogro, para o fazer morrer. Jobates, não querendo manchar-se no sangue do seu hospede, encarregou-o de combater successivamente a Chimera, os Solymos, e as Amazonas, esperando que elle acabasse em um d'esses combates, mas Bellerophonte, com o socorro do cavallo Pégaso que Minerva lhe havia dado, triumphou sempre, e até matou os soldados incumbidos de o assassinar. Então Jobates, convencido de sua innocencia, attribuiando sua felicidade á protecção dos deoses, deu-lhe uma de suas filhas e nomeou-o seu successor.

ODE XIII.

731 — 733.

Anno de Roma 731 — Antes de J.-C. 23 —

Edade de Horacio 42.

DISTINGUE-SE esta ode por sua doçura e simplicidade: — foi composta em honra de um sacrificio que Horacio fêz á nymphá da fonte Blandusia (ou Bandusia), que existia, se-

gundo hoje se crê, em o territorio de *Venusia*, onde Horacio habitára na infancia, e aonde fôra restabelecer-se de incommodos de saude. Essa fonte foi bem reconhecida no indicado sitio pelo abbade Capmartin de Chaupy. — Os antigos commentadores collocaram-na em o campo de Horacio no paiz dos Sabinos, mas nunca pôde ahi ser encontrada.

ODE XIV.

*Anno de Roma 729 — Antes de J.-C. 25 —
Edade de Horacio 40.*

CELEBRA Horacio, n'esta excellente ode, a entrada de Augusto em Roma, voltando victorioso da Hespanha. O poeta dirige-se á esposa e irmã do imperador, ás virgens, aos mancebos, ás mães, ao povo romano, para que o heroe seja dignamente festejado.

SPÁRTACO. — Natural de Thracia : — serviu a principio n'um corpo auxiliar annexo aos exercitos romanos ; — desertou, foi prêso, reduzido á escravidão, e conduzido a Capua, onde o fizeram gladiador. Evadiu-se da prisão com muitos companheiros, assolou a Campania, bateu o pretor Claudio e os dois consules Gellio e Lentulo, e viu rapidamente engrossar o seu exercito, que chegou n'um momento a contar mais de 70 mil homens. Impossibilitado de lutar contra a republica, quiz sahir da Italia, e já era chegado á Gallia Cisalpina, quando se viu forçado, pela inundação do Pó e pelos gritos do seu exercito, a retroceder, dirigindo-se sobre Roma. Não podendo tomar esta cidade, foi em breve perseguido por forças formidaveis. Tentou em vão passar á Sicilia, e, depois de

algumas novas vantagens, foi completamente derrotado por Cramo na batalha de Silare (hoje *Selo*, rio da Lucania), morrendo como bravo.

ODE XV.

Anno de Roma 735 — Antes de J.-C. 19 —

Edade de Horacio 46.

HORACIO mostra-se, n'esta ode, indignado da libertinagem de Chlotis e da falta de pudor de sua filha Pholoe. — Havia-as proposto a Lálage como modelos na arte de agradar, mas os annos tinham influido por um modo triste na sua delicadeza e moralidade (1).

LUCERIA. — Era uma cidade antiga da Apulia-Daunia, região de Italia. Tinha excellentes pastagens, e as lans dos rebanhos eram ahí mais finas que as de Tarento.

ODE XVI.

Anno de Roma 732 — Antes de J.-C. 22 —

Edade de Horacio 43.

ENCERRA esta ode, como muitas outras, as solidas maximas da philosophia. O poeta mostra, com exemplos, o irresistivel

(1) Horacio, l. II, ode V.; l. I, ode XXXIII.

poder do ouro, mas faz sentir ao poderoso amigo Mecenas os seus modicos desejos, — quanto se acha satisfeito e feliz com a sua limitada fortuna.

ALYATTÊO. — De *Alyattes*, que fôra rei da Lydia, fertilissima provincia da Asia-Menor.

CALABRIA. — Região do reino de Napoles. V. not. á ode 31.^a do livro I.

CHEFE MACEDONIO. — É Philippe II, rei de Macedonia, pae do grande Alexandre. Foi um famoso guerreiro e conquistador: — serviu-se porem muitas vêzes de presentes para triumphar em suas empresas: — juntava a astucia á coragem: — foi o mais profundo politico da antiguidade.

LESTRYGONIA TALHA. — Os Lestrygões eram antigos povos da Sicilia oriental, segundo a mythologia, visinhos dos Cyclopes. Attribute-se a elles a fundação de Formias, cidade da Campania. — O vinho de Formias era dos mais excellentes de Italia.

MYGDONIOS. — De *Mygdonia*, parte da Phrygia. V. not. á ode 12.^a do livro II.

ODE XVII.

Anno de Roma 731. — Antes de J.-C. 23. —

Edade de Horacio 42.

ESTA ode, dirigida por Horacio a Lamia, é uma especie de improviso, e feita só por brincar com o seu amigo. Começa pomposamente, de industria, e acaba por um modo rustico e burlesco.

ELIO (*L. Ælius Lamia*). — Foi governador da Syria no reinado de Tiberio. É o mesmo de que o poeta falla na ode 26.^a do livro I.

LAMO (*Lamus*). — Foi rei dos *Lestrygões*, e fundador da cidade de Formias na Italia.

LIRIS. — Rio de Campania, que a separava do Lacio, e entrava no Mediterraneo. V. not. á ode 31.^a do livro I.

MARICA. — Cidade de Campania, paiz de Italia.

ODE XVIII.

Anno de Roma 733. — Antes de J.-C. 21. —

Edade de Horacio 44.

ERA a musa de Horacio sempre felizmente inspirada quando se propunha fazer supplicas aos deoses, ou versos para serem cantados nas suas festas. Esta bellissima ode, dirigida a Fauno, o demonstra. — A festa do deos Fauno, o Pan dos Latinos, celebrava-se no mez de dezembro, em o dia 5, o das nonas d'esse mez. — As *nonas*, nos mezes de março, maio, julho e outubro, eram aos 7, nos demais mezes aos 5.

ODE XIX.

731 — 733.

*Anno de Roma 731. — Antes de J.-C. 23. —**Edade de Horacio 42.*

ESTA ode, que, pela rapidez do estylo e desordem das idéas, parece um improviso na occasião de um jantar, é dirigida a Telepho, apaixonado então pelas bellas-letras e occupado da historia da Grecia. — O poeta se alegra com a noticia da promoção de Licinio, irmão de Terencia, á dignidade de áugur, mostrando um enthusiasmo extraordinario.

CONRO (Codrus). — Ultimo rei de Athenas, filho de Melantho: — é celebre por sua dedicação. — Tendo sabido do Oraculo que, na guerra entre os Jonios e os Athenienses, a vantagem ficaria áquelle dos dois povos cujo chefe fosse morto, dedicou-se voluntariamente pela sua patria, lançando-se, disfarçado, no meio da batalha, onde acabou.

ELACO. — Pae de Peléo e avô de Achilles. V. not. á ode 13.^a do livro II.

INACHO (Inachus). — Fundador do reino de Argos, originario de Phenicia. V. not. á ode 3.^a do livro II.

MURENA. — Licínio Murena. V. *Licinio*, not. á ode 10.^a do livro II.

PELIGNOS (Peligni). — Povos de Italia antiga (*Samnium*) que habitavam perto dos Sabinos e dos Marsos: — eram de origem pelasgica.

TIBIA BEREYCYNTHIA. — Flauta phrygia usada no monte Berecyntho. Os Phrygios serviam-se das flautas berecynthias nos sacrificios de *Cybelle*. — Eram proprias para as occasiões de alegria em que a religião tinha parte.

ODE XX.

Anno de Roma 727. — Antes de J.-C. 27. —

Edade de Horacio 38.

HAVIA um homem libertino, a quem Horacio chama Pyrrho, roubado um formoso mancebo a uma mulher já de idade madura. O poeta faz vêr a esse homem que se expõe a muito contrariando assim a paixão ardente d'essa mulher. E' o assumpto d'esta ode.

GANYMEDES. — Joven principe de grande belleza, filho de Tros, rei de Throia. Foi, segundo a fabula, arrebatado pela aguia de Jupiter e transportado ao ceo para substituir Hebe no emprego de ministrar o nectar ao mesmo deos.

GETULIA. — Terra da Mauritania fertil de leões. V. *Leão getulio*, not. á ode 23.^a do livro I.

NIRÃO. — O mais bello dos Gregos depois de Achilles. Era rei de Naxos, hoje *Naxia*, ilha pertencente á Grecia no Archipelago (uma das Cycladas).

ODE XXI.

Anno de Roma 727. — Antes de J.-C. 27. —

Edade de Horacio 38.

INVOCA o poeta uma amphora cheia do melhor vinho para receber o illustre hospede Messala, personagem mui famosa

nos ultimos tempos da republica, e que pedira a Horacio uma ceia. E' o assumpto d'esta ode.

CATÃO. — O *Censor*, reputado grandemente virtuoso e austero, V. not. á ode 15.^a do livro II.

CORVINO (*M. Valerius Corvinus Messala*). — Orador romano: — seguiu o partido de Bruto, e foi proscripto pelos triumviros; mas depois da batalha de Philippos, vendo aniquilado o partido democratico, ligou-se a Octaviano, que o encheu de honras e o elevou ao consulado. — Foi um dos protectores das letras.

LUZ DAS TOCHAS. — Os Romanos faziam seus banquetes de noite á luz das tochas e candieiros.

MANLIO (*L. Manlius Torquatus*). — Era consul com *L. Aurelius Cotta* no anno de Roma 689, antes do nascimento de J.-C. 65 annos, quando Horacio nasceu. — Os Romanos costumavam marcar nas amphoras ou talbas os annos consulares em que se recolhia o vinho ou se fabricavam as mesmas talhas, como já se disse em as notas á ode 8.^a d'este livro III, na palavra *Tullo*.

ODE XXII.

Anno de Roma 733. — Antes de J.-C. 21. —

Edade de Horacio 44.

ESTA pequena ode é dirigida a Diana por Horacio para lhe consagrar um pinheiro que existia defronte da sua casa da Sabina.

ODE XXIII.

Anno de Roma 733. — Antes de J.-C. 21. —

Edade de Horacio 44.

QUEIXOU-SE Phydile, mulher rustica do valle de Digencia, de não poder, por pobre, fazer dignas offrendas aos deoses que desejava tornar propicios. Horacio lhe diz, para a consolar, que o meio seguro de tornar favoraveis os deoses, não são pomposos sacrificios, mas humildes, nascidos de uma alma pura e virtuosa. E' o assumpto d'esta ode.

ALBA. — Cidade do Lacio, edificada por Ascanio, filha de Eneas, e destruida por *Tullus Hostilius*, 3.^o rei de Roma.

ALGIDO. — Monte perto de Roma, quasi sempre coberto de neve. V. not. á ode 21.^a do livro I.

ODE XXIV.

Anno de Roma 726. — Antes de J.-C. 28. —

Edade de Horacio 37.

Os mais illustres commentadores acham esta ode admiravel, pela sublimidade dos pensamentos, força e dignidade de expressão, e harmonia majestosa dos versos. — O poeta expõe os vicios do seu seculo, investiga e demonstra as causas, e lembra, como remedio applicavel, a restauração dos bons costumes e a execução das leis.

CAPITOLIO. — Templo de Jupiter na rocha *Tarpea*. V. not. á ode 37.^a do livro I.

GETAS (*Getae*). — Povos da Europa barbara. Habitavam as montanhas da Hungria, da Transylvania, da Moldavia e Valachia. — Uns os fazem descender dos Thracios, outros os consideram um ramo dos Scythas e lhes dão origem germanica. Confundem-se com os Dacios.

MAR TYRRHENO E APULICO. — Do Toscana e da Apulia, na Italia.

REGIÃO DE BOREAS. — Região septentrional. — *Boreas* era deos do vento do norte.

SCYTHAS. — As suas casas eram conduzidas em carros. V. not. ás odes 19.^a e 35.^a do livro I.

ODE XXV

*Anno de Roma 726. — Antes de J.-C. 28. —
Edade de Horacio 37.*

ESTA pequena ode é cheia do maior enthusiasmo poetico, é um admiravel dithyrambo. — Horacio estava maravilhado dos grandes beneficios publicos que a sabedoria de Augusto acabava de realisar; o seu estro levou aos astros o grande bemfeitor da sua patria.

BACCHANTES. — Sacerdotizas de Baccho. — *Baccho*, V. ode 7.^a do livro I.

HEBRO. — Rio de Thracia, ~~pais~~ *pais* frigidissimo. V. not. á ode 35.^a do livro I.

LENÃO. — Um dos nomes com que era invocado *Baccho*.

NAIADES. — Nymphas que presidiam aos rios e ás fontes.

RHODOPE. — Um monte, ou antes cadeia de montes, na Thracia (hoje *Despoto-dagh*). — E' d'ella que sahe o Hebro.

ODE XXVI.

Anno de Roma 733. — Antes de J.-C. 21. —

Edade de Horacio 44.

O POETA, resentido das repulsas da bella Chloe, mostra-se n'esta ode disposto a separar-se para sempre dos laços e encantos do amor; pedindo a Venus castigue duramente aquella ingrata.

AQUI OS FACHOS. — Os mancebos libertinos e dissolutos corriam de noite pelas ruas da cidade de Roma com archotes e alavancas, quebrando e arrombando as portas.

CHYPRE. — Ilha do mar Mediterraneo, onde Venus era adorada. V. *Cyprio lenho*, not. á ode 1.^a do livro I.

MEMPHIS. — Cidade celebre do Egypto, na margem occidental do rio Nilo, acima de *Della*. — Nas suas vizinhanças se construíram as famosas pyramides que ainda se admiram. — Venus era adorada em Memphis, onde tinha um bello templo. — Ah!, pelo calor do clima, não havia geadas como na *Sithonia*, região da Thracia.

ODE XXVII.

Anno de Roma 733. — Antes de J.-C. 21. —

Edade de Horacio 44.

ESTA ode, na opinião dos doutos, é uma das obras-primas de Horacio. — Galatêa, que parece ser uma dama nobre ami-

ga do poeta, dispondo-se a ir á Grecia, queria viajar por mar e atravessar o Adriatico em uma estação tempestuosa. Horacio busca dissuadi-la d'isso, animando-a a ir por terra. — Esta via tem perigos, mas o poeta, nas primeiras estrophes, invoca os presagios sinistros para os impios, e os felices para Galatêa. Mostra-lhe que pode sem perigo viajar por terra, e lembra-lhe, no exemplo de Europa, quanto se arrisca viajando por mar. — Este é o sentido simples e natural d'esta bella composição lyrica.

CRETA (hoje *Candia*). — Ilha do Mediterraneo, situada defronte da abertura do mar Egêo. — Passava por ter cem cidades. Os seus habitantes eram de raça mixta, e compunham-se de indigenas, de Phenicios e de Gregos. — Por uma grande potencia maritima; e ainda é celebre por suas leis, attribuidas ao seu rei Minos.

EUROPA. — Filha de Agenor, rei de Phenicia, e irmã de Cadmo. Foi amada de Jupiter, que para a roubar tomou a forma de um touro, segundo a fabula, e a levou sobre o seu dorso atravessando o mar, e dirigindo-se para a parte do mundo a que ella deu seu nome.

JAPIS. — Vento favoravel aos que iam de Italia para a Grecia. V. not. á ode 3.^a do livro I.

LANUVIO (*Lanuvium*, hoje *Civita Indovina*). — Cidade do Lacio, proxima da via *Appia*, que conduzia de Roma a *Brundusium*, hoje Brindes, cidade maritima de Italia sobre o Adriatico. — Horacio faz partir a loba do territorio de Lanuvio, porque Galatêa tinha de seguir esse caminho para embarcar.

ORCO. — Rio dos infernos. V. not. á ode 3.^a do livro II.

ORION. — Uma constellação. V. not. á ode 13.^a do livro II.

PORTA EBURNEA. — Segundo a fabula, o palacio do Sono tinha duas portas, uma *cornea* por onde saham os sonhos verdadeiros, e outra *eburnea* por onde saham os sonhos falsos.

ODE XXVIII.

Anno de Roma 732. — Antes de J.-C. 22. —

Edade de Horacio 43.

FOI esta pequena ode, segundo os melhores commentadores, composta durante a festa de Neptuno que se celebrava em Roma. — Horacio convida Lydia a vir passar em sua casa essa festa ruidosa, e beber do seu vinho em honra d'esses deos.

BIBULO (*M. Calpurnius Bibulus*). — Foi consul com Cesar no anno 59 antes de J.-C. — Os Romanos, guardando o vinho em talhas ou amphoras, costumavam inscrever n'ellas os nomes e eras consulares. V. *Tullo*, not. á ode 8.^a d'este livro III.

CÉCUBO. — Vinho excellente. V. not. á ode 20.^a do livro I,

LATONA. — Filha do Titan *Cæus* e de *Phebe*. — Sendo amada de Jupiter, Juno, de ciosa, a fez perseguir pela serpente *Python*, até que Neptuno, compadecido, fez sahir do fundo do mar a ilha Delos, aonde ella se refugiou, e onde teve Apollo e Diana.

NEPTUNO. — Deos dos mares. V. not. á ode 2.^a do livro I.

NEREIDAS. — Deidades inferiores do mar, filhas de Nereão e de Doris.

PAPHOS. — Cidade da ilha de Chypre, onde Venus era adorada, assim como o era em *Gnido*, cidade da Caria, e nas *Cycladas*, ilhas do Archipelago.

ODE XXIX.

733 — 734.

*Anno de Roma 733. — Antes de J.-C. 21. —**Edade de Horacio 44.*

HORACIO convida para uma ceia o seu illustre amigo Mecenas, então occupado de serios cuidados e de negocios importantes. — Esta ode é realmente sublime. O hypercritico Julio Scaligero fêz acerca d'ella o mais bello elogio. « Horacio (disse elle) começa modestamente, mas eleva-se sempre e chega a uma altura aonde nenhum outro pode chegar. » — Vanderbourg accrescenta, que nenhuma das odes de Horacio prefere a esta; — que n'ella apparece, sob uma luz brilhante, o philosopho e o homem honesto.

BALANO. — Fructo da India, do que se extrahia uma essencia preciosa e odorífera.

BACTROS. — De Bactra (hoje *Balk*), capital da Bactriana, região da Asia, e que fazia parte do imperio da Persia.

CASTOR E POLLUX. — Astros favoraveis aos navegantes. V. *Irmãos de Helena*, not. á ode 3.^a do livro I.

CHYPRE. — Ilha do Mediterraneo. V. *Cyprio lenho*, not. á ode 1.^a do livro I.

EGEO. — Mar tempestuoso. V. not. á ode 16.^a do livro II.

EAULA. — Pequena cidade perto de Tibur sobre o declive de uma montanha.

LEÃO. — E' uma constellação de muitas estrellas: — o poeta quiz talvez, como adverte Dacier, notar a Canícula.

PAE DE ANDROMEDA. — E' Cephêo, rei de Ethiopia.

Foi posto entre os astres: — é uma constellação na cauda da pequena Ursa.

PROCYON. — Uma constellação precursora da Canícula.

SERAS. — Povos da Asia, entre o rio *Ganges* e o Oceano oriental. Estes povos forneciam as sedas, é por isso os Romanos deram o nome de *sericum* ao seu paiz.

SYLVANO. — Deos dos bosques. Os *Sylvanos* eram deoses campestres companheiros dos *Satyros*. Tinham pés de cabra e barba espessa e birsuta.

TANAIS. — Rio que separa a Asia da Europa (hoje o *Don*). V. not. á ode 10.^a d'este livro III. — *Discorde*, porque os *Scythas* e os *Sarmatas* que habitavam as suas margens, estavam em guerra frequentemente.

TELÉGEON. — E' Tusculo (hoje *Frascati*) — Cidade do Lacio, fundada por *Telegono*, filho de Ulysses e de Circe. — *Parricida*, porque Telégono matou seu pae sem o conhecer.

TORRE VISINHA DAS NUVENS. — Construida por Mecenas nos jardins do monte Esquilino, da qual torre se podia contemplar os arredores de Roma.

TYRO (hoje *Sour*). — Cidade de Phenicia. Teve grandissimo commercio e amplissimas riquezas. — Foi muito celebre: — era chamada a *rainha dos mares*.

TOSCANOS, OU TYRRHENOS. — De Toscana ou Etruria, na Italia. O nome de *Tyrrheno* é synonymo de *Etrusco* e de *Pelasgo*. — Os antigos chamavam tambem *Tyrrhenos* aos *Lydios*.

ODE XXX.

Anno de Roma 736. — Antes de J.-C. 18. —

Edade de Horacio 47.

FOI composta esta ode, ao que parece, para servir de epilogo a este terceiro livro das odes: — respira o nobre orgulho e enthusiasmo lyrico que se notára na 20.^a do livro segundo, que serve egualmente de epilogo aos dois primeiros livros. — Já se advertiu em a nota que se acha abaixo d'esta ode, que foram muito excedidas as predicções de Horacio: — os seus versos são lidos no mundo civilisado sempre com elogios e applausos novos.

ÁQUILO. — Vento impetuoso e extremamente frio. Os poetas o fazem filho de Eolo e da Aurora.

AUFIDO. — Rio da Apulia que se lançava no Adriatico: — é hoje o *Ofanto*.

CAPITOLIO. — Famoso templo de Roma sobre o monte ou rocha *Tarpea*. V. not. á ode 37.^a do livro I. — Nas festas que se celebravam em os *idos* de cada mez, o pontifice subia ao Capitolio para os sacrificios acompanhado de uma *Vestal* que a esse acto assistia em silencio, pronunciando só o pontifice as palavras da religião. — As *Vestaes* eram as sacerdotizas da deusa Vesta, obrigadas a conservar o fogo perpetuamente no templo. — A expressão de Horacio equivale á frase — *em quanto o imperio romano existir*.

DAUNO. (*Daurus*). — Primeiro rei da *Apulia*, paiz mui falto de aguas.

DELPHICO LOURO. — As coróas de louro de Apollo, que especialmente era venerado em Delphos, hoje *Castri*, cidade da Phocida. Os antigos olhavam Delphos como uma cidade sagrada. Seu templo e oraculo de Apollo a tornaram celebre nos paizes habitados pelos Gregos.

LIBITINA. — Deosa que presidia aos funeraes. Era assim chamada porque arrebatava os humanos quando lhe aprazia, *ad libitum*.

MELPOMENE. — Uma das Musas: — presidia á tragedia. Horacio a toma pela Musa em geral.

PYRAMIDES. — Refere-se ás do Egypto, ainda hoje existentes. São monumentos gigantescos que se admira. Foram mandadas fazer, segundo se crê, pelos antigos reis d'aquella região para lhes servirem de tumulo.

LIVRO IV.

ODE I.

*Anno de Roma 739. — Antes de J.-C. 15. —
Edade de Horacio 50.*

SEGUNDO Walckenaer (1), esta ode foi dirigida a *Paulus Quintus Fabius Maximus*, amigo de Horacio e de Ovidio, a quem este dirigiu as suas maviolas epistolares do Ponto, e que era mui distincto por sua eloquencia e defeza dos accusados. O poeta, já edoso, pede a Venus que o poupe, e favoreça aquelle amigo, que, sobre os indicados meritos, era moço e agradavel.

LAGO ALBANO. — De *Alba*, cidade do Lacio, edificada por Ascanio entre uma montanha e um grande lago.

SALIOS. — Sacerdotes de Marte. V. not. á ode 36.^a do livro I.

(1) *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace* t. II, p 332.

ODE II.

Anno de Roma 741. — Antes de J.-C. 13. —

Edade de Horacio 52.

PARECE que Julio Antonio havia pedido a Horacio cantasse os louvores de Augusto reproduzindo Pindaro em latim como Virgilio reproduzira Homero para celebrar a gloria de Eneas. É a opinião de Acron, com a qual se conformam Walckenaer (1) e Vanderbourg (2). Foi então que Horacio, para se escusar, lhe dirigiu esta elegante ode, em que, elogiando altamente a Pindaro, diz que elle Julio Antonio pode tirar sons da sua lyra mais sublimes para cantar aquelle heroe.

CENTAUROS. — Monstros semi-homens e semi-cavalllos. V. not. á ode 18.^a do livro I.

CHIMERA. — Monstro fabuloso. V. not. á ode 27.^a do livro I.

COLLINA SACRA. — Aquelles que triumphavam subiam ao Capitolio pela rua sacra : — iam ahi render graças a Jupiter pela victoria alcançada : — não desciam senão depois de haver tomado parte em um festim magnifico que a republica lhes dava.

DIRCÃO CISNE. — Pindaro, de *Dirce*, uma fonte pouco distante de Thebas, patria de Pindaro, o maior poeta lyrico grego. — Os poetas eram chamados *cisnes*, por se suppor que os cisnes tinham uma voz melodiosa, o que hoje se não reconhece.

JULO. — Julio Antonio, filho de Marco Antonio e de Fulvia. Depois da derrota de seu pae, Augusto o honrou com o sacerdocio, a pretura e o consulado, e o fez esposar uma das

(1) *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace*, t. II, p. 391.

(2) *Les Odes d'Horace*, t. II, p. 224.

filhas de sua irmã Octavia e de seu primeiro marido Marcelllo. — Abusou posteriormente da confiança de seu bemfeitor, e foi condemnado á morte.

MATINA. — De *Matino*, monte da Calabria que abundava em tomilho, e onde as abelhas fabricavam excellente mel.

OBRA DEDÁLIA. — Allude ás azas que Dédalo formára e uníra a si e a seu filho Icaro, e com as quaes sahiram do labyrintho de Creta, segundo a fabula.

SICAMBROS. — Povos ferozes da Germania.

ODE III.

Anno de Roma 742. — Antes de J.-C. 12. —

Edade de Horacio 53.

O POETA dirige-se, n'esta ode, á mais grave das Musas, a Melpomene, que, segundo uma antiga tradição, tinha inventado a poesia lyrica (1). Esta composição, religiosa, é cheia de harmonia, de simplicidade e de graça. — Horacio falla de sua gloria poetica.

INVENTOR DA CYTHARA ROMANA. — Entende-se inventor de um novo genero de poema lyrico não conhecido d'antes no Lacio.

ISTHMO CERTAME. — Os *jogos isthmicos* instituidos por Sysipho, antigo rei de Corintho, em honra de Neptuno, deos dos mares. — Celebravam-se de tres em tres annos no isthmo de Corintho que separa os golfos de *Lepanto* e de *Engia*.

(1) Walckenaer, *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace* t. 11, p. 416.

Esta grande peninsula, antigamente chamada *Peloponeso*, e presentemente *Morêa*, é uma parte meridional da Grecia onde está situada a cidade de Corintho.

ODE IV.

Anno de Roma 739. — Antes de J.-C. 15. —

Edade de Horacio 50.

AUGUSTO confiou ao joven Druso, filho de Livia, a direcção de uma guerra importantissima. — Os *Vindelicos* haviam-se ligado com os *Rhetos*, povos montanhezes e ferocissimos, para resistir aos Romanos. Druso os bateu e desbaratou completamente. — Esta ode foi feita por Horacio em louvor dos heroicos feitos d'esse filho adoptivo de Augusto, e a pedido d'este, como o fôra a ode 14.^a d'este livro IV. — É uma produção sublime do estro de tão admiravel poeta.

AGUIA. — Os antigos criam que a aguia ministrava os raios de Jupiter.

ALCIDES. — Hercules, celebre pelos seus grandes feitos e estremado valor. V. not. á ode 3.^a do livro I.

ÁLGIDO. — Monte perto de Roma. V. not. á ode 21.^a do livro I.

ALPES. — Grande systema de montanhas da Europa, situado entre a França, a Italia e a Alemanha, que toma diversos nomes. Os Alpes são cobertos de neves eternas. Um grande numero de rios descem de seus flancos: os principaes são o Rheno, o Rhona (*Rhodanus*), o Pó, o Danubio.

AMAZONIA SECURE. — Machadinha de dois cortes de que usavam as Amazonas, mulheres guerreiras fabulosas que ha-

bitavam, segundo se dizia, as margens do rio *Termodonte*, na Cappadocia, região da Asia-Menor.

ANNIBAL. — Famoso general carthaginez. V. *Péno*, not. á ode 12.^a do livro I.

ASDRUBAL. — Dito *Barca*, filho de Amilcar, general carthaginez, irmão de Annibal. Commandou na Hespanha, onde venceu os dois Scipiões, mas indo reunir-se a seu irmão na Italia, foi batido e morto pelos consules *Claudius Nero* e *Livius Salinator*. Os vencedores cortaram-lhe a cabeça e a lançaram no campo de Annibal.

CLAUDIAS FORÇAS. — Dos *Neros*, que descendiam da familia *Claudia*.

COLCHOS. — Paiz da Asia. V. *Colchicos venenos*, not. á ode 13.^a do livro II.

DRUSO. — Filho de *Tiberius Nero* e de *Livia*, a qual o deu á luz depois de desposada com Augusto, que o adoptou. Era irmão de *Tiberio*. Ganhou muitas batalhas nas Gallias, na Rhécia, na Vindelicia e na Germania.

ECHIONIA THEBAS. — V. *Thebas*, not. á ode 7.^a do livro I. — Como *Echion* ajudou *Cadmo* a edificar a cidade de Thebas, d'ahi se chamou a esta *Echionia*.

GANYMEDES. — Moço formosissimo, arrebatado pela aguia de Jupiter. V. not. á ode 20.^a do livro III.

HYDRA. — Serpente monstruosa de muitas cabeças que havia, segundo a fabula, na lagôa de *Lerna* em a Grecia. Apenas se lhe cortava uma cabeça, renasciam no mesmo lugar muitas outras. Foi a final morta por Hercules.

LACIO. — Antiga região de Italia.

O AFRICANO. — É Annibal. V. *Péno*, not. á ode 12.^a do livro I.

PÉNOS. — Os Carthaginezes, os quaes, entrando nos templos, derrubaram e destruíram as imagens das divindades romanas.

RHETOS. — Povos da *Rhetia*, hoje os *Grisões*, que fazem parte da confederação helvetica, comprehendendo parte do

Tyrol e da *Baviera*. — Os *Vindelicos*, antigos povos da *Germania*, não distavam muito dos *Rhetos*. — A *Vindelicia*, hoje o S. de *Wurtemberg* e da *Baviera* occidental, era uma região da *Europa* entre a *Rhecia* e a *Italia*. A sua principal cidade é hoje *Augsbourg*.

RIO METAURO. — Rio de *Italia*, hoje *Mettro* ou *Metaro*. Nas margens d'este rio teve logar a celebre batalha em que o exercito de *Asdrubal* foi derrotado, e elle morto.

ODE V.

*Anno de Roma 740. — Antes de J.-C. 14. —
Edade de Horacio 51.*

A PRESENÇA de *Augusto*, que então se demorava nas *Gallias*, era vivamente desejada em *Roma*, especialmente de *Livia*, sua consorte. *Horacio*, tornando-se o orgam dos votos publicos, compoz então esta ode, uma das suas obras-primas, e que devêra sêr gratissima, pelos ternos sentimentos que exprime, ao grande e desvelado bemfeitor da *Italia*.

CARPATICOS MARES. — De *Carpathos*, hoje *Scarpanto*, ilha do *Mediterraneo* entre as ilhas de *Creta* e de *Rhodes*.

CASTOR. — Irmão de *Pollux*. Foram ambos celebres na *Grecia* por virtudes e illustres feitos. V. *Irmãos de Helena*, not. á ode 3.^a do livro I.

CERES. — Filha de *Saturno* e de *Cybele*: — era deosa dos trigos e das searas: — ensinou a *Agricultura* aos homens, e foi particularmente venerada na *Sicilia* e na *Attica*. — Instituiu-se, em *Eleusis*, mysterios ou festas mysteriosas em honra sua.

HESPERIA. — É Italia. V. not. á ode 1.^a do livro II.

GERMANIA. — Vasto paiz da Europa antiga: — correspondia, pouco mais ou menos, á Allemanha actual. Na morte de Augusto, tinha por limites ao N. o golfo *Codanus* (hoje *mar Baltico*) e o mar Germanico, ao O. o curso do Rheno, ao S. os Alpes e o curso do Danubio. Seu limite a L. era incognito dos Romanos. — Os Germanos, no tempo de Cesar e de Augusto, eram ainda barbaros, porem menos que os Slaves e os Scythas.

IBERIA. — É Hespanha, chamada *Iberia* do rio *Iberus* (hoje o Elba), nome que depois se deu á peninsula inteira.

LARES. — Deoses ou genios domesticos: — eram encarregados de proteger cada casa e familia. Identificam-se muitas vézes os Lares com os Mânes dos antepassados de cada familia. Confundem-se tambem com os Penates: — os Penates porem parecem antes encarregados de dispender as riquezas, e os Lares de as conservar.

MESAS SEGUNDAS. — Entre os Romanos, a primeira mesa constava de viandas e iguarias: — a segunda mesa era quando se punham as frutas e os doces, e se lançava o vinho nas taças para se fazerem as libações aos deoses.

NORO. — Vento procelloso do meio-dia ou sul. Chama-se tambem *Austral*.

PARTHOS. — Povos bellicosos da Asia. V. *Persas*, not. á ode 2.^a do livro I.

SCYTHAS. — Povos da *Scythia* que comprehendia grande parte da Asia. V. not. ás odes 19.^a e 35.^a do livro I.

ODE VI.

737 — 738.

*Anno de Roma 737. — Antes de J.-C. 17. —
Edade de Horacio 48.*

ESTA ode, dirigida a Apollo, foi feita, segundo o parecer de illustres commentadores, para ser cantada em um dos tres dias consagrados aos jogos seculares; — é como o preludio do hymno solemne que devia ser cantado por ultimo.

ACHILLES. — Principe grego mui valoroso. V. not. á ode 6.^a do livro I.

CAVALLO ENGANOSO. — O cavallo de madeira em que se meteram os Gregos para tomarem de improviso os Troianos, e que se fingiu ser consagrado a Minerva, deosa da sabedoria.

DELIA DEOSA. — É Diana, filha de Jupiter e de Latona, natural da ilha *Delos*. Era deosa da caça e da castidade; e presidia ao nascimento e educação dos filhos. V. *Virgem inimiga das feras*, not. á ode 12.^a do livro I.

ENÊAS (*Aeneas*). — Filho de Anchises e de Venus: — esposou Creusa, filha de Priamo, e d'ella teve Ascanio. Distinguiu-se durante a guerra de Troia, mormente na noite fatal em que essa cidade foi tomada. Depois do saque de sua patria, fugiu levando sobre os hombros Anchises, seu pae, com seus deoses Penates, e pela mão seu filho Ascanio, indo tambem seguido da esposa, que se perdeu n'um bosque. — Embarcou-se com grande numero de Troianos para ir formar um estabelecimento em terra estrangeira; e, depois de longa viagem tormentosa, e de ser lançado nas costas de Carthago, onde o amor de Dido o reteve, abordou finalmente á Italia, e foi no Lacio bem recebido do rei Latino que lhe offereceu

a mão de sua filha Lavinia. Todavia Turno, rei dos Rutulos, a quem a princeza era promettida, lhe declarou a guerra; mas, vencido n'um combate singular, o vencedor Enéas esposou Lavinia, e edificou em honra sua a cidade de *Lavinium* (hoje *Patrica*), reinando muitos annos no Lacio.

FILHO DE LATONA. — É Apollo. V. not. á ode 2.^a do livro I.

LESBIO RHYTHMO. — De Sapho, poetiza celebre, natural de Lesbos, ilha do mar Egéo. V. *Lesbia cythara*, not. á ode 1.^a do livro I.

NIobe. — Filha de Tantalos e mulher de Amphion, rei de Thebas. Tinha sete filhos e sete filhas. Soberba d'esta numerosa descendencia, ousou insultar Latona que só tinha dois filhos. Esta, para se vingar, fez matar toda a sua familia a tiros de flecha por Apollo e Diana. — Niobe, estupefacta pela dôr, foi transformada em pedra.

PHEBO. — *Apollo*, deos da poesia. V. Apollo, not. á ode 2.^a do livro I.

PÓ TEUCRO. — De Troia, que foi chamada *Teucria*, de *Teucro*, rei da Phrygia, sogro de Dárdano.

PRÍAMO. — Rei de Troia. V. *Troia*, not. á ode 8.^a do livro I.

THALIA. — Uma das Musas: — presidia á poesia lyrica.

TICVO. — Gigante celebre, morto por Apollo e Diana, e lançado nos infernos. V. not. á ode 14.^a do livro II.

TORRES DÁRDANAS. — De Troia, chamada *Dardania*, de Dárdano, seu fundador e seu rei.

XANTHO. — Rio da *Troada*, pequeno paiz da Asia-Menor. É tambem chamado *Scamandro*: — sahia do Ida por duas origens, uma quente outra fria, e, unindo-se ao *Simois*, cahia no mar Egéo. — Os antigos cuidavam muito de conservar os cabellos, e os lavavam nas aguas crystalinas das fontes e dos rios.

ODE VII.

*Anno de Roma 738. — Antes de J.-C. 16. —
Edade de Horacio 49.*

SEMPRE os invernos rigorosos, ainda que já passados, inspiravam ao illustre poeta lyrico pensamentos moraes e melancolicos. O poder do frio, que destroe tantos seres no mundo, lhe fazia lembrar a brevidade da vida, a necessidade da morte, a conveniencia de aproveitar-se os poucos momentos em que o homem é chamado a gosar as maravilhas da natureza. Esta ode o demonstra : — pouco entretém o seu amigo com idéas risonhas e quadros graciosos.

ANCO (*Ancus Martius*), — 4.^o rei de Roma. — Subiu ao throno depois de *Tullus Hostilius*. — Guerreiro e conquistador, fêz victoriosamente guerra aos Latinos, aos Volscos, e a outros povos. — Engrandeceu e aformoseou Roma.

HIPPOLYTO. — Filho de Theséo e de Antiope, rainha das Amazonas : — amava a caça, e fugia do commercio das mulheres. Não assentindo aos desejos criminosos de sua madrasta Phedra, ella o accusou a Theséo de a ter querido seduzir. Theséo, enganado, chamou sobre seu filho a vingança de Neptuno : — o deos, para o punir, fez sabir do mar um monstro horrendo, que, assustando seus cavallos, estes o arrastaram por entre rochedos, aonde perdeu a vida.

MINOS. — Rei de Creta. V. not. á ode 28.^a do livro I.

PIRITHOO. — Amigo de Theséo, com quem desceu aos infernos. V. not. á ode 4.^a do livro III.

TORQUATO. — Filho de *L. Manlius Torquatus*, que foi consul no anno em que Horacio nasceu.

TULLO (*Tullus Hostilius*), — 3.^o rei de Roma. — Fêz contra Alba duas guerras assignaladas, a 1.^a pelo combate dos Horacios e dos Curiaçios; a 2.^a pela destruição de Alba.

ODE VIII.

743 — 744.

*Anno de Roma 743. — Antes de J.-C. 11. —**Edade de Horacio 54.*

ERA costume entre os Romanos, como é ainda entre nós, que d'elles o derivámos, fazer o primeiro dia do anno um dia de festas, de cumprimentos, e de presentes recíprocos. — Horacio quiz presentear o seu amigo Censorino, mas como este era riquissimo, nada pôde offerecer-lhe, digno d'elle acceitar, senão versos. E' para isso que compoz esta excellente ode.

CENSORINO. (*Caius Martius Censorinus*). — Era filho de *L. M. Censorinus* que foi consul no anno de Roma 714, e elle mesmo foi feito consul em 746. — Era personagem estimavel, e, segunda *Velleius Parteculus* referido por *Walckenaer* (1), morreu no Oriente, causando a sua pèrda viva dor.

EÁCO. — Pae de Peléo. Era um dos juizes dos infernos. V. not. á ode 13.^a do livro II.

HEROE QUE VOLTOU D'AFRICA COM NOME ILLUSTRE. — E' Scipião o *Africano* (*Publius Cornelius Scipio*). — Assignalou-se por altos feitos militares na Hespanha, começando pela tomada de Carthagena: — ganhou contra Asdrubal a decisiva victoria de *Bértula*, e reconquistou em quatro annos aquelle vasto paiz. Chamado a combater Annibal, fêz adoptar pelo senado, apezar da opposição de Fabio, o plano que havia concebido de transportar para as portas de Carthago o theatro

(1) *Hist. de la Vie et des Poes. d'Horace*, t. II, p. 421.

da guerra. Feito consul, passou-se a Africa, onde fêz gloriosos progressos. Os Carthaginezes, assustados, chamaram Annibal da Italia. Scipião ganhou sobre esse grande general uma victoria completa em *Zama*, e forçou Carthago a pedir a paz (202 annos antes de J.-C.). Tantas proezas lhe deram as honras do triumpho e o sobrenome de *Africano*. Este grande homem reunia ao genio militar as maiores virtudes, humanidade, temperança, desinteresse. Uma mulher bellissima lhe foi apresentada em Hespanha depois da tomada de Carthagena: — soube que estava desposada com um principe, *Allutius*: — mandou buscar o principe e lh'a entregou sem manchar a sua honra. Esta nobre acção attrahiu aos Romanos o principe e seus compatriotas. — Distinguiu-se na Asia como logar-tenente de seu irmão *Lucius*. Todavia, quando voltou, foi tres vêzes accusado por tribunos seus antagonistas. A 1.^a vez, narrou ao povo seus brilhantes feitos, e ficou livre. A 2.^a vez, exclamou: — « Romanos, em um tal dia venci Annibal em *Zama*; — vamos ao Capitolio render graças aos deoses. » Todo o povo o seguiu, ficando os seus accusadores sós no meio da praça publica. A 3.^a vez, conseguiram enfim sentenciar-o ao exilio. — Foi consul duas vezes.

ILHAS VENTUROSAS. — As *ilhas Afortunadas* (*Fortunatae insulae*), que se considera serem as *ilhas Canarias* dos modernos no mar Atlantico. Os antigos ahi collocavam os *Campos-elysios*, que eram parte dos infernos onde existiam as almas virtuosas depois da morte. Reinava ahi uma primavera eterna.

ILIA. — Mãe de Romulo, fundador de Roma. V. not. á ode 2.^a do livro I.

MUSAS DE CALABRIA. — As poesias de Ennio (*Quintus Ennius*), antigo poeta latino natural de *Rudia* (hoje *Rugge* ou *Rotigliano*), cidade da Calabria. Esse poeta compoz comedias, tragedias, satyras, e um celebre poema intitulado

Annaes da republica. Só restam fragmentos d'essas poesias.

PARRHASIO (*Parrhasius*). — Celebre pintor grego que vivia no anno 420 antes de J.-C. — Compos, entre outras obras-primas, um quadro allegorico representando o povo de Athenas, e um *Meleagro* e um *Atlante* admiraveis. Era émulo de *Zeuxis*.

SCOPAS. — Famoso escultor grego nascido em Paros 460 antes de J.-C. — Mereceu ser sobrenominado — *O artista da verdade*. Suas obras-primas eram um *Mercurio* e uma *Bacchante ebria*. Executou as esculpturas de uma das faces do tumulo de Mausolo, uma das maravilhas do mundo.

TYNDARIDES. — *Castor e Pollux*, filhos de *Tyndaro*, rei de Esparta. V. *Irmãos de Helena*, not. á ode 3.^a do livro I.

ODE IX

*Anno de Roma 738. — Antes de J.-C. 16. —
Edade de Horacio 49.*

UM distincto amigo de Horacio, Lollio (*Marcus Lollius Pa-licarnus*), havia merecido a confiança de Augusto, que o fêz prefeito da *Galatia*, antigo paiz da Asia-Menor, depois o fêz consul, e enfim lhe deu o commando do exercito que devia combater os bellicosos Germanos. — Lollio bateu-os, mas, atacado de improviso, viu derrotado o seu exercito, e em poder dos inimigos as aguias romanas, ainda que depois os forçára a acceitar a paz. Esse desastre não o privou do favor de Augusto, mas os seus antagonistas e invejosos o arguiram. Para desfazer pois essas arguições, que considerava injustas, com-

por Horacio a presente ode, na realidade superior, não só por excellencias lyricas e litterarias, mas pelos factos historicos e maximas philosophicas e moraes que encerra. — Lollio gosou grande reputação até á morte de Horacio : — só annos depois, mandado ao Oriente, se deixou corromper vergonhosamente pelo ouro dos Parthos.

AGAMEMNON. — Generalissimo do exercito dos Gregos no cerco de Troia. V. not. á ode 4.^a do livro II.

ANACREONTE. — Famoso poeta lyrico de Téos, na Jonia. V. *Téos*, not. á ode 17.^a do livro I.

ARCO CYDONIO. — Cretense, de *Cydon* (hoje a *Canéa*), cidade de Creta (hoje *Candia*), grande ilha do Mediterraneo. V. *Creta*, not. á ode 27.^a do livro III. — Em Cydon cresciam as melhores canas para flechas, e a melhor madeira para os arcs : — d'ahi veio a frase — *arco cydonio*.

ÁUFIDO. — Rio da Apulia. V. not. á ode 30.^a do livro III.

CAMENA DE CÉOS. — As poesias de Simonides, poeta e philosopho grego natural da ilha de Céos, nascido em 558 antes de J.-C. — Gosou do favor de muitos principes : — foi distincto nos generos elegiaco e lyrico : — foi o rival de Pindaro. Só restam alguns fragmentos de suas poesias.

DEIPHOBOS. — Principe troiano, filho de Priamo e de Hecuba : — esposou Helena depois da morte de Paris, mas logo que Troia foi tomada, Helena o entregou a Meneláo para por este meio se congraçar com elle.

HEITOR. — O maior general troiano. V. not. á ode 4.^a do livro II.

HELENA. — Mulher de Meneláo, rei de Esparta, roubada por Paris, a quem Horacio chama o *adultero*. V. *Lacena*, not. á ode 3.^a do livro III.

IDOMENEO. — Rei de Creta. Foi um dos heroes que mais se distinguiram no cerco de Troia.

PORTIZA ÉOLIA. — E' Sapho. V. not. á ode 13.^a do livro II.

STESÍCHORO.—Famoso poeta lyrico grego, que florescia em 626 antes de J.-C. — E' o inventor do *épodo*. Suas poesias, escriptas em dialecto dorico, formavam 26 livros: — só restam alguns fragmentos.

STHENELO.—Companheiro de Diomedes no cerco de Troia. V. not. á ode 15.^a do livro I.

TEUCRO.—Heroe grego. V. not. á ode 15.^a do livro I.

ODE X.

Anno de Roma 739. — Antes de J.-C. 15. —

Edade de Horacio 50.

NESTA ode, que não é destituida de poesia e de graça, exhorta Horacio o bello Ligurino a não sêr tão orgulhoso dos dons da belleza de que Venus o dotára, lembrando-lhe o desagradavel effeito que n'elle fará a acção poderosa do tempo.

ODE XI.

Anno de Roma 738. — Antes de J.-C. 16. —

Edade de Horacio 49.

HORACIO, querendo celebrar o anniversario natalicio de Mecenas, convida Phyllis a vir com seus talentos tornar a

feita mais agradável. — Por esta occasião busca consolal-a dos desprezos de Telepho, offerecendo-se a contrahir com ella amorosas relações, que nenhuma das outras virão perturbar.

BELLEROPHONTE. — V. not. á ode 12.^a do livro III. — Bellerophonte, depois de haver desbaratado a Chimera, quiz ainda montar-se no Pégaso para ir vêr o que se passava no céu: — o Pégaso, ferido de um tabão, o lançou por terra.

Idos (ou Idus). — Eram o meio do mez, entre os Romanos, e sempre o nono dia das *nonas*. Estas eram a 5 do mez, excepto nos mezes de março, maio, julho e outubro, que eram a 7. Quando as *nonas* eram a 5 do mez, os *idos* eram a treze; e quando eram a 7, os *idos* eram a quinze.

LICOR ALBANO. — O vinho de Alba, cidade do Lacio: — era muito estimado em Roma.

PHAETONTE. — Filho do deos do Sol e de Clymene, filha de Jupiter. Dizendo-lhe Epapho, em uma disputa, não ser filho de Apollo, Phaetonte dirigiu-se a seu pae, e lhe pediu uma graça para provar que era seu filho. Apollo jurou pelo Estygio nada denegar-lhe: —então Phaetonte pediu-lhe o conduzir o carro do sol um dia somente: — Apollo, ligado pelo juramento, não pôde a isso resistir. A empreza todavia era superior ás forças de Phaetonte: — os cavallos, mal dirigidos, arrebatarem-no, abrasando a terra. Jupiter, para pôr termo á desordem, fulminou Phaetonte, e o precipitou no *Pó*, antigamente chamado *Eridano*, o maior rio de Italia.

ODE XII.

*Anno de Roma 715. — Antes de J.-C. 39. —
Edade de Horacio 26.*

ESTA ode, segundo Dacier, Sanadon, Walckenaer e outros sabios, foi dirigida ao immortal Virgilio, então objecto das

liberalidades de Mécenas e de Octaviano, quando Horacio lutava ainda com a sorte adversa, e com os inimigos que seus primeiros escriptos e suas opiniões politicas lhe haviam atrahido. — Horacio, convidando o seu caro amigo para um jantar, e galanteando com elle, pede-lhe que traga um vasinho de essencia aromatica, sem o que não provará do seu vinho. — O vinho e os perfumes faziam, entre os Romanos, as delicias de um banquete.

ARCADIA. — Uma das antigas divisões do Peloponneso: — sua capital era *Megalopolis*. — As tradições acerca de Lycaon, o culto de Pan e de Minerva, a vida pastoral de seus habitantes, e grande talento d'elles para a poesia e a musica, são as principaes lembranças que a Arcadia deixou á historia. Os Turcos, seus conquistadores, a conservaram até á insurreiçãõ de 1822: — hoje é uma provincia do novo estado da Grecia.

CALES (hoje *Calvi*). — Cidade de Campania: — era famosa por seus excellentes vinhos.

CECROPIA FAMILIA. — O poeta serve-se aqui da frase — a casa de *Cecrops* —, fundador e primeiro rei de Athenas; pelos reis de Athenas em geral, como se diz — os *Ptolemeos* — pelos reis do Egypto, os *Cesares* pelos imperadores de Roma.

DE MOÇOS INCLITOS DILECTO. — Horacio allude, segundo os melhores commentadores, a Tiberio e a Druso, filhos de Livia, adoptados por Augusto.

DEOS A QUEM PRAZEM REBANHOS E COLLINAS DA ARCADIA. — É *Pan*, deos dos campos, dos rebanhos, e dos pastores.

ITYS. — Horacio falla aqui da andorinha, que faz seu ninho na primavera. A fabula é esta: — Pandion, rei de Athenas, teve duas filhas, *Progne* e *Philomela*. *Progne* esposou Teréo, rei de Thracia, de quem teve um filho chamado *Itys*. Teréo, tendo violado *Philomela*, arrancou-lhe a lingua para ella não divulgar seu crime, mas *Philomela* bordou

em um lenço sua desgraça, e o mandou a sua irmã. Progne indignada, deu a comer ao principe seu proprio filho Itys, cuja cabeça lhe apresentou no fim. Teréo quiz matal-a, mas foi metamorphoseado em gavião, Progne em andorinha, Philomela em roussinol, e Itys em faisão.

NARDO. — Planta aromatica da India. V. *Assyrio nardo*, not. á ode 11.^a do livro II.

SULPICIO (*Sulpicius Galba*). — Havia em Roma muitos armazens onde se vendia toda a sorte de mercadorias. Os de Sulpicio foram chamados de *Galba*, e n'elles se recolhiam vinhos. — Porphyrius diz formalmente que de seu tempo os armazens de Sulpicio Galba eram ainda cheios de vinhos, de azeite, e de outras cousas semelhantes: — *Hodieque autem Galbae horrea vino et oleo similibusque aliis repleta sunt.*

ODE XIII.

Anno de Roma 735. — Antes de J.-C. 19. —

Edade de Horacio 46.

AINDA que esta ode, dirigida a Lycia, seja um modelo no genero satyrico, é na realidade impropria de Horacio, que reunira a reputação de poeta illustre ás qualidades de homem circumspecto e digno. Elle amou ternamente a Lycia quando a ornavam as graças da mocidade, como se vê da ode 10.^a do livro III, não devêra injurial-a quando o tempo, no seu giro rápido, lhe havia eclipsado os encantos.

Cós. (hoje *Co* ou *Stanco*). — Ilha do mar Egéo ao S. da costa meridional da Asia-Menor. Foi patria de Hippocrates e de Apelles. — N'esta ilha tingiam-se os estofos em boa pur-

pura: — não é todavia a côr que o poeta teve em vista n'esta passagem, mas a fineza e a transparencia do tecido.

ODE XIV.

*Anno de Roma 741. — Antes de J.-C. 13. —
Edade de Horacio 52.*

NÃO tinha Horacio feito menção de Tiberio na ode 4.^a do presente livro, que compuzera a favor de Druso quando este alcançara gloriosa victoria dos Rhetos e dos Vindelicos, em que fôra grandemente auxiliado por Tiberio. Augusto pois pediu ao poeta reparasse a omissão fazendo outra ode sobre o mesmo objecto. Horacio a isso se prestou gostosamente compondo esta magnifica ode, em que sobresahe a gloria do mesmo Augusto, director e conselheiro dos referidos principes, seus filhos adoptivos.

ALEXANDRIA. — Cidade do Egypto, capital do Baixo-Egypto, sobre uma lingua de terra que se estende entre o Mediterraneo e o antigo lago Mareotis. É o emporio do commercio da Europa com o Egypto. O grande Alexandre a fundou. Ella foi capital do Egypto sob o dominio dos Ptolemêos e dos Romanos. Teve grande celebridade por seus monumentos magnificos, e por uma immensa bibliotheca, a mais rica que houve no mundo, a qual, por ordem de *Omar*, foi reduzida a cinzas. — Depois da derrota de Antonio e de Cleópatra, entrando Augusto em Alexandria, o póvo se lhe lançou aos pés e lhe entregou o supremo dominio.

BAEUNOS. — Povos que occupavam os arredores do grande

Brenner (*Abnoba*), monte do Tyrol, entre o Inn (*Ænus*) e o Adige. Alguns autores chamam a esses povos *Brennos*.

CLAUDIO. (*Tiberius Claudius Nero*). — Filho de *Tiberius Nero* e de *Livia*, e irmão de *Druso*. Distinguiu-se, joven ainda, na guerra contra os Cantabros e os Germanos. Na sua volta a Roma, recebeu o consulado e o poder tribunicio, mas a sua ambição e antipathia que mostrava para com os dois filhos mais velhos de *Agrippa* (*Caius* e *Lucius*) nos quaes via rivaes perigosos, o fizeram desterrar para Rhodes, onde passou seis annos. Chamado a Roma, Augusto, depois de falecidos aquelles filhos de *Agrippa*, o adoptou, e o fêz esposar sua filha *Julia*, e adoptar *Germanico*, filho de *Druso*, designando-o seu herdeiro. — Por morte de Augusto, entrou *Tiberio* no poder, fingindo não querer o titulo de imperador. Em breve porem se tornou o typo de um tyranno cruel, receoso e sanguinario, mandando tirar a vida a *Posthumo*, filho de *Agrippa*, a *Germanico*, e a muitos senadores e pessoas illustres de Roma.

CANTABRO. — Povo de Hespanha (*Tarragoneza*). V. *Cantabros*, not. á ode 6.^a do livro II.

DAUNO. — Rei da *Apulia*. V. not. á ode 30.^a do livro III.

DRUSO. — Irmão de *Tiberio*. V. not. á ode 4.^a do livro IV.

GENAUNOS (*Genauni*). — Povos ferozes, que habitavam, com os *Vindelicos*, a parte exterior dos Alpes.

ISTRO (*Ister*). — Rio da Europa antiga, hoje o *Danubio*: — tem sua origem na Allemanha.

NILÓ. — Celebre e immenso rio do Egypto. V. not. á ode 3.^a do livro III.

PLEIADES. — Uma constellação de sete estréllas, entre os signos *Tauro* e *Aries*. O seu nascimento, no equinoxio de margo, é acompanhado de ventos e tempestades. — Segundo a fabula, as *Pleiades* eram filhas de *Atlas* no numero de se-

te, e foram metamorphoseadas em estréllas, formando no ceo essa constellação.

RHETOS. — Hoje os *Grisões*, que fazem parte da confederação helvetica. V. not. á ode 4.^a do livro IV.

SICAMBROS (*Sicambri*). — Povos da Germania, que habitavam perto da margem direita do Rheno: — foram conquistados pelos Romanos, mas, rebellando-se contra elles, Tiberio os fêz passar para as Gallias, onde, á chegada de Augusto, lhe pediram a paz por seus embaixadores.

TAURIFORME AUFIDO. — O Aufido é um rio da Apulia, hoje *Ofanto*. V. not. á ode 30.^a do livro III. — O poeta chama-lhe *tauriforme*, porque as suas aguas impetuosas mugiam como um touro: — ou tambem porque os rios, na antiguidade, se pintavam com cornos sob a figura de um touro.

TIGRE (*Tigris*). — Rio da Turquia da Asia: — nasce no monte *Niphates* em a Armenia, e entra no golfo da Persia. Este rio forma os limites orientaes da Mesopotamia. Hoje entra no rio *Euphrates*.

VINDELICOS (*Vindelici*). — Antigos povos da Germania, que habitavam entre o Danubio e o Rheno. V. *Rhetos*, not. á ode 4.^a d'este livro IV.

ODE XV.

Anno de Roma 744. — Antes de J.-C. 10. —

Edade de Haracio 55.

ESTA ode, segundo o parecer dos mais illustres interpretes, foi feita por Horacio para fechar a sua collecção de poesias

lyricas: — consideram ser a ultima que elle compuzera. É um pomposo e magnifico elogio a Augusto, pacificador do imperio, restaurador da prosperidade publica, e legislador illustrado e prudentissimo.

ANCHISES. — Principe troiano, da familia de Priamo, filho de Capys e de uma nymphá. Foi amado de Venus, e d'ella teve Eneas. Sendo velhissimo, no saque de Troia, Eneas o tomou sobre os seus hombros, e com elle fugiu. Morreu na Sicilia, onde Eneas lhe levantou um magnifico tumulo.

FLAUTA LYDIA. — O som ou o modo *lydio*, era o mais proprio para as occasiões de alegria e os festins; — o *phrygio*, proprio para as ceremonias religiosas e de cousas tristes; — o *dorico*, grave; — o *jonio*, brilhante. — Os Lydios, segundo alguns eruditos, foram os primeiros inventores das flautas, e eram dados a delicias.

GETAS (Geta). — Povos da Europa barbara: — habitavam nas montanhas da Hungria, da Transylvania, da Moldavia e da Valachia. Uns os fazem descender dos Thracios, outros dos Seythas: — confundem-se com os Dacios.

JANO (Janus). — O mais antigo rei de Italia: — veio estabelecer-se no Lacio, e recebeu em seus estados Saturno, expulso do ceo. — Policiou os povos barbaros de Italia, e o seu tranquillo reinado o fêz olhar como um deos de paz. Romulo lhe erigiu em Roma um templo, cujas portas eram abertas em tempo de guerra, e fechadas em tempo de paz. Tres vezes, no reinado de Augusto, foi o templo de Jano fechado; a 1.^a em 725 depois da batalha d'*Actium*; a 2.^a em 729 depois do fim da guerra dos Cantabros; a 3.^a em 741, em que a paz foi universal (1).

REGIÃO HESPERIA. — Desde o occaso do sol; — assim se entende n'este lugar.

SERAS (ou Seres). — Povos orientaes ao pé da India. V. not. á ode 12.^a do livro I.

(1) Walckenaer, *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace*, t. II, p. 447.

LIVRO V.

Dos Epodos.

ODE I.

*Anno de Roma 723. — Antes de J.-C. 31. —
Edade de Horacio 34.*

MECENAS era designado por Octaviano para o acompanhar á guerra d'*Actium*: — Horacio queria seguir o seu illustre amigo, mas este se lhe oppoz: — para lastimar essa repulsa é que o grande lyrico romano compoz esta ode, dictada pelos sentimentos da amizade terna e corajosa, e pelo desinteresse que professára toda a sua vida.

ALPES. — Grande systema de montanhas da Europa. V. not. á ode 4.^a do livro IV.

CAUCASO. — Grande systema de montes na Asia. V. not. á ode 22.^a do livro I.

CHREMES. — Velho avarento celebrado por Terencio.

CIRCÊOS MUROS. — De Tusculo (*Tusculum*) (hoje *Frascati*), cidade do Lacio ao S. E. de Roma, sobre o declive de uma collina, e que passava por ter sido fundada por *Telégono*, filho de *Circe* e de *Ulysses*. — Para se entrar aqui no sentido de Horacio, convem saber que a sua casa era um pouco afastada de Tusculo: — elle diz pois que não deseja engrandecê-la e estendê-la até aos muros d'essa cidade.

LUCANOS PASTOS. — De Lucania, que era, assim como Ca-

labria, parte do reino de Napoles. — Os Romanos costumavam ir passar o inverno na *Calabria*, por ser quente, e o verão na *Lucania*, de clima temperado, e até mudavam os seus gados.

NAUS LIBURNAS. — Eram embarcações mui ligeiras semelhantes ás dos *Liburnos*, que eram altas de borda e tinham na poupa grandes torres.

SÍRIO FERVIDO. — É uma das estrellas que formam a constellação da Canicula (*cão celeste*). — O seu nascimento causa grandes calores. Os antigos offereciam-lhe sacrificios para evitar os seus effeitos. — Alguns deram tambem ao sol o nome de *Sírio*.

ODE II.

Anno de Roma 715. — Antes de J.-C. 39. —

Edade de Horacio 26.

N'ESTA ode offerece Horacio os quadros mais bellos e seductores dos innocentes prazeres do campo, mas o final não pode deixar de desagradar ás pessoas dotadas de bom gosto. Vanderbourg e Walckenaer, críticos judiciosos, o desapprovam grandemente. — Lê-se, em muitos e bellissimos versos, os louvores da vida campestre, mas subitamente, quando o leitor se acha enlevado e enternecido, conhece não sêr a expressão dos generosos sentimentos do cantor de *Venusia*, mas de um desprezível usurario, que n'um momento se deixou arrastar pela idéa da tranquillidade da vida rustica, e os renuncia para proseguir no seu tráfico vergonhoso. — M. Nitch

crê, segundo refere Walckenaer (1), ser esta ode uma das primeiras composições do poeta, que, sentindo o seu defeito, não a inseriu nas collecções que publicára de suas poesias lyricas.

CALENDAS. — Era o primeiro dia do mez entre os Romanos. Os *idos* eram aos treze ou quinze do mez. V. *Idos*, not. á ode 11.^a do livro IV. — O costume era dar-se dinheiro a juro de um por cento ao mez; mas Alphio, famoso usurario do tempo de Horacio, dava-o a um por cento por quinze dias, pelos *idos* e pelas *calendas*, a vinte e quatro por cento de interesse no anno. — Columella falla d'este usurario, no liv. 1.^o cap. 7.^o

JONIA (ou *Ionía*), hoje as costas de *Sivas*, *Saroukan* e *Aidin*. — Dava-se este nome á parte litoral da Asia-Menor que se estende de Phocéa a Mileto, entre o Meandro e o Hermo, e que era comprehendida na Lydia (salvo o sul que pertence á Caria). — A Jonia foi celebre por seu commercio, navegação, colonias, riquezas, luxo, e bellas-artes. — Entre as numerosas cidades gregas da Jonia, se notavam doze principaes que formavam uma confederação: — eram 1.^o no continente, do N. ao S.; *Phocéa*, *Smyrna*, *Clazomenes*, *Erythres*, *Téos*, *Lebedos*, *Cokophon*, *Epheso*, *Priene*, *Mileto*; — 2.^o nas ilhas visinhas, *Chio* e *Samos*. — Na Jonia nasceram Homero, Archiloco, Anacreonte, Pythagoras, Parrhasio, Aspasia, e outros génios eminentes.

PRIAPU (*Priapus*). — Filho de Venus e de Baccho. Era o deos dos jardins, dos vergeis, e dos prazeres obscenos; — suas festas eram acompanhadas de vergonhosas desordens.

SYLVANO. — Guarda das divisas dos campos. V. not. á ode 29.^a do livro III.

TERMINO (festas). — As festas do deos *Termino*, ou dos limites dos campos.

(1) *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace*, t. II, 2.^a parte, p. 426.

ODE III.

Anno de Roma 716. — Antes de J.-C. 38. —

Edade de Horacio 27.

ESTA ode é uma das primeiras que Horacio compoz para divertir Mecenas. Encerra imprecções contra o alho. — O poeta, em casa d'esse illustre amigo, havia em um prato comido alho, a que repugnava : — é o que deu logar a esta galanteria poetica, onde o tom solemne e as imagens tragicas contrastam com o assumpto.

CANIDIA. — Uma mulher de *Neapolis* (hoje *Napoles*, antigamente *Parthenope*), cidade de Campania : — Horacio trata essa mulher de feiticeira. O seu verdadeiro nome, segundo illustres commentadores, era *Gratidia*.

MEDÊA. — Celebre magica, filha de *Æétes*, rei de Colchos, e da magica *Hypcæa*. Herdou a sciencia de sua mãe. Quando Jason foi com os Argonautas conquistar o vellocino de ouro que possuia *Æétes*, ella concebeu vivo amor pelo heroe, forneceu-lhe por sua arte os meios de vencer os obstaculos que se oppunham ao bom successo de sua empreza, e fugiu com elle de Colchos. — Chegada a Iolchos, patria de Jason, remogou seu pae *Eson*. — Tendo aconselhado ás filhas de Pelias, usurpador do throno de Iolchos, a morte de seu pae, refugiu-se com Jason em Corintho. Ahi se viu abandonada por Jason, que esposou *Glauce* ou *Creusa*, filha de Creonte, rei d'essa cidade. Medêa, irritada, resolveu vingar-se. Dissimulou a sua raiva, e offereceu a essa princeza, para o dia do seu casamento, um vestido magnifico e uma corda de ouro, que havia envenenado. Estes presentes produziram o desejado effeito : — apenas *Glauce* se serviu d'elles, sentiu-se devorada por um fogo que se não podia tirar nem extinguir. — Medêa depois salvou-se pelos ares em um coche tirado por dois dragões com azas.

ODE IV.

Anno de Roma 715. — Antes de J.-C. 39. —

Edade de Horacio 26.

MENAS, liberto do grande Pompêo, havia merecido a confiança de seu filho *Sextus Pompeius*, que o cumulára de bens e o fizera general de sua armada, mas, accendendo-se a guerra civil entre o joven Pompêo e Octaviano, deixou o partido de seu bemfeitor, abraçando o de seu adversario, ao qual entregou a Sardenha e as forças de que dispunha. Esta perfidia foi remunerada por Octaviano com bens e honras, dando-lhe o direito de trazer o anel de ouro e elevando-o á ordem dos cavalleiros. Todavia, no anno seguinte, não satisfeita a sua ambição, voltou para o joven Pompêo, que lhe perdoou e o reintegrou nos seus cargos. Este acto generoso teve consequencias funestas para o partido de Pompêo, porque Menas, não conhecendo fidelidade nem dever, o deixou segunda vez, e se passou novamente para Octaviano com a esquadra que commandava, descobrindo-lhe os segredos que lhe haviam sido confiados. Octaviano, posto que detestasse sua perfidia e ingratição, aproveitou-se dos seus serviços, e, para o não tornar a perder, o fêz tribuno de soldados. — A impudencia de Menas accendeu a bilis do joven poeta, e lhe fêz produzir esta ode eminentemente satyrica.

LEI D'OTHO. — *L. Roscius Otho*, tribuno do povo, tinha feito uma lei para separar, no theatro, os cavalleiros do povo, assignando-lhes quatorze bancos depois dos senadores. Esta lei, entre outras disposições, prohibia que o liberto, ou filho de liberto, fosse feito cavalleiro. Menas pois, sentado nos bancos dos cavalleiros, e talvez no primeiro logar como tribuno, apresentava uma violação manifesta da lei, pois que havia sido escravo.

ODE V.

*Anno de Roma 715. — Antes de J.-C. 39. —
Edade de Horacio 26.*

« **ESTA** ode (disse o illustre Vanderbourg) não é um d'esses ensaios majestosos onde o principe dos lyricos latinos se eleva á altura de Pindaro: — n'ella não desenvolve nem sua philosophia desinteressada e corajosa, nem seu amor para com a virtude, nem sua afeição para com os seus amigos e a sua patria. » — Naverdade, é só uma satyra sanguinolenta contra mulheres obscuras, sendo Canidia a principal, offeretendo um drama que desperta sentimentos de ternura e de piedade. — Esta ode, e a 17.^a, são esses jambos que o poeta chama criminosos; — arrependeu-se de os ter escripto. — O verdadeiro nome de Canidia, segundo os antigos escoliastes, e como já se disse em as notas á ode 3.^a d'este livro V, era *Gratidia*, uma perfumadora napolitana. — As mulheres d'essa profissão sabiam compor filtros amorosos e davam-se á magia. O veneno e o assassinio faziam parte do que era necessario para os encantamentos. — Criase que furtavam meninos para os immolar.

CHAMMAS COLCHICAS. — Os fogos magicos. — Colchos, paiz da Asia, era famoso por seus venenos. V. *Colchicos venenos*, not. á ode 13.^a do livro II.

CREONTE. — Rei de Corintho, e pae de Creusa, que esposou Jason. V. *Medea*, not. á ode 3.^a d'este livro V.

ESQUILINAS AVES. — Do monte *Esquilino*, em Roma, onde se faziam as execuções dos criminosos, e que por isso era frequentado das aves de rapina. — Hoje é o monte de *Santa-Maria-Maior*.

IOLOCHOS. — Cidade capital da Thessalia, famosa pelo nas-

cimento de Jason, e onde se juntaram os principes gregos para a conquista do vellocino de ouro.

LUCINA (de *lux*, luz). — Deosa que presidia aos partos e aonascimento dos filhos. Confunde-se ora com Juno, ora com Diana, ou ainda com Latona.

PRAGAS DE THYESTES. — As imprecações com que Thyestes amaldiçoou seu irmão, o infanticida *Atréo*.

SAGANA, VEIA E FOLIA ARIMINENSE, eram tres feiticeiras que Canidia chamou para a ajudarem. — *Ariminense*, da *Arminum*, hoje *Rimini*, cidade sobre a borda do Adriatico na *Romania*, antiga provincia do estado ecclesiastico, hoje comprehendida nas legações de *Forli* e de *Ravenna*.

SUBURA. — Era uma rua de Roma onde se praticavam actos immoraes e dissolutos.

THESSALICAS VOZES. — Os Thessalos passavam pelos mais habeis de todos os feiticeiros.

ODE VI.

Anno de Roma 715. — *Antes de J.-C. 39.* —

Edade de Horacio 26.

DISCORDAM os mais esclarecidos interpretes sobre quem seja *Cassius Severus*, contra o qual se pronunciou Horacio violentamente n'esta ode. Dacier, Sanadon, Desprez e outros, pensam ser o orador *Cassius Severus*, que atacava diante dos tribunaes e diffamava em seus escriptos as personagens mais distinctas do seu tempo, e até os parentes e amigos de Augusto. — Vanderbourg porem, Walckenaer, Duchemin e outros, são de opinião contraria, não constando que aquelle

orador fosse poeta, nem parasito esfaimado a quem a menor comida fazia callar. — Alem d'isso, Acron affirma que o *Cassius* de Horacio era um poeta maldizente.

BUPALO. — Famoso escultor, nascido em Chio: — vivia em 540 antes de J.-C. — Havia representado *Hipponax*, poeta grego de Epheso, sob uma figura redicula: — esse poeta tornou-se seu inimigo, e fêz contra elle versos gravemente satyricos.

LACON. — Cão de Laconia, paiz do Peloponeso.

LYCAMBO. — Tendo promettido sua filha *Neobula* ao poeta *Archiloco*, natural de Paros, e faltando á sua promessa, foi alvo das violentas satyras d'esse poeta, que era tão licencioso como acerbo em suas poesias.

ODE VII.

Anno de Roma 722. — Antes de J.-C. 32. —

Edade de Horacio 33.

FOI esta ode manifestamente dictada pela indignação propria de um cidadão virtuoso no momento de ir vêr a sua patria novamente lacerada pela guerra civil. Os melhores interpretes a julgam composta quando houve o rompimento entre Antonio e Octaviano. A forma dramática, d'esta composição lyrica, como observa Mitscherlich citado por Vanderbourg (1), lhe dá uma grande energia: — é uma das peças mais interessantes d'este livro.

(1) *Les Odes d'Horace*, t. II, 2.^a parte, p. 465.

PARTHOS. — Povos bellicosos da Asia. V. *Persas*, not. á ode 2.^a do livro I.

REMO. — Irmão de Romulo, que este matára. V. *Romulo*, not. á ode 12.^a do livro I.

SAGRADA VIA. — Desde o fim da rua sagrada até o *forum romanum* ia-se sempre descendo, e subia-se depois o *forum romanum* até o Capitolio, e isso era propriamente chamado *clivus capitolinus*.

ODE VIII.

*Anno de Roma 714. — Antes de J.-C. 40. —
Edade de Horacio 25.*

ESTA ode é uma das composições da mocidade de Horacio: — encerra sentimentos immoraes e impuras invectivas não proprias de tão illustre poeta. E' certamente por isso que o autor a não inseriu nas suas collecções poeticas que publicára. — Horacio, no verdor da mocidade, não teve, segundo parece, a dignidade de sentimentos que mostrou na edade madura,

ODE IX.

*Anno de Roma 723. — Antes de J.-C. 31. —
Edade de Horacio 34.*

HORACIO, n'esta ode, canta a victoria d'*Actium* e a fugida de Antonio. O seu enthusiasmo é vivissimo: — conside-

ra-se no meio do banquete que deve ter lugar, em casa de Mecenas, para celebrar-se o glorioso successo. Entrega-se á maior alegria, e personifica o triumpho que deve honrar a entrada de Octaviano em Roma.

CAPITÃO NEPTUNIO. — E' o joven Pompéo (*Sextus Pompeius*), que, orgulhoso de que seu pae tivesse sido senhor dos mares, quiz passar por filho de Neptuno.

GUERRA JUGURTHINA. — Jugurtha, rei de Numidia, foi vencido por Mario, famoso general romano. E' essa guerra de que trata aqui o poeta. V. *Jugurtha*, not. á ode 1.^a do livro II.

O AFRICANO. — E' *Publius Cornelius Scipio Africanus major*, dito vulgarmente *Seipião o Africano*, o primeiro Africano. V. *Heroe que voltou d'Africa com nome illustre*, not. á ode 8.^a do livro IV. — Os Carthaginezes, tendo começado a revoltar-se, um oraculo ordenou aos Romanos o erigirem um monumento funebre a Scipião voltado para Africa. O monumento foi construido entre a cidade e o porto d'Ostia: — as cinzas de Scipião foram tiradas da pyramide do Vaticano e depositadas n'esse novo tumulo. — Isto é referido por Acron e o escoliaste de Cruquio, que o leram em historia ainda existente no seu tempo. Walckenaer conforma-se exactamente com este parecer. Todavia, Dacier, Sanadon, Desprez, Duchemin e outros, são de opinião de que Horacio falla aqui figuradamente, querendo dizer que a virtude fêz de Carthago o monumento da gloria do primeiro Scipião o Africano, pois sabe-se que o seu tumulo fôra em *Linterne*, cidade de Campania, hoje *Terre di Patria*, no reino de Napoles.

PAVILHÃO DE UMA EGYPCIA. — De *Cleopatra*, rainha do Egypto, celebre por sua belleza e seus crimes. Era filha de Ptolemeu Aulete. Tendo sido expulsa do throno, foi n'elle restabelecida por Cesar, movido de seus encantos. Depois da morte do dictador, Antonio a chamou a Tarse para responder a algumas accusações, mas tornou-se vivamente apaixonado

nado d'ella, e, para a esposar, repudiou Octavia, irmã de Octaviano. Esta conducta fez rebentar a guerra entre Octaviano e Antonio. Depois da batalha d'*Actium*, Antonio vencido suicidou-se, e Cleopatra, que vamente tentára seduzir o vencedor, temendo cahir em seu poder, tambem deu a si a morte, fazendo-se picar no braço por um áspide, no anno 30 antes de J.-C. — Ella tinha 39 annos.

SYRTEs. — Nome dado pelos antigos aos dois golfos que forma o Mediterraneo sobre a costa septentrional d'Africa, entre o Egypto e o cabo *Hermæum*; — o 1.^o dito *Grande Syrte*, hoje o *golfo de Sidra*; — o 2.^o dito *Pequena Syrte*, hoje o *golfo de Cabés*. Eram cheios de bancos de areia, e por isso temidos dos navegadores na antiguidade. — Tomam-se aqui em geral pelo mar Libyco.

TONS DORIOS. — Os antigos tinham tres tons principaes, *dorio*, *lydio*, e *phrygio*; — o 1.^o era grave e monótono; — o 2.^o brilhante; — o 3.^o misturado de um e outro. Os Romanos serviam-se d'estes tons segundo a natureza dos assumptos que cantavam. O *dorio* em objectos serios, o *lydio* nos alegres, o *phrygio* n'aquelles em que a religião tinha parte, e nas occasiões em que convinha excitar sentimentos mais apaixonados e vehementes. V. *Flauta lydia*, not. á ode 15.^a do livro IV.

VINHO DE CHIO E LESBOS. — Estes vinhos eram muito estimados. *Chio* e *Lesbos* eram ilhas do mar Egéo, hoje o *Archipelago*. *Chio* (hoje *Scio*), ao S. de *Lesbos*, perto da costa occidental da Asia-Menor. — *Lesbos* (hoje *Metelin*). V. *Lesbia cythara*, not. á ode 1.^a do livro I.

ODE X.

Anno de Roma 715. — Antes de J.-C. 39. —

Edade de Horacio 26.

MEVIO (*Mevius*), segundo os antigos escoliastes, era um mau poeta, inimigo acerrimo de Virgilio e de Horacio, e detractor infatigavel de todos os homens de merito do seu tempo. Já se vê o motivo porque o grande lyrico romano, no fôgo da mocidade, o ataca n'esta ode com a maior força e azedume: — era alvo dos insultos de tão baixo inimigo.

AJAX. — Valoroso grego. V. not. á ode 15.^a do livro I.

ORÍON. — Uma constellação. V. not. á ode 13.^a do livro II.

ODE XI.

Anno de Roma 717. — Antes de J.-C. 37. —

Edade de Horacio 28.

ESTA ode, dirigida a Peccio (*Pectius* ou *Pettius*), homem não conhecido, é uma das que Horacio compuzera no verdor da mocidade, quando ainda vivia pobremente, ode que se não atrevêra a inserir nas collecções poeticas que publicára. Algumas idéas que apresenta, bem que proprias dos costumes gregos e romanos, não podem deixar de offender a nossa delicadeza, a nossa moral, e a nossa religião: — é por isso que suprimi a expressão d'essas idéas. No entanto não deixa esta ode de ter merecimento, já por sua energia poetica, já por pintar o autor com côres naturaes.

ODE XII.

Anno de Roma 714. — Antes de J.-C. 40. —

Edade de Horacio 25.

ESTA ode é do mesmo genero que a 8.^a d'este livro V., e, como ella, a producção da mocidade do autor, quando ainda pouco eserupulisava em occupar a sua imaginação de objectos licenciosos e depravados, e exprimil-os na linguagem das Musas. — Esta composição é na realidade indigna de um poeta tão illustre e tão justamente admirado e applaudido: — envolve idéas obscenas e imagens vergonhosas: — não devêra ter chegado á luz publica. Horacio mesmo, segundo pode conjecturar-se, assim o reconheceu, pois não a publicou nas suas collecções. — Eu omitti todas as expressões de idéas desagradaveis, grosseiras, e obscenas. — Faz pasmar que o virtuoso e o sabio Dacier achasse n'estas duas odes muita delicadeza e polidez! (1)

TYRIA PURPURA. — De *Tyro*, antiga cidade da Phenicia. V. *Tyro*, not. á ode 29.^a do livro III.

ODE XIII.

Anno de Roma 715. — Antes de J.-C. 39. —

Edade de Horacio 26.

O PENSAMENTO que domina toda esta ode de Horacio é o que sempre o preoccupou desde os seus tenros annos, a bre-

(1) *Œuvres d'Horace*, 3.^e edit., t. V. p. 246.

vidade da vida, a necessidade de gosar em quanto não chegasse a velhice, e a morte nos não arrebatasse. — Parece que o poeta ia pôr-se á mesa com seus amigos em tempo de rigoroso inverno, e que um d'elles fazia sobre os negocios publicos, então desastrosos, reflexões tristes como o tempo. O poeta o exhorta a afastar os cuidados com os sons da lyra e o vinho generoso.

ACHEMENIO NARDO. — Da *Persia*, onde reinou Achemenes, de quem descenderam Dario e Cyro. Entre os poetas *Achemenia* e *Persia* são muitas vêzes synonymos. — O *nardo* era uma planta da India de que se extrahia oleo odorifero.

ÁQUILO TREICIO. — Vento do nordeste que sopra da Thracia na Phrygia, região da Asia-Menor. V. *Phrygios*, not. á ode 1.^a do livro III.

CYLLENIO. — Mercurio, que nascêra em o monte da Arcadia denominado *Cyllenius* (hoje *Zyria*), a elle consagrado. V. *Mercurio*, not. á ode 10.^a do livro I.

MÃE CERÚLEA. — Thetis, a mais bella das Nereidas, filha de Nereo e de Doris, e mãe de Achilles. — O epitheto *ceruleus*, azulado, era geralmente dado ás nymphas e deoses do mar, derivado da côr do mesmo mar.

NOBRE CENTAURO. — Chiron, centauro nascido dos amores de Saturno metamorphoseado em cavallo e de Philyra. Foi insigne na caça, na astronomia e na medicina. Habitava o monte Pelion na Thessalia. Foi pedagogo de Achilles, como o havia sido de Hercules. Tendo sido ferido casualmente de uma flecha tinta do sangue da hydra de Lerna, Jupiter apressou a sua morte para abreviar os seus padecimentos, e o collocou no ceo, aonde elle formou a constellação de *Sagittario*.

SCAMANDRO, e SIMOENTE. — Rios da *Troada*, pequeno paiz da Asia-Menor, entre o Hellesponto, o mar Egêo, e o Ida: — seu nome estende-se algumas vêzes a todo o reino de Troia. — O Scamandro, ou Xantho, sahia do Ida por duas ori-

gens, uma quente outra fria, e, unindo-se ao Simoente (Simois), cahia no mar Egêo. — O Simoente (hoje *Menderé-sou*), sahia do Ida, banhava o campo de Troia, e cahia no Xantho ou Scamandro.

ODE XIV.

Anno de Roma 721. — Antes de J.-C. 33. —

Edade de Horacio 32.

HAVIA Mecenas pedido a Horacio que ultimasse e publicasse seu livro de versos jambos. O poeta, apesar de lhe haver isso promettido, escusa-se com o fundamento de que o amor que o inflamma lhe não deixa repouso. — E' o objecto d'esta pequena ode.

AGUA LETHÊA. — Do *Lethes*, rio do esquecimento. Era um dos rios dos infernos entre os pagãos. Os que bebiam da sua agua esqueciam-se das cousas passadas.

ODE XV.

Anno de Roma 714. — Antes de J.- 40. —

Edade de Horacio 25.

ESTA ode, dirigida a Neéra, é uma das peças eroticas de Horacio em que mais respira sensibilidade e delicadeza: —

vê-se que o autor a fez na sua mocidade, n'esse tempo feliz em que a vida costuma ser animada de doces illusões. — Os mais illustres interpretes concordam em que esta composição lyrica faz lembrar a graça e a sensibilidade de Tibul-lo, que amou ternamente a mesma Neéra.

NIRÃO. — Rei de Naxos (hoje *Naxia*), ilha do reino da Grecia (*Cycladas*) no Archipelago. Era o mais bello dos Gregos depois de Achilles. Horacio comprehende aqui as tres cousas que mais podem attrahir ou dominar o ser humano, *espírito, formosura e riqueza*.

PACTOLO (*Pactolus*), hoje rio de *Sart* ou *Bagoulet*. — Pequeno rio de Lydia, que, sahindo do monte *Tmolus*, cahia no *Hermus*. As suas aréas eram ferteis de ouro. Segundo a fabula, possuia esta propriedade desde que Midas, que transformava em ouro tudo em que tocava, se tinha banhado nas suas aguas.

PYTHAGORAS. — Philosopho grego, nascido em Samos. Viajou longo tempo para se instruir, habitou no Egypto, e fez-se iniciar nos mysterios de Baccho e de Orphéo. Foi estabelecer-se em Crotona, na Italia, onde fundou uma escola nova que se chamou *escola italica*. Viu-se cercado de immensos discipulos, sobre os quaes exercia um imperio absoluto. — Abraçou todas as sciencias conhecidas de seu tempo, sobretudo as mathematicas. — Ensinou a extravagante doutrina da *metempsychose*, ou transmigração da alma em diferentes corpos, e por esse motivo proscrevia o uso das carnes. — Pertendia ter existido n'outro tempo em o corpo de Euphorbo, que assistiu ao cerco de Troia. E' por isso que Horacio usa aqui do termo *renascido*. V. *Euphorbo*, not. á ode 28.^a do livro I.

ODE XVI.

Anno de Roma 714. — Antes de J.-C. 40. —

Edade de Horacio 25.

ESTA ode é certamente uma das primeiras produções de Horacio. Bem que cheia de harmonia majestosa, de sentimentos patrióticos energicamente exprimidos, e n'um estylo poetico pomposo, encerra todavia uma superabundancia de idéas e de imagens, um luxo de poesia descriptiva, que revela o grande genio ainda não contido pelas regras severas da arte e os dictames do bom-gosto, dependentes do tempo, do estudo e da reflexão. — Segundo os melhores commentadores, a guerra civil de que trata esta ode é a que se accendeu depois da batalha de Philippos. A necessidade de dar terras aos soldados occasionou desgostos graves e alvoroço entre os partidos. Horacio, perdendo a esperança de restabelecimento da liberdade, exhalou sua dôr n'esta producção lyrica, em que seu talento se annuncia em todo o seu esplendor e magnificencia.

ALLOBROGES. — Povos da Gallia Trans-alpina. Foram subjugados pelos Romanos. Gravados de dividas publicas, mandaram embaixadores a Roma pedindo o allivio d'ellas. Segundo Dacier, que se refere a Sallustio e a Floro, estes povos entraram na conjuração de Catilina, havendo Lentulo corrompido seus embaixadores. E' a explicação que varios interpretes dão a esta passagem. O mesmo Dacier porem entende que se trata aqui das guerras sanguinolentas dos Gallos, aos quaes Horacio chama *Allobroges*, quadrando muito aos povos da Gallia o epitheto de *infieis*, por sua inconstancia e versatilidade. Naverdade, a não ser esta interpretação, não poderia bem entender-se o poeta n'este logar, porquanto muitos escriptores graves asseveram que os embaixadores dos Allobroges, convidados até com ricos premios a entrar na

conjuração de Catilina, a repulsaram, e a foram denunciar a Cícero. — O paiz dos Allöbrogos teve depois o nome de *Sapaudia* (Savoia). — Os Savoieses, em 1792, quando o exercito francez conquistou a Savoia ao rei de Sardenha, tomaram o primitivo nome de *Allobroges*, que conservaram até 1814.

APENNINO. — Os Apenninos são uma longa cadeia de montes que atravessa a Italia em todo o seu comprimento, e se separa dos Alpes em Cassino, cidade dos estados Sardos.

ARGOS. — Nau em que partiram os Argonautas para Colchos a conquistar o vellocino de ouro.

CAPUA. — Cidade principal de Campania, na Italia, primitivamente chamada *Vulturnum*. Era tão opulenta que lhe chamavam *Altera Roma*. Foi tomada por Annibal depois da batalha de *Cannas*. — Diz-se que as delicias de Capua enervaram seu exercito e causaram sua ruina. — Capua foi longo tempo, bem como Carthago, rival de Roma.

COLCHIDE IMPUDICA. — E' Medêa. V. *Medêa*, not. á ode 3.^a d'este livro V.

MARSOS. — Povos mui bellicosos da Italia antiga. V. *Marsa cohorte*, not. á ode 20.^a do livro II.

MATINOS CUMES. — De *Matino*, monte da Apulia. V. not. á ode 28.^a do livro I.

PHOCENSES. — Nатураes de Phocéa, cidade maritima da Jonia, na Asia-Menor (hoje *Fokia*). — Cansados da guerra continua que tinham com os *Persas*, desampararam a sua cidade, jurando não voltar a ella senão quando viesse acima da agua uma barra de ferro em brasa que lançaram no fundo do mar. A Phocéa enviou colonias á Gallia e á Hespanha; a principal foi a de Marselha.

Po (*Padus* em latim). — O maior rio de Italia, o qual banha a região septentrional d'esse paiz, que corta em duas partes (ditas dos antigos *Gallia-Cispadana* e *Gallia-Transpadana*), de que recebe quasi todos os rios. Toma sua origem no monte Viso (*Vesulus mons*), nos Alpes cottianos,

entre os estados Sardos e a França, e lança-se no Adriatico por varias bocas, sendo as principaes o *Po-di-Maestro* e o *Po-di-Goro*.

PORSENNA. — Rei de *Clusium* (hoje *Chiusi*), cidade da Etruria. Declarou guerra a Roma, pondo-lhe cerco, sob pretexto de restituir a corôa a Tarquinio-o-soberbo. Teve a principio vantagens notaveis, mas os actos heroicos de alguns Romanos o espantaram e suspenderam sua marcha: — Clelia, que lhe fôra dada em refens, lançou-se ao Tibre e o atravessou a nado por entre um chuveiro de setas: — Horacio Cocles, só per si obstou a entrada do exercito etrusco na ponte *Sublício*, até seus companheiros a cortarem por detraz, depois do que se lançou armado ao rio, reentrando incolume em Roma: — Mucio Scévola, joven corajoso, penetrando no campo inimigo e chegando á tenda do rei para o matar, feriu por engano o seu secretario; — prêso e interrogado, poz sua mão sobre um brasido ardente, como para a punir do engano, e a deixou queimar, dizendo depois ao rei que tresentos mancebos romanos deviam penetrar no seu campo decididos, como elle, a mata-lo e a morrer. Porsenna, atemorizado, deixou-o livre, e apressou-se a concluir a paz.

QUIRINO. — Romulo. V. *Romulo*, not. á ode 12.^a do livro I.

SIDONIOS NAUTAS. — De Sidon, *Sidonia* (hoje *Seide*), cidade da Phenicia, um pouco ao N. de Tyro, sobre a costa. — Os seus habitantes eram famosos por suas viagens maritimas, actividade, e intelligencia em objectos de commercio.

SPÁRTACO. — Homem turbulento e celebre, natural de Thracia. V. not. á ode 14.^a do livro III.

ODE XVII.

Anno de Roma 715. — Antes de J.-C. 39. —

Edade de Horacio 26.

HORACIO, n'esta ode, feita a Canidia, finge arrepende-se e retractar-se das injurias que lhe dirigira, mas ataca-a realmente com maior furor, porque, se a arguiu de sortilegios, agora a rediculisa pelo lado dos costumes; — usa da mais forte e amarga ironia, da-se por vencido, injuriando-a de novo.

A VISTA AO VAZE RESTITUIRAM. — Allude a *Stesíchoro*, poeta lyrico grego, o qual infamára em seus versos a Helena. Os irmãos d'esta, Castor e Pollux, lhe tiraram a vista, que depois lhe restituíram. V. *Stesíchoro*, not. á ode 9.^a do livro IV.

ETNA. — Famoso monte da Sicilia onde ha um vulcão: — as suas erupções são conhecidas de tempo immemorial. A fabula nos mostra os gigantes Encelado e Typhon sepultados sob o Etna. Vulcano e os Cyclopes ahi forjaram os raios de Jupiter. — O poeta diz *chamma sicula*, por ser o vulcão na Sicilia.

MATRONAS ÍLIAS. — As Troianas, de Ilo (*Ilus*), rei de Ilion ou Troia.

MYROS. — Povos da Mysia (hoje livah de *Karassi*), paiz da Asia-Menor, ao N. da Lydia.

Nesso. — Centauro, que, querendo roubar Dejanira, mulher de Hercules, este o trespassou de uma flecha embebida no sangue da hydra de Lerna. Nesso, expirando, deu a sua tunica a Dejanira como um philtro que podia attrahir-lhe o esposo se fosse infiel: — Dejanira mandou essa tunica a Hercules, que, assim que a vestiu, senti-se abrasado em fogo que o devorou. V. *Hercules*, not. á ode 3.^a do livro I.

NETO DE NERÊO. — Achilles, filho de Thetis, e esta filha de Nerêo. V. *Achilles*, not. á ode 6.^a do livro I.

SABELLOS VERSOS. — Dos Samnitas, que eram de raça sabina, e por isso são chamados algumas vêzes *Sabelli*. Entre elles havia muitos feiticeiros.

TELEPHO. — Filho de Hercules e de Auge: — havia sido exposto em seu nascimento e nutrido por uma corça. Foi adoptado por Teuthras rei de Mysia. Quando os Gregos sitiaram Troia, Telepho conduzia os Mysos em soccorro da cidade: — bateu-se contra Achilles, mas foi ferido perigosamente. Só pôde ser curado, seguindo a voz do oraculo, pelo ferro mesmo que o ferira, e em reconhecimento passou-se ao partido dos Gregos.

ODE XVIII.

Anno de Roma 715. — Antes de J.-C. 39.—

Edade de Horacio 26.

RESPONSA de Canidia á ode precedente: — diz que não pode perdoar a quem tão vivamente a offende, e expõe os motivos que a determinam.

COTYTTIOS MYSTERIOS. — De *Cottyto*, deosa da impureza e impudicicia entre os Gregos. Seu culto, nascido na Thracia, passou á Phrygia e d'ahi á Grecia. Tinha um templo em Athenas e sacerdotes chamados *Baptes*.

ESPA DA NÓRICA. — De Norico (*Noricum*), paiz antigo illyrico, famoso por suas minas de ferro. V. *Norica espada*, not. á ode 16.^a do livro I.

ESQUILINOS VENENOS. — De *Esquilino*, um dos montes de Roma. Dizia-se que n'elle se ajuntavam os feiticeiros.

PELIGNAS FEITICEIRAS. — Os *Pelignos*, povos da Italia, tinham entre os Romanos muito máu nome, como os *Marsos* e os *Sabinos*, por causa de suas bruxarias e feiticarias.

PROMETHÊO. — Filho de Japeto e de Clymene: — por haver roubado o fogo do ceo, foi, em punição, amarrado no monte Caucaso, onde um abutre lhe roia o fígado. V. not. á ode 16.^a do livro I.

SISYPHO. — Filho de Eolo. Foi condemnado, por seus crimes, a rodar continuamente para o alto de um rochedo uma grande pedra roliça. V. not. á ode 14.^a do livro II.

TANTALO. — Pae de Pelops, e rei de Phrygia. Jupiter o condemnou, por seus crimes, a morrer nos infernos devorado de fome e de cêde. V. not. á ode 28.^a do livro I

POEMA SECULAR.

Anno de Roma 737. — Antes de J.-C. 17. —

Edade de Horacio 48.

AUGUSTO, seguindo o oraculo da Sibylla, ordenou os jogos seculares, e convidou Horacio a fazer versos para serem cantados n'essa festa solemne. O poeta, lisonjeado, compoz para esse objecto religioso o presente poema, uma das produções mais elegantes e magnificas do seu luminoso estro. Respira a simplicidade, a pompa harmoniosa e grave, que pedia a majestade do assumpto. O grande cantor lyrico não se esqueceu de quanto era proprio a fazer sobresahir o poder de Roma, a gloria de Augusto, as funcções eminentes que elle preenchia, a grandeza, o esplendor, e a prosperidade do imperio.

ALBANAS SECURES. — De *Alba*, cidade do Lacio: — expressão ideptica a *secures romanas*.

ALGIDO. — Monte da cidade do Lacio. V. not. á ode 21.^a do livro I.

AVENTINO. — Monte (hoje *monte di Santa-Sabina*); — um dos sete montes ou collinas sobre que Roma era edificada, e o mais meridional, situado entre a Tibre, o monte Caelio, e o monte Palatino. Sobre o Aventino se viam, entre outros bellos monumentos, o templo e o *atrium* da Liberdade, e um templo de Diana.

DOUAS NOVE IRMANS. — As Musas. V. *Musas*, not. á ode 26.^a do livro I.

HEROE SANGUE DE ANCHISES. — E' Augusto.

ILITHYA. — Diana. V. *Virgem inimiga das feras*, not. á

ode 12.^a do livro I. — *Ilithya*, *Lucina* e *Genitalis*, eram diversas denominações de Diana, com que era invocada nos partos, aos quaes presidia.

LACIO. — Paiz de Italia, hoje *Campanha de Roma*. V. ot. á ode 35.^a do livro I.

MEDO. — Toma-se aqui pelos Parthos, que tinham enviado a Augusto as bandeiras romanas.

SCYTHAS E OS INDIOS. — Tinham enviado embaixadores a Augusto para lhe pedir a paz e sua amizade. V. *Scythas*, not. ás odes 19.^a e 35.^a do livro I.

SETE MONTES. — As sete collinas em que a antiga Roma erà edificada. — Depois veio a comprehender em seu recinto 12 montes, *Capitolino*, *Palatino*, *Quirinal*, *Aventino*, *Vaticano*, *Viminal*, *Esquilino*, *Janiculo*, *Cezlio* ou *Laterano*, *Testaceo*, *Citorio*, *Pincio*.

VERSOS SIBYLLINOS. — Das Sibyllas (*Sibyllæ*), nome dado pelos Gregos e os Romanos a donzelas ás quaes se attribuia o conhecimento do futuro e a inspiração divina. Ellas proferiam seus oraculos em termos ambíguos, ou os escreviam em folhas volantes que muitas vêzes eram brinco dos ventos. A mais celebre Sibylla foi a de *Cumas*, cidade da Italia.

FIM DAS NOTAS.

INDICE.

DAS ODES DE HORACIO.

NUM.	ODES.	PAG.
Livro Primeiro.		
1	A Mecenas — <i>Mecenas atavis.</i>	21
2	A Augusto Cesar — <i>Jam satis terris.</i>	24
3	Ao navio em que Virgilio ia para Athenas — <i>Sic te diva.</i>	26
4	A Lucio Sextio — <i>Solvitur acris hyems.</i>	28
5	A Pyrrha — <i>Quis multa gracilis.</i>	30
6	A Agrippa — <i>Scriberis Vario.</i>	31
7	A Munacio Planco — <i>Laudabunt alii.</i>	32
8	A Lydia — <i>Lydia, dic, per omnes.</i>	34
9	A Taliarcho — <i>Vides ut alla.</i>	35
10	A Mercurio — <i>Mercuri facunde, nepos.</i>	37
11	A Leoconoe — <i>Tu ne quasieris.</i>	38
12	A Augusto — <i>Quem virum.</i>	38
13	A Lydia — <i>Quum tu, Lydia!</i>	41
14	A' Republica — <i>O navis, referent.</i>	42
15	Vaticinio de Nerêo — <i>Pastor quum traheret.</i>	46
16	A Tyndaris — <i>O matre pulchra.</i>	48
17	A Tyndaris — <i>Velo amœnum.</i>	50
18	A Quintilio Varo — <i>Nullam, Vare,</i>	51
19	A Clycera — <i>Mater sæva.</i>	53
20	A Mecenas — <i>Vile potabis.</i>	54
21	Em louvor de Apollo e Diana — <i>Dianam teneræ.</i>	55
22	A Aristio Fusco — <i>Integer vilæ.</i>	55
23	A Chloe — <i>Vitas hinnuleo.</i>	57

NUM.	ODES.	PAG.
24	A Virgilio — <i>Quis desiderio.</i>	57
25	A Lydia — <i>Parcius junctas.</i>	59
26	A Elio Lamia — <i>Musis amicus.</i>	60
27	Aos seus amigos — <i>Natis in usum.</i>	60
28	Falla de um marinheiro com a sombra de Archytas — <i>Te maris et terræ.</i>	62
29	A Iccio — <i>Icci, beatis.</i>	64
30	A Venus — <i>O Venus, regina.</i>	65
31	A Apollo — <i>Quid dedicatum.</i>	66
32	A' sua lyra — <i>Poscimus, si quid.</i>	67
33	A Albio Tibullo — <i>Albi, ne doleas.</i>	68
34	A si mesmo — <i>Parcus deorum.</i>	69
35	A' Fortuna — <i>O diva, gratum.</i>	70
36	A Plocio Namida — <i>Et thure et fidibus.</i>	73
37	Aos seus amigos — <i>Nunc est bibendum.</i>	74
38	Ao seu creado — <i>Pernicos odi.</i>	76

Livro Segundo.

1	A C. Asinio Pollião — <i>Motum ex Metello.</i>	77
2	A C. Sallustio Crispo — <i>Nullus argento.</i>	79
3	A Delio — <i>Æquam memento.</i>	80
4	A Xanthias Phocio — <i>Ne sit ancillæ.</i>	82
5	Relativa a Lalage — <i>Nondum subacta.</i>	83
6	A Septímio — <i>Septimi, gades.</i>	85
7	A Pompeo Varo — <i>O sæpe mecum.</i>	86
8	A Barina — <i>Ulla si juris.</i>	88
9	A Valgio — <i>Non semper imbres.</i>	89
10	A Licinio — <i>Rectius vives.</i>	90
11	A Q. Hírpino — <i>Quid bellicosus.</i>	92

NUM.	ODES.	PAG.
12	A Mecenas — <i>Nolis longa.</i>	93
13	Imprecações contra uma arvore — <i>Ille et nefasto.</i>	94
14	A Posthumus — <i>Eheu ! fugaces.</i>	97
15	Contra o luxo do seu seculo — <i>Jam pauca aratro</i>	98
16	A Grospho — <i>Otium divos.</i>	99
17	A Mecenas — <i>Cur me querelis.</i>	101
18	Contra o avaro — <i>Non ebur neque aureum.</i>	103
19	A Baccho — <i>Bacchum in remotis.</i>	105
20	A Mecenas — <i>Non usitata.</i>	107

Livro terceiro.

1	Sentenças moraes — <i>Odi profanum vulgus.</i>	109
2	Aos seus amigos — <i>Angustam, amici.</i>	111
3	Louvores da justiça e da constancia — <i>Justum et tenacem.</i>	113
4	A Calliope — <i>Descende celo.</i>	115
5	Louvores de Augusto e de Regulo — <i>Cælo tonantem.</i>	120
6	Aos Romanos — <i>Delicta majorum.</i>	123
7	A Asterie — <i>Quid fles, Asterie.</i>	126
8	A Mecenas — <i>Martiis celebs.</i>	128
9	Dialogo entre Horacio e Lydia. — <i>Donec gratul eram.</i>	129
10	A Lycia — <i>Extremum Tanain.</i>	131
11	A Mercurio — <i>Mercuri, nam te docilis.</i>	132
12	A Neóbula — <i>Miserarum est.</i>	134
13	A fonte de Blandusia — <i>O fons Blandusiae.</i>	135

NUM.	ODES.	PAG.
14	Aos Romanos, na volta de Augusto — <i>Herculis ritu.</i>	136
15	A Chloris — <i>Uxor pauperis.</i>	138
16	A Mecenas — <i>Inclusam Danaen.</i>	139
17	A Elio Lamia — <i>Æli vetusto.</i>	141
18	A Fauno — <i>Faune, nympharum.</i>	142
19	A Telepho — <i>Quantum dislet.</i>	143
20	A Pyrrho — <i>Non vides quanto.</i>	145
21	A' amphora — <i>O nata mecum.</i>	146
22	A Diana — <i>Montium custos.</i>	147
23	A Phydile — <i>Cælo supinas.</i>	147
24	Contra os vícios do seu seculo — <i>Intactis opulentior.</i>	149
25	A Baccho — <i>Quo me, Bacche, rapis.</i>	152
26	A Venus — <i>Vixi puellis.</i>	153
27	A Galatea — <i>Impios parvæ.</i>	154
28	A Lydia — <i>Festo quid potius.</i>	157
29	A Mecenas — <i>Tyrrhena regum.</i>	158
30	A si mesmo — <i>Exegi monumentum.</i>	162

Livro quarto.

1	A Venus — <i>Intermissa Venus.</i>	165
2	A Julio Antonio — <i>Pindarum quisquis.</i>	167
3	A Melpomene — <i>Quem tu, Melpomene,</i>	170
4	Louvores de Druso — <i>Qualem ministrum.</i>	171
5	A Augusto — <i>Diis certe bonis.</i>	175
6	A Apollo — <i>Divi, quem proles.</i>	177
7	A Torquato — <i>Diffugere nives.</i>	179
8	A C. Marcio Censorino — <i>Donarem paleras.</i>	181
9	A Lollio — <i>Ne forte credas.</i>	183

NUM.	ODES.	PAG.
10	A Ligurino — <i>O crudelis adhuc.</i>	185
11	A Phyllis — <i>Est mihi nonum.</i>	186
12	A Virgilio — <i>Jam veris comites.</i>	188
13	A Lycia — <i>Audiwre, Lyce,</i>	190
14	A Augusto — <i>Quæ cura patrum.</i>	191
15	A Augusto — <i>Phæbus volentem.</i>	194

Livro Quinto.

EPODOS.

1	A Mecenas — <i>Ibis Liburnis.</i>	197
2	Louvres da vida do campo — <i>Beatus ille.</i>	200
3	A Mecenas, sobre o alho — <i>Parentis olim.</i>	203
4	Contra Menas, liberto de Pompêo — <i>Lupis et agnis</i>	204
5	Contra Canidia feiticeira — <i>At o deorum.</i>	205
6	Contra Cassio Severo — <i>Quid immerentes.</i>	210
7	Aos Romanos — <i>Quo, quo scelesti.</i>	211
8	A uma velha amorosa — <i>Rogare longo.</i>	212
9	A Mecenas — <i>Quando repostum.</i>	213
10	Contra Mevio — <i>Mala soluta.</i>	216
11	A Peccio — <i>Pecti, nihil me,</i>	217
12	Contra uma velha — <i>Quid tibi vis, mulier.</i>	219
13	Aos seus amigos — <i>Horrida tempestas.</i>	220
14	A Mecenas — <i>Mollis inertia.</i>	222
15	A Neéra — <i>Nox erat, et calo.</i>	223
16	Ao povo romano — <i>Allera jam teritur.</i>	224
17	A Canidia — <i>Jam jam efficaci.</i>	228
18	Resposta de Canidia — <i>Quid obseratis auribus.</i>	231
	Poema secular — <i>Phoebe, silvarum.</i>	235

FIM DO INDICE.

ERRATAS.

<i>Pag.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
16, not. á vida d'Hor.	— son reellement.	. . sont réellement.
24, ode 2 do liv. 1. ^o	— as nações, receosas	as gentes, receosas
61, ode 27 do liv. 1. ^o	— Carybdis	Carybdes
139, ode 16 do liv. 3. ^o	— raio furibundo.	. . raio fulminante.
159, ode 29 do liv. 3. ^o	— Exula.	Esula
175, ode 5 do liv. 4. ^o	— consilio	cencilio
251, notas do liv. 1. ^o	— methamorphosea-	metamorphosea-
	das.	das.
255, notas do liv. 1. ^o	— proposto	proposta
286, notas do liv. 1. ^o	— Larisas	Larissas
304, notas do liv. 2. ^o	— Camunabyses, . .	Cambyses,
389, notas do liv. 5. ^o	— Scipião	Scipião

OBSERVAÇÃO FINAL

DO TRADUCTOR.

ESTA traducção das Odes de Horacio, principiada sob infaustos auspícios, devia naturalmente sentir na sua publicação o influxo da sorte adversa, participar da infelicidade do traductor: — assim aconteceu. Remetti para Lisboa o autographo e a ordem para o pagamento das despêsas necessarias em outubro de 1849, afim de sêr impressa, conformemente ao meu annuncio, na Imprensa Nacional, d'onde esperava uma edição nítida e correcta, como algumas que haviam sahido d'esse grande estabelecimento typographico. — Mandei vir de Inglaterra bom papel, e ali se começou a edição effectivamente. Cinco folhas se imprimiram, mas infelizmente tão cheias de erros, apezar de se escolher para collacionar as provas um revisor acreditado, que me vi na dura necessidade de mandar suspender, com grave prejuizo, o trabalho começado.

Julguei então urgente imprimir esta obra no meu pais natal, onde eu existia, para cuidar propriamente na sua correcção, objecto primario de meus desejos e sollicitude. — Busquei a melhor typographia: — desgrazadamente não tinha typo capaz: — mandei-o vir de Portugal á minha custa; e deu-se principio á edição, em Angra do Heroismo, no mez de março de 1851.

Fatalidades porem que eu não podia prever, e, mais que tudo, os descuidos extraordinarios e incomprehensíveis do impressor, tão esquecido de sua palavra e de minha situação como de seus interesses, delongaram o acabamento da obra até o fim d'este anno de 1853 em que a dou á luz publica, e ainda para isso foi necessario mandar imprimir em Lisboa o poema secular e as notas illustradoras do texto! — Dois

annos e quatro mezes foram precisos ao impressor angrense para acabar as Odes simplesmente (232 paginas); e quatro annos ha que começaram os trabalhos e as despêsas d'esta publicação litteraria! — Ficou esgotada a minha paciencia.

Não parou n'isto a serie de infelicidades. Remettendo para Lisbôa os impressos, o autographo e o papel existente, para se ultimar a impressão, os caixões em que foram, bem que recommendados ao capitão do navio, attrahiram humidade e a communicaram a muitas folhas tornando-as bastante defeituosas. Tudo foram contrariedades successivas!

Não pôde tirar-se da presente edição mais de 622 exemplares: — o seu producto liquido provavelmente, attentos os gravissimos transtornos indicados, não poderá exceder a importancia de metade das despêsas! — Eu não esperava interesses certamente, mas não contava com prejuizos: — determinou-os a sorte. Assim vejo que me dediquei dezoito annos, postoque interrompido sempre por adversidades e objectos de serviço publico, a um trabalho grandissimamente acerbo e improbo, que tantas vêzes me abatêra o animo e me fatigára o espirito, para ficar finalmente mais infeliz do que era. Faltava este desastre para remate dos infortunios de toda a minha vida! . . . Que me resta? pedir desculpa aos Srs. Subscriptores da longa demora e pouca nitidez da edição, e buscar allivio a meus desgostos n'esta sentença do mesmo Horacio:

Durum: sed levius fit patientia
Quidquid corrigere est nefas.

FIM.

UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 03067 3936



